

CNPOs bastidores
de uma história
nebulosa

Pág. 11

Diário de Lisboa

ANO 66

N.º 22 197

Quinta-feira, 23 de Outubro de 1986

Preço 40\$00



ATENÇÃO VIDEOMANOS!

Pela primeira vez em Portugal um catálogo geral das videocassetes

Com este «Anuário Vídeo-86» dá o «DL» o primeiro passo no sentido da elaboração de um catálogo exaustivo das videocassetes pré-gravadas legais existentes no mercado português. Pretendeu-se fornecer aos leitores uma informação crítica exaustiva que ajudasse a sua escolha, além de apoiar a indústria nascente da edição videográfica. Esta a nossa primeira contribuição. Mas em Dezembro, há mais!

**Um suplemento de 32 páginas
nesta edição do "DL"**

Proposta entra na Câmara no dia 29

SALVEM O NOSSO BAIRRO ALTO!

Parar a degradação e promover a recuperação do Bairro Alto são os principais objectivos de uma proposta que os vereadores eleitos nas listas da Aliança Povo Unido vão apresentar, na próxima semana, em sessão pública da Câmara Municipal de Lisboa. Em conferência de Imprensa ontem realizada, os vereadores daquela força política apontaram as linhas mestras da intervenção que defendem para parar a degradação da zona constituída a partir do primeiro loteamento urbano realizado na capital, e que, depois de ter resistido ao terramoto de 1755, tem vindo a sucumbir à degradação e à crescente terciarização das áreas envolventes da Baixa pombalina.

Pág. 7



«Taça dos Campeões»: em Ostrava, portistas João Pinto e Jaime Magalhães perseguem Jiri Bartl. «Taça das Taças»: Manniche «arrumado» pelos tricolores do Bordéus

FUTEBOL EUROPEU



**Nossos sonhos
estão firmes
na cavalgada**

Págs. 15 a 18

«DL» EM BARCELONA COM O SPORTING

PATROCÍNIO DE:

LAGOSTA REAL



APOIO DE:



Soc. Comer. de Imp., Exp. & Representações, Lda
A casa das brilhantes ideias

O «DL» NO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DE SANTARÉM

com patrocínio

APETITE

apetite mais saboroso

A primeira mulher do famoso clã

a apresentar-se a eleições

Katheleen Kennedy: "Sinto-me orgulhosa do meu apelido"

Paul Maffal

Exclusivo EFE/DL

A filha mais velha de Robert Kennedy, assassinado há oito anos, participará no próximo dia 4 de Novembro nas eleições nos Estados Unidos para obter um lugar na Câmara dos Representantes.

Katheleen Kennedy triunfou há umas semanas nas eleições primárias do Estado de Maryland ganhas pelo Partido Democrata e inicia agora a campanha para se fazer eleger deputada. Aos 35 anos Katheleen rompe com uma tradição da família política mais fascinante dos Estados Unidos, onde as mulheres têm estado sempre presentes nas campanhas mas nunca como candidatas.

«Considero-me suficientemente preparada»

Casada com um professor de ensino médio, chamado David Townsend e mãe de três filhos, a primeira mulher a seguir os passos do famoso clã Kennedy é uma experientada advogada que se licenciou em Harvard. Em 1984 mudou-se com a família para a cidade de Annapolis (Maryland), e, desde então, começou a preocupar-se com os problemas sociais, em especial com o da defesa do ambiente e as necessidades dos pais trabalhadores que tenham crianças pequenas. Ainda que se tenha apresentado às eleições com o apelido do marido, muitas vezes surgiram dizendo que pretendia utilizar o seu apelido de solteira em seu benefício político. A resposta de Katheleen foi imediata:

«Apresento-me às eleições porque considero possuir preparação e experiência suficientes para exercer o cargo. Dito isto, devo também acrescentar que sinto muito orgulho daquilo que a minha família fez na sua imensa, frutífera e dramática trajetória. Por isso, estou orgulhosa do meu apelido Kennedy e não me tráz nenhum argumento contrário às minhas ideias. Não percebem que não preciso de ter medo desse ilustre apelido, pois eu sou uma Kennedy.»

«Tenho gravados os momentos que passava com o papá»

Desde que Katheleen decidiu iniciar uma carreira política, concretamente nos princípios do ano passado, preparou meticulosamente a sua activi-

dade. Foi uma decisão tomada em conjunto com o marido e os seus fundamentos foram explicados por Katheleen assim:

«Uma das recordações que guardo na minha memória são os momentos que passava com o papá quando era pequena. Falávamos muito, passeando no jardim da casa, e ele sentia um interesse especial em transmitir-me as suas experiências sobre a vida. À medida que passavam os anos a sua preocupação era orientar-me para o futuro que me aguarda-

va. Por isso me preocupo tanto com os meus filhos. Mas também me dou conta que os seres que me são queridos estão afectados pelo mundo onde vivem, e daí, a minha decisão de que as ideias do meu pai seriam parecidas às minhas quando servia todos através da política».

Katheleen Townsend juntamente com o seu irmão Joseph, que também é candidato a deputado pelo Estado de Massachusetts, representam a terceira geração da ilustre família política cujo apelido é conhecido em todo o mundo. Que os novos hábitos e costumes sejam propícios a essa terceira geração encarnada em Katheleen e os transforme em verdadeiros líderes como o foram, anos atrás, seu pai Robert e seu tio John Fitzgerald.



"Time share" — nova realidade no turismo algarvio?

Adalberto Rosa

Depois de ter conhecido na década de 60 uma expansão, à base da hoteleira tradicional e dez anos depois com os apart-hotéis e aldeamentos, o turismo no Algarve conhece hoje uma nova realidade já por muitos considerada «irreversível».

É o «time share», palavra importada de Inglaterra que, no fundo, significa a venda de um alojamento, durante a sua vida útil, por um período de tempo que pode variar de uma semana a um mês, conforme as disponibilidades económicas do cliente.

Praticamente desconhecido no Algarve há três anos atrás o «time share» aparece como sendo um novo sistema de fazer turismo, em alternativa aos tradicionais hotéis ou aos aldeamentos e apart-hotéis.

Para os empresários ligados ao sector imobiliário turístico é um autêntico «negócio da China» pois que, vendendo por 700/800 contos a semana, um simples apartamento (neste caso um T1 em Albufeira) obtém facilmente milhares de contos de lucro.

O sistema é de tal modo vantajoso que está já a suscitar o interesse de algumas empresas hoteleiras tradicionais como é o caso da cadeia «D. Pedro» com a sua nova unidade «Portobelo», em Vilamoura, vendida pelo sistema de «time share» mesmo antes de inaugurar.

O lucro mais imediato, as menores necessidades de investimento e de pessoal serão as principais causas do aparecimento deste fenómeno no sector turístico algarvio.

Ao contrário do que se passa com um hotel, que implica um elevado investimento inicial, as unidades de «time share» são, na maior parte dos casos, autofinanciadas pelos próprios compradores permitindo aos empresários uma amortização mais rápida do capital investido.

Para o secretário-geral da Associação Nacional dos Industriais do Turismo de Habitação Periódica (ANITHAP), que agrupa os empresários de «time share», mesmo atendendo à actual taxa de juro «construir um hotel não é aliciante».

Palma e Brito é de opinião que «o turismo de hotéis estagnou» e exemplifica com o facto de há

praticamente três anos não se inauguram nenhuma nova unidade, no Algarve.

Os primeiros alegam concorrência ao pacote turístico, os segundos afirmam que o novo sistema não interessa a ninguém — nem aos trabalhadores nem à região».

Quanto aos empresários do sector hoteleiro tradicional ainda não se pronunciaram mas, no futuro, irão decerto sofrer também com o problema da concorrência.

Palma e Brito disse que nos próximos três anos não se irá colocar essa questão, acrescentando ironicamente que, talvez devido aos bons resultados dos últimos anos, os hoteleiros podem fumar de charuto».

A posição mais radical contra o «time share» é a do Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria do Distrito de Faro que considera esta actividade como «uma fraude».

Em declarações à Agência NP, o dirigente sindical Fernando Amaro afirmou que o «time share» é um negócio de «especulação imobiliária» que «não traz nenhuma dignificação aos trabalhadores do sector da hotelaria».

Segundo as suas palavras, o número de postos de trabalho criados serão reduzidos e a título precário, situando-se a nível de trabalho doméstico pago à hora.

Fernando Amaro declarou ainda que o «time share» não tem «qualquer interesse em termos de captação de divisas já que as pessoas ao comprarem uma fracção de um alojamento compram-na para toda a vida».

Por outro lado, acentuou que também não traz qualquer vantagem no aumento da oferta de camas no mercado internacional, factor importante no interesse dos operadores por esta ou aquela região turística.

Em suma, segundo as suas palavras, o «time share» pode «transformar o Algarve numa quinta de veraneio onde um in-

divíduo vem passar férias, mas que não tem correspondência em termos de receitas».

Um produto novo

O «time share» aparece assim à luz da associação dos empresários do sector como «um produto turístico novo, procurado por um segmento de mercado em expansão».

Segundo aquela associação, este produto já faz parte da imagem turística do Algarve.

«É um dado real, irreversível e de importância crescente que não pode ser ignorado e que tem que ser encarado frontalmente» — disse Palma e Brito numa recente conferência de imprensa de apresentação pública da associação.

A ANITHAP estima que existam já, a nível nacional, cerca de quatro dezenas de empreendimentos do género, dos quais 35 instalados no Algarve.

O número de compradores estrangeiros na região é calculado entre 15 a 20 mil e o número de utilizadores situa-se, segundo a referida associação, próximo dos 45 mil.

Para os empresários de «time share» a importância do sector no turismo regional poderá ainda constatar-se no facto de ser já responsável por oito a dez por cento do movimento do Aeroporto de Faro».

Sistema contestado

Beneficiando de uma conjuntura favorável que lhe está a permitir uma rápida implantação, o novo sistema é, contudo, alvo de contestação por parte de alguns sectores da região entre os quais, os operadores turísticos e o Sindicato da Hotelaria.

As primeiras contestações começaram a surgir no ano passado com dezenas de queixas de turistas que reclamavam junto das autoridades da violência com que eram abordados pelos comissionistas do «time share».

Agora surgem, também, as críticas dos operadores turísticos e do Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria.

Previsto o encerramento da cadeia de Monsanto

O deputado Almeida Santos admitiu ontem no Parlamento o encerramento a curto prazo da Cadeia de Monsanto, por falta de condições.

Almeida Santos falava na reunião da Comissão Parlamentar de Direitos e Liberdades e Assuntos Constitucionais, de que é presidente, quando admitiu que os deputados possam vir a aprovar uma proposta de resolução nesse sentido.

Deputados desta comissão visitaram nos últimos tempos as cadeias de Custóias, Paço de Ferreira, Mónicas, penitenciária de Lis-

boa, cadeia na Judiciária e Monsanto e preparam-se para, depois do debate do orçamento, prosseguirem com as visitas a outros estabelecimentos.

Entretanto, nessa reunião a Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais nomeou uma subcomissão para análise dos capítulos do orçamento referentes à Justiça e Comunicação Social.

A situação constatada nestas visitas vai ter reflexos já na apreciação que a comissão vai fazer do capítulo justiça do orçamento — disse um deputado da comissão.

Mudanças políticas e perspectivas partidárias

NA entrevista que concedeu ao «Diário de Notícias», nestes dias iniciais da sua liderança partidária, o general Ramalho Eanes, afirmou: «Importam mais as ideias, valores e métodos do que as pessoas com quem se faz a política.»

Tinha pedido à jornalista: «Deixe-me despersonalizar...» Mas, de um modo geral, não o deixam «despersonalizar». Comentaristas políticos e professores de política não desistem de acompanhar a sua entrada pública para o Partido Renovador Democrático e a ascensão à presidência do partido, com o fácil comentário de que o PRD é uma criação de Eanes e que vive do prestígio do seu presidente. Adiantam — uns com receio, outros com esperança — que nas vagas revoltas da política partidária quotidiana poderá empalidecer o prestígio que Eanes recolheu da sua passagem, durante dois sucessivos mandatos, pela Presidência da República.

Que há os «partidos de ideias», que há os «partidos de homens», que o PRD é um partido sem ideologia. Palavras que se dão por argumentos, mas que não correspondem a uma análise séria e aprofundada da realidade portuguesa. Antes do «eanesismo», consciência crítica difusa da vida política portuguesa e sentimento de esperança na modificação possível, ter adquirido a expressão, ainda vaga, de projecto partidário, tivemos ocasião de escrever nestas notas cursivas que Eanes não era Sidónio e que não era Dom Sebastião, nem Presidente-Rei, nem o Encoberto.

É inevitável que a sua «presidência» se exerça, embora sem a dureza de «um comando militar», com a firmeza de «uma chefia». Mas não se iludam os apressados comentadores e os avisados juizes, a presidência partidária de Eanes vai dinamizar o processo político da actividade do PRD. Os «renovadores de-

mocráticos» vão ter uma presença na vida portuguesa. Há que contar com eles no terreno. Não bastará combatê-los, ou desdenhá-los, na penumbra dos bares.

O PRD é o fim do PS? De maneira alguma. A vantagem do PRD sobre o PS não é manifesta. Sabemos que o Partido Socialista tem uma equipa dirigente refrescada. Um perigo porém a espreita: o poder. A pouco e pouco, o líder, com as suas inegáveis qualidades de reflexão, de inteligência, de cultura, de seriedade, vai assumindo o papel de «anti-Cavaco Silva». O duelo entre dois economistas tem sido sobreposto à actividade política de recuperação do partido nas suas bases e nos meios populares que lhe estão abertos, que são a base social de apoio de um partido socialista. A perspectiva do regresso à governação parece ser dominante nas fileiras do PS, entre os seus quadros. O sucesso do Congresso poder vir a diluir-se. Será possível a Vítor Constâncio travar essa tendência ou vai conformar-se com a representação do papel de eventual substituto de Cavaco Silva?

Esperar o poder é aceitar um adiamento da directa intervenção na vida nacional. Eanes quer exercer o poder através da actividade partidária. Ser oposição, dita construtiva, na realidade contestatária ou cooperante segundo os interesses do PRD e os interesses nacionais. Vítor Constâncio ameaça: o caminho para o poder pode exigir que o PS desencadeie a crise. E, também, Diogo Freitas do Amaral, à hora do pequeno-almoço, no Hotel Meridien, anuncia que não deseja «ficar reduzido» a candidatar-se, de cinco em cinco anos, à Presidência da República.

Estas manobras que se desenham no espaço político do «centro-esquerda», entre a APU e o PSD, são indicativas de que a «bipolarização» é um sonho vão e que o terreno eleitoral vai ser empenhadamente disputado. É certo que Diogo Freitas do Amaral confessa que aceitaria candidatar-se como deputado independente, no quadro de uma «combinação CDS-PSD», mas é igualmente verdade que o «restauracionismo» da sua política não impede Cavaco Silva de

repetir o seu discurso antiliberal, anticonservador, social-democrata. Para Cavaco Silva é claro que, para realizar as suas ambições governativas, presidenciais, terá que conquistar votos nas áreas do PRD e do PS.

Se para governar o PSD, com Cavaco Silva, como primeiro-ministro, precisa do apoio, ou da neutralidade do PRD, na perspectiva de eleições presidenciais terá que encarar a apresentação de candidato próprio ou de pretender aliar-se ao PRD, numa solução anti-PS. Mas corresponderá isso ao interesse do PRD? Não estará o PRD condenado a entender-se com o Partido Socialista e a dialogar com toda a Esquerda? Não estará o PRD apostado em dar continuidade política, com moldes construtivos e de reformismo sereno, à transformação da sociedade portuguesa iniciada revolucionariamente em 25 de Abril de 1974?

Se ultrapassarmos os «pessoalismos» e em vez de pessoas, de actores políticos, considerarmos os movimentos de fundo que trabalham a realidade portuguesa, surpreender-nos-ão as permanências, as resistências, a par dos impulsos e ritmos de mudança. O País está a mudar. A mudança terá que atingir a política. E a prática política aberta, plural, participada, terá que varrer os fulanismos, as fulanizações. Os partidos terão que reflectir, com responsabilidade política, os impulsos e ritmos de mudança.

Nem intrigas, nem espertezas. A transparência democrática deverá evidenciar-se com transparência partidária. Que todos os partidos tenham paredes de vidro. Para que vejamos o que dentro deles se passa. Para que os que lá estão, no interior do partido, possam ver o que se passa na vida viva, na realidade social.

Eanes disse: «Importam mais as ideias, valores e métodos do que as pessoas com quem se faz a política». Mas só podemos saber se as ideias são sinceras, se os valores são respeitados, se os métodos são cumpridos, se conhecermos as pessoas. As pessoas, os cidadãos, os homens, são o factor decisivo. Não há outro material de construção.

Jornalistas e rádios locais

Luis Miranda Rocha

Ninguém sabe ao certo quantas estações de rádio locais existem e estão a emitir, presentemente. No curto espaço de um ano ou dois, foi tal a proliferação que se tornou impossível, sequer em termos de contagem, o exercício de qualquer controlo sobre essa actividade. Curiosa actividade, que nalguns casos está a empenhar, entre outra gente, alguns profissionais que se distinguem por qualidades como a competência, mas também uns largos milhares de estudantes em férias recreando-se com os livros acessíveis da tecnologia e brincando aos jornalistas, aos radialistas, aos locutores.

Quantas estações de rádio existem e estão vivas e activas — não o saberão sequer a Polícia, os CTT/TLR, o Instituto Nacional de Estatística. Não o sabia, pelo menos, um membro do actual Executivo, que há dias falava sobre isso e adiantava que existiam trezentas e tal vagas para estações locais.

Os jornalistas que têm dedicado alguma atenção a este fenómeno também dizem que o número de estações a emitir é incerto, porventura incontável, dados certos factores de perturbação: por exemplo, o carácter não sistemático da ac-

tividade de muitas dessas rádios, que às vezes nem são isso, mas apenas experiências ou brincadeiras inconsequentes, e até a sua ilocalização, ou localização mais ou menos incerta. Mas os cálculos que há, já feitos e divulgados, apontam para um número à volta de quinhentos ou seiscentos.

É sensivelmente o dobro das disponibilidades que há para possíveis reconhecimentos e concessões. Mas não quer dizer que estas disponibilidades vão alargar-se, nem sequer que todas as disponibilidades venham a ser preenchidas. Também não se sabe quando é que esta questão será discutida no Parlamento. Era para o ser na última sessão legislativa, e não foi. Diz-se que o vai ser no ano legislativo que agora começa. Os deputados vão apurar, certamente, um texto rigoroso, exigente, e, principalmente, disciplinador, — que é preciso aplicar a um sector onde já ganharam proporções de absurdo e escândalo as consequências da falta de senso e de qualidade dum actividade que se caracteriza já nem tanto pela marginalidade mas pela ignorância e pelo mau gosto que distingue, para o mau, o que habitualmente se designa por amadorismo.

Há excepções, como se sabe e tem sido devidamente assinalado: — estações de rádio onde se trabalha a sério e com conhecimento no domínio. Tem-se dado conta de um número crescente de profissionais que estão lá já não só a fazer o que se costuma dizer uma «perninha», mas até mesmo a optar por trabalho a tempo inteiro, deixando as estações ou os jornais onde trabalhavam. O que é excelente. Mas não é apenas isso. É também que tais profissionais fazem falta, — para não dizermos que são absolutamente imprescindíveis. E talvez sejam.

Aparentemente, é fácil manter uma estação emissora de rádio e ir para o ar, — como se costuma dizer em gíria. Uma questão de haver meios materiais e humanos. O desinteresse da Polícia em relação a estas experiências foi um estímulo para que elas se multiplicassem. Sabe-se que largas dezenas ou mesmo centenas dessas experiências vão tornar-se estações de rádio locais, terão, além de estúdios, alvará, legalidade, contabilidade, programação. Resta saber que programação.

A maior parte das rádios locais que já existem têm apenas isto como programação: música,

ou seja, discos a passarem, com a voz dum locutor a aparecer de vez em quando. Não é de exigir mais da, por vezes, total inexperiência. Mas a situação é anómala e insustentável durante muito tempo. É mais do que urgente legislação rigorosa, desde logo porque a passagem de tais discos não paga direitos. No entanto, muitas dessas estações fazem publicidade, — recebem dinheiro. A ilegalidade é aqui mais do que óbvia, e serão já incalculáveis os prejuízos provocados por estas estações de rádio aos direitos de autor.

A legislação a aprovar na AR porá termo a isto. Parece mais do que provável. Os deputados estarão certamente sensibilizados para as implicações legais e comerciais da situação. Receia-se é que não o estejam para outras implicações e exigências, quanto às quais não estará a haver grandes protestos ou fortes pressões, mas que nem por isso são menos importantes, talvez pelo contrário.

Uma questão de qualidade

Que implicações ou exigências? De qualidade, antes de mais: técnicas. Mas também, ou mesmo principalmente,

educativas, culturais.

Não é preciso ser muito exigente para reconhecer que qualquer estação de rádio deve ter, a responsabilizar a programação que faz, um radialista conhecedor não apenas dos materiais e dos meios específicos da rádio, mas também das suas técnicas e da especificidade das suas técnicas de comunicação. A boa-vontade, a habilidade e a apetência vocacional duns tantos rapazes serão importantes, mas não chegam: é necessário um mínimo de formação profissional, — e não há nada disso na maior parte dos casos. Dir-se-á que a experiência vai ultrapassar muitas deficiências, evitar erros, superar as dificuldades do amadorismo mais ou menos espontâneo. Mas também pode criar vícios de difícil irradiação, cuja prática habitual e persistente venha até a fazer escola. Aqui, a RDP deveria abrir-se para os seus profissionais ensinarem o que sabem aos amadores que não terão sequer oportunidade de aprender.

Mas não são só radialistas que fazem falta: jornalistas também. É inconcebível uma estação de rádio local que não inclua na sua programação rubrica de informação, e designadamente de noticiários.

Na maior parte dos casos não há recursos humanos para isso. E os rapazes da rádio também não podem sequer pedir a colaboração dos jornais locais, — porque estes também não têm jornalistas, e não vale a pena fazer um jornalismo de rádio tão mau como o jornalismo de jornal praticado pelos jornais locais. Aqui também a RDP poderia fazer qualquer coisa.

Não sabemos se os deputados estão sensibilizados para estas questões. Se acaso não estão, e a Assembleia da República vai aprovar uma lei demasiado genérica e concessiva de muitas liberdades, é fácil a previsão do que irá acontecer: uns 90 por cento das estações de rádio locais vão fazer 90 por cento do seu tempo de emissão passando música industrial com dedicatórias a pedidos, e nove por cento dos locutores a dizerem coisas mais ou menos disparatadas.

Por outras palavras, será o domínio do divertido, do recreativo, do improvisado nisto tudo, e nada ou pouco mais. Os jornais locais já são o que se sabe. Mas são uma realidade antiga, que é difícil alterar. As rádios começam agora, — bem se poderia fazer alguma coisa de diferente, para melhor.

**TRIBUNAL CÍVEL
DA
COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO**
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 4.º Juízo Cível de Lisboa correm seus termos uns autos de Acção Sumária, registados sob o n.º 2441, em que é Autora ENATRA — Engenharia e Trabalhos Públicos, Lda, e Réu AUGUSTO CARDOSO MIGUEL, cuja última residência conhecida em Juízo foi em Ponte de Lousa — Loures, e neles correm editos de TRINTA DIAS, citando o Réu para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos editos e estes a contar da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, contestar a referida acção, sob pena de ser condenado no pedido formulado pelo Autor, que consiste na restituição da importância de 75 000\$00, e juros vencidos e vincendos, como melhor consta na petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secção à disposição do citando e ser-lhe-á entregue logo que o solicite.

Lisboa, 17 de Outubro de 1986

O JUÍZ DE DIREITO

João David Pimentel Marcos

O ESCRIVÃO ADJUNTO

Francisco Antunes do Nascimento

«DL» — 23/10/86 — 1.ª Pub.

**CARTÓRIO NOTARIAL
DE AMADORA
A CARGO DO NOTÁRIO**

LIC. GERMANO NUNES DE GOUVEIA

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 28 de Julho de 1986, lavrada a folhas 81 v.º e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas número 4-C, deste Cartório, JOSÉ ROSA RODRIGUES e mulher, MARIA DAS DORES NASCIMENTO DA SILVA RODRIGUES, como únicos sócios da sociedade comercial por quotas, com a firma GRAÇA, PEDRO & MATEUS, LIMITADA, com sede em Lisboa, na Avenida de Madrid, número sete-E, elevaram o capital social para CINQUENTA E UM MIL ESCUDOS, mediante o aumento de quarenta e cinco mil novecentos escudos, em dinheiro, subscrito e pago da seguinte forma:

José Rosa Rodrigues, DOZE MIL ESCUDOS;
Maria das Dores Nascimento da Silva Rodrigues, DEZASSEIS MIL E NOVECENTOS ESCUDOS;

e, por Tomás António Correia Fernandes Gomes, DEZASSETE MIL ESCUDOS, que foi admitido como novo sócio.

Em consequência deste aumento, todos os sócios alteraram o pacto social no tocante aos artigos segundo, quarto e quinto, que passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO SEGUNDO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e noutros valores, é de cinquenta e um mil escudos e corresponde à soma de três quotas iguais de dezasseis mil escudos, uma de cada um dos sócios José Rosa Rodrigues, Maria das Dores Nascimento da Silva Rodrigues e Tomás António Correia Fernandes Gomes.

ARTIGO QUARTO

Os sócios têm sempre o direito de preferência na aquisição das quotas que se pretendem ceder a estranhos. É dispensada da autorização da sociedade para a divisão de quotas por herdeiros de sócios.

ARTIGO QUINTO

Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessária a intervenção de dois gerentes para obrigar a sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Fica vedado aos gerentes o uso da firma em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, designadamente em fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sociedade poderá constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e para quaisquer outros fins. ESTÁ CONFORME.

Cartório Notarial de Amadora, trinta e um de Julho de mil novecentos e oitenta e seis.

A AJUDANTE

(assinatura ilegível)

«DL» — 23/10/86

**TRIBUNAL TRIBUTÁRIO
DE 1.ª INSTÂNCIA
DE LISBOA
1.º JUÍZO**
**ARREMAÇÃO
1.ª PRAÇA**

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 3 de Novembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp n.º 5-4.º Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a FABRICA DE MALHAS BÉGUI, LD., com sede na R. Neves Ferreira, n.º 21 em Lisboa, no proc.º executivo n.º 4867/83.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma máquina de fazer malhas jogo 10, marca DUBIED com o n.º 431206, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 250 000\$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 2 — Uma máquina de fazer malhas, jogo 12, marca DUBIED, com o n.º 402 495, em bom estado de conservação e funcionamento a que se atribui o valor presumível de 200 000\$00 (duzentos mil escudos).

Verba n.º 3 — Uma máquina circular de fazer malhas marca VAGA, jogo 26 com o n.º 642 744, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 200 000\$00 (duzentos mil escudos).

Verba n.º 4 — Uma máquina de fazer malhas Lusitana, jogo 8, com o n.º 1501706026, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 500 000\$00 (quinhentos mil escudos).

Verba n.º 5 — Uma máquina de fazer malhas, marca Lusitana jogo 5, tipo 1850, com o n.º 170 171, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 700 000\$00 (setecentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Outubro de 1986

O JUÍZ DE DIREITO

João Cordeiro Dias

O LIQ. TRIB.

F. Lopes

«DL» — 23/10/86 — 2.ª Pub.

**TRIBUNAL TRIBUTÁRIO
DE 1.ª INSTÂNCIA
DE LISBOA
1.º JUÍZO**
**ARREMAÇÃO
1.ª PRAÇA**

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 3 de Novembro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp n.º 5-4.º Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a COMERCIO DECORAÇÕES TECIDOS BENTO RATINHO, LD., com sede na R. Douradores, 72-1.º Dt.º — Lisboa, no proc.º executivo n.º 1872/85, por dívida a Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao trespasse e arrendamento do 1.º andar direito e esquerdo (estabelecimentos) do prédio sito na R. dos Douradores, 72 — Lisboa, composto de 2 salas amplas (estabelecimentos), uma casa de banho e um pequeno anexo que serve de escritório, sendo paga a renda mensal de 35 400\$00, de que é senhoria a Transquilidade Seguros, a que se atribui o valor de 3 500 000\$00 (três milhões quinhentos mil escudos).

Verba n.º 2 — Quatro secretárias metálicas c/tampo em fórmica, no valor de 20 000\$00.

Verba n.º 3 — Quatro cadeiras metálicas forradas a napa, três em bom estado e uma em razoável estado, no valor de 10 000\$00.

Verba n.º 4 — Uma máquina de escrever manual marca FACIT, no valor de 7500\$00.

Verba n.º 5 — Um armário tipo Handy c/prateleiras, no valor de 10 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 16 de Outubro de 1986

O JUÍZ DE DIREITO

João Cordeiro Dias

O ESCRIVÃO

José T. Henriques

«DL» — 23/10/86 — 2.ª Pub.

Com os sociais-democratas divididos

PRD protesta contra presença de Savimbi no Parlamento Europeu

Os deputados do grupo dos renovadores do Parlamento Europeu protestaram ontem contra a presença do líder da UNITA, Jonas Savimbi, em Estrasburgo, na sede daquela organização.

Em comunicado distribuído à Imprensa os renovadores consideram que «sendo este órgão o único que representa directamente os povos no seio das comunidades europeias, não deve ser utilizado como ponto privilegiado de contactos entre os líderes dos movimentos cujas ligações ao regime do «apartheid» nunca foram claramente desmentidas». Durante a sua estada em Estrasburgo, Jonas Savimbi recebeu os deputados do PSD Vasco Garcia, Virgílio Pereira e Lacerda Queiróz, a pedido destes.

Lucas Pires, um dos quatro vice-presidentes do Parlamento Europeu, recebeu Savimbi, que se deslocou a Estrasburgo a convite de 103 deputados (dos 587) de direita e extrema-direita. A deputada luxemburguesa conservadora Marcelle Lentz Cornette, de quem partiu a iniciativa do convite a Savimbi, disse à Anop que «os quatro vice-presidentes tinham recebido oficialmente o líder da Unita, na sua qualidade de vice-presidentes do Parlamento Europeu». Esta afirmação, corroborada pelo deputado belga Bayer de Reyke, contraria declarações do presidente do Parlamento, Pierre Pflimlin, de que «nenhum órgão oficial receberia Savimbi».

Embaixador angolano critica

O embaixador angolano em Londres, Elísio de Figueiredo, afirmou que a anunciada visita do líder da UNITA Jo-

nas Savimbi, a Londres, faz parte da «luta de Pretória para a legitimidade e sobrevivência do «apartheid».

Elísio de Figueiredo que se referiu a anunciada visita de Savimbi, a Londres como «uma eventualidade», advertiu que dar as boas-vindas ao líder da Unita «constitui uma flagrante traição aos objectivos do grupo de contacto, que inclui a Grã-Bretanha, no sentido da independência da Namíbia, ilegalmente ocupada pela administração sul-africana». O embaixador angolano recusou qualquer hipótese de negociar com Savimbi pois, disse «dar atenção ao traidor Savimbi, seria fechar a porta para a esperança de uma solução negociada para os problemas com que a África se debate».

Parlamento Europeu

No Parlamento Europeu Savimbi expôs o ponto de vista da sua organização perante cerca de 150 deputados de várias nacionalidades entre os quais alguns deputados do PSD e os do CDS.

O líder do grupo dos sociais-democratas, Rui Almeida Mendes, regressou a Lisboa, preferindo não estar presente em Estrasburgo, numa altura em que a visita de Savimbi divide a delegação social-democrata no Parlamento Europeu, segundo informações recolhidas junto da delegação portuguesa.

Vasco Garcia e Manuel Pereira foram os únicos portugueses que subscreveram a carta convidando Savimbi a vir ao Parlamento Europeu.

Os deputados portugueses do Partido Socialista, do Partido Comunista e do Partido Renovador não estiveram presentes no encontro com Jonas Savimbi, o mesmo tendo acontecido com os deputados do PSD Silva Domingos, Fernando Condesso e Pedro Pinto.

Por acordo de ambas as partes

Transferência de Macau para Pequim só depois da de Hong Kong

Portugal e a República Popular da China concordaram já que a transferência de administração em Macau se verifique numa data posterior à da entrega da soberania de Hong Kong pela Inglaterra a Pequim, marcada para 1997, revelou ontem a Rádio Macau.

Aquela estação emissora oficial citou fontes da delegação portuguesa às conversações a de-

correr em Pequim sobre o futuro do território como tendo referido que ainda não foi fixada uma data para essa transferência. A pretensão portuguesa acerca da dife-

renciação dos processos negociais de Hong Kong e Macau era já conhecida, havendo contudo

indicações anteriores de que as autoridades chinesas estariam, em princípio, de acordo em dis-

tanciar as datas de transferência de poder, embora rejeitando a proposta de Lisboa de que fosse dilatada para alguns anos depois de 2000.

Num comunicado divulgado ontem em Pequim após a terceira fase de conversações, indica-se que a China e Portugal haviam registado uma ampla convergência sobre os temas em debate, sem todavia fornecerem porme-

nores sobre as mesmas. A Rádio Macau indicou também que as duas partes alcançaram consenso sobre o futuro sistema educacional e também sobre o papel da

Igreja Católica, após a transferência. A China e Portugal irão nomear agora um grupo de trabalho de seis elementos, que preparará um projecto de acordo final sobre o território.

Parlamento tem hoje agenda sobrecarregada

O aumento dos subsídios aos presidentes das juntas de freguesia e a exclusividade dos docentes universitários são matérias constantes da agenda da Assembleia da República marcada para a sessão desta tarde. A discussão relativa a um projecto de lei sobre o texto da nova lei de finanças municipais autorizar a instalação de máquinas de jogo e o debate sobre o texto da nova lei de finanças locais preparado pela comissão parlamentar de Poder Local, serão também assuntos em discussão.

Deputados dos vários partidos políticos com assento na Câmara consideram pouco provável que o Parlamento consiga «despachar» hoje todos os assuntos que constam da agenda, pelo que alguma

coisa deve ficar para a sessão de amanhã.

Antes do debate sobre estas matérias, representantes dos grupos parlamentares farão as suas declarações de voto sobre a moção de pesar pela morte de Samora Machel, aprovada por unanimidade na passada terça-feira.

Ministro da Defesa no Parlamento

A comissão parlamentar de Defesa Nacional solicitou ontem a presença do ministro Leonardo Ribeiro de Almeida no dia 4 do próximo mês no Parlamento para analisar as alterações à Lei de Defesa, revelou uma fonte parlamentar. A mesma fonte afirmou que a comissão quer pedir explicações ao ministro sobre o Orçamento de Defesa para 1987.

Por causa da morte de Machel

Soares regressa a Lisboa depois de falar com Cavaco

«Contactei com o Primeiro-Ministro e achei melhor regressar a Lisboa o mais depressa possível» disse à NP o Presidente da República, em Paris, onde se encontra desde a tarde de ontem, para assistir a uma exposição da pintora Vieira da Silva.

Mário Soares almoçou ontem na Embaixada portuguesa na capital francesa, fez uma visita às livrarias do Quartier Latin antes mesmo de se deslocar à galeria Jeanne Boucher, onde se encontra patente a exposição de Vieira da Silva. À noite — outra vez na Embaixada —, Soares deu um jantar em honra da pintora ao qual se seguiu uma recepção.

Hoje de manhã, antes de visitar um museu do século XIX, o PR tomou o pequeno almoço com Mitterrand, no Eliseu. Esta tarde Mário Soares deverá encontrar-se com velhos amigos. O chefe do Estado regressa amanhã a Lisboa depois de visitar o Grand Palais e de um encontro com o ministro da Cultura, a pedido deste.

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE





Não haverá "resultados espectaculares"

Cavaco e Gonzalez vão acordar a realização de cimeiras anuais

O acordo para a realização anual de uma reunião intergovernamental do tipo da que, a partir de amanhã, terá lugar em Guimarães entre as delegações chefiadas por Cavaco Silva e Felipe Gonzalez, será uma das principais conclusões da cimeira luso-espanhola. Trata-se — conforme apurou o «DL», junto de fonte próxima do Executivo português — de uma proposta de Cavaco Silva que, a ter em conta as declarações de Gonzalez ao correspondente da Anop em Madrid, tem o total acordo do governo espanhol. Não se aguardam, entretanto segundo Madrid, «resultados espectaculares».

Na entrevista à Anop, o responsável de Espanha considera que o principal problema das relações bilaterais entre os dois Estados ibéricos «é a falta de comunicação com maiúscula» e sublinha que os políticos, o governo e a actual geração de espanhóis olha para Portugal «com absoluta limpeza de espírito e de pontos de vista».

O défice português

Defendendo projectos conjuntos ou coordenados de desenvolvimento para as zonas mais desfavorecidas dos dois países que coincidem com a fronteira, Gonzalez acentuou a comum presença na CEE e advogou «posições coordenadas no âmbito europeu e na política internacional», mas «sem qualquer ideia de um bloco peninsular».

Sobre o desequilíbrio na balança comercial entre os dois países desfavorável para Portugal (cerca de 26 mil milhões de pesetas no primeiro semestre deste ano), o líder espanhol disse tratar-se de um problema estrutural que se resolverá no tempo histórico através do processo de integração das duas economias entre si e com a dos restantes países comunitários.

Projectos

Quanto à cimeira propriamente dita, Felipe Gonzalez adiantou haver algumas ideias avançadas em matéria de aproveitamento energético, gasodutos ou de outra natureza, cooperação na luta contra a droga e outras formas de delinquência que terão um campo destacado na reunião, embora não participem os ministros do Interior, que acabam de avistar-se em Londres.

A comunicação pela rede viária e da conexão de Portugal com a Europa também será tratada.

além de que existe um pacote e um calendário já previstos para outros projectos — disse.

Os temas culturais também estarão em análise na reunião, em que provavelmente se tomarão decisões mais definitivas sobre a instalação de centros culturais de Espanha em Lisboa e de Portugal em Madrid, se bem que este tema é uma constante nos últimos anos — acrescentou.

«Há que melhorar muito mais a relação cultural» — acrescentou Gonzalez, que admitiu que «provavelmente os governos não têm feito muito nesse sentido».

«Mas é um impulso» — disse — que deve nascer da consciência colectiva e da ideia de que temos um projecto comum comunitário que vai obrigar-nos a conhecermo-nos melhor».

«Dinâmica latino-americana»

Se bem que a dimensão europeia vá ser o centro das conversações entre os dois primeiros-ministros, Gonzalez pretende abordar o vector latino-americano ou ibero-americano, como se quisesse, «em que nossas nações ocupam posição privilegiada na relação com a Europa».

«Creio que há uma dinâmica no continente latino-americano muito importante que nós devemos ter em consideração, impulsioná-la, ajudá-la, cooperar», afirma.

Diz que este «é, no entanto, um tema delicado, pois não há uma absoluta coincidência quanto aos pontos de vista de Madrid e de Lisboa».

«Procurarei que haja o maior grau de coincidência possível», acrescenta.

EUA e bases militares

Sobre as relações militares com os Estados Unidos, quanto a

facilidades em bases, Gonzalez diz que Portugal «é um país soberano que definirá a sua estratégia de defesa quer como nação quer como participante na aliança, em função dos seus interesses, que não são, creio, contraditórios com os da Espanha, pois fazemos parte do mesmo grupo de países que estão aliados e excluem entre eles o enfrentamento».

Acrescenta que as diferenças ideológicas entre ele e o Primeiro-Ministro português não são um obstáculo no relacionamento entre os dois governos.

Se assim fosse — sublinha — as relações dos países comunitários entre si seriam impossíveis, pois entre eles tem havido situações políticas e históricas completamente diferentes e diversas alternâncias de poder.

«Sinceramente, nunca pensei nisso» — diz Felipe Gonzalez, que sempre deu uma grande importância ao aspecto da comunicação pessoal e à criação de um clima de confiança entre as pessoas que têm responsabilidades políticas e pensa que esse clima pode estabelecer-se perfeitamente, mais além de, ou à margem das ideologias que cada um representa.

Quanto ao recente encontro com Constâncio, secretário-geral do Partido Socialista, Gonzalez sublinha que não há relação de causa e efeito com a cimeira.

«São relações entre partidos, tocamos o aspecto da cimeira», frisa.

Contra ideias hegemónicas

O presidente do governo espanhol diz que lhe soa estranho e surpreendente ouvir falar de um expansionismo espanhol ou invasão cultural ou económica de Portugal, que coloque este País numa situação de dependência ou subordinação.

Tão estranho ou surpreendente como pensar que a Bélgica ou a Holanda, no quadro europeu, pensassem no mínimo risco de se sentir absorvidas pela Alemanha Federal ou pela França, ou por outro mais fronteiriço, diz Gonzalez, segundo o qual para a sua geração de espanhóis «o simples facto de que se levante esta questão, constitui uma surpresa no sentido mais etimológico do termo».

«Surpreende-me porque, como jamais me passa pela mente uma coisa assim, ou que possa haver intenções ou juízos de intenções sobre o que representa a minha geração em Espanha, onde não consigo vislumbrar nenhuma atitude expansionista ou que haja de nenhuma parte qualquer intuito de invasão económica ou cultural de Portugal, tudo isto me soa estranho» — afirma.

Felipe Gonzalez explica que, na Espanha, está a acontecer um fluxo de investimentos estrangeiros muito importante porque se gerou um clima de confiança que faz com que o país atraia não só o investimento clássico mas outros novos.

«Nunca pensei — diz a propósito — que por trás de um fluxo de investimentos que nos favorecem, haja um afã de hegemonia ou de domínio».

Sem resultados «espectaculares»

Entretanto, fontes do governo espanhol — citadas ainda pela Anop — frisaram que, dado o nível de fluidez que ultimamente adquiriram as relações entre os dois países, não haveria que esperar resultados «espectaculares» do encontro.

Este novo encontro de dois chefes de governo ibéricos, de conteúdo marcadamente económico, é a continuação dos que têm realizado ultimamente políticos e técnicos dos dois executivos e que foram incrementados a partir da reunião celebrada em Lisboa, em finais de 1983, entre Gonzalez e Mário Soares, então Primeiro-Ministro.

Apesar de não terem citado sectores concretos que serão alvo de negociações em Guimarães, as fontes espanholas afirmaram que os transportes, indústria, banca, caminhos-de-ferro e Alfândegas poderão ser algumas das áreas económicas sobre as quais se assinarão acordos específicos, que pressupõem avanços relativamente ao estado negocial actual.

Referiram, por outro lado, como «pouco provável» que as duas delegações voltem a analisar a única «franja» do protocolo pesqueiro que até ao momento está pendente no acordo entre Portugal e Espanha, e que diz respeito ao território fronteiriço do rio Guadiana.

Tratamento do cancro

Há filas de espera em Lisboa

que variam entre 50 a 60 dias

Responsáveis da Comissão Organizadora do III Congresso Europeu de Cirurgiões Oncológicos afirmaram ontem, em Lisboa, que no Instituto Português de Oncologia (IPO) da capital há filas de espera de cinquenta a sessenta dias. É prazo que pode ser «bastante importante» para a cura do cancro — disse um dos elementos da organização do Congresso da ESSO (Sociedade Europeia de Oncologia Cirúrgica), que reuniu em Lisboa mais de três centenas de participantes de vinte e um países europeus.

Para a cura do cancro, o «tempo é vital», frisou o mesmo responsável, sublinhando noutro passo que seria possível diminuir bastante as listas de espera se as infra-estruturas do Instituto funcionassem em pleno.

Membros da Comissão Organizadora do Congresso da ESSO realçaram que há várias instalações dos centros de Lisboa, Porto e Coimbra que não funcionam, por falta de pessoal médico e/ou de enfermagem. Em Lisboa — exemplificaram — há cerca de 700 vagas do quadro não preenchidas, o que representa cerca de um terço do quadro.

Revelaram que em Coimbra abriu um bloco operatório e pequena unidade cirúrgica, mas não há pessoal para os pôr a funcionar. Coimbra — precisou um cirurgião daquele Centro do IPO — precisa de mais instalações e mais pessoal, principalmente de enfermagem, mas também médico.

Os elementos da Comissão Organizadora Portuguesa do Congresso afirmaram que no Centro de Lisboa do IPO «há parte importante que se encontra fechada por falta de pessoal médico e de enfermagem», tendo também o Centro do Porto carências de pessoal de enfermagem, técnico e administrativo.

Os médicos presentes afirmaram que, actualmente, é possível curar 45 a 50 por cento dos cancros e que esta percentagem poderá melhorar se houver um aumento do rastreio que permita o diagnóstico precoce.

O cancro da mama, primeira causa de morte por cancro da mulher nos países desenvolvidos, tem grandes possibilidades de diagnóstico precoce e, consequentemente, de cura — observaram.

Os elementos da Comissão Organizadora Portuguesa do Congresso adiantaram que os avanços registados na medicina permitem prever que a mortalidade por cancro diminua para metade até ao ano 2000.



Ano Internacional da Paz

EVIAL - 36

EXPOSIÇÃO-VENDA

INTERNACIONAL DE ARTESANATO

Sociedade Nacional de Belas Artes

24 de Outubro - 2 de Novembro • LISBOA - 86

● Artesanato variado, autêntico, de qualidade, de Portugal Europa, África, Ásia e Américas ●

Sexta-feira, 24 de Outubro — DIA DAS NAÇÕES UNIDAS

18 horas — Acto público inaugural:

Intervenções do Pintor Fernando de Azevedo, Presidente da SNBA; Embaixador Hernan Escudero, Director do Centro de Informação das Nações Unidas, em Lisboa; Marechal Francisco Costa Gomes, do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

Participação musical do Maestro Duarte Costa, em guitarra clássica e Raquel D'Anrique, soprano-lírico.

ENTRADA LIVRE

Funcionamento todos os dias das 14 às 20 horas.

Rua Barata Salgueiro, 36.



CAMPANHA «UMA CASA

PARA A PAZ»



«É um acto colectivo, porque não impus a minha candidatura» — acrescentou J. M. Galvão Teles no encontro com os jornalistas, ladeado por companheiros de lista: Veiga Gomes, Augusto Ferreira do Amaral, Serra Lopes, Manuel Roque, Armindo Ribeiro Mendes, Guilherme da Palma Carlos, Alfredo Gaspar e Nuno Azevedo Neves

Advogados vão eleger novo bastonário

José Manuel Galvão Teles propõe uma Ordem despartidarizada, mais moderna e dinâmica

«Despartidarizar a Ordem dos Advogados, que deve estar ao serviço de todos os advogados, independentemente das suas ideias políticas, manifestando preocupação com os desafios do futuro e interesse em vencer um clima de inércia e imobilismo» eis a principal «linha de força» definida por José Manuel Galvão Teles ao apresentar a sua candidatura ao cargo de bastonário da Ordem dos Advogados, em conferência de imprensa, no fim da tarde de ontem.

Sustentando que, para a Ordem, a eleição do novo elenco terá que ser «um problema estritamente profissional, que nada tem a ver com política», o advogado JM Galvão Teles disse que decidiu aceitar a posição de cabeça de lista, na sequência de diversos contactos com muitos colegas espalhados pelo País e ainda porque entende que «a advocacia enfrenta um problema crucial: encontrar o justo equilíbrio na adaptação do exercício de uma velha profissão, por sua própria natureza liberal, à modernidade de uma sociedade em constante e rápida mutação».

Galvão Teles preocupou-se bastante, no decorrer do encontro — que pretendeu o mais informal possível — em salientar o vasto consenso, «o mais alargado que se conseguiu», na composição da lista que o apresenta na posição de potencial sucessor do actual bastonário, Osório de Castro.

Terminando no próximo dia 31 o prazo para apresentação de candidaturas, informa-se a propósito que, além desta lista (a primeira a ser levada ao conhecimento público), outras duas podem desde já considerar-se como concorrentes ao acto eleitoral de Dezembro próximo, cujos cabeças de lis-

ta (candidatos a bastonário) são os advogados Augusto Lopes Cardoso (do Porto) e de Mário Marques Mendes (de Braga).

Voltando à candidatura de JM Galvão Teles e designadamente às «linhas de força» que antecederam o programa definitivo, a apresentar oportunamente, esta lista de que fazem parte conhecidos juristas como Acácio Mendes de Almeida, António Serra Lopes, Armindo Ribeiro Mendes, Augusto Ferreira do Amaral, Azevedo Neves, António Taborda, António Rocha Andrade, Luís Melo Biscaia, Rui Polónio de Sampaio, Guilherme da Palma Carlos, etc., e apoiantes como Adelino da Palma Carlos, André Gonçalves Pereira, Vasco Vieira de Almeida, João Vaz Serra e Moura, ou Medina Carreira, pretende acima de tudo — e a seguir à despartidarização (como já referimos):

«Modernizar a Ordem,

fazê-la intervir activamente no mundo real do Direito e da Justiça, evitar a ruptura da advocacia, adaptar a advocacia aos desafios da sociedade moderna possibilitar formação profissional e trabalho remunerado aos jovens advogados, repensar o esquema de Segurança Social e aplicar as conclusões do II Congresso dos Advogados Portugueses».

Galvão Teles teve ainda oportunidade de sustentar que existe cada vez mais a imperiosa necessidade de trabalhar em equipa — e que não impôs a sua candidatura — ela resultou, isso sim, de um amplo consenso. «Por essas e outras razões se constituiu uma equipa disposta a trabalhar, sem sectarismos e com o exclusivo intuito de modernizar a Ordem e de lhe imprimir um estatuto e uma dinâmica, em defesa dos interesses dos advogados e da comunidade em que se inserem» — acrescentou.

Defendendo subida de preço

Industriais querem redução da produção do frango

A Associação Nacional de Centros de Abate vai propor às restantes associações avícolas o estudo de uma eventual redução drástica da produção do frango, como forma de ultrapassar o tabelamento daquela carne que criticam por estarem «a perder muito dinheiro».

A Associação Nacional de Centros de Abate (ANCAVE) vai propor às restantes associações o estudo de uma redução drástica da produção de frango, tendo, em reunião ontem realizada, decidido denunciar aos órgãos competentes da CEE o que classificam de «arbitrariedade do Governo português em tabelar o preço do frango».

Do mesmo modo, a ANCAVE decidiu-se pela realização de contactos com as suas congéneres europeias, para obter o seu apoio e solidariedade.

«Perdemos muito dinheiro nos meses de Agosto e Setembro, cerca de um milhão de contos, e quando nos preparávamos para recuperar parte, o Governo decidiu que temos de continuar a perder dinheiro», acusou em conferência de imprensa o porta-voz das Associações.

O porta-voz, que falava em nome das Associações Nacionais de Centros de Abate (ANCAVE), de Criadores e Produtores de Frangos e outras aves (ANCRIF), e Portuguesa de Aviação de Multiplicação (APAM), questionou a razão pela qual terão de ser as Associações a pagar para que a meta de 12 por cento para a taxa de inflação possa ser conseguida.

«Não fomos ouvidos pelo ministro das Finanças e não fomos sequer consultados no âmbito das comissões consultivas pelo que decidimos abandoná-las até que o Estado defina as suas intenções, e vamos denunciar às autoridades comunitárias as arbitrariedades do Governo», afirmou o porta-voz.

Referindo-se especificamente ao despacho normativo 94/86, de 17 de Outubro, que congela por um período de 30 dias o preço do frango, e que classificou de «famigerado», o porta-voz precisou não ser possível produzir frangos aos preços estabelecidos sem estarem «a perder muito dinheiro».

Tomando por base o valor de 163\$40 escudos que custa a produzir um quilograma de frango vivo, somando-se uma quebra de abate da ordem dos 33 por cento, o quilograma de frango é colocado no retalhista a 276\$00 escudos/kg, afirmou o porta-voz.

Assim, prosseguiu a mesma fonte, se continuassem a produzir frango, estariam a perder 30 escudos por quilograma, o que é difícil de aguentar.

Acrescentou, ainda, que ao mesmo tempo que congela os preços dos frangos, o Governo obriga os produtores a pagarem o milho a 42\$50 escudos, quando a cotação internacional é de 16\$00 escudos/kg.

Simultaneamente, foi aumentado o preço dos outros cereais forrageiros e aumentou ainda em 50 por cento a taxa de abate que passou de 1\$00 para 1\$50 escudos/kg.

O porta-voz referiu-se também às receitas resultantes desta taxa de abate, recebida pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, afirmando «que até hoje não houve qualquer explicação sobre o destino que lhe é dado». «Pensamos que está a ser mal utilizado», afirmou.

Finalmente, o representante das Associações Avícolas declarou ser difícil de entender que o Governo aposte na iniciativa privada para desenvolver o País quando para conseguir resultados políticos, nomeadamente através do controlo da inflação, penaliza fortemente as empresas privadas, neste caso concreto as associações produtoras de aves.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR DOMINGOS MANUEL G. RODRIGUES, juiz de Direito da 2.ª secção do 2.º Juízo Cível da comarca de Lisboa.

FAZ SABER que no próximo dia 10 de Novembro, pelas 10 horas, se há-de proceder, à porta deste Tribunal, à arrematação em hasta pública pela primeira vez do objecto abaixo mencionado, pehorado nos autos de Execução Sumária n.º 4948 em que é executado Construção-Comércio e Distribuição de Materiais de Construção Civil, Lda, e executada Sociedade de Projectos e Construções J. Mendes Tainha, Lda, o qual será entregue a quem maior valor oferecer acima do que lhe vai indicado.

BEM A VENDER: — Veículo ligeiro van da marca FORD TRANSIT 120 Van a gasóleo, de caixa fechada, matrícula NC-02-07, em bom estado de conservação, avaliado em 500 000\$00.

É depositário o sr. dr. Carlos Silva, com domicílio na Rua José D'Aguiar, 7-B Lisboa.

Lisboa, 13 de Outubro de 1986

O JUIZ DE DIREITO

Domingos Manuel G. Rodrigues

O ESCRIVÃO ADJUNTO

(assinatura ilegível)

«DL» — 23/10/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE SESIMBRA

ANÚNCIO

O DOUTOR JAIME GUERREIRO MACHADO VALENTE, Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca de Sesimbra.

FAZ SABER, que no dia 25 do próximo mês de Novembro pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória para Arrematação em Hasta Pública n.º 432/86 — 2.ª Secção, vinda do 2.º Juízo Cível 2.ª secção, extraída da Execução Sumária n.º 4948 em que é executado Construção-Comércio e Distribuição de Materiais de Construção Civil, Lda, e executada Sociedade de Projectos e Construções J. Mendes Tainha, Lda, o qual será entregue a quem maior valor oferecer acima do que lhe vai indicado, os seguintes penhorados àquela executada.

VERBA N.º 1 e ÚNICA: Uma central de betão, marca SEAM MACHINI EDILI, tipo 5208, do ano de 1974, com o n.º 8564, de cor verde, em bom estado de conservação, avaliada em 560 000\$00.

Sesimbra, 13 de Outubro 1986

O Juiz de Direito

JAIME GUERREIRO MACHADO VALENTE

A Escrivão Adjunto

MARIA DO CARMO TAVARES AMARAL

«DL» — 23/10/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

FAZ SABER que pela 1.ª secção do 4.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Sintra, e pelos autos de Acção Especial de Divórcio Litigioso com o n.º 417/86 em que é Autora Cândida de Jesus Pinto e Réu DAVID GONÇALVES DIAS, este residente em parte incerta e com último domicílio conhecido na R. Carlos Charbel, n.º 5 - 3.ª Frente na Aqualva — CACÉM, desta Comarca de Sintra, correm editos, CITANDO aquele Réu, para comparecer pessoalmente neste Tribunal no dia 5 de Dezembro de 1986, pelas 9-30 horas, a fim de ter lugar a tentativa de conciliação, sob pena de multa.

— O CITADO é ainda advertido de que caso esteja ausente do continente ou impossibilitado de comparecer, poderá fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir.

Sintra, 2 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito

ALVITO ELÁRIO ROGER DE SOUSA

O Escrivão Adjunto

LUÍS JORGE VALÉRIO PALMA

«DL» — 23/10/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA

ANÚNCIO

Por este Tribunal e primeira secção de processos, nos autos de Revisão de Sentença Estrangeira n.º 13 115, decisão proferida pelo Tribunal da Comarca de Colónia (Amstgericht Köln) — República Federal da Alemanha, em que é requerente Maria de Lurdes Ferreira Godinho de Faria Caspers e requerido RAINER JOSEF CASPERS, casado, com última residência conhecida em Ruchusstrasse, 48 — Colónia 30 — República Federal da Alemanha, correm editos de 40 (QUARENTA) dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, CITANDO o requerido para no prazo de 10 (DEZ) dias, findo que seja c dos editos, deduzir, querendo, oposição ao pedido de revisão de sentença estrangeira que decretou o divórcio entre ambos, a fim de que o mesmo produza os efeitos legais em Portugal.

Lisboa, 14 de Outubro de 1986

O JUIZ DESEMPARGADOR

(assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(assinatura ilegível)

D.L. 23/10/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio. Execução sumária n.º 532, 3.ª secção. Executores, Silvimes — Importações e Exportações, Lda. Executado, Joaquim Manuel Nunes Correia, residente na Rua de Macau, 41, 3.ª Esq.º Barreiro.

Lisboa, 14 de Outubro de 1986

O JUIZ DE DIREITO

(assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO

(assinatura ilegível)

«DL» — 23/10/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: que a menor Domingas Pires, seja reconhecida como filha de Domingos Garcia, de nacionalidade cabo-verdeana, falecido em Lisboa, em 15 de Dezembro de 1981, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pelo autor.

Acção ordinária, n.º 11 312, 3.ª secção. Autor: Ministério Público. Réus: Ana Cristina Pina Garcia, Pedro Miguel Pina Garcia e José Maria Pina Garcia, todos menores, na pessoa de sua mãe Maria de Fátima Pina, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida na Rua Conselheiro Mariano de Carvalho, 103, Lisboa.

Lisboa, 14 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,

Ass. ilegível

O Escrivão Adjunto,

Ass. ilegível

«DL» 23/10/86 — 1.ª Pub.

Gal deixa penas... de prisão

Gal Costa não deixou em Portugal apenas o rasto do sucesso dos seus espectáculos, mas também penas de prisão para alguns, como aconteceu com três especuladores que no Porto vendiam por 3.500\$00 bilhetes cujo preço facial era de dois contos.

Surpreendidos por agentes da Direcção-Geral de Inspeção Económica à porta do Coliseu do Porto, aqueles três indivíduos foram detidos e julgados sumariamente, do que resultou uma multa de cerca de 150 contos, ou, em alternativa, 279 dias de prisão.

Comissão Parlamentar debate Universidades privadas

A Comissão Parlamentar de Educação decidiu por maioria conferir urgência e prioridade ao debate do decreto-lei que veio facilitar a criação de novas universidades privadas.

A decisão foi aprovada por todos os partidos, excepto o PSD que se absteve.

Na sequência desta resolução, o presidente em exercício da Comissão de Educação, José Manuel Tengarrinha, foi mandatado para apresentar este ponto de vista ao presidente da Assembleia, Fernando Amaral.

Caso benigno de meningite numa escola de Lisboa

Um caso benigno de meningite foi detectado na Escola Preparatória Nuno Gonçalves, em Lisboa, segundo um membro do conselho directivo confirmou ao «DL» esta manhã.

Esta manhã também estava prevista a visita à escola de uma médica da Delegação Distrital de Saúde de Lisboa para se inteirar «in loco» da situação e tomar as medidas consideradas necessárias.

O estabelecimento de ensino, no entanto, continuava esta manhã a funcionar, com os seus cerca de 1300 alunos diurnos, não se tendo verificado, entretanto, sintomas suspeitos noutras crianças, ao contrário do que chegou a ser noticiado.

O aluno doente foi antontem hospitalizado mas, segundo a família informou a escola, o seu estado de saúde está a evoluir positivamente.

APU quer recuperação do Bairro Alto

Fixar a população residente é a tarefa principal

Fixar a população residente é uma das tarefas principais necessárias à recuperação do Bairro Alto, proposta que a Aliança Povo Unido vai apresentar na próxima sessão pública da Câmara de Lisboa, e ontem definida, em linhas gerais, em conferência de Imprensa.

«Um bairro habitado é, normalmente, um bairro defendido», declarou ao «DL» o vereador Rui Godinho, resumindo numa expressão o conjunto de linhas que norteiam a necessária reabilitação urbana e arquitectónica do Bairro Alto. A frase sintetiza, também, uma autêntica maré de problemas e carências, do envelhecimento natural dos edifícios de habitação, à falta de equipamentos, da necessidade de medidas de recuperação urgentes à crescente terciarização.

Tudo isto, se vai passando «numa das áreas da cidade com uma maior densidade de edifícios de carácter monumental», como sublinham os eleitos da APU.

Mais que um bairro um ponto de viragem

O Bairro Alto foi o primeiro loteamento urbano realizado em Lisboa, na Quinta do Andrades, e representa o início da expansão da cidade para fora da mu-

ralha Fernandina. Segundo o colaborador do «DL», José Augusto França, «o Bairro Alto marca a passagem do Séc. XVI para o Séc. XVII na vida urbana de Lisboa, e a aquisição de uma consciência urbanística e arquitectónica na cidade».

Foi em 1513 que se iniciou a construção na chamada Vila Nova de Andrade ou Bairro Alto de S. Roque, segundo um plano de urbanização simples e geométrico que ainda hoje se conserva, tendo resistido a sua traça ao terramoto de 1755.

Para além do valor urbanístico e arquitectónico que encerra, neste último aspecto, com uma grande densidade de edifícios de carácter monumental - Igreja de São Roque, Palácio Tomar, Palácio Loduvico, Palácio Andrade, Ermida dos Fiéis de Deus, Conservatório Nacional e Cunhal das Boas -, no Bairro Alto, dos palácios e casas de nobres, às moradas dos artesãos, têm vivido gerações que conferi-



Promover a recuperação dos edifícios para fixar a população, é uma das tarefas principais do projecto da APU

ram à zona características peculiares.

Dos grandes vultos das artes e das letras - Almeida Garrett, João Domingos Bontempo, Luísa Todi, Nicolau Tolentino, Bocage, Ramalho Ortigão, Abel Manta - às lutas dos «Capotes Brancos», grupo de espadachins capitaneado por Sebastião José de Carvalho e Melo, com os «Capotes Negros», o Bairro Alto conserva o registo da memória. E, até a Severa, tão conhecido na Rua do Capelão, na Mouraria, teve morada na Travessa do Poço da Cidade... no Bairro Alto.

Mais recentemente, o bairro assistiu ao nascimento, de vários jornais, do Diário de Notícias ao «DL», passando pela recordação de «O Século», ao desportar de um viveiro de restaurantes, ao fascínio das casas de fado.

Se, como sublinhava um jornalista, «o Bairro Alto é o único ponto de Lisboa onde se cruzam, sem complexos ou repressão, um ministro em «tarefa» de gestão de um almoço com uma prostituta num «trottoir» de esquina, a «terceirização» que, crescentemente tem envolvido as zonas periféricas da Baixa, tem invadido a área, ameaçando-a inexoravelmente.

Plano de recuperação em duas fases

Se a história do Bairro Alto é rica, os novos ventos que levam a que a população tenha vindo a decrescer e a continuada degradação dos edifícios de habitação susci-

taram a preocupação dos vereadores da APU.

Trata-se de uma preocupação na lógica das anteriores intervenções que levaram a Aliança Povo Unido a apresentar diversas propostas concretas para a recuperação e conservação de áreas geograficamente distantes da cidade, mas que tem como ponto comum uma história rica: da Encosta do Castelo, com proposta aprovada de classificação de Património Mundial, aos núcleos de habitação operária de Xabregas ou Penha de França, à irreconhecível Avenida da Liberdade. «Os Gabinetes de Apoio Técnicos Locais de Alfama e Mouraria estão parados», alertou Rui Godinho, sublinhando, deste modo, a necessidade de um trabalho continuado, depois do Município ter aprovado um plano de recuperação daquelas áreas.

Este facto, é um dos pontos chave da metodologia seguida pela APU, e que passa pela participação das populações e órgãos autárquicos próprios. Os outros, situam-se na defesa do ambiente urbano das áreas características, impedindo a alteração de volumetrias, funções e de tráfego, a defesa do conjunto de edifícios de carácter documental e histórico, do sítio e da paisagem, e a recuperação e reabilitação do património edificado, pela definição de áreas críticas de intervenção e de medidas cautelares, no âmbito do desenvolvimento de um «Plano de Pormenor Integrado» sob a orientação de um Gabinete Técnico Local.

No tocante ao Bairro Alto,

Rui Godinho salientou «que a questão mais sensível é a da degradação da habitação e a carência de equipamentos», sublinhando a necessidade de divulgar junto dos moradores o PRID e os financiamentos a fundo perdido, até 30 por cento do valor das obras, previstos pela actual legislação.

Do mesmo modo, há que preservar o comércio tradicional e a traça dos edifícios onde estão instalados, e estabelecer regras que disciplinem o licenciamento de estabelecimentos comerciais e nocturnos, estancando a alteração funcional. A este propósito o vereador da APU enfatizou o facto de «não queremos pôr ninguém na rua, queremos é que se criem as condições para que as pessoas vivam e circulem bem no Bairro Alto».

A disciplina do tráfego e do estacionamento, a par com a instalação de equipamentos colectivos - creches, infantários, parque infantil, balneários públicos, centro de dia para idosos - são outras das medidas consideradas necessárias para devolver ao Bairro Alto a sua dimensão de alojamento.

De acordo com os vereadores da APU, o programa passa por duas fases de intervenção. A primeira, «na que tradicionalmente constituiu o Bairro Alto, de 1513 ao Séc. XVII», delimitada pela Rua do Século, Calhariz, e eixo constituído pelas Ruas da Misericórdia, S. Pedro de Alcântara e D. Pedro V, e a segunda compreendida entre a Rua de São Bento e Calçada do Combro, englobando a freguesia das Mercês.



Fachadas desgastadas pelo tempo e incúria: tem sido assim no Bairro Alto



Perdoa-lhes, Zé das Papas

Rogério Vidigal

Esta história, que não queremos muito longa, mete papas. Com papas e bolos se enganam os tolos, reza o anécdot. Mas, ontem, em Santarém, muitos foram os não tolos que rezaram para que tanto as papas como os bolos fizessem justiça às tradições do Minho, seja ele «verde» ou «alto». Sim, porque também há o problema da divisão daquela região em duas metades, que não serão bem, uma das quais mais verde que a outra e a outra mais alta que a primeira.

Estamos entendidos, supor-nho. Era o dia do «Verde Minho», uma recente região de turismo, nascida de muitas agruras e das rivalidades inerentes a um bairrismo que resiste aos tempos. Mas, naturalmente, interesses e poder económico perfilam-se, certamente por detrás destes desejos «emancipacionistas».

A verdade é que nada haverá a opor, tanto mais que o próprio sarrabulho

varia de região para região, de vila para vila, é diferente cá em baixo, lá em cima até predomina o gosto pelos arrozos.

Está visto, pois, que papas admitem temperos e consistências diferentes, como diferentes o são a própria matéria-prima com que se vai ligar o caldo. Nuns sítios é a farinha, na sua pureza original, noutros o pão, em misturas também nem sempre

bem delimitadas.

E cá estamos, pois, no centro da questão: eram papas ou não as de sarrabulho que ontem nos foram levadas à mesa, na Casa do Campino? As legítimas ou apenas um dia de má sorte e pouca mão para segurar panela tão grande que bonde para três centenas de pessoas, para mais?

Aqui só há uma solução. É o paladar de cada um, os conhecimentos que temos ou julgamos ter, alguma consuetudinária que ainda se pode fazer à última das horas para confirmar que tínhamos a lição bem aprendida.

Não. Cá para nós, aquelas papas eram para alimentar tolos. Escorregavam que se fartavam, os cominhos perderam-se numa banhada de limão, o conjunto não resultava. Os próprios rojões que acompanhavam, mais as tri-

pas enfarinhadas, mais o resto, eram propaganda menor ao tal Verde Minho feito para competir com o Alto, com exame marcado para o dia 1 de Novembro.

Não fora o nosso conhecimento particular de que em qualquer das duas regiões se pode comer bem melhor do que nesta mostra, e diríamos que tudo está perdido nos caminhos da gastronomia portuguesa.

Mas não está. A prová-lo lá veio o bacalhau à «Verde Minho» que, apesar da ausência de forno nas cozinhas (uma imperdoável falta que urge ultrapassar, porque os assados são do que há de mais representativo na nossa culinária). Era de boa qualidade o produto básico, estava razoavelmente demolido, apesar de a ideia não

ir muito além de várias receitas vulgarmente praticadas por várias zonas do país.

Aos bolos é que se provou que a festa não era, em definitivo de papa tolos, apesar de mais um equívoco: é que o prometido pudim à abade de Priscos não era o devido. Mas como o resultado final era bom, tal como o era no caso do doce dos frades do Convento de Tibães, perdoa-dos estão os homens da doçaria e que tudo seja para bem e progresso da nação. Pois então.

Os vinhos eram legítimos, «Vinha Verde», de Nogueira (Braga), verdes branco e tinto, se bem que este último...

E por fim umas palavras para a animação, com um grupo de cavaquinhos (Henrique Lima) e a já célebre Banda Plástica, de Barcelos, um êxito que se repete

embora precise uma lufada de ar fresco, para não ser sempre o vira o disco e toca o mesmo.

Como esperamos ardentemente que o VI Festival de Gastronomia vá tendo os seus altos e baixos, aqui deixamos a previsão para os próximos dois dias: hoje é o dia da Região de Turismo do Oeste, em que avulta um paté de marisco com broa de milho(!?), uma sopa de peixe, uma salada de frutos do mar, um ensopado de borrego à camponesa e doces regionais; depois de amanhã apresenta-se a Região da Rota da Luz, com entradas de mexilhões, enguias e leitão, sopa à beira-mar, caldeirada de enguias à Pardilhó e vitela assada à moda do Vouga. Na sobremesa, torta de ovos moles, pão de ló de Ovar, ovos moles de Aveiro e doces de Arouca.

Esteiras

Cortar o boínho para ocupar o Inverno

O ciclo das estações não muda apenas a paisagem, e altera as tarefas do campo. As estações determinam também modos de vida diferentes e as alterações de ritmo. É assim por todo o país, quando a passagem do calendário suscita novas ocupações. É assim no Vale do Mondego, onde ainda se corta o boínho para passar o Inverno a fazer esteiras.

«A gente mal nasce entra nesta vida», confidencia Elisa Monteiro, sem levantar os olhos dos dedos hábeis que «cosem» uma esteira. «Mal começamos a andar, andamos de roda disto, de roda desta arte», corrobora Joaquina Ribeiro, também natural de Arzila, o gesto rápido como a companheira, com uma experiência acumulada por anos e anos de prática.

Como duas aranhas, vão tecendo uma teia enorme de boínho seco, unido por cordas de junção, fazendo rever uma ocupação a que os tempos, felizmente, tiraram o carácter da necessidade urgente. «Isto era o colchão dos pobres, deitavam-se mantas por cima e ali dormíamos», relembra, sem saudade, Elisa Monteiro.

Aproveitar a natureza

Antes de se passar à fase

de construção da esteira, muitos outros passos têm de ser dados. Mais uma vez, uma época do ano é o ponto de arranque. «Cortamos o boínho nos meses de Junho a Agosto e, depois de escolhido o palhão, pomos a secar».

Após esta operação segue-se o transporte até casa, «onde fazemos uma meda que cobrimos com o palhão para proteger da chuva do Inverno», prossegue Joaquina Ribeiro. A partir daí, «vai-se tirando à medida que precisamos, pois este trabalho é mais de Inverno».

Do paúle, junto ao rio, de onde também vêm os barcos de junção, à secagem pelo sol, «a arte da nossa terra», como afirmam orgulhosos, aproveita e respeita a natureza: do tempo da recolha, quando o boínho está em condições, à secagem, passando, por fim, pela



Joaquina Ribeiro e Elisa Monteiro: das suas mãos nascem as esteiras que o tempo tornou em artesanato

construção das esteiras quando os dias são mais pequenos e o trabalho no campo menos compensador.

A concorrência dos plásticos

A utilização das esteiras não se confina ao colchão do pobre, ou, posteriormente, aquando da «redescoberta», à decoração. Vindas do campo, construídas de acordo com os ciclos do trabalho, eram usadas como auxiliares nas tarefas rurais.

«Serviam para apanhar azeitona, para transportar as raízes das árvores, para cobrir os canteiros», recorda Joaquina Ribeiro.

Hoje, aquelas tarefas são desempenhadas pelo plástico

e, da utilização das esteiras nos trabalhos do campo, apenas resta a recordação.

A inexistência de um uso social ligado ao sistema produtivo determinou que, com os tempos, o trabalho se tornasse pouco compensador. «Se tivéssemos que nos governar com isto morríamos à fome», sublinha Elisa Monteiro.

Assim, é sem espanto que verificamos o afastamento da gente jovem, que não pode ficar à espera de uma encomenda para, depois da colheita, do transporte e da secagem, ganhar 200 ou 400 escudos segundo o tamanho, com um ou dois metros de largo.

Por isso, uma actividade que respeita os ciclos da natureza já é hoje artesanato.

As receitas do dia

Patrocínio **GALP**gás
uma chama mais viva

Bacalhau à Verde Minho

Ingredientes: quatro postas de lombo de bacalhau, quatro lascas boas e grossas de presunto, cebola, alho, louro, colorau, piri-piri, uma colher de vinagre e farinha para passar o bacalhau.

Confeção: Demolha-se bem o bacalhau, se for alto durante dois ou três dias. Seca-se e passa-se em farinha e leva-se a corar, de preferência em azeite. Depois, abre-se no sentido longitudinal e forra-se com o presunto. À parte faz-se um molho com azeite, a cebola cortada grossa, alho, louro, o colorau e o piri-piri. Coloca-se o bacalhau em travessas e põe-se o molho por cima, acrescentando-lhe a colher de vinagre. Leva-se ao forno durante 15 ou 20 minutos.

(receita cedida por Maria Augusta Rodrigues da Costa, do restaurante Ponte de S. Vicente, de Vila Verde)

uma chama mais viva
GALPgás

com

APETITE

APETITE

apetite mais saboroso

Esgotos só beneficiam 41 por cento da população

Mais de 30 por cento dos portugueses não têm água em casa

Mais de 30 por cento dos portugueses não beneficiam ainda do abastecimento de água ao domicílio, enquanto em 1981, apenas 41 por cento da população do nosso país estava servida por rede de esgotos, no momento em que as estações de tratamento serviam 10 por cento dos utentes, revelou ontem em Sintra o ministro Valente de Oliveira.

O ministro do Plano e da Administração do Território falava na sessão inaugural do Primeiro Encontro Nacional dos Distribuidores de Água, que se efectua até sexta-feira no Palácio da Vila, integrado nas Terceiras Jornadas Técnicas da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos.

Referindo números conhecidos, o ministro salientou que o Governo deu este ano prioridade, a nível nacional, aos investimentos públicos nos recursos hídricos e foi decidido «manter em patamar idêntico os montantes a eles afectos, no próximo ano».

Em 1981, apenas 57 por cento da população portuguesa estava

servida por sistemas de abastecimento domiciliário, dos quais cerca de 18 por cento eram considerados em condições insatisfatórias, referem estudos elaborados pela Direcção-Geral do Saneamento Básico.

Quanto às redes de esgotos, «a situação é ainda mais insatisfatória», referiu Valente de Oliveira.

Em 1981, apenas 41 por cento da população estava servida por rede de esgotos, dos quais oito por cento em condições julgadas insuficientes, segundo dados oficiais.

Na altura, os sistemas de tratamento de 4 esgotos serviam apenas 10 por cento da população e «as dificuldades e irregularidades do seu funcionamento

são conhecidas pelos autarcas, técnicos e público em geral», apontou o ministro. «Temos de substituir o investimento pesado por fórmulas leves de organização, de gestão e de aproveitamento dos recursos existentes», defendeu.

No caso do saneamento básico, adiantou, a interligação da distribuição da água com a condução e tratamento das águas residuais «põe problemas muito sérios, que têm de ser vistos e abordados de forma integrada».

«Somos hoje muito conscientes da nossa responsabilidade em matéria de poluição, e assumimo-la com empenhamento, porque queremos ser respeitadores dos interesses e dos direitos dos que sucedem estarem a juzante no espaço e no tempo» — disse o ministro.

Valente de Oliveira salientou ser necessário analisar as implicações da criação das administrações de região hidrográfica, cuja consequência, disse, será os municípios passarem a dispor de

melhores condições de apoio técnico.

O ministro defendeu a cooperação intermunicipal, sublinhando que «a água, no seu ciclo, não conhece fronteiras administrativas».

Considerou também necessário «procurar economias não só nos próprios sistemas de distribuição da água, mas começar por tentar realizá-las na localização dos consumidores, o que nos remete para o domínio do ordenamento do território».

A regionalização da distribuição de água levou a que existam actualmente no País cerca de 315 entidades gestoras dos sistemas de adução e distribuição de água a cerca de seis milhões de consumidores.

No encontro serão discutidos o planeamento dos sistemas de distribuição, a qualidade e o tratamento da água, a exploração e manutenção dos sistemas e a sua fiabilidade, a educação e a formação de pessoal e os aspectos de organização e económico-financeiros.

Um número especial da "Negócios" As maiores empresas em Portugal

Com seis anos de publicação, a revista «Negócios», dirigida pelo comandante José Gomes Mota, conquistou um lugar de relevo entre as publicações portuguesas pela vasta informação económica e pela excepcional qualidade gráfica. Este número que assinala o 6º aniversário da prestigiosa publicação, é dedicado às maiores empresas em Portugal.

Uma «Introdução Metodológica» esclarece o leitor quanto aos critérios adoptados e, paralelamente, enuncia e define os «Indicadores utilizados». Seguem-se as rubricas: «O universo das maiores empresas»; «Lista-gem alfabética das empresas industriais, comerciais e de serviços»; «Listagem alfabética dos bancos, instituições financeiras e seguradoras»; «Ordenação geral por ordem decrescente das vendas». Noutras secções a revista «Negócios» apresenta a «Análise global», a «Análise sectorial» e a «Comparação inter-sectorial» de as maiores empresas cobrindo um completo panorama das empresas que se dedicam à alimentação humana, ao comércio grossista de alimentos e bebidas, até às empresas que consagram a sua actividade às máquinas, à actulurgia, à química básica, ao petróleo, aos transportes. É um quadro vasto e seriamente

informativo sobre as empresas, as suas actividades, os seus negócios, os seus resultados.

Como José Gomes Mota escreve no editorial: as empresas dispõem-se progressivamente a desvendar o «mistério» das suas contas «o que torna este estudo mais rico e útil». O universo do estudo — porque se trata de um estudo útil — é, como adverte o director de «Negócios», «sensivelmente o mesmo do ano passado, verificando-se que o crescimento das vendas foi em 1985, para a generalidade das empresas, relativamente modesto: as excepções, que houve, são exceções, como habitualmente, na análise sectorial. Na opinião de José Gomes Mota as mudanças necessárias na área empresarial têm sido perturbadas por manobras de carácter político. E, polémico, remata o seu editorial: «A economia fica aquém e para lá da política; o que não está é nos limites estreitos de uma visão nacional que, amadurada no verão, se espalha nos frutos apocalípticos de pensar Portugal lá para as bandas de Ponta».

Até esta nota de vivacidade polémica contribui para o interesse de um excelente número especial da revista «Negócios».

"Cultura e Informação no sector público

A Imprensa escrita entre os sectores público e privado

«A Imprensa escrita do sector público produz mais e melhor informação do que a do sector privado» — afirmou o presidente do Sindicato dos Jornalistas, José Pedro Castanheira, no colóquio iniciado terça-feira de manhã sobre o tema «Cultura e Informação no sector público da Comunicação Social», colóquio organizado pelo Conselho de Comunicação Social, que prosseguiu ontem e termina esta tarde, com a leitura das conclusões. A sessão de abertura foi presidida pelo presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, e contou com a presença do secretário de Estado da tutela, Marques Mendes, em representação do Primeiro-Ministro.

Na sua intervenção, sobre a situação do sector público da Imprensa escrita portuguesa, que classificou de «experiência original na Comunidade Económica Europeia», José Pedro Castanheira divulgou números do Sindicato que «explicam por que os jornais públicos dão mais e melhor informação que os privados».

As condições de trabalho nos jornais do sector público também são melhores do que as verificadas nos jornais do sector privado, disse José Pedro Castanheira, que ilustrou a afirmação referindo que metade dos jornais privados paga salários aos seus jornalistas de acordo com a «tabela B, criada apenas para os órgãos de informação regionais».

Resposta do presidente da AID

António Pedro Ruella Ramos, presidente da Associação da Imprensa Diária, concordando com os números adiantados, justificou a diferença qualitativa da informação dos jornais públicos pelo «tratamento desigual que nos últimos 10 ou 12 anos foi dado pelo Estado aos dois sectores» em detrimento do privado.

José Rebelo, da Associação da Imprensa Estrangeira, acentuou a natureza da diferença das empresas públicas e privadas do sector: as primeiras «deviam ter uma função didáctica e estabilizadora», enquanto as privadas defendem «interesses dos grupos económicos que estão na base da sua criação».

Para Fernando Cascais, vice-presidente do Conselho de Imprensa, a questão do sector público «não é uma questão de propriedade, mas sim de estrutura».

TV's: política e novas tecnologias

De tarde, o colóquio prosseguiu com outras intervenções das quais salientamos a de Peter Ibbotson, da Direcção de Programas da BBC, que afirmaria que a televisão britânica «não está politicamente partidizada como, por exemplo acontece na Alemanha Federal».

O director adjunto de Programas da BBC referiu que a televisão britânica «oferece uma vasta gama de informação e actualidades imparcial e objectiva».

Salientou que «os governos não deveriam conceder dinheiros a uma minoria privilegiada para decidir o que deve ou não ser visto e ouvido».

Referindo-se às novas tecnologias, acentuou que «podem preencher lacunas do mercado, talvez um canal de desporto ou de música durante todo o dia, mas penso que a área da informação e actualidades é menos atraente».

Canal privado afectaria RTP em 2 milhões de contos

Por sua vez, o antigo presidente da RTP, João Soares Louro, afirmou que o aparecimento de um canal privado de televisão «retiraria à RTP receitas na ordem dos dois milhões de contos», que, segundo disse, representam cerca de 40 por cento da receita televisiva.

Defendeu depois aquilo a que chamou «isentar de impostos os produtores de bens culturais» e disse ser favorável à existência de «normas de concorrência entre os diversos meios de comunicação social».

«Mas não formas de concorrência que sejam selvagens» — acrescentou.

A REDE DA ÁGUA PASSA POR SUA CASA...

Aproveite as novas facilidades de leitura e cobrança da EPAL



No seu interesse utilize a sua conta bancária para liquidar os seus débitos à EPAL. Para beneficiar deste serviço, basta contactar o seu Banco. Passará a receber da EPAL uma factura-aviso. Este aviso, com a informação exacta do montante a pagar, funcionará como recibo a partir da cobrança bancária. Para que não se perturbe o ciclo do fornecimento da água ao domicílio, procure aproveitar as novas modalidades de leitura e cobrança que a EPAL criou para si. Para mais informações, contacte os serviços da EPAL.

Construir hoje a qualidade de vida do amanhã

EPAL



EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES

Proposta de supressão do Complementar não teve eco

Orçamento acentua injustiça fiscal

João Almeida

A lei do Orçamento de Estado de 1987 afirma tomar algumas medidas de «eliminação progressiva dos factores de distorção do sistema fiscal». No entanto, uma análise ainda que superficial dos números previstos mostra que o sistema tributário mantém todas as suas características vigentes: é pesado, cego e incide desproporcionadamente sobre os rendimentos do factor trabalho.

Dos dados apresentados no Quadro das Receitas Fiscais e do Orçamento da Segurança Social (SS), somando o valor do total dos impostos às contribuições para a SS, verifica-se que o peso da tributação se mantém ao nível dos anos anteriores, sendo uma das maiores da Europa relativamente ao produto per capita.

O mesmo quadro das Receitas Fiscais mostra haver um agravamento da importância dos Impostos Indirectos relativamente aos Directos: prevê-se que, no total das Receitas, os Impostos Indirectos representem 68.7% e 70.5% respectivamente em 1986 e 1987. Se se acrescentar que os impostos directos são os que incidem sobre os rendimentos dos contribuintes e que os indirectos recaem sobre os produtos, independentemente de quem

os consome, facilmente se verá que o regime fiscal subjacente ao Orçamento de 1987 não tem por objectivo permitir «uma repartição igualitária da riqueza» conforme estabelece a Constituição.

O Orçamento afirma não se tratar de uma originalidade portuguesa «porque traduz a tendência mundial e os teóricos de fiscalidade acentuam que a base dos sistemas fiscais deve acentuar a tributação indirecta».

A preocupação de uma repartição de rendimentos mais igualitária dever-se-ia encontrar na estrutura dos Impostos Directos. No entanto, se se atentar nos montantes previstos de recolha dos vários impostos e tomando o valor das contribuições para a SS, verifica-se a haver uma concentração sobre os rendimentos do trabalho.

Com efeito, no total das receitas do Sector Público Administrativo, as contribuições do Trabalho pesam 35.3%, enquanto os rendimentos do Capital contribuem com 12.9%, sendo a restante parte relativa aos impostos indirectos.

Acrescente-se que, no total do Rendimento Nacional, os rendimentos do Trabalho possuem menos de metade (cerca de 43.5%), concluindo-se, deste modo, que o maior peso da tributação cai sobre os que menos contribuem para o total do Rendimento Nacional.

A parte do Rendimento Nacional respeitante a «salários, ordenados e vencimentos» tem sofrido uma evolução negativa, passando de 52.4% em 1981 para o valor atrás indicado, embora os Trabalhadores por Conta de Outrém dela dependente possuam cerca de 60% do total da População Activa.

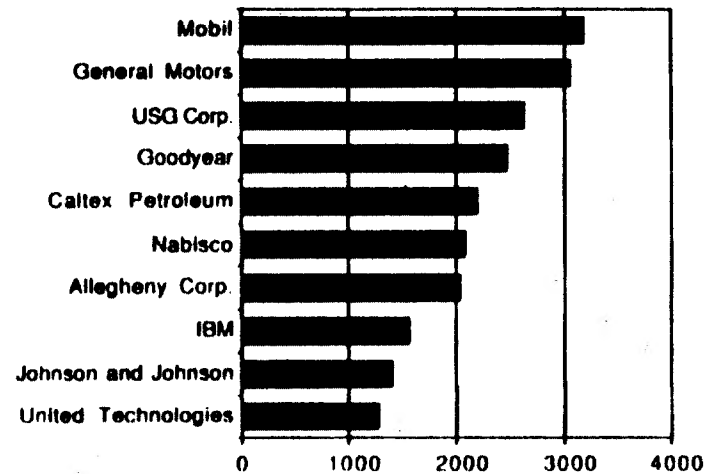
Tudo, tudo pela «iniciativa» empresarial

Se a tudo isto se juntar a previsão de um acréscimo das Receitas Fiscais em cerca de 32%, conforme indica o Orçamento, e de um aumento bastante menor dos salários reais, não será abusivo pre-

ver um agravamento da carga fiscal. Agravamento que se verificará no montante colectável do Imposto Complementar e Profissional, dada a actualização dos escalões não cobrir o aumento esperado dos salários nominais.

Nesta situação, tem alguma originalidade a proposta de supressão do Imposto Complementar, sugerida pela CGTP, baseado no facto afirmado pelo Governo segundo o qual 95% do imposto ser pago pelo factor Trabalho, constituindo assim um «segundo Imposto Profissional». O ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, contestou aquela proposta, afirmando estar esse imposto contemplado no projecto de imposto único a entrar em vigor, segundo disse, em 1988.

As propostas presentes no Orçamento tendentes a uma eliminação progressiva das distorções do sistema fiscal parecem estar relacionadas com «a orientação seguida no ano de 1986 no sentido de moderar a carga fiscal que incide sobre a iniciativa empresarial sobre o objectivo de incentivar o investimento», com é o caso da redução para metade do imposto extraordinário que incide sobre os lucros.



As dez maiores empresas norte-americanas, por número de trabalhadores contratados, até há pouco instaladas na África do Sul. A General Motors e a IBM, segunda e oitava da lista, anunciaram entretanto a retirada devido às sanções decretadas pelo Congresso.

Na África do Sul

Retirada das empresas americanas é golpe na confiança empresarial

A retirada das duas maiores empresas americanas — a IBM e a General Motors — representa um severo golpe para a confiança empresarial sul-africana e pode suscitar uma reacção em cadeia de mais retiradas, afirmam economistas.

«Ambas são particularmente simbólicas de um processo que tem estado a desenvolver-se há alguns anos — empresas e trabalhadores especializados a deixarem o país, acesso a tecnologia a ser negado», diz Rob Lee, da Associação de Seguros de Vida da África do Sul, a maior instituição de investimento nacional.

«Esse processo terá um impacte negativo muito grande nas taxas de crescimento» — disse.

Um executivo de uma empresa americana que pediu para manter o anonimato afirmou: «Quando uma empresa se vai, enfraquece a posição das que ficam». Dois políticos afirmaram que a notícia da retirada das duas empresas norte-americanas não foi necessariamente má.

O ministro da Mão-de-Obra, Piet van Plessis, referiu-se ao anúncio da retirada da GM, que uma subsidiária local comprara, mantendo o emprego dos seus três mil trabalhadores, afirmando:

«Arcebispo Tutu: estamos muito contentes que a sua causa diabólica para o desinvestimento na África do Sul tenha falhado no que toca a que todas essas pessoas ficassem sem trabalho».

Desmond Tutu, o dirigente an-

glicano da África do Sul, tem afirmado que a maioria negra aceitará reveses económicos — tal como o desinvestimento empresarial e sanções impostas à África do Sul por outros Governos — se isso significar o fim do «apartheid».

O dirigente partidário conservador, Andries Treurnicht, disse que «as ameaças feitas pelas empresas multinacionais sobre a sua retirada da África do Sul, a menos que o Governo sul-africano acelere as reformas sociais, são uma espécie de chantagem (...). Elas têm de desistir do mito que, ao investirem na África do Sul, estão a fazer um favor ao país».

A Câmara da Federação Nacional das Indústrias, divulgou contudo um relatório declarando que a África do Sul era vulnerável. «As sanções podem prejudicar a economia sul-africana mais gravemente do que aquilo que parece ser geralmente percebido» — diz o relatório.

Segundo a câmara, o nível actual das sanções internacionais diminuirá o emprego em cerca de 50 mil postos de trabalho nos próximos dois anos. Se essas sanções forem alargadas a todas as exportações sul-africanas, diz a organização, poderão ser extintos, nos próximos cinco anos, 685 mil postos de trabalho.

Se as sanções obrigatórias das Nações Unidas forem reforçadas, a câmara estima que podem desaparecer 1,1 milhão de postos de trabalho.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$50	53\$50
ALEMANHA FED. (marco)	72\$80	74\$00
ÁUSTRIA (xelim)	10\$30	10\$50
BÉLGICA (franco)	3\$298	3\$350
BRASIL (cruzado)	3\$850	6\$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	103\$85	106\$35
(notas de 5 a 1000)	104\$35	106\$85
DINAMARCA (coroa)	19\$35	19\$75
ESPAÑA (peseta)	1\$060	1\$180
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$65	148\$15
(notas de 5 a 1000)	145\$15	148\$65
FINLÂNDIA (marka)	29\$75	30\$35
FRANÇA (franco)	22\$20	22\$90
HOLANDA (florim)	64\$40	65\$50
IRLÂNDIA (libra)	199\$60	203\$60
ITÁLIA (lira)	\$096	\$111
JAPÃO (iene)	\$885	\$940
NORUEGA (coroa)	19\$80	20\$30
REINO UNIDO (libra)	207\$85	212\$35
SUÉCIA (coroa)	21\$10	21\$60
SUIÇA (franco)	88\$60	90\$10
VENEZUELA (bolívar)	6\$30	7\$30

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Os banqueiros e Portugal

Não é um mar de rosas mas há razões de optimismo

Na altura em que a economia portuguesa entra em franco período de recuperação, é necessário «acautelar o optimismo e ter muita atenção à evolução dos preços do petróleo e às variações das taxas de juro internacionais», concluíram os representantes de 125 instituições bancárias reunidos no Porto no quadro do Seminário para Banqueiros Estrangeiros.

Estes «banqueiros», ou melhor, quadros superiores de bancos públicos e privados de 25 países, convocados para o Porto pelo Banco Português do Atlântico, ouviram durante três dias exposições dos responsáveis da economia portuguesa, nomeadamente do ministro Cadilhe, das Finanças.

As conclusões aprovadas pelo conclave foram ontem entregues ao Secretário de Estado do Tesouro, no Palácio da Bolsa do Porto, com a tónica na afirmação de que «há hoje razões para um maior optimismo dos portugueses quanto ao futuro».

Os cerca de 140 execu-

tes de instituições de crédito de 25 países de todo o mundo consideraram que «o povo português actualmente confia mais no futuro», que «a democracia está estabilizada», que «se caminha para a adopção de um mercado livre» e, finalmente, que «existe maior confiança da banca internacional» para com Portugal.

«Apesar do optimismo que existe a situação actual não é um mar de rosas», lembra, no entanto, o documento.

Ao analisarem, em três secções («A economia portuguesa e as perspectivas para o futuro», «Portugal e a CEE» e «O mercado de capitais em Portugal») a situação actual da economia e suas perspectivas, bem como as condições do momento, os banqueiros apontaram algumas medidas «para melhor se aproveitar as vantagens da integração europeia».

Entre estas salientaram a necessidade da estabilidade da moeda e a sua relação com a desvalorização do escudo «crawling peg» — e a liberalização do controlo das moedas estrangeiras.

PS acusa o Governo de leviandade na apresentação do PEDIP

O PS acusou ontem o Governo de ter cometido «erros e leviandades altamente condenáveis» na apresentação à Comunidade Europeia do PEDIP (Programa Específico para o Desenvolvimento da Indústria).

Segundo o porta-voz do PS para as Finanças e Plano, João Cravinho, o Governo actuou «como se fosse completamente ignorante quanto ao tipo de apoios a que a Comunidade se comprometeu, nos termos do acto de adesão».

Acusou, ainda, o Governo de criar «expectativas infundadas aos nossos industriais anunciando-lhes apoios antes de os ter conseguido».

«O Governo tem fugido sistematicamente à busca de um consenso sobre as questões de fundo que a CEE nos põe. Foi Portugal que aderiu à CEE e não o PSD ou o seu Governo», salienta.

Assim, segundo o PS, «só resta ao Governo, como alternativa, reconhecer os erros cometidos e voltar a colocar a questão em Bruxelas em condições negociáveis».

Presidente liquidatário explica-se ao DL

Fornecedor preferido da CNP mete-lhe a faca ao peito

...mas os gestores insistem em celebrar com ele um contrato de 4,5 milhões de contos

Jose Antonio Cerejo

Ponha-se o leitor na pele do jornalista, e tente perceber as voltas que ele tem que dar para fazer o que lhe compete, e no fim de contas ficar com alguns problemas de consciência e ainda por cima se ver ameaçado de boas e variadas coisas.

Era meio dia e dez de ontem quando o jornalista entrou no gabinete do eng. Jorge Gonçalves, Presidente da Comissão Liquidatária da empresa pública Companhia Nacional de Petroquímica, em Lisboa. A proposta do encontro era dele, e o objetivo era o esclarecimento de alguns aspectos dos negócios referidos na notícia que fora manchete na edição do «DL» do dia anterior.

Ainda não nos tínhamos sentado à mesa e já éramos avisados pelo próprio Jorge Gonçalves de que iria «fazer o possível por se manter calmo».

A observação era pertinente face ao evidente enervamento do anfitrião, e admissível perante o sentimento declarado de que tinha sido «emporcalhado e lançado no lodagal» pelo artigo que aqui havíamos publicado.

Como este intrínseco deixa perceber, não foi pacífico o encontro que se seguiu, e só o desejo de poupar um homem que apesar de ameaçador se revelou extremamente perturbado, nos leva a silenciar grande parte das muitas coisas graves que dele ouvimos.

Nem convencemos nem fomos convencidos

No final despedimo-nos com a recusa do aperto de mão por nós esboçado, e com a convicção de que não tínhamos convencido nem sido convencidos.

Não tínhamos convencido Jorge Gonçalves da nossa boa fé, nem o seu director do aprovisionamento e exportações, eng. Graça Araújo, presente na maior parte da conversa; nem tínhamos sido convencidos da total transparência dos negócios em questão.

Quanto a nós - e o leitor tem o direito de se interrogar sobre o interesse destes por menores, mas pensamos que ele também tem o direito de conhecer a complexidade de estas coisas - fizemos o que pudemos para clarificar o nosso entendimento do papel do jornalista nestes casos, partindo do princípio de que, sem sermos polícias nem juizes, temos a obrigação de trazer a público si-

tuações que indiciam a prática de irregularidades ou de má gestão dos interesses públicos. Por parte dos nossos interlocutores, limitámo-nos a constatar o embaraço de ambos e o grande interesse que mostraram em fazer valer a versão de Jorge Gonçalves, que se considera vítima de uma campanha com objetivos políticos que o ultrapassam, e segundo o qual todos os negócios por nós referidos foram limpidos e favoráveis à CNP.

Manda a verdade que se diga que todas as nossas perguntas foram respondidas - ainda que por uma questão de dignidade profissional nos recusamos a dar conta de algumas dessas respostas - e que nos foi facultada a consulta de tantos telexes, trocados entre a CNP e o seu parceiro nos negócios em causa, quantos aqueles que nos pareceu legítimo pedir, sem nos sentirmos a desempenhar funções de investigação policial.

Uma história com muitos capítulos

«Tudo começou com a chegada à redacção do «DL», anteontem de manhã, de diversas informações que coincidiavam no essencial e apontavam para a existência daquilo que considerámos um negócio «no valor de quase 4,5 milhões de contos, que está a suscitar dúvidas quanto à sua transparência».

Tratava-se, como o leitor se recordará, de um caso já anteriormente referido no «Expresso» e que tinha a ver com a aquisição de grandes quantidades de nafta pela ex-Comissão Liquidatária da CNP. Segundo aquele semanário, Jorge Gonçalves estaria de férias no rancho norte-americano de Patrick Monteiro de Barros, o patrão da Sigmoid, empresa fornecedora daquela matéria prima.

Os dados em nosso poder, que, necessariamente, apenas retratam em traços gerais a situação, permitiram-nos escrever que Jorge Gonçalves «estabeleceu um contrato por seis meses com Patrick Monteiro de Barros para a compra de 50% do total da nafta necessária à compan-

hia». Este contrato, acrescentávamos, baseou-se na análise de duas propostas recebidas pela CNP, uma da Sigmoid e outra da empresa portuguesa Tradingpor (capitais do IPE, Banco de Fomento Nacional e TAP), e no facto de a primeira oferecer um prazo de pagamento de 30 dias e a segunda um prazo de 12 dias.

O montante global do contrato deveria atingir uns 4,5 milhões de contos resultantes da aquisição de 200 a 250 toneladas de nafta, a fornecer entre 1 de Outubro e 31 de Maio do próximo ano, e os pagamentos seriam efectuados a 30 dias. Dias depois da assinatura deste contrato, escrevemos, foi-lhe introduzida uma cláusula adicional determinando que o

isso sim, em Veneza. Logo a seguir dizia-nos, por escrito, que «embora conheça o eng. Monteiro de Barros» não mantém relações pessoais com ele, «pelo que não se justificariam visitas a sua casa». Simultaneamente enviávamos cópia do desmentido dirigido na véspera ao «Expresso».

Na carta que nos dirigiu, o presidente da Comissão Liquidatária da CNP frisava que «as recomendações de aquisição e a escolha dos fornecedores são da competência dos serviços e o Conselho de Administração (e não o administrador do pelouro) apenas delibera sobre a proposta feita».

No encontro de ontem disse-nos que os preços oferecidos pela Sigmoid eram mais

trato (o das 200-250 mil toneladas), datada já de 17 de Setembro, e que é apresentada pela Sigmoid como sendo o resultado das correcções à proposta anterior, decididas telefonicamente com a CNP. «Sim, mas estas coisas demoram muito e na CNP era vulgar os contratos levarem muito tempo a ser assinados», respondeu-nos.

A primeira facada da Sigmoid

«O que se passou quanto a prazos de pagamento foi que os serviços, na minha ausência em Espanha em meados de Setembro, compraram um barco de nafta e quiseram que lhe fossem aplicadas as condições de pagamento a 30 dias que já estavam no grande contrato em negociação. O fornecedor, que era a Sigmoid, concordou primeiro mas depois quis alterar os prazos de pagamento, coisa com que os serviços não concordaram».

Jorge Gonçalves adianta, por outro lado, que o carregamento em questão, 24 mil toneladas desembarcadas em Sines em 26 de Setembro, não tem nada a ver com o contrato global das 200-250 mil toneladas. Este contrato, a cujas condições de pagamento diz que os serviços quiseram submeter a aquisição «spot» das 24 mil toneladas, estava ainda em negociação na altura, afirma, e não estava, nem está assinado, como atrás escrevemos.

A seu ver, «os serviços fizeram o que deviam», mas acrescenta: «Cheguei cá e tive uma reacção muito brusca por ter sido feito tudo isto sem eu ter sido consultado. Estava programada a chegada de um barco a meio de Setembro, mas falhou porque a Sigmoid argumentou com o incumprimento pela nossa parte de um prazo de pré-aviso e não mandou o barco. Mas como estávamos quase em rotura de stocks, derivada da nossa fraca capacidade de armazenagem, vimo-nos obrigados a comprar com a faca no peito. Então foi quando a Sigmoid nos propôs, em condições mais desfavoráveis, um desses barcos que andam por aí e estava imediatamente disponível».

Esta explicação leva obviamente a perguntar qual a razão da «reacção muito brusca» do presidente. Eis a resposta: «como estávamos com a faca no peito não houve competição e as con-

dições não foram as melhores».

Na sequência deste incidente - que leva a Sigmoid a negar um fornecimento antes negociado, para logo a seguir a CNP recorrer a ela novamente, no estado de prurimento de stocks assim criado - gera-se uma situação dificilmente compreensível e que propicia os principais argumentos dos sectores da companhia que falam de «falta de transparência do negócio».

Um grande imbróglio

Ou seja. Conforme um telex da Sigmoid datado de 26 de Setembro, que nos foi mostrado por Graça Araújo, o fornecedor começa por dizer que o pagamento das 24 mil toneladas acabadas de chegar a Sines deve ser feito «no prazo de dois dias».

Os serviços não aceitam, dizem-nos, e informam imediatamente o fornecedor.

A nosso pedido, essa resposta é-nos também mostrada. Trata-se de um telex que reza assim: «na sequência da nossa chamada telefónica, as condições de pagamento rege-se-ão pelos termos do contrato». Mas que contrato?, perguntamos. «O das 200-250 mil toneladas que prevê pagamentos a 30 dias». Implicitamente, portanto, a resposta à exigência de pagamento a dois dias foi dada apenas com a alusão a um contrato ainda em negociação, não assinado e que era estranho àquele fornecimento.

Para os responsáveis da CNP, porém, essa resposta era clara e bastante.

No entanto, 4 dias depois, a 30 de Setembro, a Sigmoid enviou um novo telex de Genébra, referente ao mesmo carregamento de nafta, onde se diz que «o pagamento em US-dólares será à vista» e não «em US-dólares a 30 dias», como estava estabelecido no contrato.

Para justificar esta alteração, o telex da Sigmoid começava por afirmar: «Tomámos conhecimento de que o nosso presidente, Mr. Monteiro de Barros conver- sou com um executivo da vossa companhia acerca das condições de pagamento, as quais foram agora alteradas».

Uma «mentira» não desmentida...

O telex diz igualmente, que, em conformidade com esta transformação em paga-

Jorge Gonçalves pede inquérito à tutela

O presidente da Comissão Liquidatária da CNP, Jorge Gonçalves, envolvido numa importação alegadamente ilícita de nafta, solicitou ontem ao ministro da Indústria que «procedam às investigações tidas como convenientes» para o apuramento da verdade.

Jorge Gonçalves faz este pedido na sequência de notícias divulgadas pela imprensa, que considera «difamatórias», de que estaria envolvido num negócio de importação de nafta no valor de 4,5 milhões de contos para a CNP, operação essa referida na reportagem desta página.

O PS já anunciou que tenciona propor um inquérito parlamentar à situação da comissão liquidatária da CNP, nomeadamente no que respeita à gestão do pessoal e à aquisição de matérias-primas, devido à «alegada corrupção na compra de nafta».

pagamento «fosse feito não a 30 dias, mas à vista».

Ou seja, a principal razão da escolha da empresa de Monteiro de Barros - os importantes ganhos em juros derivados da liquidação das facturas 18 dias depois - era abandonada com benefício evidente da Sigmoid. Esta era a anomalia principal de que se suspeitava e a ideia força do artigo.

As quantidades exactas de nafta e os períodos de fornecimento, bem como a forma contratual dos negócios, eram naturalmente elementos secundários, tal como a deslocação de Jorge Gonçalves aos EUA.

Jorge Gonçalves em Lisboa

Pouco depois da saída do «DL» de terça-feira, Jorge Gonçalves desmentia-nos por telefone, a partir de Lisboa, que estivesse ou tivesse estado recentemente nos EUA, dizendo que estivera,

vantajosos em cerca de três dólares por tonelada, que os da Tradingpor, e que não tinha sido organizado concurso público «porque isso não se faz normalmente neste tipo de contratos». Quanto à questão essencial da alteração das condições de pagamento inicialmente estabelecidas com a Sigmoid, a explicação que ouvimos é suficientemente complexa para que a apresentemos detalhadamente.

De acordo com o eng. Jorge Gonçalves «a verdade» é a seguinte:

«Não há nenhuma alteração ao contrato. Os prazos que estão escritos são 30 dias para a Sigmoid e 12 para a Tradingpor e não há a mais pequena alteração».

«O contrato ainda não foi assinado, houve uma negociação longa e há telexes de intenção que vão ser transformados em contrato».

Mas o «DL» tem em seu poder - observámos - uma cópia da minuta desse con-

Para averiguar o porquê da queda do Tupolev

Peritos soviéticos participam na comissão de inquérito

Peritos soviéticos chegaram ontem a Maputo para participar na comissão de inquérito às causas do desastre que domingo vitimou Samora Machel. Soviéticos e moçambicanos deverão partir agora para Pretória de modo a analisarem com a parte sul-africana as causas do acidente. Uma fonte da aeronáutica civil moçambicana declarou, entretanto, que os factos conhecidos apontam para erro técnico, enquanto um oficial norte-americano afirmava que a África do Sul tem material necessário para interferir no sistema de orientação de um avião do tipo Tupolev.

A União Soviética vai participar na comissão de inquérito que averiguará as causas do desastre aéreo que vitimou Samora Machel. A informação foi ontem transmitida pelo correspondente da agência NP em Maputo, Augusto de Carvalho.

Em telex enviado da capital moçambicana, aquele jornalista revela que uma delegação de peritos soviéticos chegou ontem a Maputo de onde partirá para a África do Sul, juntamente com a delegação moçambicana, a fim de analisarem com a parte sul-africana as causas do desastre aéreo.

As três delegações participarão na abertura das caixas negras do Tupolev presidencial, as quais se encontram ainda na posse das autoridades sul-africanas.

Da delegação de peritos soviéticos faz parte o director-geral do departamento de construção dos aviões «Tupolev».

Os peritos provenientes da

URSS chegaram a Moçambique no mesmo dia em que a rádio local anunciava a constituição da comissão de inquérito moçambicano. Esta comissão é composta por catorze elementos entre responsáveis da Frelimo e do governo, oficiais superiores das Forças Armadas Moçambicanas, especialistas de aeronáutica, pilotos e juristas.

Armando Emílio Guebuza, membro do Bureau Político da Frelimo, aparece à frente da lista ontem divulgada. Jacinto Veloso, também do Bureau político, Sérgio Vieira, ministro da Segurança, Hama Thai, comandante da

Força Aérea, e João Honwana, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, são outros dos nomes presentes na comissão de inquérito.

A comissão recebeu já ontem as primeiras conclusões dos exames médico-legais feitos aos mortos, cujos portamentos não foram revelados.

Acidente ou sabotagem?

O jornalista Augusto de Carvalho refere no seu telex que novos elementos conhecidos sobre as circunstâncias da queda do avião em que morreu Machel apontam como causa provável um erro técnico de navegação. A informação foi prestada por uma fonte da aeronáutica civil moçambicana.

Essa fonte, que pediu para não ser identificada, disse que o «Tupolev 134» que servia de avião presidencial contactou pela última vez a torre de controlo do Maputo «quando eram exactamente 21.20 (locais)». Nesse contacto, o comandante do avião teria anunciado que estava a 3.000 pés de altitude (cerca de mil metros) e que ia aterrar dentro de cinco minutos.

A partir desse momento, a torre de controlo perdeu a localização do avião que, nessa altura, se deveria encontrar entre cerca de 60 a 70 quilómetros do Maputo, a julgar pelo local onde foi cair, viajando a uma velocidade inferior a 300 quilómetros por hora.

A fonte contactada pelo jornalista da NP acrescentou que o «Tupolev» não tinha possibilidades de, em cinco minutos, chegar ao aeroporto de Maputo.

Técnicos de navegação afirmaram, por seu lado, que a tratar-se de um erro de navegação se deve dizer que é



Um diplomata soviético e a multa recebidos pelo ministro sul-africano

um engano pouco normal.

Várias fontes salientam ainda que o que se conhece da rota do avião não é de molde a afastar as suspeitas de atentado. Referem a propósito que nas fronteiras da África do Sul com Moçambique, possivelmente sobrevoadas pelo avião presidencial, existem acampamentos da Renamo.

Um especialista da Força Aérea norte-americana disse, entretanto, à agência noticiosa moçambicana AIM, ser possível provocar-se o desvio de um avião utilizando aparelhagem electrónica.

«O oficial norte-americano, que disse conhecer bem o tipo do avião presidencial, afirmou que o dispositivo militar sul-africano dispõe de tecnologia necessária para interferir no sistema de orientação do avião e criar uma rota fictícia alternativa», acrescentou a AIM.

Relatos de sobreviventes

Foi precisamente a agência AIM que ontem à noite divulgou em Maputo uma gravação, feita pelo seu director, Carlos Cardoso, das declarações de um sobrevivente do desastre de domingo.

Trata-se de Fernando João, chefe da escolta presidencial. Conforme noticiámos ante-

Reforma fiscal nos EUA

O presidente Ronald Reagan assinou o projecto de reforma fiscal recentemente aprovado pelo Congresso, que reduz os impostos pagos pela maioria dos norte-americanos. A lei, cujas principais disposições começarão a entrar em vigor em 1 de Janeiro do próximo ano, substitui os 15 escalões actualmente existentes nos impostos sobre os rendimentos das pessoas, que vão de 11 a 50 por cento, por duas taxas de imposição apenas — de 15 e 28 por cento (com uma taxa marginal de 23 por cento). Por outro lado, os contribuintes norte-americanos deverão registar uma redução média de 6,1 por cento nos impostos que pagam ao Estado, enquanto seis milhões de cidadãos pobres deixarão de pagar impostos.

Corte de relações

O Irão cortou relações diplomáticas com a Costa de Marfim por esta ter decidido reabrir a sua Embaixada em Israel, ao mesmo tempo que Abidjan anunciava ir reconsiderar a abertura daquela missão. Uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Irão descreve a decisão de Abidjan como «um grande insulto e uma traição» ao «povo muçulmano da Palestina». O Irão condena ainda «o imperialismo norte-americano» por «persuadir os regimes mercenários em África» a estabelecer relações diplomáticas com Israel.

Vítimas da tortura

O arquitecto brasileiro Oscar Niemeyer vai desenhar um monumento que será erguido no Rio de Janeiro em memória das vítimas da tortura e da repressão política durante o anterior regime militar, disse o seu gabinete. O monumento terá sete metros de altura e 25 metros de largura.

Niemeyer, de 78 anos, conhecido por haver desenhado a maior parte dos edifícios da moderna capital, Brasília, mantém ligações desde há muito com grupos de esquerda.

O «caso» CNP

Continuação pag. 11

mento à vista decidida de comum acordo, o comprador deverá pedir «imediatamente» ao Saudi International Bank a alteração da carta de crédito emitida a 30 dias.

Um verdadeiro imbróglcio não é?

Não, «isso é o fornecedor a deitar barro à parede a ver se nos apanha», diz Jorge Gonçalves.

Mas eles dizem que combinaram as alterações com um executivo da CNP/EPPSI. «Isso não é verdade, eu não falei com Monteiro de Barros», adianta Graça Araújo.

Então eles quiseram enganar-vos, concluímos nós.

«O que aconteceu foi que a Sigmol quis receber a zero dias, mas em que é que isso afecta a minha honrabilidade ou a dos serviços?», riposta Jorge Gonçalves. E qual foi a vossa reacção, quise-mos saber. «Não alterámos a carta de crédito e pagámos a 30 dias».

Mas certamente contestaram por escrito a acusação de que tinham negociado com Monteiro de Barros a alteração das condições, considerámos, enquanto pedíamos que nos fosse mostrada cópia desse telex.

Enganávamo-nos! Os nossos interlocutores não julgaram necessário dar qualquer

resposta e limitaram-se a ignorar o pedido de modificação da carta de crédito.

Quanto a esta, não a tinham à mão no decurso do encontro, mas ficaram à nossa disposição para no-la mostrar se o entendessem necessário.

Concluindo: depois de ter recusado um fornecimento antes negociado, e logo a seguir se ter aproveitado do facto do cliente estar «com a faca no peito» para, finalmente, mentir através de uma afirmação grave, seria lícito pensar que a imagem da Sigmol ficara abalada na CNP/EPPSI.

Jorge Gonçalves não tem este entendimento e garantiu-nos que o contrato das 200-250 mil toneladas (quase 4,5 milhões de contos) continuou a ser negociado depois de tudo isto e «vai mesmo ser assinado».

Enfim, o que concluir desta longa e certamente indigesta história?

Que o Partido Socialista não tem razão para pedir o inquérito parlamentar que já anunciou e que po essencial daquilo que aqui escrevemos anteontem não tem fundamento.

Os leitores que tirem as suas conclusões.



Emigrantes moçambicanos clandestinos foram recrutados pela África do Sul para transportarem os corpos das vítimas



mulher do piloto do Tupolev presidencial foram ontem
no dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha

riormente, este elemento afirmou que uma das assistentes de bordo convidou os passageiros a prepararem-se para a aterragem. Cinco minutos depois «ouviu-se o avião chiar, parecia que levou um tiro», disse, para acrescentar: apagaram-se as luzes e passaram três minutos durante os quais o Tupolev presidencial ia «cegamente», com os reactores já parados.

A uma pergunta do ministro da Defesa, Sérgio Vieira, Fernando João esclareceu não ter havido explosão na sequência do estrondo que lhe pareceu como que um tiro. Segundo este sobrevivente, só depois do choque com o solo é que sentiu uma explosão e foi cuspidado para fora do aparelho.

Fernando João foi à procura de apoio e encontrou uma sul-africana que o levou ao chefe tradicional da região. Era já perto da meia-noite quando atarvés de um posto de rádio de uma missão próxima foi possível contactar um posto policial de Komatiport. O sobrevivente comunicou o acidente à polícia sul-africana e pediu que transmitissem a informação para Maputo.

Em Harare, estudantes zimbabueanos saíram ontem pela segunda vez para a rua pa-

ra protestarem contra a morte de Machel, cuja responsabilidade atribuem à África do Sul.

Constância vai a Maputo

Entretanto, em Maputo, um comunicado do Bureau Político da Frelimo anunciava que a exposição da urna com os restos mortais de Samora Machel foi adiada por 24 horas, devido a «questões organizativas». O início da cerimónia estava previsto para hoje.

Conforme ontem noticiámos, o funeral do presidente moçambicano está marcado para o próximo dia 28.

A senadora Nancy Kassebaum divulgou ontem que a filha do presidente Ronald Reagan, Maureen, vai liderar a delegação norte-americana ao funeral de Samora Machel. Maureen tinha recentemente visitado Moçambique, onde se encontrara com o presidente.

Em Lisboa, foi anunciado que o secretário-geral do PS, Vitor Constância, chefiará uma delegação daquele partido ao funeral de Machel. Os líderes do PRD, Ramalho Eanes, e do MDP/CDE, José Tengarrinha, já anunciaram também que se deslocarão a Maputo.

Desarmamento

Gorbachev admite possibilidades de novos acordos

O líder soviético Mikhail Gorbachev reafirmou que a minicimeira de Reiquejavique abriu caminho para novos acordos das duas superpotências sobre desarmamento nuclear.

Mas, segundo disse, «círculos militares» ocidentais tentam travar semelhantes acordos.

«Esses círculos têm enorme peso político-económico», frisou Gorbachev em discurso proferido na televisão soviética.

«A luta para conseguir acordos será difícil», previu.

O líder soviético apontou uma vez mais o projecto antimísseis norte-americano «Guerra das Estrelas» como o principal obstáculo à obtenção de um acordo EUA-URSS sobre armas nucleares.

Gorbachev disse que no encontro de Reiquejavique foi apresentado um pacote de medidas que não poderiam ser implementadas caso persistissem os planos norte-americanos de prosseguir com a Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI).

«O programa mostra o desejo norte-americano de continuar a corrida às armas no espaço e alcançar a superioridade militar», declarou Gorbachev.

«SDI é o principal obstáculo ao pacto para um mundo não-nuclear», acrescentou.

Todavia, Gorbachev garantiu que não retirará as propostas que apresentou ao presidente Reagan no encontro cimeira da capital islandesa nos

dias 11 e 12 de Outubro.

O discurso televisivo de Gorbachev prolongou-se por 50 minutos.

O número um do Kremlin disse ainda que antes de se encontrar com Reagan a URSS fizera inúmeras concessões no domínio das reduções de mísseis nucleares estratégicos e de médio-alcance.

«Mas se não há acordo não há concessões, pois a nossa segurança nacional é tão importante quanto a dos americanos», salientou.

«Satisfação» da Casa Branca

Entretanto a Casa Branca manifestou já «satisfação» pelo «optimismo» expresso por Gorbachev sobre a redução de armamentos nucleares. O porta-voz oficial norte-americano Larry Speakes exprimiu o agrado da administração em Washington pelo facto de Gorbachev ter considerado a recente cimeira de Rei-

quejavique «um acontecimento político importante».

No seu discurso, Gorbachev declarou o desejo de prosseguir as negociações no ponto em que ficaram quando o desacordo entre as duas partes sobre o tema da «Guerra das Estrelas» pôs termo à cimeira de Reiquejavique.

Também sobre este assunto específico a Casa Branca não emitiu qualquer parecer, limitando-se a comentar o encontro entre os líderes das duas superpotências como «uma encruzilhada histórica» e que «não é possível fazer marcha atrás» perante o entendimento já alcançado.

Apoio dos aliados

Os aliados europeus da NATO, por seu turno, expressaram o seu apoio à posição norte-americana na cimeira de Reiquejavique e afirmaram que a Europa Ocidental não se pode defender de um ataque sem armas nucleares.

A posição da organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) foi anunciada pelo ministro da Defesa britânico, George Younger, no final das sessões de trabalho do grupo de planificação nuclear da NATO, que esteve reunido desde terça-feira na cidade escocesa de Gleneagles.

Aniversário da contra-revolução na Hungria

A Hungria comemora hoje o trigésimo aniversário da repressão da sublevação popular de 1956 que, em 20 dias, vitimou 20 000 pessoas e forçou outras 200 000 a fugir para o Ocidente.

O dia 23 de Outubro de 1956 é registado no anais da História Contemporânea húngara como uma das datas mais trágicas, devido aos violentos confrontos entre tropas soviéticas e manifestantes húngaros que pretendiam a liberalização do sistema estalinista vigente.

Os incidentes iniciaram-se quando grupos de estudantes se manifestaram pacificamente nas ruas de Budapeste a favor de reformas democráticas. As manifestações culminaram com a declaração de neutralidade e de saída do Pacto de Varsóvia do chefe do governo

interino, Imre Nagy, a 1 de Novembro de 1956.

Passadas três décadas, a Imprensa oficial socialista faz uma recapitulação sóbria dos factos históricos, evitando termos como «sublevação» e «revolução», utilizados pela oposição.

O órgão do Partido Comunista, «Nepszabadsag», numa série de artigos sobre a «contra-revolução» designação oficial dos acontecimentos de 1956, referiu o progresso económico obtido pelo regime socialista liderado por Janos Kadar.

Kadar substituiu o estalinista Erno Gero a 25 de Outubro de 1956 na liderança do Partido Comunista Húngaro, que a partir de 1 de Novembro do mesmo ano se passou a chamar Partido Socialista Operário Húngaro (PSOH).

Apesar de não ter sido esclarecida a participação de Kadar nos agitados acontecimentos ocorridos entre 23 de Outubro e 4 de Novembro de 1956, este dirigente converteu-se num indiscutível líder da reforma económica e abertura política das últimas décadas.

Kadar pôs em prática a sua divisa de que «quem não está connosco, está contra-nosco», o que lhe valeu, senão a estima, pelo menos o respeito até dos sectores não partidários do socialismo.

A «contra-revolução» obedeceu, de acordo com um artigo publicado no passado dia 16 pelo órgão do partido, a várias causas, apesar dos comunistas terem atribuído os acontecimentos ao terrorismo estalinista.

Moscou responde a taca a taca às expulsões de soviéticos

O Kremlin respondeu ontem na mesma moeda às expulsões de soviéticos dos Estados Unidos e aplicou às missões norte-americanas na URSS o mesmo critério de Washington, ao afastar 260 elementos do pessoal local de quem os norte-americanos dependiam fortemente.

A retaliação soviética, anunciada pelo porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Gennady Gerasimov, em conferência de Imprensa vai reduzir o fluxo dos diplomatas norte-americanos no país e tornar mais difícil às autoridades norte-americanas levar convidados à União Soviética.

Deixa também a Embaixada confrontada com a situação de ter de reduzir o seu pessoal diplomático para preencher cargos de secretaria, guarda e manutenção e outros postos não diplomáticos anteriormente ocupados por uma força de trabalho soviética barata.

Dificilmente o governo norte-americano pode ser tentado a retaliar do mesmo modo, dado que os soviéticos operam na sua Embaixada em Washington e no Consulado de São Francisco praticamente sem funcionários norte-americanos.

Em termos numéricos, os soviéticos não chegaram ainda ao ponto das expulsões a que chegaram os Estados Unidos, as quais começaram o mês passado com uma ordem de expulsão de 25 diplomatas soviéticos acreditados nas Nações Unidas.

Em resposta, o Kremlin ordenou a saída da União Soviética de cinco diplomatas norte-americanos. Na terça-feira, os Estados Unidos expulsaram 55 soviéticos — cinco em retaliação directa e 50 naquilo que a Administração Reagan afirma ser um esforço para igualar a representação diplomática soviética à dos Estados Unidos.

As 55 expulsões — efectivas a partir de 1 de Novembro — deverão deixar 225 soviéticos na Embaixada em Washington e 26 no Consulado soviético em São Francisco. O que iguala o número de norte-americanos em Moscovo e os do Consulado em Leninegrado.

Entretanto funcionários superiores da Administração Reagan afirmaram que a expulsão de 80 diplomatas soviéticos «decapitou» a rede de espionagem de Moscovo nos Estados Unidos.

Os Estados Unidos, disseram os funcionários que pediram o anonimato, escolheram os escalões superiores do KGB e da GRU (serviços militares de informação), fazendo recuar as suas fileiras a um equivalente a tenente-coronel.

Novo conceito de serviço na "Lufthansa"

A partir do próximo dia 1.º de Novembro, a «Lufthansa», Linhas Aéreas Alemãs, vai introduzir na Europa uma nova «Business Class», com numerosos aprimoramentos e uma qualidade de serviço elevado, em terra e a bordo, em comparação à anterior Classe Económica. A companhia aérea alemã quer atrair, de forma acentuada, os passageiros em viagem de negócios, os quais, nas rotas europeias, representam 67% dos passageiros.

«A nossa nova concepção», declarou o membro do Conselho Executivo da «Lufthansa» Sr. Frank Beckmann, «está orientada, em primeiro lugar, para as necessidades próprias do passageiro que viaja frequentemente, ou seja, o 'Frequent Traveller'. Foi por isso que nós aprimorámos a nossa oferta, em particular na Europa. É nosso objectivo oferecer ao homem de negócios um ótimo produto. As exigências desses clientes constituem a nossa máxima prioridade».

As aeronaves do tipo Airbus A310, Boeing 727 e Boeing 737 — em serviço nas rotas europeias — manterão também no futuro as duas classes: a «Primeira» e a «Business Class». Assim, o passageiro de tarifa internacional terá, a partir de 1 de Novembro, uma oferta de assentos mais ampliada. Na «Business Classe», em todos os aviões de curta e média distância, o aspecto entre as fileiras de assentos será aumentado em 5 centímetros, totalizando 86 centímetros e aplicando-se também tal inovação no tráfego doméstico da Alemanha Federal. Além disso, as aeronaves serão reequipadas com novos assentos anatômicos, o que, nos voos de e para Portugal em B727, significa a renúncia de 7 lugares.

Por outro lado, o passageiro da «Business Class» terá um «check-in counter» separado e poderá marcar o assento no acto de reserva, em todos os

voos internacionais, com até um ano de antecipação. No dia 1 de Julho deste ano, introduziu-se essa possibilidade de marcação de assentos no tráfego doméstico alemão. Esta regalia não funciona ainda em Portugal, já que é a TAP que, por acordo, faz o «check-in» dos passageiros da «Lufthansa».

A partir do próximo dia 1 de Novembro, será servida uma refeição completa em todas as rotas europeias, mesmo em caso de voos curtos; em voos de mais de 2 horas de duração, os passageiros terão direito a uma refeição quente, sendo ainda de notar que haverá total renovação da louça e dos talheres.

Após o êxito obtido na introdução de «check-in counters» nos hotéis da «Lufthansa» em Frankfurt, Düsseldorf e Viena, este serviço será também oferecido noutros hotéis dos grupos «Intercontinental» e «Kempinski», nas cidades de Hamburgo e Munique.

Este novo conceito da «Business Class» europeia da «Lufthansa», que compreende aperfeiçoamento nas áreas de refeição e serviços a bordo, inclui também um aumento da tripulação de cabina e foi testado em mais de 8 000 voos.

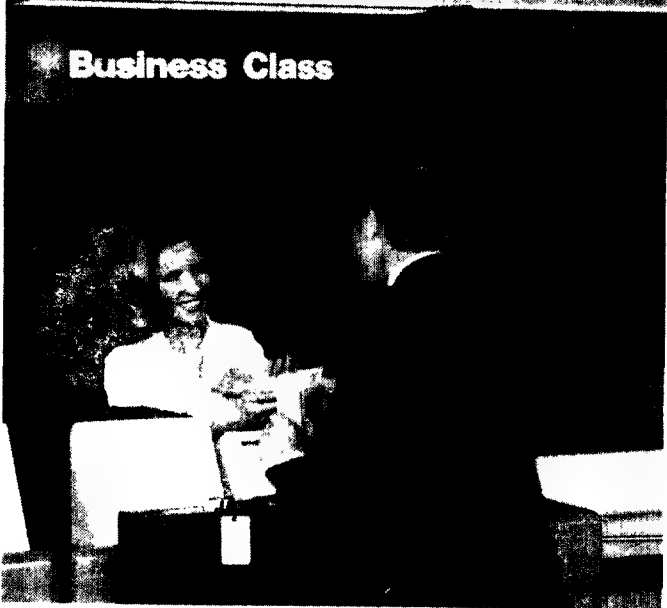
O eng.º Beckmann referiu ainda que os custos adicionais do novo Serviço deverão situar-se entre 10 a 12 milhões de marcos (720/840 000 contos) por ano. A acrescentar a estas despesas haverá ainda os investimentos para os novos assentos e para as novas cozinhas num total de 20 milhões de marcos (cerca de 1 milhão e 400 000 contos), não tendo sido considerado nestes valores a diminuição de receita derivada dos cerca de 600 lugares de que a «Lufthansa» desistiu, por virtude das modificações na sua frota.

Directamente relacionado com a introdução deste novo



Lufthansa

Baggage Acceptance



«Serviço Europeu», a «Lufthansa» efectuou uma consulta de mercado, para conhecer os critérios estabelecidos pelo homem de negócios na escolha da Companhia. E eles são: pontualidade, horário conveniente, gentileza do pessoal de

bordo e boa imagem de prestígio. A consulta revelou ainda que 94% deste público dá especial valor a assentos confortáveis, liberdade para as pernas através de maior intervalo entre os assentos (91%) e escolha de lugares (85%).

Banco de Fomento Nacional recebe Prémio Iberoamérica/86

O Banco de Fomento Nacional vem dedicando, desde há alguns anos, especial atenção às relações económicas entre os países latino-americanos e Portugal, tendo desenvolvido diversas acções com o objectivo de contribuir para o desenvolvimento dessas relações. Esse esforço foi agora reconhecido pelas Câmaras de Comércio Latino-Americanas de Espanha e de Portugal, ao atribuírem ao BFN o Prémio IBEROAMÉRICA 1986.

Este Prémio foi instituído por aquelas Câmaras de Comércio para distinguir empre-

sas, entidades e personalidades cujo esforço, trabalho e dedicação em prol das relações comerciais, industriais e tecnológicas com a América Latina mereçam público reconhecimento.

A entrega do Prémio Iberoamérica far-se-á no próximo dia 23 de Outubro no decurso da sessão de encerramento do Seminário «Portugal e a América Latina» a realizar no Palácio da Bolsa do Porto, nos dias 22 e 23 de Outubro, e que conta com a participação de personalidades destacadas dos meios empresariais portugueses, espanhol e latino-ameri-

cano, assim como de entidades oficiais portuguesas.

O Banco de Fomento Nacional que possui, desde 1982, um escritório de representação na Venezuela e é, desde 1970, membro da Associação Latino-Americana das Instituições Financeiras de Desenvolvimento (Alide), estabeleceu linhas de crédito e protocolos financeiros com diversas instituições financeiras de países como a Venezuela, a Colômbia, o Equador, a Argentina, o Brasil, etc. Tem, além disso, promovido deslocações de missões de industriais por-

tugueses a alguns destes países com o objectivo de fomentar as trocas comerciais e o investimento recíproco.

Com a adesão de Portugal e da Espanha à CEE há a convicção de que se alarga ainda mais o já vasto campo de oportunidades de cooperação entre os agentes económicos latino-americanos e os da Península Ibérica. O BFN tem vindo a desenvolver o apoio a essa cooperação, de modo a promover um maior intercâmbio comercial e de investimentos entre os países das duas áreas geográficas.

Singer presente na Lartécnica na FIL em Lisboa

A Singer está presente na FIL, na «Lartécnica/86», que encerra as suas portas em 26 de Outubro, no Stand N.º 215, localizado no Pavilhão 2 (Nave Principal).

A Singer expõe toda a nova linha de produtos para a costura e as várias linhas de electrodomeésticos, entre as quais se salientam as últimas novidades — vídeo, máquina de lavar/secar roupa, linha frio, linha TV e os novos produtos exclusivos da Singer.

Banco Pinto e Sotto Mayor forma quadros intermédios

Promovidos pelo Banco Pinto & Sotto Mayor estão a decorrer num hotel da Ericeira dois Cursos de Formação/Seleção de Quadros Intermédios para os balcões daquele banco. Estas acções de formação, apoiadas pelo Fundo Social Europeu, tiveram início no passado dia 13 do corrente e prolongar-se-ão por cinco semanas durante as quais serão apresentados e desenvolvidos temas cujo conteúdo se insere nos projectos de modernização em que o BPSM está empenhado.

Temas como a análise financeira das empresas, agência do futuro, aplicação de poupanças, técnicas de «marketing» e gestão de pessoal constituem o essencial dos cursos que estão a ser frequentados por 40 empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor.

Recorde-se que este banco tem atingido taxas de formação de nível europeu com 50 horas por empregado/ano e 2,3% da massa salarial, números que revelam bem a atenção especial que o BPSM vem dedicando à formação dos seus empregados.

O projecto de formação para o corrente ano, que havia sido apresentado pelo BPSM ao Fundo Social Europeu e que orçava em cerca de 450 mil contos, mereceu a total aprovação daquela instituição das Comunidades que decidiu comparticipá-lo com 137 mil contos, montante que constitui o maior apoio dado pelo FSE a uma instituição bancária portuguesa, em 1986. Para o próximo ano o BPSM apresentou já um novo projecto da mesma ordem de grandeza, prevendo-se que venha a ser igualmente aprovado.

Primeira Convenção da Multicel

Os clientes da marca Sharp têm agora a garantia que lhes é prestada pela representante legal e exclusiva da Sharp Corporation, de Osaka, Japão, para a sua linha de vídeo, TV, som e fornos de micro-ondas. A firma Multicel, que representa a Sharp no nosso País, integra uma equipa de profissionais, a nível comercial e técnico, que asseguram uma assistência total àquela conhecida marca.

Isso explica por que as mais importantes firmas de electrodomésticos do País estão já entre os

seus clientes. E foram os representantes dessas firmas que se reuniram, recentemente, no Vi-meiro, na Primeira Convenção Sharp.

A reunião foi muito importante, pela troca de experiências e pelas novidades apresentadas, especialmente os fornos de micro-ondas. Mas foi também importante pelo agradável convívio que se verificou, durante um fim-de-semana no Hotel Golf Mar, onde decorreram os trabalhos, e na Quinta da Granja, onde terminou com uma animada festa de confraternização.

1.ª Feira do Vinho das Amoreiras

Promovida pelo «FAVO DAS AMOREIRAS», vai realizar-se no Shopping Center de Lisboa, de 31/10 a 11/11/86, a 1.ª Feira do Vinho das Amoreiras. Os objectivos desta feira são dar a conhecer os vinhos portugueses e as características de cada região, divulgar a importância da produção vinícola, mostrar as diferenças técnicas de produção e dar ao público a possibilidade de adquirir vinhos de qualidade média e alta em condições especiais de preço.

Para o efeito, o «FAVO» enviou mais de uma centena de convites a produtores particulares e cooperativas, estando neste momento já assegurada a representação de cerca

de oitenta marcas de todo o País.

De igual modo, a Junta Nacional dos Vinhos dará a sua participação através da exposição de diversos instrumentos da actividade de vinificação e de elementos ilustrativos da produção vinícola portuguesa e da sua importância. Promoverá ainda a JNV a realização de provas comentadas de vinhos presentes na feira e que serão escolhidos na altura. Espera-se também a representação do Instituto do Vinho do Porto e da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes. Paralelamente, será dada ao público a possibilidade de provas para o que será organizado um serviço adequado.

Ibéria na Expo-Comer/87

A IBÉRIA — Linhas Aéreas de Espanha — foi nomeada transportadora oficial da V Expo Comer — Exposição Comercial e Industrial. Esta importante feira tem habitualmente lugar na cidade do Panamá e a sua V edição realizar-se-á em 1987 — de 11 a 16 de Março.

Beneficiando da excelente posição geográfica do Pana-

má, a Expo Comer constitui importante mostra do comércio internacional, com a participação de dezenas de países dos quatro continentes e um volume de transacções de muitas dezenas de milhões de dólares. Brevemente, a IBÉRIA difundirá um programa especial destinado aos comerciantes e industriais portugueses que desejem participar nesta Feira.

Derrocada dos (cinco) espanhóis nas três competições "uefeiras"

O jogo do dia da Taça dos Campeões Europeus o Real Madrid-Juventus, terminou com a escassa vitória dos espanhóis, por 1-0, o que augura a passagem dos italianos aos quartos-de-final da prova.

Enquanto o Real não conseguia desta vez em Madrid a sua habitual «Chapa 5», o FC do Porto perdia em Ostrava por 1-0 com o Vitkovice.

Mas algumas equipas conseguiram praticamente a tranquilidade entre elas o Anderlecht, da Bélgica, que venceu por 3-0 após um resultado em branco ao intervalo os actuais campeões europeus, os romenos do Steau de Bucareste.

O Estrela Vermelha de Belgrado também «está» nos quartos-de-final, ao vencer por 3-0 no campo do campeão norueguês, o Rosenborg.

O Bayern de Munique venceu por 2-0 o Áustria de Viena, num encontro em que a vedeta foi o guarda-redes austríaco e também não deverá

estar em risco a sua continuação em prova.

O Dínamo de Kiev, ao empatar 1-1 em Glasgow com o Celtic e o Dínamo de Berlim RDA, ao perder por 2-1 na Noruega com o Brondby, estão em condições de passar à terceira eliminatória.

Finalmente, houve o jogo que não se realizou. O sorteio fez explodir o longo conflito político entre turcos e cipriotas e o Apol, a primeira equipa cipriota a passar à segunda eliminatória de uma taça europeia, não foi a Istambul, onde o Besiktas o aguardava.

A UEFA vai decidir sobre o caso, mas o Apol corre o sério risco de ter ingloriamente concluído esta sua participação entre os campeões europeus.

«Taças»: Ajax categórico

O Ajax de Amsterdão goleou a quipa grega de Olympiakos por 4-0, na primeira

«mão» da segunda eliminatória da Taça das Taças» em futebol e tem praticamente garantida a passagem aos quartos-de-final da competição.

Também o Malmoe foi a Tirana vencer o Nentori por 3-0, contrariando assim o actual bom momento do futebol albanês com golos dos internacionais Mackeson, Larsson e Persson.

A equipa de Joahan Cruyff marcou dois golos em cada meio tempo e facilmente se deixará surpreender pela turma helénica na segunda «mão».

Tarefa difícil tem o Benfica em Bordéus em consequência do empate no Estádio da Luz, depois de ter estado a perder por 1-0. O empate apareceria ainda antes do intervalo, num lance de bola parada muito contestado pelos jogadores do Bordéus.

Os soviéticos do Torpedo e os bulgaros do Vitocha Sofia poderão encarar com alguma tranquilidade a segunda eliminatória, depois das vitórias de ontem ambas por 2-0. O Torpedo de Moscovo venceu no seu terreno o Estugarda e o Vitocha bateu também em

casas, o Velez, Mostar da Jugoslávia.

Tarefas difíceis para a segunda «mão» têm o Rapid de Viena, Saragoça e o Katowice, da Polónia, todos com empates em casa. O Rapid empatou a um golo com o Lookomotiv de Leipzig, depois de ter estado em desvantagem. O Saragoça consentiu um empate sem golos frente ao Wrexham, do País de Gales, que há dois anos eliminou o FC Porto, e o Katowice, permitiu a recuperação dos suíços do Sion, depois de ter estado a vencer por 2-0.

UEFA: Feyenoord goleado

O substancial triunfo do Borussia Monchengladbach (RFA), 5-1, frente ao Feyenoord de Roterdão (Holanda), uma equipa com tradições nas provas europeias de clubes, foi um dos aspectos mais salientes da jornada.

De assinalar também a vitória, a única conseguida «fora» dos belgas do Gent no recinto dos romenos do Sportul Studentesc, 0-3, o que praticamente lhes garante a passagem à eliminatória seguinte,



O juízo final será nas Antas no dia 5 de Novembro

bem assim como a derrota por 3-2 do Inter de Milão no estádio do Legia Warszawa, da Polónia, o que abre boas perspectivas aos italianos para a segunda «mão».

Bons resultados obtiveram também os suíços do Neuchatel, Xamax, que conseguiram um empate sem golos no campo dos holandeses do FC Groningen, os alemães federais do Bayer Uerdingen, e do Bayer Leverkusen, ambos a empatarem também sem golos nos estádios, respectivamente, do Widzew Lodz, da Polónia, e do Bukla de Praga (Checoslováquia).

Das equipas que jogaram fora da primeira «mão» desta segunda eliminatória da taça UEFA, também o Sporting de Portugal fez um resultado que pode considerar-se relativamente satisfatório — derrota por apenas 1-0 em Barcelona — o mesmo se aplicando ao Standard de Liège (Bélgica)

que perdeu por 2-1 na sua deslocação ao terreno dos austríacos do FC Swarovski Tirol.

Por banda dos visitados e além do já citado Borussia de Monchengladbach são também de referir o Dundee United, da Escócia 3-0 ao Universitatea Craiova (Roménia) — o Torino da Itália — 4-0 aos húngaros do Rabaeto Gyor — o Vitória de Guimarães — 2-0 ao Atlético de Madrid — e o IFK Goteborg da Suécia — também 2-0 aos alemães democráticos do Stahl Brandenburg — tudo equipas que, pelo menos na aparência, ficaram bem próximo da passagem à terceira eliminatória.

Também tranquilizantes, apesar do golo sofrido em casa, foram as vitórias, todas por 3-1, do Reveren (Bélgica) sobre o Atlético de Bilbao (Espanha), do Hajduk Split (Jugoslávia) sobre o Trakia Plovdiv (Bulgária) e do Toulouse (França) ao receber o Spartak de Moscovo.

Resultados

Taça dos campeões

Real Madrid, Espanha-Juventus, Itália	1-0
Vitkovice, Checoslováquia-FC PORTO, Portugal	1-0
Rosenborg, Noruega-Estrela Vermelha, Jugoslávia	0-3
Bayern Munique, RFA-Áustria Viena, Áustria	2-0
Anderlecht, Bélgica-Steaua Bucareste, Roménia	3-0
Celtic Glasgow, Escócia-Dínamo Kiev, URSS	1-1
Brondby If, Dinamarca-Dínamo Berlim, RDA	2-1
Besiktas, Turquia-Apol Chipre (não se realizou)	

Taça das Taças

Rapid Viena, Áustria-Lokomotiv Leipzig, RDA	1-1
Saragoça, Espanha-Wrexham, País de Gales	0-0
Vitocha Sofia, Bulgária-Velez, Jugoslávia	2-0
Torpedo Moscovo, URSS-Estugarda, RFA	2-0
Katowice, Polónia-Sion, Suíça	2-2
BENFICA, Portugal-Bordéus, França	1-1
Nentori Tirana, Albânia-Malmoe, Suécia	0-3
Ajax Amsterdão, Holanda-Olympiakos, Grécia	4-0

Taça UEFA

Groningen, Holanda-Neuchatel Xamax, Suíça	0-0
Beveren, Bélgica-Atlético Bilbao, Espanha	3-1
Glasgow Rangers, Escócia-BOAVISTA, Portugal	(*)
Widzew Lodz, Polónia-Bayer Uerdingen, (RFA)	0-0
Legia Varsóvia, Polónia-Inter, Itália	3-2
V. GUIMARAES, Portugal-Atlético Madrid, Espanha	2-0
Borussia Moenchengladbach, RFA-Feyenoord, Holanda	5-1
Sportul Studentesc, Roménia-Gante, Bélgica	0-3
Torino, Itália-Raba Eto Gyor, Hungria	4-0
Dukla Praga, Checoslováquia-Bayer Leverkusen, RFA	0-0
Barcelona, Espanha-SPORTING, Portugal	1-0
Hajduk Split, Jugoslávia-Trakia Plovdiv, Bulgária	3-1
Swarovski Tirol, Áustria-Standard Liege, Bélgica	2-1
IFK Goteburgo, Suécia-Stahl Brandenburg, RDA	2-0
Toulouse, França-Spartak Moscovo, URSS	3-1
Dundee United, Escócia-Universitatea Craiova, Roménia	3-0

a) realiza-se hoje

A segunda «mão» disputa-se em 5 de Novembro.

Vitkovice, 1-FC Porto, 0

Força venceu a técnica

Um golo de Sourek na transformação de uma grande penalidade aos 22 minutos de jogo ditou a derrota do FC Porto em Ostrava frente ao Vitkovice, da Checoslováquia, por 1-0. Apesar da derrota, o clube português tem hipóteses de resolver a eliminatória, dentro de 15 dias, quando receber os checoslovacos no Estádio das Antas.

O FC Porto começou bem: logo no primeiro minuto, o defesa lateral João Pinto teve um remate que embateu na barra da baliza de Prusa e no primeiro quarto de hora controlou os acontecimentos. Depois os checoslovacos imprimiram um ritmo muito forte, pressionaram bastante o adversário e nunca mais deixaram o FC Porto organizar o seu futebol.

O golo de Sourek de «penalty» aconteceu num período em que o Vitkovice tinha o «jogo na mão», mas a alegada falta cometida por Zé Beto sobre Kovacik foi muito contestada pelos jogadores nortenhos. Só que o árbitro (o escocês George Smith) entendeu que tinha havido falta do guarda-redes portista e assinalou o castigo máximo, que Sourek transformou, como aliás já tinha



Zé Beto: ele justificou o «dragão de ouro»

convertido frente ao Paris Saint-Germain, no mesmo estádio, na primeira eliminatória.

A partir do golo, o Vitkovice carregou e ainda na primeira parte teve o segundo golo à sua mercê. Kadlec, Vlk, Houska e Kovacik desperdiçaram, de facto, ocasiões soberanas de bater Zé Beto.

No recomeço, Sousa surgiu no lugar de Quim e na primeira vez que tocou na bola, o médio portista alvejou de longe a baliza de Prusa, mas o guarda-redes checoslovaco defendeu. O domínio dos checoslovacos acentuou-se enquanto os portugueses denunciavam muitas dificuldades em «entrar» no ritmo diabólico dos homens da casa.

O FC Porto não conseguia organizar-se a meio-campo e a defesa era submetida a constante

pressão e Zé Beto voltou a passar por momentos de apuro.

Sem organização de jogo, o FC Porto era dominado, mas o Vitkovice, à medida que o tempo passava e o golo não aparecia, começou a desacreditar. No entanto, esteve perto de marcar e no espaço de cinco minutos, por duas vezes, a barra substituiu Zé Beto e remates de Sourek, num livre e de Kladek, em golpe de cabeça.

A derrota por 1-0 acabou por ser um bom resultado para o FC Porto, que agora, tem oportunidade, nas Antas, de rectificar o desaire e a má impressão deixada na Checoslováquia.

João Pinto foi o melhor jogador português em campo, enquanto do lado do Vitkovice o «capitão» Sourek, autor do golo, confirmou ser um futebolista de grande classe.

Ao intervalo: 1-0.

Golo: Sourek, aos 22 minutos, de grande penalidade.

Árbitro: George Smith, da Escócia.

Vitkovice: Pruska; Karas, Kedelec, Grussman e Vlk; Beles (Sepak, 63), Keller, Bartl e Kovacik (Lorenc, 74); Sourek e Houska.

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Celso, Eduardo Luís e Inácio; Jaime Pacheco, Jaime Magalhães, Quim (Sousa, 45) e André; Gomes (Juary, 76) e Futre.

Cartão amarelo: Quim (aos 11 minutos), André (18), Keller (83) e Grussman (87).

Assistência: 7000 espectadores.



Álvaro tenta travar o jugoslavo Zlatko Vujovic com Tigana de atalaia

Benfica, 1 - Bordéus, 1

Melhor sorte para Bordéus

Alguns azar na primeira parte, a falta de pernas, de Manniche e de imaginação táctica no segundo período, aliadas à muita frieza, classe e segurança por parte da equipa de Bordéus (não se é líder por acaso do campeonato francês), explicam, a meu ver, o mau empate e a frustração dos noventa mil fiéis benfiquistas que, a noite passada, deixaram nos cofres da Luz cerca de 60 mil contos.

O onze «girondeiro» pareceu acusar a pressão da multidão que o recebeu com gigantesca vaia à subida para o relvado. A turma da casa, ao contrário, empolgada pela febre das arquibancadas, iniciou o jogo em fórmula Um, com o flanco direito operacional e um Diamantino eficaz a estabelecerem, nos primeiros quinze minutos, o pânico entre a defesa comandada por Battiston.

O livre apontado por Diamantino (10 m), o remate de Aguas (11 m), o incrível falhanço de Álvaro, isolado frente a Dropsy (13 m) e outro lance de perigo de Diamantino do lado direito (15 m), indicavam um bom resultado.

Todavia, nenhuma das oportunidades funcionou e, matreiros, bem organizados, com Tigana a comandar superiormente o «miolo», os visitantes começaram a sacudir a pressão benfiquista. Álvaro, desastrado, e Veloso, em noite cinzenta, facilitaram as incursões do jugoslavo Vujovic e do defesa-direito Thouvenet. E foi de um cruzamento fácil deste defesa, com Silvino parado entre os postes e Dito a cortar toscamente para o lado, que nasceu o golo fácil do extremo-esquerdo jugoslavo (18 m).

Veio depois, quase a finalizar a parte inicial do encontro, o lance que deixou Manniche estendido na relva, incapaz de voltar ao jogo. Mortimore optou por Chiquinho para o lugar do dinamarquês. Foi a decisão possível. Só que o brasileiro andou 20 minutos desatinado pelo meio-campo, deixando Rui Aguas desamparado na pequena área. Como se tal não bastasse, a equipa mostrou-se perdida, sem fôlego e esquecida de que lá na frente faltava o louro «viking». E sucederam-se, cegamente, os cruzamentos longos e altos para gáudio da bem escalonada e forte defensiva adversária.

Diamantino teve ainda, aos 12 minutos, um lance que



Dropsy anulou superiormente. O técnico inglês tentou, finalmente, com a entrada de Vando para o flanco esquerdo (saíu Oliveira), abrir mais a frente de ataque. O esquerdo brasileiro foi rápido, abriu espaços, mas acabava geralmente com o dito cruzamento para Battiston e seus pares.

Merecia melhor sorte o Benfica. Foi pena. Mas a esperança continua e em Bordéus haverá uns bons milhares de portugueses emigrantes a dar uma forcinha...

EA

Golos: 0-1, Zlatko Vujovic (17 minutos); 1-1, Rui Águas (31).

Benfica: Silvino; Veloso, Dito, Oliveira (Vando, 63) e Álvaro; Diamantino, Carlos Manuel, Shéu e Nunes; Manniche (Chiquinho, 46) e Rui Águas.

Bordéus: Dropsy; Thouvenet, Specht, Battiston e Zoran Vujovic; Girad, Roche, Tigana e Vercruysse; Ferri e Zlatko Vujovic.

Árbitro: Woehrer (Áustria).

Cartão amarelo: Carlos Manuel (aos 74 minutos).

Assistência: 100 000.

V. Guimarães, 2 - Atlético de Madrid, 0

Estofo de conquistadores

Um golo de ROLDÃO no último minuto deu ao Vitória de Guimarães um triunfo (2-0) em casa frente ao Atlético de Madrid, deixando os vimaranenses com boas perspectivas na segunda eliminatória da Taça UEFA de futebol.

A turma vimaranense, que chegou ao intervalo em branco, abriu o activo aos 47 minutos na sequência de uma grande penalidade apontada pelo brasileiro PAULINHO CASCAVEL e a castigar uma falta sobre ele próprio cometida pelo guarda-redes Elduayen.

O «penalty» surgiu numa jogada por alto dentro da área com o guarda-redes espanhol a sair dos postes e a derrubar Cascavel num lance que deixou certas dúvidas. Cascavel, que se mostrou um autêntico «veneno» no ataque do Guimarães, poderia ter inaugurado o marcador logo, aos três minutos, num disparo a rasar a barra da baliza espanhola.

Volvidos cinco minutos, Carvalho falhou outra ocasião soberana de marcar num remate a rasar o poste da baliza contrária e a causar calafrios à defesa do Atlético de Madrid. Roldão esteve também à beira de marcar, aos 22, quando isolado frente a Elduayen e a escassos metros da baliza atirou à figura do guarda-redes. Aos 28, Ademir fez um golo, mas o árbitro invalidou-o por alegado fora-de-jogo, causando vivos protestos do público e dos jogadores locais.

Laudaburu, aos 31, teve um remate perigoso a rasar o poste no seguimento de um dos rápidos contra-ataques dos espanhóis que actuaram com muitas cautelas defensivas.

No período complementar, o Guimarães reapareceu com maior agressividade e à procura do golo, tendo Cascavel com o 1-0 dado maior tranquilidade aos vimaranenses, que foram sempre superiores ao adversário.

Aos 50, Ruiz falhou o tento dos visitantes num remate em posição privilegiada, tendo o Atlético de Madrid voltado à carga, aos 64, com um canto perigoso apontado por Laudaburu. O guarda-redes Elduayen, que se mostrou muito seguro entre os postes, evitou com

um voo ao ângulo um novo tento de Cascavel em remate de habilidade.

Conformados com a desvantagem mínima e a pensarem na segunda «mão», os espanhóis «queimaram» tempo,



Roldão prepara-se para consolidar o triunfo



Cascavel: um espectáculo e mais um golo

Ao intervalo: 0-0.

Golos: 1-0, Paulinho Cascavel, aos 47 minutos, de grande penalidade. 2-0, Roldão (89).

Árbitro: Ronald Bridge, do País de Gales.

V. Guimarães: Jesus; Costeado, Miguel, Tozé e Carvalho; N'Kama (N'Dinga, 81), Nascimento, Ademir e Adão; Roldão e Paulinho Cascavel.

Atlético de Madrid: Elduayen; Tomas, Rudolfo, Ruiz e Clemente; Julio Prieto, Marina, Laudaburu e Quique; Julio Salinas e Da Silva.

Cartão amarelo: Costeado (aos 55 minutos) e Da Silva (62).

Assistência: cerca de 20 000 espectadores.

Hoje, às 18,30 no Ibrox Stadium

Glasgow Rangers - Boavista acertam calendário

Bem, depois do excelente triunfo do Vitória de Guimarães, que faz admitir grande possibilidade de passar aos quartos-de-final e do «zero-um» trazido pelo Sporting do Nou Camp que igualmente promete sérias esperanças dos «leões» vingarem a derrota sofrida na passada temporada pelo FC Porto perante este mesmo poderoso «Barça», resta conhecer-se que resultado irá conseguir, esta tarde, o Boavista frente ao Glasgow Rangers em jogo marcado

para as 18,30 horas no «Ibrox Stadium» de Glasgow. Tudo em aberto quanto às perspectivas de Portugal manter as três equipas na Taça UEFA sendo igualmente previsível que o FC Porto venha a «sacudir» os checos da Taça dos Campeões e não se poderá pensar que o Benfica não reúna a capacidade bastante para eliminar o Bordéus.

João Alves mostra-se esperançado num resultado positivo e garante que o Boavista

não irá actuar em toada defensiva. «Jogaremos de igual para igual como acontece com qualquer outro adversário, mas temos em conta as características do antagonista, sendo certo que vamos necessitar de certos cuidados para não ser surpreendidos».

Quanto à constituição inicial da equipa, João Alves, anuncia: Hubart; Queiró, Adão, Frederico e Caetano; Casaca, Tonanha, Walker e Agatão; Nélson e Coelho.

"Placard" (0-1) pode virar

Com dentes cerrados e fé no coração

Neves de Sousa

nosso enviado especial

Se dão licença, juro pela saúde de todos nós: o golo espanhol que definiu o «placard» do «Nou Camp» foi obra e produto do juiz germânico Adolf Prokop que, por livre arbítrio, inventou ontem à noite a 18.ª lei do futebol. Tínhamos 17: chegou mais esta. Que passa a conhecer-se assim: **mesmo quando ouvir o apito para travar o espectáculo, qualquer jogador deve continuar a chutar a bola, de preferência contra a baliza do adversário, porque o tento será válido.**

Foi exactamente isso que aconteceu no palco de Barcelona, quando corria o minuto 72. Virgílio (talvez escusadamente) fez falta sobre um parceiro e, na cobrança do «livre», apareceu Gerardo a tocar para o lado. Movimentou-se de imediato a cortina «verde», o bandeirinha Ziller ergueu o pequeno estandarte, escutou-se estridente apitadela do enviado da RDA, «backs» e Damas travaram impulsos, Júlio Roberto (por des- cargo de consciência e porque já

não podia evitar o pontapé) atirou para a rede, a bola tabelou em Negrete e, quando todo o anfiteatro (todo, amigos!) pensava que ia ser repetido o lance, eis que o cavalheiro de negro vira costas e começa a encaminhar-se para o centro do terreno, marcando golo: Ficou em polvorosa o «team» lisboeta, ficou Adolf Num círculo de fogo, ficou estupefacta a plateia, ficou exultante da vida «mister» Venables que, uns minutos antes, tinha escutado monumental vaia porque o «barça» não conseguia tocar nas malhas que Vítor Damas defendia primorosamente.

Claro que ninguém vai imaginar que os catalães abrem contas na Suíça a favor de passageiros amigos, que súbita ajuda arbitral (em qualquer lado do mundo) é generosamente retribuída em marcos ou dólares, que Prokop errou para cumprir plano previamente estabelecido: aconteceu, pronto, espero que não volte a repetir-se, a gente não falará mais disso porque (como espera quem viu o «show» no maior es-



tádio europeu) ficou a ideia clara de que os alunos de Manuel podem e devem daqui a duas semanas, dar o empurrãozinho que falta para o inglês que votou o fabuloso Schuster ao ostracismo acabar como carregador de pianos nas docas de Liverpool.

Bem: a festa começou com um «sufoco» aglutinante de todo o tamanho, cinco «cantos» em seis minutos, aí meu Deus que vai ser isto! Mas, para suspiro de alívio, logo se viu que Morato e Damas, Venâncio e Duílio, Gabriel e Fernando Mendes estavam em noite de primores. Muito bem ordenada taticamente, a formação de Alvalade era o espelho da velha máxima: uma equipa só joga se tiver a bola em seu poder, por isso (para contrariá-la) toca a escamotear-lhe a esferinha.

Daqui dou os parabéns à dupla Manuel José — Valdemar Custódio. Muito especialmente, a todo o bloco verde, onde Oceano despachava rapidamente a clientela que lhe aparecia pela frente, Manuel Fernandes dava o tom de serenidade ao exército, Negrete obrigava a vigília de olhos bem abertos, Mário prosseguia com o talento que tem rubricado e Meade es-farrapava a muralha contrária, reduzindo Miguel e Moratalla a papel de mortalha.

As 18 rotações do pontei-rinho, Roberto já assinando um autogolo: seria o quebrar de espinha de um «Barça» que, depois do fogacho de abertura, revelava palida sombra da fama antiga, especialmente porque Lineker e Hughes estavam nos bolsos dos brancos calções de Morato e Venâncio, Duílio e companhia. Impecável (também) a força e determinação colectiva de um Sporting que, em matéria de movimentação de cérebros, deve ter feito o melhor trabalho mental da temporada.

Isto, embora um pormenorzi-nho: é que Venâncio (sublime de abnegação e profissionalismo) foi para o rectângulo convalescente da 4.ª operação aos joelhos, deu tudo o que podia e o mais que conseguiu reunir em último apelo e, quando saiu a contorcer-se com dores e sem poder dar um passo, era a verdadeira imagem do sacrifício. Oxala este apressado regresso ao trabalho, já novamente interrompido, não signifique que estamos perante um caso de exploração até ao tu-tano da capacidade física de um cidadão...

Como fomos dizendo: aguentou-se brilhantemente no balanço um Sporting-surpresa para muito boa gente: As tantas, até Zubizarreta andava aos mal-mequeres: Negrete e Fernando Mendes por um triz que não o obrigavam a enfiar-se no buraco da agulha. Todavia, em dois momentos cruciais, quando a alegre e generosa rapaziada da «Juve Leo» e da «Mancha Verde» já exultava, a calibragem saiu errada. Barcelona respirou de alívio.

A rendição de Venâncio fez tremer um bocadito o «onze» português: porém, como as alterações de Venables também pouco adiantaram, houve tempo para Virgílio se recompor do choque inicial. Sucedeu então, o golo de Julio Alberto Prokop, incrível mas (que havemos de fazer?) a ficar para a história. E depois, aquele momentinho em que o balão quase ia escorregan-do lá para o viveiro: esbarrou na trave superior e, como um linco, aí voa Damas para a fabulosa defesa da noite. Era o corolário (natural e sólido) de uma espe-rança que é quase certeza íntima para daqui a duas semanas.

Sejamos (contudo) bem auto-losos, em Alvalade, pode não haver Venâncio, terá de não exis-tir (também) esquema tão defen-sivo que reduza o Sporting a mero circunstante do banquete. É forçoso que, na antecipada e gigantesca moldura humana que já se prevê, seja inoculado o ví-rus da total confiança. Depois, quando o 5 de Novembro començar a ficar em tempo passado, avance o champanhe: ontem, já foi preparada a mesa para um rei.



Júlio Alberto para os jornalistas: «mas o árbitro não podia beneficiar o infractor...»



Manuel Fernandes: a imagem de marca de um «capitão»



Manuel Negrete; desfile entre Pedraza (16) e Manolo (12)

Árbitro: Adolph Prokop (RDA)
Assistência: 50.000

Barcelona: Zubizarreta; Gerardo; Moratalla e Julio Alberto; Roberto, Victor, Calderín, Esteban (Manolo 61); Lineker e Hughes.

Sporting: Damas; Gabriel; Venâncio (Virgílio 49); Morato, Duílio e Fernando Mendes; Mário; Oceano; Negrete; Manuel Fernandes (Zinho 89); Ralph Meade.

Golo: Julio Alberto (72m)
Cartão amarelo: Meade

COM APOIO DE:



Soc. Comer. de Imp., Exp. & Representações, Lda
A casa das brilhantes ideias



Mário: toque de classe com chancela brasileira

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real
VIVEIROS PRÓPRIOS
MARISCOS SEMPRE FRESCOS

Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA
À MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA

R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 - TEL. 32 39 95

MARISQUEIRA DA BAIXA



Especialidade:

MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO
RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado

Especialidade:

ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO

RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem

Especialidade:

CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE

RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44

"Mundial" de tiro ao voo

Portugal acerta no título

A equipa de Portugal venceu o Campeonato do Mundo de Tiro ao Voo, que se disputou em Buenos Aires de 9 a 20 do mês em curso, anunciou a Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça.

Simultaneamente realizou-se também na capital argentina o Campeonato das Américas da mesma modalidade e o atirador português Paulo Miranda classificou-se em primeiro lugar, seguido do italiano Amilcare Rodini e do espanhol Jose Fuster.

A equipa de Portugal que se sagrou campeã do Mundo era constituída por José Batalha,

Paulo Miranda e Oliveira Claro e fez a pontuação de 56/60. Na segunda posição ficou a Espanha, na terceira a Argentina e na quarta a Itália.

Entretanto, no dia 9 de Outubro, realizou-se em Buenos Aires a assembleia geral da Federação Internacional de Tiro com Armas de Caça (Fitac) que, além de atribuir a Portugal a realização em 1987 do Campeonato da Europa de Tiro ao Voo e do Campeonato do Mundo de Percurso de Caça, elegeu para os diversos comités e comissões os seguintes portugueses:

Comité de direcção: Gerales de Oliveira (presidente da Federação Portuguesa) e João Maria Bravo; comissão internacional de tiro ao voo: Gerales de Oliveira (membro) e Augusto Leite de Faria (membro); comissão internacional de tiro aos pratos: Gerales de Oliveira (vice-presidente) e Mário Chaves (membro); sub-comissão técnica de tiro aos pratos: Mário Chaves (presidente), Carlos Calheiros Cruz (membro) e subcomissão de árbitros de tiro aos pratos: Filipe Gomes Pereira (presidente).

Acácio Rosa — aos 74 anos!

Ele é o «sr. Belenenses»! Assim mesmo. Acácio Rosa figura altamente prestigiosa do desporto português, antigo dirigente do clube, figura cimeira do andebol português, de cuja modalidade foi presidente, presidiu ainda os destinos do basquetebol, dirigen-

te principal dos árbitros de andebol e do futebol, durante vários anos, galardoado pelo Governo e pela Câmara Municipal de Lisboa. Um clube de que é sócio há 60 anos. Pois é, Acácio Rosa acaba de ser afastado da secção de andebol e considerado como «elemento que não serve os interesses do Belenenses» e dizem-nos que a razão determinada pela direcção liderada por Rosa Freire — se fica no facto daquele homem de estatura moral singular e de dirigente sempre suportado pela dignidade no comportamento e nas acções, haver denunciado, como preceito moral que o relatório fosse apresentado antes do acto eleitoral. Crê-se que tal «exigência» é circunstância ética de todos os actos de gestão, quer de colectividades desportivas quer de outras actividades. O inverso não colhe entendimento.



Só que — dizem certos dirigentes solidários com Acácio Rosa — «a direcção esperava os resultados do bingo para tapar a dívida de 120 mil contos». Acácio Rosa — que agora é (simplesmente) um «ex-seccionista do andebol» terá comunicado ao presidente da assembleia geral do seu clube «de que enquanto a actual direcção se mantiver em

funções o considerem como falecido».

Que dirão os dirigentes do clube que tanto deve ao seu sócio n.º 108?

Como entender que alguém afaste Acácio Rosa do Belenenses? E quanto a questões é tudo, pois estamos a referir-nos a um Homem que ostenta a «Cruz de Ouro» do Clube de Futebol «Os Belenenses».

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

e grupo apresentam

ÚLTIMOS DIAS SÓ ATÉ DOMINGO

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16

MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS

BERTOLT BRECHT

Encenação: João Lourenço
com (por ordem de entrada em cena): Carlos Daniel — Orlando Costa — Mário Pereira — Eunice Muñoz — Irene Cruz — Francisco Pestana — Jorge Gonçalves — Rui de Carvalho — Carlos Fonseca — Rogério Paulo — Rui de Matos — São José Lapa — Artur Mendonça — Carlos Costa — João de Carvalho — Igor Sampaio — Barroso Lopes — Carlos Duarte — Manuel Cavaco — António Barba — Madalena Braga — António Anjos — Catarina Avelar — Nuno Franco.

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA — TEL. 32 22 16

SALA EXPERIMENTAL
SÓ ATÉ DOMINGO
«O ASFALTO DOS INFERNOS»
de Ricardo Acosta

Encenação: Manuel Coelho

com: Lygia Telles

Cenários e Figurinos: Nuno Carinhas

Música: Fernando Guerra — Tradução: Orlando Neves

De 3.ª a Sábado às 21.45 — Domingo às 16.30 H



TOURO

Texto: ABEL NEVES
Encenação: JOÃO MOTA
TERÇA A SÁBADO
AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H

veja teatro a
preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00

PR ESPANHA (T 726 0818)
SUB SEC M 12A
APOIO DO BLENKIAN R COMERCIAL

AGARRE-SE À ESTRADA

Veja o estado
dos pneus

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

PROCURA-SE!

MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso

direcção

Helder Costa



De 3.ª a Sab., às 21.30 h
Sab. e Domingos,
também às 16 horas

AFALPACA

0000\$00

RESERVAS - TEL. 686 300

5.º Mês — últimas representações
só até dia 19 de Outubro

BARFEDADES

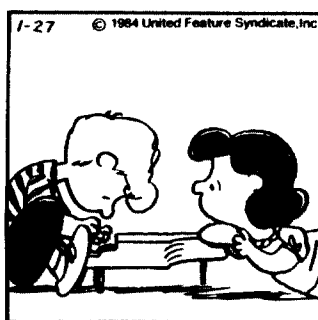
O SEU ESPAÇO POLIVALENTE

Reuniões, Cocktail's, Festas de Natal, Banquetes,
Passagens de Modelos, Espectáculos.

Apoio de Bar e Restaurante.

Informações pelo Telefone 32 51 63

O OUTRO
PARQUE MAYER



Os heróis vencidos de Charles M. Schultz

David Laurenzo

Exclusivo A.E.I./N.V. Press/DL

Com lápis e papel, mas muito mais com talento, Charles M. Schulz criou um mundo de fantasia, quicá o mais popular para os amantes da banda desenhada. Os célebres Peanuts — Charlie Brown, Snoopy, Woodstock e seus amigos — fizeram recentemente 35 anos. Cem milhões de leitores de todo o Mundo seguem com atenção as suas aventuras em mais de 2000 publicações diferentes, distribuídas por 26 idiomas.

Quando Charlie Brown e Snoopy saíam pela primeira vez do lápis de Schulz, o seu criador jamais imaginou que se transformassem num autêntico culto mundial. No começo, a história tinha só o Charlie Brown e o seu fiel cão mas, a pouco e pouco, foram surgindo outros personagens com uma personalidade bem definida e forte carácter. Em 1970, depois da realização do festival musical que consagrou o culto «hippie», nasceu Woodstock, o pássaro que ameaçava a popularidade de outros personagens.

Schulz considerou o seu trabalho como «o melhor trabalho do Mundo». Tudo começou com os seus desenhos infantis, inspirados nas histórias que o seu pai lhe contava quando era ainda uma criança. O velho senhor Schulz era um «amante» dos «comics» e, em conversa com o filho, ia desenhando o perfil e a personalidade dos desenhos que o seu filho fazia.

«Penso que nasci já a desenhar. Agora, depois de tanto tempo passado, sinto um grande prazer e orgulho em desenhar os 'Peanuts'», disse Schulz, um homem com ar divertido e perpelxo, bem ao jeito de um cientista americano algo «amalucado».

A sua carreira profissional começou no fim da II Guerra Mundial. Um jornal americano publicou a sua primeira história «Li'l Folks» mas, quando SCHULZ PEDIU AO EDITOR PARA TER UMA COLUNA DIÁRIA NO JORNAL, ESTE MANDOU-O EMBORA MAIS OS SEUS DESENHOS.

De seguida foi à «Features Syndicate», o império da indústria das histórias em quadrinhos e, imediatamente, assinou um contrato com a empresa. Desde esse momento, os seus ingénios personagens passaram a chamar-se «Peanuts».

Ao contrário da maior parte dos desenhadores que alcançaram a celebridade e, por consequência, a fortuna, Charles M. Schulz faz pelas suas próprias mãos as suas histórias. Desenhou mais de 13 mil tiras, colorindo-as e fazendo-lhes as letras a praticamente todas ao longo de mais de 35 anos de trabalho. Tem cerca de 10 semanas de avanço nas histórias que publica semanalmente e seis semanas nas suas colunas diárias. Trabalha também nos seus livros e faz os desenhos originais para os filmes de animação.

Além disso, Schulz tem algumas pessoas que o ajudam a aprovar todos os produtos que se vendem com a licença «Peanuts» — ou sob o nome de qualquer das suas personagens — para que a qualidade não seja alterada. Jogos, sabonetes, louças e roupas são alguns dos produtos que têm a figura do Charlie Brown, Snoopy ou Woodstock e que fazem parte de um autêntico império multimilionário que gira à volta de todo o Mundo.

Personagens

Snoopy é talvez mais popular que o próprio Charlie Brown. Nasceu simplesmente como a mascote do protagonista e carecia de personalidade própria. Ao longo da sua existência assumiu a personalidade de um piloto da I Guerra Mundial, um escritor, um líder «scout», Joe Cool e «Flash Beagle» entre tantas outras.

Charles M. Schulz usa tanto o humor como os assuntos sérios para manter sempre actuais as suas histórias. Não há temas vedados para os «Peanuts», nem os mais delicados como a religião ou a política. «Não posso dizer qual é a minha personagem favorita mas penso que o 'Snoopy' é a melhor personagem, talvez pela sua flexibilidade. Ela pode



fazer qualquer coisa. Fico maravilhado com ele cada vez que me sento no meu estirador, é um sujeito agradável, mas não se sujeita como os heróis de Disney. Em algumas ocasiões é também muito egoísta.

Schulz, um homem com olhar malicioso, alegre e de confiança, pestaneja de modo muito parecido com o Snoopy. Ao contrário da sua personagem, nunca se sente cansado nem derrotado, nem quando um gato invade os seus domínios privados.

Na personagem de Charlie Brown existe um pouco do «herói anónimo» norte-americano, do homem comum. Sem a angústia neurótica de Woody Allen, a Charlie Brown também as coisas não lhe correm nada bem. Nunca ganha, embora deixe sempre nos seus seguidores a es-

perança de que, algum dia, a fortuna o levará ao «céu». As histórias de Schulz são uma constante homenagem aos perdedores e às suas derrotas.

Os intelectuais acercam-se dos criadores de banda desenhada e tentam entrar, na maioria dos casos, no mundo psicológico das suas personagens. Nas reuniões sociais, sempre que alguém vem ter consigo para discutir a personalidade de uma das suas personagens, Schulz lança um «Sim, muito obrigado» formal, o que lhe permite «uma retirada estratégica». A sua atitude perante a psicologia é bastante «sui generis». Poderia reflectir-se nas palavras de uma das suas personagens, Lucy, depois de um rapaz lhe fazer uma longa confissão sobre a sua insegurança e temores: «O que se passa é que tu não

és diferente de ninguém. Este conselho custa-te cinco centavos».

Desportos

Schulz não é um conversador e detesta fazer análises demasiado profundas das suas criações.

«O que faço é arte para o homem corrente, arte da rua. Pessoas que nunca recitaram uma poesia ou passagens de uma obra de teatro, recordam as palavras de Charlie Brown. Por isso, nunca paro para pensar que tenho cem milhões de leitores em todo o Mundo porque isso aterroza-me». No fim de tudo é só uma história, que permanece, no máximo, 16 segundos à frente dos olhos de alguém durante o dia. É pouco para lhe darem tanta importância.

Estas palavras são quase uma

declaração de princípio para Charles M. Schulz. Nunca fala mais que isto dos seus «Peanuts».

Schulz vive numa magnífica casa na Califórnia onde passa todos os tempos livres de que dispõe. Gosta de «misturar» o seu trabalho com o prazer. Adora fazer desporto — desde a patinagem sobre o gelo até ao ténis e ao «basebal» — e os seus desportos têm também influência nos gostos das suas personagens.

«Os desportos têm influência nas minhas histórias porque representam a minha própria vida. Nem toda a gente pode ser ganhadora, não é? Ganhar não é divertido. Pode ser agradável mas em nenhum caso divertido. Se Charlie Brown ganhar um jogo, conseguir um golo ou der um pontapé na bola antes que Lucy lhe tire, todo o sentido da história ficaria alterado.

Identidade

Toda a glória das suas produções se baseia na derrota. Schulz conta que recentemente o filho da sua secretária chegou a casa vindo do colégio, atirou com a mala ao chão e disse: «Mãe, sinto-me como Charlie Brown». «Isso fez-me ver que Charlie Brown cumpre o seu objectivo. Os perdedores costumam ser pessoas maravilhosas, mais que os vencedores.»

Schulz não é um perdedor. Ganha mais de 500 mil dólares por ano com os seus desenhos, mais uma soma indeterminada pelos filmes e produtos vendidos com o «copyright» «Peanuts». No entanto, no mundo dos negócios, sim, é um verdadeiro perdedor já que não tem nenhum talento para negociar entregando os seus interesses a outros para que zelem pelo seu dinheiro.

«Não faria um trabalho comercial nem para salvar a minha vida. Há gente para isso, eu não.»

Schulz leva uma vida simples, ao lado da sua segunda esposa, Jennie, e dos seus filhos, já adultos. Não fuma e a sua linguagem é limpa, preferindo escutar e observar antes de entrar a fundo numa conversa.

«Quem ler com cuidado os meus 'Peanuts' verá o que penso e o que sinto. Qualquer personagem que fale seja ele Charlie Brown, Snoopy, Linus ou Woodstock, esse sou eu...»

A águia e o grilo

Soliloquio

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quarta-feira, 3 de Setembro de 1986. Touros de Sommer de Andrade e da Sociedade Agrícola de Santo Estêvão para João Moura, Joaquim Bastinhas, João Salgueiro e forçados amadores de Vila Franca e Lusitanos.

No intervalo, encontro o José Nuncio Fragoso, veterinário-mor do reino da cavalaria, cavalo que em suas mãos se não cura, bem pode encomendar a alma a Nosso Senhor. E logo nossas palavras se cruzaram rápidas, como se um desabafo necessário, simultâneo:

— Lembrou-se? —
— Lembrou-se eu.

— Se calhar vai achar uma ofensa aquilo que vou dizer — atirou-me ele.

Não era preciso o doutor dizer. Falávamos, perguntávamos, sentíamos a mesma coisa. A lembrança era do senhor João Nuncio, seu tio. A ofensa que não era tal, bem sabia eu que não, era dizer que o João Moura tinha toureado o primeiro da noite, manso perdido, como o teria feito o Califa de Alcácer.

Tínhamos visto os dois a mesma coisa, sentida da mesma maneira: com os olhos de nuncistas postos num cavaleiro que não repete o irrepitível, mas que é uma grande figura do toureiro a cavalo, tão jovem ainda e já ninguém é capaz de lhe riscar o nome do mapa.

O que fez João Moura na lide desse touro primeiro? Um manso de Somme de Andrade, que não se queria deixar tourear, que logo de saída se meteu em tábuas, quando um não quer, dois não brigam. Enganam-se. Por aquele terreno onde se abrigara, por ali mesmo entrava o cavaleiro de Monforte, a sesgo, sem trapas nem alívios, logo desde o primeiro comprido o castigando, na

brega o obrigando a sair o bastante para novo castigo tomar. E o manso às tábuas voltando, e no seu refúgio outra vez encontrando o cavaleiro. E não eram farpas isoladas, mas sim um conjunto ligado, uma lide que prendia o público, não o deixava desviar os olhos daquilo que na arena estava acontecendo. Tal e qual como acontecia com o senhor João Nuncio.

Eu diria, com o meu nuncismo irremediável, que a única diferença esteve naquelas três vezes em que Moura agarrou e levou o touro, e o touro das três vezes lhe fugiu no mesmo terreno; com o Califa, o manso teria fugido duas vezes, à terceira já o Califa lhe havia de trocar as voltas, já por outro lado teria de fugir. Mas isso talvez seja efeito dos anos passados, saudosismo do cronista. O certo é que Moura toureou aquele manso, que não o deixava rematar por dentro os sesgos (também o não fazia, o senhor Nuncio), com a teimosa sabedoria de um maestro. Sem nunca lhe perder a cara, crescendo à medida que o touro ganhava sentido, desenganando-o por fim com aquela farpa derradeira, citando um curto, consentindo uma barbaridade, fazendo descer o ferro lá de cima, das alturas onde voava uma águia do toureiro a cavalo.

Ao lado de João Moura, águia do toureiro a cavalo, andou pela

arena do Campo Pequeno, apeado como é sua condição, um Grilo. Um Grilo com letra grande, porque é nome próprio de gente, e porque além de próprio é nome de toureiro grande, de um peão de brega de todo o tamanho. Ainda não chegou aos quarenta, Amâncio Grilo, e já seguro e sábio como poucos; com uma classe que nesta noite se fez exuberante, saltava aos olhos até daqueles para quem todos os bandarilheiros são iguais, verbos de encher, assobiavam-nos mal saltam à arena. Razão tinha Pedro Loureiro, que foi quem nos princípios o lançou: «É preferível dar um bom bandarilheiro do que, mau matador». Custou-lhe, mas foi pelo que lhe diziam. E bom bandarilheiro se fez. E por aí não se ficou, excepcional é hoje, dez anos ao lado do Moura, um Grilo junto a uma águia, e nem por isso se lhe apaga o canto, impossível não reparar nele. Foi um regalo vê-lo esta noite no Campo Pequeno, na oportuna suavidade de seu capote, nesse alarde de técnica, de eficácia, de temple e de beleza.

Resta dizer, desta corrida à portuguesa, que ela foi a mais interessante de quantas, no género, vi nos últimos tempos no Campo Pequeno. Houve uma emoção pouco comum; e até ritmo, apesar do prólogo das cortesias ter sido acrescentado, logo a seguir às ditas, com a insólita vinda do tractor, para alisar a arena muito bem alisadinha, ideia peregrina que só se explica no caso de haver algum contrato para mostrar ao pagode a marca

do engenho. Mas depois desses minutos de perplexidade, e salvo ainda o inefável intervalo, o festejo decorreu animado. Cumpriram bem os de Santo Estêvão. Houve a vibração do Bastinhas, rematou o farpear do quinto com um par a duas mãos, de frente, no meio da arena e do delírio com que a gente se entrega aos toureiros que têm o dom de se fazerem populares, e não pela via do engano. E assistimos ao crescer de João Salgueiro, que é uma pena já ter aprendido a tourear sem o triócio. Para o final nem precisou da brega excelente com que o auxiliou Joaquim Prazedes, fechou a noite com um curto magnífico, aguentando a recuar quando o touro saiu, e logo a seguir outro de cinco estrelas, partindo recto ao touro, que fechado em tábuas esperava, valor é preciso para avançar por ali, por onde já no terceiro em duas farpas se metera, de acaso não se pode falar.

Também nas pegs houve luzimentos vários. Começou no primeiro, com Jorge Faria a meter-se de forma primorosa no ziguezague caprichoso do touro. No quinto da ordem aconteceu, também pelos de Vila Franca, a pega serena e rija do Rogério Antunes. E no touro que fechou praça foi o Armando Vidigueira quem pelos Lusitanos saiu, foi brindar à ministra da Saúde, Leonor Beleza, que ocupava uma barreira do sector 2. Um brinde com duas alternativas: ou o touro lhe tratava da saúde, ou o moço acabava em beleza. E ali, fechado nos cornos do touro, em beleza acabou.



Uma das 70 fotografias de Luís Pavão sobre o tradicional jogo da laranjinha, em exposição no Grémio de Instrução Liberal em Campo de Ourique

Exposições

Até 26 de Outubro na sede do Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique — R. da Arrábida, 106, uma exposição de fotografia de Luís Pavão sobre o Jogo da Laranjinha. São cerca de 70 trabalhos a preto e branco, fruto de uma recolha feita durante este ano nos seis locais de Lisboa onde ainda se pratica este jogo: Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, União Musical do Beato, Centro Escolar Republicano Almirante Reis, Grupo Excursionista 31 de Santo Amaro, Pátio Alfacinha e Águas da Fonte Santa Futebol Clube. A mostra pode ser vista todos os dias úteis das 20 às 24 e aos sábados e domingos desde as 16 horas.

● Até 30 de Outubro, na Codilviro — Rua Prof. Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2 — a exposição denominada «31 Artistas Amigos da Codilviro», com trabalhos de: Albano, Álvaro Gonzaga, Ana Palacin, António Sem, Augusto Grácio, Carlos Canhão, Carlos Teixeira, Cabral Duarte, Costa Martins, Cruz Oliveira, Daniel Nave, Daniel Vidas, Fernando Curado Matos, Francisco Geraldo, Francisco Ferro, Guy Ferreira, Helena Matta, Humberto de Castro, J. Duarte Saraiva, J. Leitão Baptista, Joaquim Lourenço, José Bello, José Costa, José Mourão, José Narciso, Luís Fernandes, Marina, Mário Martins, Miguel Barbosa, Raul Taveira e Sacramento.

● Na Galeria de Arte do Casino Estoril, inauguração, na sexta-feira dia 24, do VII Salão de Outono. Esta colectiva de Pintura, subordinada ao tema «Terras e Regiões de Turismo» e que se insere no programa do Jubileu do Turismo, estará patente, até 9 de Novembro, todos os dias das 15 às 24.

● Na Galeria das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (Piso 01), está exposta a Coleção Frederic R. Weisman.

● Na Galeria Almada Negreiros — Av. da República, 16, a exposição «Índia Latina nos Desenhos de Mário Miranda». Até 2 de Novembro, das 10 às 20, todos os dias excepto às segundas.

● Na Galeria do Castelo da Pousada de Palmela, uma exposição de Eduardo Nery, intitulada «Espaço/Luz», até 11 de Novembro. Pinturas executadas entre 1979 e 1986.

● Na Galeria Quadrum — R. Alberto Oliveira, 52 (Coruchéus) uma exposição de escultura de Maria Falizol. Até 31 de Outubro de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19 horas.

● O artista moçambicano Luca Zaqueu expõe na SNBA — R. Barata Salgueiro, trabalhos de pintura. Até 27 de Outubro, todos os dias excepto feriados, das 14 às 20.

● Na IAM Galeria — R. da Misericórdia, 92-1.º — uma exposição de Augusto de Barros com o título «Têmperas» até 24 de Outubro. De 2.ª a sábado das 15 às 20.

● Na Galeria Paulino Ferreira — Rua Nova da Trindade, 18-B — uma exposição de Pintura de Evelina Coelho, até 27 do corrente de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,40 às 19, aos sábados das 9 às 13 horas.

● Na Galeria Cómicos — Rua Tenente Raul Garcia (a S. Mamede) 1-B, Pedro Proença expõe «Ginásio» — pinturas recentes. Excepto domingos e feriados, todos os dias das 15 às 20 horas.

Música

● Integrado na actual temporada musical da Fundação Gulbenkian, o grande organista Jean Guillon realiza no próximo dia 26, às 16 e 30, na Sé Patriarcal, um concerto de órgão, em que interpretará obras de Liszt (Fantasia e Fuga sobre um tema de «Le Prophète», de Meyerbeer) e de Liszt/Guillon («Orpheus», poema sinfónico «Prometheus», poema sinfónico e «Improvisação sobre um ou mais temas dados»).

Acordo ortográfico: debate em Leiria

Por iniciativa do Partido Renovador Democrático (PRD) vai realizar-se amanhã, em Leiria, pelas 21.30, na Escola Secundária Domingos Sequeira, um

colóquio-debate com a participação de Maria da Glória Padrão, Carmo Vaz e Luís Moita, que versarão o tema «O Acordo Ortográfico e a Linguística Apli-

cada Portuguesa». Sublinha-se a excelente formação científica dos intervenientes, todos eles com grandes responsabilidades na Educação e na Cultura.

Espera-se o melhor acolhimento a esta iniciativa, em particular por parte dos professores, cuja competência e participação se torna indispensável.

Ciclo de Teatro começa sexta-feira na Covilhã

Quinze companhias de teatro profissional e amador participam no Sétimo Ciclo de Teatro de Outono, disse à ANOP um porta-voz do Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã.

O ciclo será inaugurado da noite do dia 24 com a representa-

ção da peça «O Farol: Tantos Relatos Tantas Perguntas», de Fernando Paulouro Neves, chete de redacção do «Jornal do Fundão».

O texto de Paulouro Neves inspira-se na concessão do primeiro toral à Covilhã, cujo oita-

vo centenário se comemora este mês.

A peça tem dramaturgia de Rui Sena, cenários e figurinos de Mário Alberto, Música de José Reis Fontão, encenação de José Martins e interpretação de Elizabeth Fernandes, Etelvina Ferreira, Fernando Sena, João Carlos

Viedira, João Miguel Viana, Paulo Roque, Teresa Gigante e Zulmira Lopes.

Os espectáculos do ciclo, que termina no dia 8 de Novembro, realizam-se na sala estúdio do Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã.

Escritores soviéticos em Lisboa a convite de colegas portugueses

O romancista Mikhail Alekseev e o poeta Vladimir Cíbin, respectivamente secretário da direcção e director do departamento de Poesia da União de Escritores da União Soviética, encontram-se em Lisboa até ao próximo dia 27, no âm-

bito de um programa de colaboração entre aquela União da URSS e as instituições Sociedade Portuguesa de Autores e Associação Portuguesa de Escritores.

Durante a sua permanência

entre nós, estão previstos encontros com escritores portugueses e com os meios de Comunicação Social, diversas reuniões de trabalho e a celebração de um protocolo de acordo cultural com a União de Escritores da URSS.

A apresentação dos dois escritores e a comunicação dos termos do protocolo, terão lugar num encontro que se realizará na Sociedade Portuguesa de Autores, na próxima 2.ª feira, pelas 19 horas.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)

13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

REVOLUÇÃO

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O NO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A VERDADE DOS FACTOS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

SEXUALMENTE TUA

(int. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

SEXO NOSSO CADA DIA

(int. a m. 18 anos)

15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

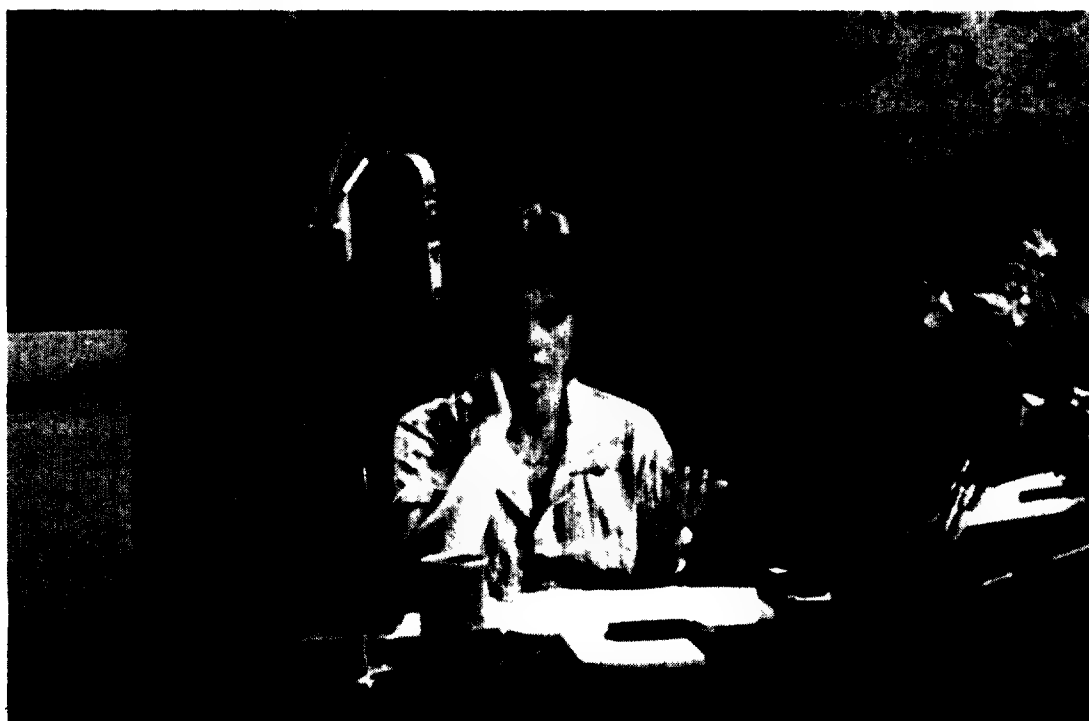
Castil

T. 530194

O BRAÇO FORTE DA LEI — COBRA

(maiores 16 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, em exibição no cinema QUARTETO. Filme de qualidade.

Cinebloco

— T. 556824

ENCONTRO COM O AMOR

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00, e 21.30 h

O TRITURADOR

(int. men. 18 anos)

(24 h)

Cinebolso

ESCOLA-TÉCNICA-SEXUAL

(Int. a m. 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

A 36.ª CÂMARA DE SHAOLIN

(não acons. m. 18 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES

(n/acons. a men. 18 anos)

14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

DESAPARECIDO EM COMBATE (PARTE II)

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

LOUCA POR SI, PROFESSOR

(maiores 12 anos)

15.00, 17.15 21.30 h

City Cine

— T. 549999

REGRESSO AO FUTURO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O VERÃO ASSASSINO

(m. 12 anos)

23.45 h

Cinemateca

BRANDOS COSTUMES/1975

18.30 h

O SENHOR, A SENHORA E O ESCRAVO

21.00 h

Condes

FIX — EFEITOS T. 322523

MORTAIS

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ROCKY IV

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A EDUCAÇÃO DE RITA

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA

(N/acons. a m. 13 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

VIVER E MORRER EM LOS ANGELES

(m. 16 anos)

14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

HERANÇA DA SOGRA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

DESEJO DE MORTE

(maiores 18 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)

14, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas

— T. 574362

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

SAIAS P'RA CIMA... A TROPA ESTÁ LÁ EM BAIXO!

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxxy

T. 548560

NINJA — O VINGADOR

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)

14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Star

— T. 804210

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)

15.00 e 18.15 h

Antestreia e por convite do filme PAPLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE

21.15 h

Terminal

— T. 371573

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)

13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

MAQUADE — O LOBO SOLITÁRIO

(m. 18 anos)

15, 17.30 e 21.45 h

MAQUADE — O LOBO SOLITÁRIO

(m. 18 anos)

15, 17.30 e 21.45 h

Voxmanlia

— T. 880808

GRANDE HONRA

(maiores 12 anos)

15.30, 18.45 e 21.00 h

Nenon

— T. 368480

ACADEMIA DE DOUTORES

(m. 12 anos)

14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES

(índianos)

15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «A Garota do Vestido Cor-de-Rosa», às 15.30 e 21.15 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «O Terror no Hospital», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 14, 16.30, 19 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Terror na Auto-Estrada», às 15 e 21.30 h (m. 18 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Descanso»

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Ases Indomáveis», às 21.30 h (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «007 Vive deixa morrer», às 17.00 e 21.15 h (m. 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Revolução», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Academia de Polícia III», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

Sala 2 — «Acto de Vingança», às 15.30 e 21.45 (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Romance de Monphy», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Cor Púrpura», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Ana e as suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «As Forças do Universo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «A Dama de Ferro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «A Cor Púrpura», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «As Forças do Universo», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «O Sol da Meia-Noite», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Caso de Berlim», às 15 e 21.15 (m. 18 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical — «Caçadores no Espaço», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Seis Mulheres para um Detective», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA-SÃO TOMÉ: Ziller, R. de São Tomé, 5-56 (T. 862835); AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benf. Luz, E. de Benf. 444-A (T. 714206); CAIS DO SODRÉ: Central, R. de São Paulo, 108 (T. 320389); CALVÁRIO: Monge, R. dos Lusadas, 30-32 (T. 636704); ESTRELA: Marques Freire, R. de Santo António à Estrela, 96 (T. 665196); JARDIM CONSTANTINO: Portugal, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); JARDIM DOS ANJOS: Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); LU-MIAR: Nicolau, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); OLIVAS SUL: Lemos, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); PRAÇA DE LONDRES: Algarve, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); CARNAXIDE: H. Amaral, Pt. António Boto, 1-A (T. 4104556); ODIVELAS: Joleni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALTO DE SÃO JOÃO:** Zional, R. Morais Soares, 56-C; BAIXA: Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 878415); **CAMPO GRANDE - AVE-NIDA DO BRASIL:** Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPO-LIDE - ÁGUAS LIVRES:** Ruato, Ld.ª, R. Alto do Carvalhão, 5 (T. 651271); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39:** Celta, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS:** Romana, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PICHELEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO:** Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **REGO:** Prates & Mota, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA:** Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÔNIO:** Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRAN-DOA - AMADORA:** Vidal Reis, Urbanização Alfomelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — AL-MADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 24010670). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SIMBIRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Higienista, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA:** Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado,

16-C (T. 2243729). Até às 22 horas; **ARRENTELA:** Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 210007). Até às 22 horas; **MONTUJO:** Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Rosado Pinto, P. do Bocado, 98 (T. 22484). Permanente; **NOVA:** R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **ALICE:** P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHÊ:** Carvalho, P. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS:** Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEL-RAS:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **NOVA OELRAS:** Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **CARCVELO:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE:** Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL:** São João, R. 9 de Abril (T. 2683042); **SÃO JOÃO DO ESTORIL:** São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **MURTAL:** Primavera, R. das Palmeiras, 2 (T. 2472278); **SAS-SOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMA-DORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboreira (T. 4938424). Permanente; **Con-fiança,** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Vasconce-las, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Nova da Char-neca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM:** Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Per-manente; **MEM MARTINS:** Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Per-manente; **MERCÊS:** Claro Ruano, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SIN-TRA:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Perma-nente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVÉM:** Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas;

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54

De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h
"LISBOA, TEJO E TUDO", de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinheiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00 h

"A BELA PORTUGUESA", de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00

De 3.ª a sáb., às 21.30; sáb.ºs, e dom.ºs, às 16 h
"CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ALAMAS", dramaturgia e encenação de Helder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.ºs e dom.ºs, às 16 h
"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sáb., às 21.30 h, dom.ºs às 16.00 h

"MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS", de Bertolt. Enc.: de João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Intérp.: António Anjos, António Banha, Barroso Lopes, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Irene Cruz, Mário Pereira, Rogério Paulo, Rui Carvalho, entre outros.

D. Maria II

Sala Experimental. Rossio — Tel. 32 22 10

De 3.ª a sáb., às 21.45, dom.ºs às 16.30 h

"O ASFALTO DOS INFERNOS", de Ricardo

Costa. Enc. de Manuel Coelho. Cen. e fig.: de Nuno Carinhas. Tradução: de Orlando Neves. Música: de Fernando Guerra. Interp.: de Ligya Teles.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h
 domingo, às 16.00 h

"ISTO É MARIA VITÓRIA", de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Setúbal — Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paulo Borja — Tel. 29 11 30

De 5.ª a domingo às 21.30 h

"ALVES E COMPANHIA", de Eça de Queiroz. Encenação: de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel e Carlos Rodrigues, entre outros.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados e domingos, às 16.00 h

"NO REINO DA FANTASIA". Pelo TIL.

Porto — Cooperativa do Povo Português

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta **"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA"**, de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Cascais — FEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33

Dias de semana, às 21.30, excepto 4.ª-feira; domingos, às 16.00 h

"FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL", de Marcus Rey. Estreia a 25.

"B... EM CADEIRAS DE RODAS", de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço, sob direcção de Águeda Sena.

Teatro Maizum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

"RUA DOS FANTASMAS", de Xavier Villapaña

Porto — Sa da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30 h

"UM CORONEL EM DOIS ACTOS", inter.: por Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio, Dulce Guimarães, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb., às 21.30, domingos às 17.00 h

"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Realejo

R. dos Mercadores, 132, à (Ribeira) Tel. 38 36 42

De quarta a domingo, às 21.30.

"DRÁCULA JÚNIOR", de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira, Pedro Advirta e Sílvia Sequeira.

Porto — Arvore — Cooperativa de Actividades Artísticas

R. Azevedo de Albuquerque, 1 — Tel. 31 72 35 / 38 38 67

De 2.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

"MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS", de Maria Morais. Intérprete: Maria Morais (Oficina do Grotesco). Até 18 de Outubro.

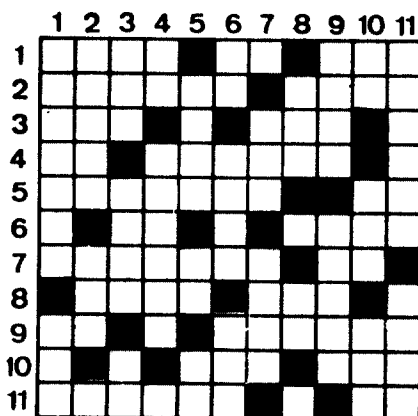


PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 866

HORIZONTAIS:

- Em mais alto grau. Pronome reflexo. Ente.
- Exclusivas. Fita.
- Nome de homem. Planta cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos mandingas.
- Basta: Pegais.
- Untaras com óleo. Aqui.
- Caminhar. Paixão.
- Desviam de um lugar. Amónio (s.q).
- Nome místico de Baco. Acrescente.
- Césio (s.q). No tempo em que.
- Eia: Deusa da Aurora, esposa de Titono.
- Professor. Batráquio.



VERTICAIS:

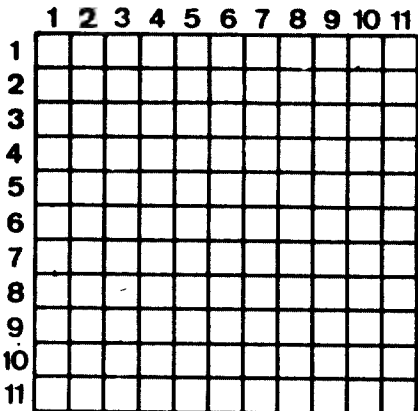
- Vila e concelho do distrito de Aveiro. Preposição.
- Que dura um ano. Zombas.
- Terceiro. Espécie de gato-bravo. Ósmio (s.q).
- Sentidas condolências. Calvo.
- Paixão. Contração da preposição de com artigo. Senhor.
- Abreviatura de Santíssimo. Lodo. Pronome relativo.
- Cabelos brancos. Ruins.
- Cidade de Espanha. Concede.
- Fechas as asas para descer mais depressa. Um dos Estados da América do Norte.
- Érbio (s.q). Preposição. Mágica.
- Tornar rançoso. Nome de mulher.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 695

HORIZONTAIS:

- Espertalhão. Recusa.
- Um dos 12 apóstolos de Jesus Cristo. Sagrado.
- Nosso Senhor. Desperta.
- Apelido. Exocérveis.
- Filho de Zeus, rei de Egina.
- Despida. Basta: Césio (s.q).
- Ordem inglesa de cavalaria, instituída em 1348 pelo rei Eduardo III.
- Lugares onde se constroem e reparam navios.
- Cidade de Portugal.
- Possuir. Enigma.
- Leva à sirga. Jarro (planta).



VERTICAIS:

- Abreviatura de milisteno. Repudia.
- Membros de uma confraria muçulmana da África do Norte.
- Centímetro. Acarretara.
- Artilharia antiaérea. Batráquio.
- Fruto do coqueiro. Qualquer coisa muito doce.
- Composição poética. Mania (pop).
- 1.º dos dois nomes da ilha ao S. da Índia, de que é separada pelo estreito de Palk. Obstinação.
- Nascido. Encolerizara.
- Sorte. Girar.
- Língua vernácula indiana. Consorciada.
- Restos mortais. Preposição e artigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 865

HORIZONTAIS:

- PELO. CÃO. SE.
- Avistariam.
- Namoro. Ra.
- Caros.
- Trocaras.
- Au. Orem. Apó.
- Márcia. Sam.
- Tia. Resta.
- Ne. Aa. Ari.
- Mar. Alda. As.
- Ermos. Armo.

VERTICAIS:

- Paneta. TEME.
- Eva. Ruminar.
- Limão. Aa. Rm.
- Oso. Cor.
- Triarca. As.
- Cão. Rei. Al.
- Ar. Camarada.
- Oiras. Ar.
- Am. Assa.
- SM. O. PATRÃO.
- Assomais.

PROVERBIO: Pelo cão, se teme o patrão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 694

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 Ladrão. De. | 1 Luca. Tostão. |
| 2 Urta. Clário. | 2 Arrumariam. |
| 3 Cravo. Eis. | 3 Dra. Ameia. |
| 4 Au. Içada. | 4 Ravina. Alma. |
| 5 Mineiros. | 5 Ocelo. At. |
| 6 Ta. Al. As. Mi | 6 Oc. Ai. Voara. |
| 7 Orea. Ovo. Cia | 7 Ladrão. De. |
| 8 Sima. Bali. | 8 Ca. Aos. Basa. |
| 9 Tael. Ada. Há. | 9 Re. Cá. |
| 10 Amimares. As. | 10 Dais. Milhão. |
| 11 Aatã. Ato. | 11 Bos. Traias. |

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 18.45: Noite desportiva especial; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Notícias de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Árias de óperas menos divulgadas; 17.00: Integrais; 18.00: Música de tecla francesa; 18.40: Bailado, «Petrusca», de Stravinsky; 19.15: Música vocal; 20.15: Improvisos, n.ºs 1 e 2, op. 90, de Schubert; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música portuguesa; 21.30: A ópera, «O Cavaleiro da Rosa», de Karajan; 23.45: Solos instrumentais; 00.15: Música sinfónica; 00.40: Variações, sobre um tema de Corelli, de Tartinì; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

14.00: Meia-tarde; 15.00: A rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As boas-tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Alentejo em notícia; 19.30: Diversos; 20.00: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Notícias a todas as horas.



- 18.02 — Sumário
- 18.07 — Brinca Brincando
Prof. Baltazar e Feira de Bonecos
- 18.55 — Par ou Ímpar
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Boletim Meteorológico
- 20.10 — Corpo a Corpo

Episódio 163: — Raul diz a Teresa que mate Alfredo com uma injeção na veia. Teresa, atordoada, foge.

Bia insiste com Rafael para que ele estude música. Teresa recebe o telefonema de Osmar e recusa-se a atendê-lo, ficando todo o dia fechada no quarto, sentindo-se Vania e Heloisa muito preocupadas. Teresa vai a casa de Alfredo e prepara a injeção que o matará. Contudo, à última hora ela não tem coragem para aplicá-la e sai correndo e chorando. Alfredo fica preocupado. Heloisa também fica preocupada, por ver que a mãe não dormiu em casa e liga para Osmar.

- 21.00 — Telemundo
- 21.30 — Uns e os Outros

2.º episódio: — Enquanto em França se sentem os efeitos da guerra e das deportações, em Nova Iorque a vida continua igual para Jack Gleen.

Em Estalinegrado, Tania dança para os soldados e recebe a notícia da morte de Boris.

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, Jack Gleen e os gémeos Tracy são alistados e partem para Inglaterra, deixando mulheres, filhos e pais à espera das suas cartas. No campo de concentração, Anne, integrada na orquestra, não saberá nunca que Simon fora levado para a câmara de gás ao som do seu violão.

Na Normandia, os gémeos Tracy, pára-quedistas, vão morrer antes mesmo de chegarem ao chão.

Em Paris festeja-se a libertação. Jack Gleen conduz a sua orquestra e faz dançar a multidão. O filho de Simon e de Anne e o padre que o criara dançam também. Numa estação de caminho-de-ferro, pessoas voltam aos campos, outras regressam às suas casas.

Anne esta sózinha, perdida, destruída. Kremer, humilhado e vencido, parte para Berlim onde encontra a mulher e sabe da morte do filho.

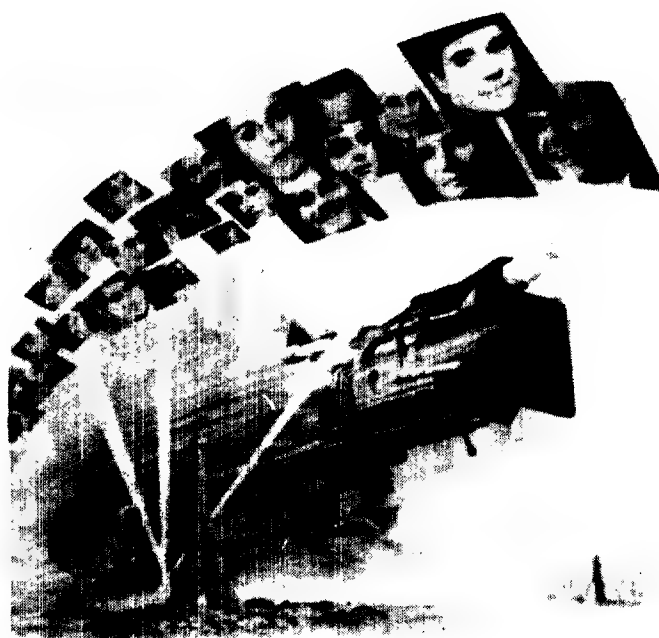
Jack Gleen regressa a Nova Iorque onde é recebido como um herói e os pais de Tracy recebem a notícia da morte dos gémeos.

Anne parte à procura do filho.

Evelyn, depois de ter sido alvo da fúria dos seus compatriotas, regressa a Dijon com a filha, Edith. Ao ver-se novamente atacada pelo ódio dos seus pais, não aguenta mais e mata-se. É de Dijon que, vinte anos mais tarde, Edith parte à conquista de Paris e de um homem que a espera. A guerra da Argélia terminara e Edith tem de suportar, durante toda a viagem, as brincadeiras de cinco rapazolas, um dos quais extremamente parecido com Silmon Meyer.

Realização: Claude Lelouch
Intérpretes: Robert Hossein, Nicole Garcia, James Caan, Geraldine Chaplin, Daniel Olbrychski, Jean Pierre Kalfon, Evelyn Bouix, Paul Preboist, Martine Villalonga.

- 22.35 — 24 Horas
- 23.05 — Remate



LES UNS
LES AUTRES

Às 22 horas, a RTP-1
apresenta o 2.º episódio da
série «Uns e os Outros»



- 14.47 — Agora, Escolha!
- 16.15 — Notícias
- 16.25 — Europa TV:
O Tempo

Tempo dos mais Pequenos

«Ploom», «Plastinots», «Bumme», «Balthazar», «Bojan», «Chapi, Chapo».

Connexions

Almanaque: — Este espaço da programação da Europa TV é inteiramente consagrado a figuras e acontecimentos históricos de grande relevo.

Em foco na emissão desta tarde a vida de uma mulher que desempenhou um papel de extraordinária importância na sociedade do seu tempo!

Trata-se de Catarina de Medicis (1519-1589). Filha de Lourenço II de Medicis, duque de Urbino, Catarina de Medicis viria a casar em 1533 com Henrique II.

Dotada de grande inteligência, vivacidade e argúcia, Catarina de Medicis viria, após a morte do marido, a destacar-se na cena política de então.

O Tempo
O Mundo Amanhã

Eurodesportos
Notícias e Actualidades

- 20.00 — Notícias
- 20.05 — 5.ª Dimensão
- 20.30 — Doce e Amargo
- 21.00 — Jornal das 9
- 21.30 — Quinta do Dois
- 22.25 — É de Ler



- 18.02 — Sumário
- 18.07 — Brinca Brincando
- 18.50 — Par ou Ímpar
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Boletim Meteorológico
- 20.10 — Corpo a Corpo

- 21.00 — Este é o Meu País
- 21.30 — Gala da Unicef
- 23.00 — Hitchcock

- 23.30 — 24 Horas
- 00.00 — Remate



- 14.47 — Agora, Escolha!
- 16.30 — Informação
- 16.35 — Europa TV
- 20.00 — Informação
- 20.05 — 5.ª Dimensão
- 20.30 — Doce e Amargo
- 21.00 — Jornal das 9
- 21.30 — Contra-Ponto
- 22.30 — O Incrível Mr. Pye
- 23.30 — Uma Boa Ideia
- 23.40 — É de Ler

ENSINE
O SEU FILHO

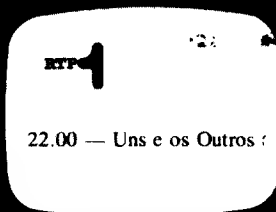
Ensine o seu
Filho a olhar
para o lado
esquerdo e para
o lado direito
antes de
atravessar a rua



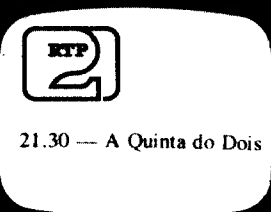
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



GRUNDIG seleccionou para si...



22.00 — Uns e os Outros



21.30 — A Quinta do Dois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Benito Jesus, 117
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telex: 4197570



Corpo
a Corpo



MARÉS DE HOJE

PRELA-MAR	BAIXA-MAR
05.51 3,50 m	11.31 1,60 m
18.17 3,30 m	23.41 1,80 m
Dia 24	
06.32 3,40 m	
19.10 3,10 m	12.19 1,80 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	12°
VIANA DO CASTELO	15°
VILA REAL	14°
PORTO	14°
COIMBRA	16°
CABO CARVOEIRO	17°
CASTELO BRANCO	17°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	18°
ÉVORA	15°
BEJA	15°
FARO	13°
SAGRES	18°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	20°

Fernando Duarte nega participação nas negociações com FP-25

O Director Geral dos Serviços Prisionais, Fernando Duarte, disse à ANOP que nunca participou em «quaisquer negociações» no âmbito do Caso das Forças Populares 25 de Abril (FP-25).

«Nunca estive em quaisquer negociações, nunca soube de nada e desconheço» disse Fernando Duarte comentando informações divulgadas ontem pelo «DL» sobre a realização de negociações para «uma solução política e social» do caso.

Recorde-se que o «DL» noticiou que as negociações entre «o poder político» e as FP-25, desencadeadas em Fevereiro ou Março deste ano, após a tomada de posse de Fernando Duarte, provocaram uma cisão na organização.

As negociações teriam sido interrompidas em meados de Julho, depois de publicitada uma cisão nas FP-25 que teria dado origem à Organização Revolucionária Armada (ORA).

«Acho tudo muito estranho» disse Fernando Duarte que acrescentou desconhecer «se há algum contacto» e sublinhando: «Não é a minha função».

«Se as negociações foram desencadeadas, não sei. Nunca as senti», disse ainda o Director Geral dos Serviços Prisionais.

Parlamento estuda pedido de Otelio

A Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias pronunciou-se ontem favoravelmente ao encontro de Almeida Santos com Otelio Saraiva de Carvalho, disse fonte parlamentar.

Almeida Santos informou terça-feira a comissão de resultados do encontro que manteve com Otelio Saraiva de Carvalho, em que este solicitou à comissão que estude a possibilidade de serem aplicados ao seu caso e aos de outros réus do julgamento «FUP/FP-25» artigos do Código Penal que prevêem atenuação de penas.

«A comissão parlamentar vai servir de emissário junto do Ministério da Justiça e da Procuradoria Geral da República para que o assunto seja estudado», disse a mesma fonte, acrescentando que Almeida Santos «pediu sigilo sobre o conteúdo do encontro» com Otelio Saraiva de Carvalho.

Otelio pediu ao presidente da comissão parlamentar que seja averiguada a possibilidade de lhe serem aplicados os artigos 287 e 288 do Código Penal.

Estes artigos prevêem atenuações de penas - que podem ir até à absolvição - no caso de arrependimento, confissão ou renúncia à prática dos crimes.

Proseguem os julgamentos

O Tribunal deslocou-se, na tarde de ontem, a Alenquer e a Palmela para examinar duas propriedades suspeitas de utilização pelas FP-25. As propriedades visitadas são duas quintas alugadas por arguidos do «Caso FUP/FP-25», onde estariam em construção cubículos subterrâneos que a acusação alega serem cárceres privados. Segundo o despacho de pronúncia, tais celas destinam-se a «engarrafamentos», presumível termo da gíria da organização para sequestros de individualidades.

O tribunal não se pronunciou ainda, como estava previsto, sobre o requerimento de Otelio Saraiva de Carvalho para se deslocar a Moçambique, a fim de assistir aos funerais de Samora Machel. A audiência prossegue esta tarde.

Entretanto, decorreu em Monsanto a primeira sessão efectiva de trabalho do segundo processo do «Caso FUP/FP-25» com a leitura dos despachos de pronúncia.

Respondendo 29 arguidos, 8 dos quais reveis desde o início da instrução e outros tantos também ausentes desde que, em Setembro de 1985 se evadiram do estabelecimento prisional de Lisboa.

A primeira parte da audiência destinou-se à apreciação dos atestados médicos apresentados por dois dos jurados efectivos, alegando incapacidade psíquica para o cumprimento da função. O colectivo aceitou as justificações médicas.

D/E/C/A/R/A/S



GRABRIELA SCHAAF acaba de editar em Portugal um maxi-single com «Only a Fool» no lado A e «Some Mistake» no lado B. No disco participam músicos conhecidos como Manny Elias, baterista dos «Tears For Fears», Simon Clark, teclista que colaborou no álbum «So» de Peter Gabriel, e Pete Burns, vocalista dos «Naked Eyes». A produção é de Manny Elias e de Simon Clark.

CARLOS ZINGARO, violinista português, parte segunda-feira para França e Suíça, onde participará numa série de concertos de música improvisada. Os concertos terão lugar durante as próximas três semanas em Estrasburgo, Vesoul e Paris (França) e em Saignelegier (Suíça). Zingaro participou recentemente no Círculo da Nova Música Improvisada, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian. O violinista tem discos gravados, em conjunto com outros músicos, em Itália, Alemanha e França.

FERNANDA DE CASTRO, entrevistada por António de Sousa, relacionou o sucesso da sua obra literária - poesia, romance, teatro - com a qualidade do ensino que lhe foi ministrado pelos seus professores Joaquim Manso e Fidelino Figueiredo. Disse Fernanda de Castro: «Comecei a escrever na escola. A minha literatura começou com as redacções de Português». E recordou: «Eu colaborei no primeiro número do Diário de Lisboa. Foi o Joaquim Manso que me convidou, porque se lembrou das minhas redacções».

VICTOR SA MACHA DO, administrador da Fundação Gulbenkian para o Pelouro do Serviço dos Novos Países Africanos de Expressão Portuguesa, e Eduardo Marçal Grilo, assessor, deslocaram-se a Angola, a convite do governo daquela República Popular. A delegação estabeleceu contactos com as autoridades oficiais e serviços dos sectores da Saúde, Educação, Ciência e Cultura daquele país, e no final das conversações foi de-

cido que a Fundação Gulbenkian participará em várias áreas de cooperação.

RUTH ESCOBAR, depois de actriz, produtora teatral, líder feminista e deputada no Brasil, resolveu tornar-se também escritora. O livro, intitulado «Eu Sou Uma Mulher», foi escrito como «um acto de legítima defesa. É que dizem e escrevem tantas coisas a meu respeito, muitas delas absurdas, que resolvi repor as coisas nos seus devidos lugares», esclareceu Ruth.

JOSE SARAGAMO verá o seu novo romance, «A Jangada de Pedra», apresentado pelo ensaísta Luís de Sousa Rebelo em sessão pública que terá lugar no dia 12 do próximo mês. A sessão decorrerá no Forum Picoas, onde paralelamente estarão em exposição edições nacionais e estrangeiras dos livros do escritor. A mostra inclui ainda recortes de críticas e artigos de análise da obra de Saramago publicados na imprensa.

Congresso preocupa-se com população idosa

«O grupo das pessoas de idade avançada está a aumentar em maior grau e põe problemas que a comunidade terá de resolver» - esta é a preocupação de mais de seis centenas de médicos reunidos no VII Congresso Português de Geriatria e nas IV Jornadas Luso-Espanholas de Geriatria a decorrerem até ao dia 24, em Lisboa.

De acordo com estudos prospectivos, nos próximos 25 anos a população dos países desenvolvidos com idade entre 65 e 74 anos poderá aumentar em 15%, crescimento mais acentuado na população entre os 75 e 84 e com mais de 85 anos, com taxas de 60% e 100%, respectivamente.

Esta situação criará problemas, alertam os médicos reunidos, devido quer à diminuição das possibilidades físicas no campo da actividade quotidiana, quer a outros problemas que obrigam a um aumento de cuidados médicos e consumo de medicamentos, sobretudo em doentes tratados no domicílio sob vigilância desadequada ou mesmo inexistente. A evolução desta população crescente e envelhecida, segundo os médicos em Congresso, deverá ser preocupação também dos políticos responsáveis pela saúde pública.

O Congresso abordará igualmente as doenças que incidem sobre a população idosa, sobre as quais serão feitas intervenções de especialistas de hipertensão, doenças vasculares, cerebrais e periféricas, doenças neurológicas e psiquiátricas, infecciosas, do sangue, bronquite e depressão na idade avançada.

Atribuídos prémios a médicos escritores

A Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos atribuiu a Teixeira de Sousa e Armando Moreno os prémios «Fialho de Almeida» (ficção) e «Abel Salazar» (ensaio), pelas obras «Capitão de Mar e Terra» e «Biologia do Conto» - anunciou a Sociedade.

Cada prémio tem o valor de 50 contos e os galardões serão distribuídos aos contemplados durante a primeira quinzena de Novembro, num jantar-convívio em Lisboa, juntamente com as menções honrosas e prémios revelação.

Variações sádicas

Romance, crueldade, infância... Michel Tournier interroga-se sobre as suas relações subteis, a propósito de «O rapaz esfolado», de Robert Quatrepoint, recentemente saído em França

LE tinha essa velha nostalgia de um tempo — não tão longínquo — onde as nossas cidades eram alegradas por esses monumentos vivos — se se o pode dizer — que levantavam nas esquinas das ruas e sobre as praças cadafalsos, pelourinhos, rodas de suplício, piras e outras estacas. Em 3 de Janeiro de 1889, Nietzsche nada mais encontrou na praça Carlos-Alberto de Turim, que um avalo de fiacre chicoteado até à morte pelo cocheiro, caindo de cabeça a seus pés, depois na valeta, aniquilado por Dionisos. Depois, nada mais. Os cavalos desapareceram todos, com a sua capacidade ilimitada para sofrer. Restaram, portanto, no nosso mundo imaginário, a pose preciosa e enfática do «Esfolado de Houdon», algumas páginas do seu contemporâneo Sade, um testemunho magnífico mas lacónico de Baudelaire («Eu sou a ferida e o cutelo»), depois nada de novo, até ao flamejante aparecimento em 1968 da

História d'O.

Espanta-nos sinceramente que a crueldade não constitua uma fonte de inspiração mais fecunda, tanto mais que se casa com prazer a outros temas que com ela fazem ostentação, a infância por exemplo. Desde os meus primeiros passos que percebi a afinidade que aproxima o jardim da infância do jardim dos suplícios, e compreendi que um joelho ferido, «coroadado», se transforma pela magia das palavras num joelho real. A carne viva é outra coisa que a pele nua, e o arrancamento de um penso que descobre a abertura rosada de uma cicatriz fresca vai mais longe que um banal «strip-tease». Que se espera para explorar os recursos eróticos da cirurgia? Porque nenhum fotógrafo até hoje celebrou a inquietante beleza das feridas e o fantástico cerimonial de uma sala de operações? Como é que nenhum autor de romance negro ainda não explorou essa descoberta admirável da nossa so-

cidade de consumo: a utilização de bebés mortos fornecidos pelas abortadoras para fabricar produtos de beleza?

Num romance da revitalização desta temática, vem a propósito responder a algumas destas questões. «O Rapaz Esfolado» de Robert Quatrepoint pode parecer numa primeira abordagem o sacrificar de uma tradição um tudo-nada usada. Tudo se passa na solidão de uma sombria residência inglesa (ou escocesa?). Os familiares partiram, deixando o jovem Nat nas mãos da sua perceptora, a senhora Fischer. Esta vai responder à sua função educadora até aos limites mais rudes do prazer-dor. Não se lhe censurará de ter faltado à consciência profissional.

Sangue, muito sangue

Em semelhante relato, são os detalhes que contam. Eles, abundam aqui, e são de uma rara qualidade. Por exem-

plo, a senhora Fischer sonha com o fato de marinheiro do irmão mais velho do jovem, já morto. História de baralhar a entrada em jogo da fronteira dos sexos e da vida e da morte. Há também uma viagem imaginária a Veneza e o uso maléfico de uma góndola. Há igualmente uma flagelação com urtigas e um banho de Imão. E sangue, muito sangue.

Mas há sobretudo palavras. Pela primeira vez o arsenal do calão anatómico é posto no saco por um romancista. Eis-nos pois confiados à gula, o acrómio e o ângulo escapulário, a forquilha do externo e o oco poplíteo, o rebordo condro-costal e a aresta iliaca, a cinta abdominal e muitos outros encantos estranhos e humorísticos. Não é até ao rafe, crista camuda e ambarada disposta sobre a mitene do perineu, que se encontra aqui a celebração do corpo? «Rapaz, radioso mapa-mundi! escreve a senhora Fischer. Eu apertarei as vossas doçuras,

atacarei as vossas durezas. Levarei as vossas linhas ao auge, ao extremo fim que autoriza a sua própria lei. Empeñar-me-ei em ver onde cada órgão palpável pode alcançar o seu papel, e culminar. Extorquerei ao vosso corpo os seus recursos vivos. Obrigá-lo-ei a cantar o seu canto.»

Relembra-se Valéry: «A verdade é nua, mas, sob o nu, há o esqueleto.» Mas ainda se lembra Vésale, esse arquiatro de Filipe II de Espanha, condenado pela Inquisição. Não contente por ter inventado a anatomia moderna dissecando os cadáveres, ele pretende criar a fisiologia graças à vivisecação que praticava nos prisioneiros entontecidos com álcool.

Michel Tournier

«O Rapaz Esfolado», de Robert Quatrepoint.



SARA

de Olga Gonçalves:
o «Mandei-lhe uma boca»
oito anos depois

Sara cresceu e acaba uma licenciatura em Filosofia. Ela e outros personagens de «Mandei-lhe uma boca» envelheceram oito anos e regressam aos seus leitores pela mão de Olga Gonçalves. O lançamento do livro está por dias. O Ler e Escrever antecipa a divulgação de um dos seus capítulos.

pág. 3

«O Rio Triste» Fernando Namora Bertrand (reedição 86)

A apresenta-se como aquela espécie de escrita conquistadora de posteridade. Aquela onde o ser humano se vê, magistralmente, retratado à luz de um emocionante realismo.

Mais do que um romance é «O Rio Triste», digo ao encontrar nele uma infinidade de considerações acerca do acto de escrever. As quais são postas na boca do narrador, o escritor André Bernardes. Um homem inquieto e inquietante que nos conta os seus medos e sonhos com o desdém próprio do buscador da verdade no existir.

Fiel aos livros que escreve, André Bernardes procura nos outros a ficção que corporalizará. E, por isso, até os seus companheiros das tertúlias literárias são aproveitados. Disso é exemplo o Faria Gomes, escritor anticonvenção que viveu pauperrimamente e que teve uma morte trágica. Romântica, também. A adequada ao seu temperamento. Passo a citar: «A porta do quarto de Faria Gomes meio aberta, avivado e cheirete sentido desde a pátama inferior. O cheirete a fezes, descrito pelo Neves. Este, num gesto vagaroso, um tanto cénico, abriu a porta de par em par. A cama alta, dois corpos nela, lado a lado. Pela primeira vez, lado a lado. O de Faria Gomes e o de Bia. Rostos serenos como num dormir sem remorsos. E sangue. «Morte que feriu André Bernardes, embora se lhe apresentasse como apropriada ao personagem romanesco que era Faria Gomes.

Sempre dividido está André Bernardes entre a duplicidade do seu agir e, por isso, o escutam: «Uma coisa é



Um relançamento oportuno

este convívio efêmero, ou antes, artificial, do café, onde se projecta ou onde se encena uma actividade suspeita, e outra os amigos com quem, sem prevenções, nos misturamos; uma coisa é a nossa personalidade (fictícia) de literatos e outra a que corresponde às tarefas legítimas, ser amanuense ou advogado, por exemplo, iguais às do comum das pessoas».

Impressionante este André Bernardes, o angustiado captador da Lisboa dos anos sessenta e daquilo que a ela está ligado — a emigração, a guerra colonial. Mas, mais o é a forma como este romance/ensaio se desenvolve. Digo: a apresentação de Rodrigo, um burguês casado que tem uma filha, a

tomar o pequeno-almoço no dia «14 de Novembro de 1965».

Vemos Rodrigo a sair de casa, a lamentar o autocarro perdido, a acenar um cumprimento à esposa de quem não se despedira e a conjecturar na reapreenção que receberá do director se o próximo autocarro se atrasar. E, depois, perdemos-lhe o rasto. O homem desapareceu misteriosamente. Fenómeno que dele fez o herói dos jornais. O centro das atenções de André Bernardes.

Rodrigo apresentar-se-lhe-á como o ousado procurador da LIBERDADE. A escondida faceta contestatária de André Bernardes que o tenta compreender como se fosse ele mesmo. Que com ele se confunde. Passo a citar:

«Era assim: os dedos das mãos pediam exercício, pediam uso, até pediam violência. E punha-se a esticá-los e a flecti-los, (...). Corria à mesa de trabalho, afastava os papéis intrusos — perante si apenas a tal dúzia de folhas impecáveis que queriam ser violadas. Vamos a isto, André. Insisto, André. Chora de raiva, se for preciso. Escreve uma vez, outra, mais outra, emenda, rasga, destrói, recomeça — não te deixes vencer. (...) Aguenta os murros que te cegam os olhos, aguenta os urros da multidão, bebe o sangue que te espirra do rosto, mas não desistas. Estás vivo, Rodrigo, e não morto. (Rodrigo? Mas era de mim, André, de quem falava (...)).»

Tendo como fio condutor o desaparecimento de Rodrigo, «O Rio Triste» é uma pintura da vida portuguesa nos anos sessenta. E, por isso, entre a história de Rodrigo outras se nos contam. A de Marta, emigrante em França que a André Bernardes dá a ler as cartas do namorado da irmã, um «maçarico» a cumprir o serviço militar em Angola. Portanto, a história absurda da manutenção do colonialismo português...

Um exército traumatizado, o nosso, e constituído por jovens arrasados pelo medo, pela não compreensão da situação mortífera para a qual os lançam. Uma emigração sofrida (ler as fabulosas cartas das páginas 347 e 349), a nossa em França. E uma insuportável rotina a quotidianidade na «metrópole», sempre controlada pela PIDE. Passo a citar: «(...) Quem projectou o aeroporto nunca previu o assédio da cidade que foge do rio como se o temesse. Uma cidade com a tentação das colinas, das vertentes, dos planaltos, e, todavia, o rio, sua estrada, sua viagem, seu remorso, nasceu também para miradouro insatável e fascinante, a cidade despreza o rio, foge-lhe, tal os homens que partem

do País se voltaram para a Europa depois de terem descoberto o mundo, mas voltaram-se para ela como servos, são os tais emigrantes do «scotch» com sabor a lágrimas, suor, exílios, não há dia em que os jornais, com maior ou menor tempero anedótico, não falem deles, mais uma odisséia que não estava prevista — que é isso de ser português?, eis a resposta que subitamente me ocorre: uma imensa capacidade de ilusão, uma imensa capacidade de perdão.»

Rodrigo assumirá o papel do português de então. E, por isso, não nos surpreende que uma das justificações do seu desaparecimento fosse procurada no policiamento político. A qual aparece fabulosamente no genial final deste romance e num tempo posterior ao 25 de Abril. Portanto, distante de Rodrigo... Passo a citar: «Para quê — recuso-me uma vez mais. Tudo aquilo me dá náusea e horror. Até a nossa presença ali. Vou-me deixando ficar para trás, volto à lista dos que a PIDE deveria prevenir, espanto-me de novo de ali ver certas pessoas, sobretudo aquela, André, quantas vezes lhe apertaste a mão, num regime de desconfiança teremos que suspeitar de todos?, e numa inflexão repentina, digo ao fuzileiro:

— Desculpe, afinal estou interessado num certo «dossier». Se ele existir, claro.

— O nome, eu procuro.
— Rodrigo dos Santos Abrantes.
«O Rio Triste» é um daqueles romances que confere veracidade às palavras que nele se dizem e que ora transcrevo: «Quando qualquer imbecil ajuíza com malvada ou inocente levandade do que sai das mãos de um escritor, não sabe em que carne viva está sacrilegamente a mexer. Uma obra é, por definição, sagrada.»

Ana Paula Portugal

«O Poeta de Pondichéry», Adília Lopes Ed. Frenesi

UM conjunto de doze poemas que têm por tema o livro «Tiago, o Fatalista», de Diderot.

Os poemas constroem-se doridamente e relatam-nos a obsessão de um poeta a quem Diderot aconselhou nunca publicar os seus versos e ir fazer fortuna para Pondichéry. Assim, leia-se: «Parti para fazer fortuna / e para escrever poemas / de que eu (e Diderot) pudéssemos gostar mais / reli os poemas que escrevi em Pondichéry / não gosto deles / (...) / evito escrever / e vivo como escrevo».

O poeta escreve maus versos. Porém, não consegue deixar de os escrever. De os enviar a Diderot que não os aprecia. E que o ignora. É vítima o poeta de duas paixões frustrantes — paixão por Diderot, a paixão pela criação poética. E tem consciência de se mover num autismo irremediável. Mas, impossível lhe é desistir. Passo a citar: «Deixe crescer muito a unha do indicador / direito / para poder escrever os meus poemas nas paredes / da cela / porque no asilo onde me fecharam / não me dão tinta nem papel para escrever / escrevo durante a noite / (...) / tenho saudades do meu quarto / no alto da torre de marfim / que mandei construir em Pondichéry / (...) / pensava que se Diderot fosse a Pondichéry / não podia deixar de me visitar / mas Diderot foi a Pondichéry / e não me visitou / agora quando batem à porta da cela / penso primeiro que é Diderot / que me vem visitar / mas lembro-me que Diderot morreu / e fico com medo de que seja alguém / para me cortar as unhas».

Que dizer destes poemas? Em primeiro lugar, que se me apresentam



como uma mediana improvisação palavrosa em torno de um mesmo tema.

Assim, uma espécie de jazz tocado por um jovem promissor, mas ainda incapaz de grandes malabarismos estéticos. Não digo que sou insensível à mensagem destes poemas. Não: E até acho louvável o facto de se edificarem em torno de um tema. Exercício poético que me faz lembrar «Esquiza Frenia» de Isabel de Sá e a dificuldade inerente a um projecto deste tipo. Só que... aos poemas de «O Poeta de Pondichéry» falta musicalidade. Uma cuidada execução da pala-

vra. Mais: de poemas apenas têm a forma: Mas parecem-me, pequenos e prosaicos relatos. Relatos alheios a qualquer espécie de pontuação.

Esta absoluta ausência de vírgulas, pontos finais, etc., faz-me pensar que a autora deve pretender que o imaginário do leitor recrie o que está a ler. Resultando, então, que cada poema seja obra do autor e do leitor. Intenção, em meu entender, malograda porque o encadeamento dos versos só pode ser linear.

De uma linearidade nada espiciadora dos nossos intelectos. Pelo menos, eu sinto deste modo o aspecto desagradável desta «poética» que vos estou a referir.

Mas, o meu descontentamento não me impede de evocar «O Rio Triste» de Fernando Namora, pois que nele se diz:

«Só há uma coisa, nisto de escrever, que me faz pensar: a escrita é uma irreliabilidade, só artifícios. Na nossa mioleira não há pontos, parágrafos, vírgulas, e eu não tenho feito outra coisa que pontuar, virgular, paragrafar, isto é, estou a atingir a culminância dos irrealismos.» Ou seja: de considerar que a autora obedece a conceitos estéticos de sua preferência quando despreza a pontuação.

Feito este apontamento acerca de «O Poeta de Pondichéry» (Ed. Frenesi), só me falta elogiar a capa (uma linda vinheta de Luís Manuel Gaspar) e sublinhar que Adília Lopes é a autora do livro de poemas «Um Jogo Bastante Perigoso» e tem incluído um excelente poema no «Anuário de Poesia» (Ed. Assírio e Alvim) de 1986.

Uma autora que deve ser lida, e isto apesar dos defeitos apontados ao «O Poeta de Pondichéry», é Adília Lopes — pseudónimo de... Só desvendo os dois primeiros nomes: Maria José.

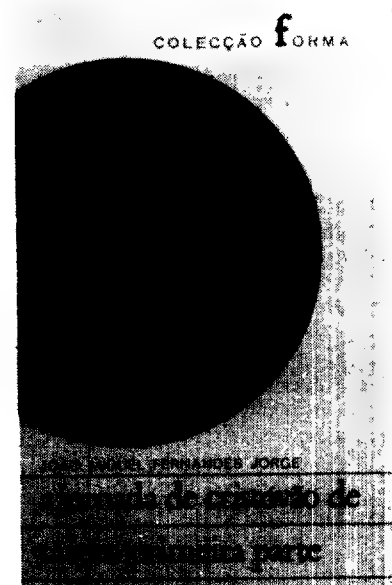
APP

«A Jornada de Cristóvão de Távora», João Miguel Fernandes Jorge, Editorial Presença

QUEM não sabe que o preto é a ausência de todas as cores...? Mas o poeta sabe transformar essa ausência de cor num contraponto a cores existentes. Mais ainda: o poeta é induzido a arranjar um sinónimo (aparentemente um sinónimo) para o vocábulo preto. Que vocábulo...? Negro. Contraposto também a cores existentes...? Sim. Abramos o último livro de João Miguel Fernandes Jorge, «A Jornada de Cristóvão de Távora», e atentemos no poema intitulado «Semper dolens». Atenção — e leiamos o poema:

«Azul e negro, preto e amarelo / se eu tivesse um país / queria-o destas cores. E / por ouvir o barco, na cadência / dos remos na água, ao / entrar da barra. // Azul e negro, preto e amarelo / se eu tivesse um país / queria-o, cedido, no espelho dos / teus olhos / sob a ondulação dos trigos ao pôr / da tarde.»

Uma vez amadurecido dentro de nós, eis que a nossa sensibilidade detecta como pano de fundo da confissão do poeta duas cores essenciais que, em síntese, nos dão o país que somos: azul e amarelo. Audacioso este nosso juízo...? Talvez. Mas a verdade é que, embora as margens de uma afirmação sejam sempre flexíveis, toda a poesia tem um lugar, um canto que se canta, uma pátria. Por muitas cores que, eventualmente, se sobreponham à realidade de um rosto, devido às mais diversas circunstâncias, há cores que são, por assim dizer, ontológicas. Ora aqui entre nós, neste lugar em que somos, neste pé em que nos erguemos, é com toda a



singeleza que encontramos o azul no alto e o amarelo descaído, como sol, por mil e uma coisas... Por exemplo: «sob a ondulação dos trigos ao pôr / da tarde.»

Grande é a simplicidade de que se reveste esta breve interpretação do poema de João Miguel Fernandes Jorge...? Acreditamos que sim. Mas saibamos também afirmar que é no âmago da simplicidade que sempre reside a verdade daquilo que realmente é. E acontece que estes doze versos, pela utilização de preto e negro, nos proporcionam a necessária claridade para que possamos ver as coisas como elas são na realidade. Este lugar, enfim, em que somos, estamos e sentimos. Um lugar azul e amarelo em que cada um, no entanto, tem a cor da sua própria subjectividade... Desta última cor (sem cor nenhuma objectiva) é que brotam os poetas, sempre incómodos, sempre ilógicos, sinceros sempre...

Pedro Alvim

SARA

de Olga Gonçalves



CAMINHO

Pronto a sair na colecção *O Campo da Palavra*, da *Caminho*, o novo romance *Sara*, de Olga Gonçalves. Em *Mandei-lhe uma boca*, Sara admite que já em criança começara a ver tudo. Que as pessoas não se conhecem. Que os pais são todos uns grandes provocadores de problemas. Que talvez o amor não precise de um templo. Um dia, na desvalorização da sociedade que a rodeia e do próprio enquadramento familiar, encontra o Diogo. E perde o Diogo. Oito anos transcorridos, Sara termina agora uma licenciatura em Filosofia. Poderá hoje a confiança participar no seu projecto?

Sara: Mandei-lhe uma boca, oito anos depois. O *Ler Escrever* apresenta, em pré-publicação, um dos seus capítulos.

O pai vai amanhã dar uma aula ao Júlio de Matos. Nunca assisti, mas gostava pelo menos uma vez de estar presente.

Com a sua pesadíssima carga, um psiquiatra, ou um psicanalista, dá a muitos o negativo da imagem que nos deveria seduzir.

Que eles podem mexer connosco, podem, destina-se a tal o job: Que percebem rapidamente o que nos vai na mona, também é verdade. E, sem dúvida, não lhes falta estofo para apanharem com a merda toda de um indivíduo.

Tomo atenção às conversas quando se reúnem aqui em casa. E tenho de confessar que me fascinam.

Ainda no jantar de sábado, e ao falar do Renascimento pós-Renascença, se comentava um manual francês acerca da sabedoria chinesa. A psicologia no lugar da mística, e a mística reduzida à modesta categoria do psicológico. A nossa civilização substituindo o sagrado, no sentido tradicional do termo, pelo culto do eu, do ego, do caminho do personalismo.

Assim, a psicologia no Ocidente considerada como um deus. A psicoterapia sucedendo ao confessor e ao templo, ajudando a sentirmo-nos melhor na nossa pele.

Se a Leonor estivesse connosco, atacá-los-ia com o Oriente, com o mundo para lá do psicológico. Os métodos e as práticas que já aqui se vão conhecendo. Como o ioga, o taurismo, o budismo zen, o vândantismo, o tantrismo tibetano. E outros tantos que nos libertam do desejo de absolutos, de tensões e de conflitos.

Admito que senti uma certa paz, um distinto grau de vitalidade naquele tempo em que fiz ioga. Cheguei a recomendá-lo à minha mãe. Acabava por se atrasar e só assistiu a dez sessões. Foi pena. Ela tem uma grande intuição, uma consciência notável do positivo e do negativo.

Queixou-se que experimentava em tudo isso uma nuvem. Um subterrâneo também. À sua medida. E que não gostou.

'Não entendeste o lado poético, o que de mais belo existe nesta mitologia: Era eu em combate, ou quase a perder a paciência. Vais ver o que irás sentindo por etapas.'

Trouxe-lhe livros. E apontava-lhe o objectivo mais importante: a integração de cada um no real, sem tentar dominá-lo.

O caso é que também eu deixei cair. Não fui perseverante. Também eu me dedicava à experiência com intervalos. Finalmente, desisti de esoterismos, da grande ascensão. Perdi a chave de uma abóbada que pertencia a um palácio lunar, passeios por corredores ao abrigo de vermelhas árvores de canela.

Acabo de me render à imagética de um conto da mitologia chinesa. O conto do coelho branco e do galo de plumagem de ouro. Os dois figuras emblemáticas da mulher e do homem nas figuras de Heng-O e de Shen-Yi.

No Oriente. Também por coincidência, exactamente por coincidência, a mulher se encontra em falta: Heng-O

come a pedra da imortalidade. E, num susto, Heng-O incapaz de tal confissão:

Refugia-se no palácio lunar, onde se deslumbra com a ausência dos humanos e com a púrpura das árvores de canela.

Shen-Yi cavalga a maior asa do vento, perseguindo-a por entre nuvens de tempestade.

Cá em baixo, os remoinhos do oceano recuam. São a réplica do turbilhão das marés que sustenta o pesado manto do deus dos imortais.

Shen-Yi está dele prisioneiro, no palácio solar, prisioneiro de um deus que lhe entrega o seu reino e dá fim à sua condição de mortal. Permite-lhe que viaje pelo cosmo, entre em todas as câmaras do palácio lunar, ame Heng-O no décimo quinto dia de cada mês. Ao amarem-se, a lua-cheia espalha uma claridade radiosa. Porque esta irrompe da união de dois seres.

No conto há uma revelação: a tristeza de Heng-O quando pensa na sua eternidade.

Pensa. Também no nosso enredo há um laço instintivo com o eterno, mas estamos a cortá-lo, essa a tendência da minha geração, quase sempre já engolfada no início de um novo acto. Eu própria. Só quanto à lembrança do Diogo eu sou excepção. De resto, vou resistir às normas e teorias do bando!

A psicologia, a psicoterapia, a psicanálise, correm riscos, mas são a azáfama do Ocidente. Todos hoje falam de traumas, de motivações, de frustrações e de complexos! Cá em casa, ninguém ignora o significado psicológico da fantasia, da fantasia como fuga à realidade,

de conteúdos em latência, de dilatações do ego, de refluxos, de actividades fantasmáticas. Sabemos das sensações sexuais, pelo medo, pelo inimigo, do prazer possível pelo castigo.

Não vislumbro como a minha mãe, que deve estar exausta de interpretações, e que já tinha obrigação de perceber que se relatamos os sonhos ao meu pai lhe damos as biscoas todas, decide contar à mesa aquele horror de pesadelo: um pássaro, um pássaro enorme a aproximar-se do céu, transformava-se lá no alto em nuvem, a nuvem tornava-se escura, carregada, e dentro a nossa família em total estado de congelamento. A família toda, excepto ela. Os congelados eram o meu pai, o Xana, eu e a Rita.

Imperturbável, o meu pai nem respondeu. Até me pareceu vagamente divertido como alguém que num jogo sabe os naipes todos do parceiro. Embora logo a seguir tivesse sido chato para a Cândida porque lhe trouxe açúcar branco para o café em vez de mascavado.

Ora isto não acontece desde que a Dorcas se foi embora e a nova empregada, com a mania de sair às sete, não fica para servir o jantar. O pai tem sido o próprio a dizer que a Cândida faz mais do que pode, que devemos ter em atenção a sua idade, até nos ralha que temos de poupá-la.

Ainda tentei salvar a situação: 'Ó mãe, está visto que foi um pesadelo, que não és tu que nos queres lá em cima congelados, está visto que ficaste em pânico!'

Dei a última cartada, entreguei-a em

mão. Entendido que já percebo alguma coisa sobre a interpretação dos sonhos. Entendido que sou cúmplice dos sentimentos da minha mãe.

E apeteceu-me pegar com o meu pai, de lhe dizer que acho muito natural que uma família inteira possa mesmo aborrecer ao fim de vinte e cinco anos. Que seja limitativo, empobrecedor, um espaço vivido à escala da coragem e do sacrifício.

No gabinete dele, por certo, ouve tanto falar de crises como nós cá fora. Crises desta com o marido, crises desse com a mulher. Ah, entre os dois vai tudo mal! Que um está numa ruptura de divórcio, que o outro gosta de sadizar, aquela anda a fazer uma de cama porque não suportou ser duas vezes deixada, ficou numa de abandono.

E os que gritam que não querem simbioses. E as da frustração que vai no mata-e-lança, são as da colcha de «crotch», as que assentam as receitas de cozinha dadas na televisão.

E os que estão a «tranzar» uma paixão por quem não devem, mas não assumem. E os do ciúme, embora sacaneando por trás, sempre rápidos em inventarem histórias, culpabilizados, são capazes de afirmar que a mulher se deitou com o Otelo, o romântico da Revolução!

Anda tudo com o Eros na cabeça, nisso apoio o meu pai em ser freudiano. Parece que neste país são todos freudianos. Não deram grande saída ao Lacan, varre-lhes os comportamentos com a linguística. E o Jung, passada a página do consciente colectivo, espanta para uns planos em que a vida sexual se não pode reconstituir.

Reconheço ter um pai que sabe muito mais do que isto. Ali sentado, apanha com a porcaria toda das pessoas, ajuda-as a relacionar o corpo com a alma, com os milímetros de estrada em que vão a arrastar as cicatrizes.

Tive outra vez vontade de o provocar, de lhe dizer que se vê estar ele tão cheio de problemas como qualquer mortal. Foi ainda à noite, ao reflectir aquela expressão enigmática, o ar irónico arrumado contra tudo o que estava em cima da mesa. Parecia exactamente estar tocando tudo com os olhos, mas sem olhar. Quase uma ausência. Seria um luxo se lhe desse para fitar a minha mãe.

Quantos jovens irão ter com ele? Receberá muitos jovens?

Então, se nos conhece, que fale. Amanhã, quando for ao Júlio de Matos, fale por exemplo da respeitável experiência do medo. Interprete o medo. E em todas as pessoas. E como é extensivo a todas as idades.

Penso nos que por isso mesmo se instalam em coisas horríveis como vivem no esforço de abarcarem uma infinidade de temas e de disciplinas. Exaustos. Um modo apenas de afirmação. E algumas mulheres a fingirem que são fadas-do-lar, a golinha-olacinho-o-vestido-com-rendinhas. Os que pretendem que assumem a traição, e na verdade não a assumem. E a última: as que surgem agora dissertando sobre lesbianismo, dando ao facto uma

perspectiva de glória que é a cúpula do seu autoconvencimento.

Pior que tudo: as milhentas histórias vividas sem ilusão, sem um signo que simbolize a alegria de sermos a frase musical a preencher o tempo.

A Lisa anda agora com um namoro, mas só porque trabalham juntos. Fugir ao Zé Carlos seria complicado. Assim, andam. E ele nem sequer lhe diz muito. Uma coisa que começou por ser um esquema, e se tornou em algo permanente a que falta o essencial.

Há também as jogadas que contagiam e podem tornar-se em moda: o não uso do contraceptivo. Como foi o caso da Nanda. E põe a seguir uma acção de paternidade ao Juca. Porque não queria perdê-lo, alguém afirmou. Para o prender, responde a Bia.

A Nanda fez mal. Contudo.

Contudo, o nosso lado perverso nunca teria sido inocente?

Nos Estados Unidos, a prática da vasectomia tornou-se normal para os homens que já não querem mais filhos, e na ordem de poupar a mulher.

Ainda há quinze dias a Mocas se encontrou numa baralhada imensa. Na contingência de ir parar a uma curiosa. Para o tal filme. Tão sério. O escavarmos um corpo. Ambos afinal uns garotos, com dezassete anos, ela havia conhecido o Pêpê três meses antes.

Pode dizer-se que eram amigos porreiros, mas o susto não foi pequeno. Paralisou-os. No fim daquilo tudo, encontraram-se ao cimo de uma escada da estação do metropolitano, mas pondo os olhos no chão. Envergonhados, contou a Mocas. Até disse que foi bom estar a chover, os dois molhados até aos ossos e sem guarda-chuva, mas ela não lhe apetecia vê-lo mais, e ele estava como quem não sabe o que há-de fazer. Se havia de ir embora. E foi por isso que lhe disse adeus muito depressa, acenou ao primeiro táxi que viu passar, e entrou nele num grande choro.

Nem toda a gente pensa neste assunto do mesmo modo. E há uma faixa de meninos e de meninas incapazes de um sentido crítico. Neste e noutros campos. Não se aplicam a raciocinar.

E há outra faixa de meninos e de meninas que resultam estrondosamente puritanos. Porquê? Por ser mais cómodo. Em parte, o regresso ao machismo. A mulherzinha em casa dá segurança, não dá? Depois é só moldá-la aos electrodomésticos e às receitas do *Pantagruel*, e ensinar-lhe o caminho das várias sucursais da Materna. Ao Diabo o esforço da competição! De manhãzinha, será só um a correr para o escritório, para o hospital, para o gabinete, para a loja. O outro tomará conta das crianças, do animal, do pó dos móveis, da capacidade dos tachos, da torneira que pinga, do asseio da retrete, do papel vegetal para os queijos, do bicornato para o estômago ou para os bochechos, etc., etc. Que aceitar esta contrapartida é também falta de gosto.

Fica muito por fazer. Sim. Um reconhecimento. O da história dos afectos.

Olga Gonçalves



Os mesmos personagens, oito anos depois

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo XIV Golpe de Mão

KATHY Buckman expirou devagar o fumo do seu cigarro. Fitava-me directamente nos olhos e eu sentia crescer atrás dela a música da batalha pintada por Piero, sentia-me pessoalmente interpelado pelo olhar morto da cabeça decapitada ao canto do fresco.

Tenho de me demorar mais nessa fracção de segundo subitamente saturada de imagens como na vertigem de um *aleph*:

Ali estava eu de bisturi na mão, vivendo o pânico de me ver levado a um ponto de não-retorno, como se toda a força do Deus-Cão se concentrasse no gesto que eu era suposto fazer a seguir. Eu resistia-lhe desesperadamente, não por não querer fazê-lo como quem aceita o precipício, mas porque me feria o sentimento excessivo da manipulação. Ia protagonizar um assassinio, ou apenas ser o agente anónimo de uma ironia alheia e que me ultrapassava?

E diante de mim estava talvez a mulher que melhor me conhecia, a única, por certo, a quem eu tolerava ao mesmo tempo a paixão cega e o desprezo mais mortal: uma ágil metamorfose transformava-a agora na rapariga que, nos meus pesadelos, eu perseguia, correndo, pelo corredor. Ela não me desfitava, limitava-se a cantarolar ironicamente o seu «once upon a time», dava-me o flanco como se apontasse para a batalha de Piero, nela querendo entrar. Persegui-la-ia eu agora ali, como um demente, armado pelo bisturi que outro me pusera na mão? Absurdo.

Disse alto a palavra «absurdo» e desferi o golpe.

Como num relâmpago supus perceber — percebi-o no instante exacto em que movia o braço armado — que Deus-Cão me trouxera Kathy até ali para que eu matasse o compromisso mais forte que em mim subsistia: como se ele soubesse que eu não poderia voltar a ligar-me àquela mulher, nem hostilizá-la — e nessa dupla inibição residisse o equilíbrio básico que me ligava a todas as coisas, imitando aquela relação inibida. Deus-Cão oferecia-me a possibilidade de romper o malfadado círculo de fidelidade... desde que eu destruísse o seu objecto.

O bisturi atravessou-lhe a mala de mão, o casaco que trazia dobrado, feriu a parede e abriu-me um lanho profundo nos dedos que o seguravam. Ninguém me pergunte se falhei deliberadamente o golpe, porque só terei para responder que quis, de facto, matá-la.

Nos segundos seguintes estive no papel do tonto que não compreende o que acaba de fazer, mas era mesmo um papel e eu esquecer-me do que devia dizer o personagem.

Kathy nem o cigarro deixara cair, e como se tivesse adivinhado tudo, mesmo o que eu não sabia, abanava agora reprovadamente a cabeça e limitava-se a dizer-me em surdina: «Pobre diabo, pobre pau-mandado». Eu esvaia-me em sangue por causa do golpe profundo na mão, a batalha de Piero perdia a cor, a minha vítima, ilesa, cuspiu para o chão a meu lado e começava a caminhar, como uma rainha um pouco ofendida, para a saída da Igreja.

«Ao menos dá-me um cigarro:», berrei-lhe eu grotesco, inacreditável, de pés presos ao chão. E o *non-sense* daquela exigência reatou tudo, como a circulação recomeça na rua depois de um terrível acidente. Ela nem se dignou responder-me.

E assim foi que, não sei quanto tempo depois, eles casaram e foram felizes... meia hora. Perdão: isso é noutra história.

Ali, na Igreja de Arezzo, depois daquele acto tresloucado a que não se seguiu a tradicional violação nem o assaltar de sacários, e talvez porque nem um padre veio, na sua sotaina, oferecer-se por acaso como vítima alternativa — nem eu teria mão, que sangrava, para ele — aconteceu que dei por mim a descer a rampa da aldeia vinte passos atrás de Kathy, ensopando em sangue um lenço de assoar, e ela fumando com gestos largos (uma vez por outra transformava-se numa diva do *Boccaccio* 70).

Pouco depois estávamos sentados no carro posto à minha disposição para o crime: eu tão amarfanhado como o Marlon Brando do «Há Lodo no Cais», ela tão desafiadoramente calma como a Bacall de «Casablanca». Deus-Cão, que tudo sabia, como sempre ausente da cena, devia chamar-me algures



«Palerma: Palerma:» e saltava enraivecido, sobre o seu próprio chapéu numa qualquer rua empoeirada, como um dos endemoninhados Max Brothers.

Soube mais tarde que nessa horrível tarde — com certeza por volta das cinco horas — o monstro de Florença voltou a assassinar um casal de apaixonados no banco de trás de um Alfa, que um *ersatz* do estrangulador de Boston estripou uma senhora idosa num parque urbano e que mais vinte e cinco opositores do Khomeiny desapareceram numa cave de prisão.

À noite reparei que fazia lua-cheia e, num desses pequenos hotéis achado por acaso na periferia de Florença, voltei, de mão entapada e latejando, a derramar o meu leite em lençóis, porque Kathy não tomava pílula e não queria correr riscos. Adormeci exausto.

De madrugada acordei e ela não estava lá. Perdi dez minutos a sacudir o porteirola noite e ele disse-me que a *signora* tinha pago o quarto e partido, não sabia a que horas. Eu e ela não tínhamos trocado uma única palavra desde a cena na Igreja de Arezzo. Ela deixara-me o dinheiro mas levava-me o carro. Eu voltei para o quarto tropeçando com os pés nus na escada de pedra, praguejando, sentindo-me culpado e finalmente estalando a rir como um bêbado.

Em meia dúzia de horas, tornara-me no criminoso da oportunidade perdida e passava a ser aos meus próprios olhos um desgraçado objecto de irrisão. Quase chorava de raiva e vergonha. Que iria dizer o Deus-Cão? Sentia-me órfão. Aqueles sentimentos lúgubres ensurdecera-me até que a lua desapareceu coada atrás de nuvens como numa pintura japonesa, e eu tive vontade de que uma vaga gigantesca, também japonesa, viesse tragar-me na minha solidão. Além do mais, cometera o erro supremo de subir para o quarto sem «whisky» — o poder Kathy era de facto enorme, sobre mim — e sentia ainda o estômago pesado por causa da inacreditável «bracietta al ferri» com que me presenteara antes do assassinio frustrado. E nem um Alka Seltzer pelos bolsos.

Tinha chegado, indubitavelmente, a minha *mala hora*, e começava a estranhar a falta de telefonemas inesperados. Seria possível que Deus-Cão me tivesse perdido a pista, ou a própria Kathy, eventualmente entendida com ele, o tivesse

feito desistir de mim aconselhando-o a perder o seu tempo e dinheiro com investimento mais promissor?

Custava-me a crer que ele me deixasse cair, agora que as coisas tinham ido tão longe, e dispunha-me já a pôr um pequeno anúncio no *Corriere* do género «sublime manipulador, se ainda me queres, encontro na Piazza tal, dia tantos, às tantas horas»...

Claro que, entre todos estes pensamentos autopunitivos e cheio de dores nas costas — é sempre assim, desde pequeno: dores nas costas para tentar merecer a atenção de alguém, quando as asneiras são mais graves — acabei por readormecer, e mais cedo do que a moral suporta, para um espírito no estado do meu.

Porém a má-consciência deu-me um sono agitado, convulsivo, cheio de pesadelos vulgares que agora me envergonharia de contar, porque apenas pretendiam distrair-me da realidade, mais culposa e deprimente. Quando finalmente despertei estava esgotado, a mão ainda sangrava se a mexia, tinha os olhos inchados e a boca encortiçada.

Vesti-me muito decepcionado comigo próprio e não pensando senão em marés vivas de café. Desci de novo as frias escadas para protestar contra alguma coisa, na recepção. Não via nada, piscava os olhos contra a luz e resmungava para dentro.

Por isso comecei por não perceber que me era dirigida a voz amistosíssima que ouvia chegar do balcão:

— Não é possível! Que formidável coincidência! Homem, você desaparece e aparece quando menos se espera, como um genuíno personagem de ficção!

Olhei melhor e senti o céu desabar-me sobre a cabeça: era o miserável Hans Lucas com as suas máquinas de filmar, o obscuro amante da atriz abatida a tiro na residencial de Lisboa, o realizador de cinema tão intimamente associado à minha fuga, que me levava a Faro, Amesterdão, Florença, Arezzo...

Ergui o punho com furor mas torci-me de dores por causa da mão ferida. Ele continuou, ironicamente cumpungido:

— Oh, coitado... Mas onde foi enfiar a mão, meu caro? As pessoas nervosas têm de escolher com mais cuidado aquilo em que mexem... Mas, *basta!* Não vai privar-me do prazer desta surpresa!

E murmurou para o recepcionista qualquer coisa sobre outro pequeno-almoço, sobre eu ser o amigo dele, enquanto saldava a conta deixando uma larga gorjeta. Portanto, também ele pernoitara ali! Mais uma ofensiva coincidência.

Encolhi mentalmente os ombros e deixei-me puxar por ele, sem reagir, até à salinha do rés-do-chão onde tinham posto mesas para o desjejum.

Estávamos a sentar-nos, eu bufando de despeito e ele com o ar de Hercules Poirot que vai comer um bispo ao seu adversário, quando o telefone da recepção tocou. Ah, finalmente, a magia dos telefonemas recomeçava! O empregado voltou-se para nós e eu tive a certeza de que Deus-Cão me tinha, sem dúvida, localizado.

— É para si, *signor* Lucas.

O realizador desculpou-se delicadamente, deu três passos e atendeu o telefone, falando exuberantemente alto, para que eu o ouvisse:

— Kathy: Mas que ideia a sua desaparecer assim, minha querida! Perdi-a ontem à tarde em Arezzo e já julgava que tivesse desistido de tudo! E, veja bem, perco-a a si e dou com um velho amigo, que conheci em Lisboa e não voltei a encontrar desde aquele desagradável incidente que... você sabe...

O chão abriu-se-me debaixo dos pés. Kathy conhecia Lucas: Kathy telefonava-lhe *a ele*, e não *a mim!* Kathy sabia que Lucas dormira no hotel, tinha alguma coisa combinada com ele e ignorava-me novamente, horas depois de termos renegado, entre beijos, a morte que eu lhe quisera dar sob os frescos de Arezzo...

(Continua)

Gorki — itinerário de um funcionário da pena

Henry Troyat consagra uma biografia a Máximo Gorki e às suas «metamorfoses», desde o homem revoltado até ao autor dos elogios de Estaline

MÁXIMO Gorki continua ainda hoje a ser objecto de mal-entendidos. Adulado na URSS — onde tantos aspectos da sua vida estão silenciados —, venerado por toda uma «intelligentsia» internacional, difamado por muitos intelectuais russos, o personagem é complexo, não o sendo a obra menos.

O interessante livro que Henry Troyat acaba de lhe consagrar, aponta antes de tudo, o projecto sobre o homem, sobre o itinerário de um revoltado, dominado pela injustiça e o despotismo, e que acabou os seus dias como «funcionário da pena» e laudatário de Estaline. Essas metamorfoses, suas manifestações, procura-as Troyat numa biografia que coincide com um dos períodos mais turbulentos, mais transformadores da história da Rússia, onde se misturam e entrecrocavam tradições seculares e gemas de modificações radicais, resignações e aspirações, movimentos na base e nos cumes de uma sociedade que se julga imóvel.

A infância difícil primeiro, partilhada entre um avô, religioso sem dúvida, mas que sem cessar brande um deus impiedoso, vingativo, onde o homem não pode senão aceitar submissamente a sua autoridade; e uma avó onde a fé é outra, impregnada de compaixão pelos despojados, de sentimentos de culpa a seu respeito. O seu evangelho dos pobres inspira em Gorki, que ainda é Pechkov, o horror dos ricos e dos poderosos, a intuição de que os justos devem erguer-se contra eles, extorquir-lhes os bens indevidos, pôr-se do lado dos humildes. Esta revolta será alimentada pela dura aprendizagem que a vida impõe ao adolescente condenado a ocupações numerosas para poder sobreviver: criado de um padeiro, nos barcos, guarda-nocturno, etc. Brutalizado, sacudido, ele aprende directamente o que é a condição do povo, one os seus livros «Infância», «Minhas Universidades», o testemunham.

Mas ao mesmo tempo — finais do séc. XIX — o jovem Gorki, vindo de um meio plebeu, com a educação incompleta, colocado no duro mundo do trabalho, penetra também no universo intelectual e concilia duas existências, duas experiências que, para mais, serão separadas.

Depois do assassinato de Alexandre II em 1881, a Rússia inflama-se, o espírito revolucionário domina todos os

grupos organizados, nomeadamente os círculos estudantis.

O Peão e o Fel

Em Kazan, onde vive por uns tempos, Gorki relaciona-se com a universidade, com a agitação estudantil. Depois, vira-se para o meio rural com o populista Romass, que quer uma revolução em que ele seja o fermento, mas afasta-se depressa, horrorizado por essa rusticidade do campo, que ele julga bestificada e resignada para sempre à sua sorte.

Entim, alguns anos depois, em Tiflis, é o reencontro com a agitação social-democrata e a classe trabalhadora. É aí que ele é publicado pela primeira vez, em 1902. É aí que Pechkov (o peão) se toma Gorki (o Fel).

Em dez anos, de 1881 a 1891, ele esteve em contacto com todos os movimentos sociais e intelectuais. Mais dez anos e, desde 1900, ele alcança a glória literária em Moscovo, e é saudado quer pela elite de esquerda quer pela elite dominante, que o espírito revoltado que as condena, seduz. O estremecimento da «grande noite» não é estranho a esse sucesso; ele testemunha a rápida desagregação da Rússia, onde coexistem na época um prodigioso esforço de modernização, uma idade de ouro intelectual e artística e um fascínio das elites pelo poder, pela revolução que as arrastará.

Através desse destino tão bem conformado que Henry Troyat expõe de etapa em etapa - a revolução de 1905, o primeiro exílio e o episódio de Capri, a grande revolução de 1917, e segundo exílio, que dura até 1928, depois o regresso triunfal à URSS e o magistério intelectual devolvido a Gorki até ao fim - numerosos temas fortes se destacam. Primeiro, a comparação, inevitável, entre o sistema repressivo czarista e o sistema repressivo soviético, que o destino de Gorki esclarece. Este profeta da revolução, assinalado demasiado tarde pelas autoridades do império, goza de uma extraordinária indulgência. Em 1900, adquire uma máquina para reproduzir libelos sediciosos. A Polícia inquieta-se mas deixa passar... Em 1905, enquanto é detido pela participação activa no movimento, as hesitações nesse sentido acabam-se. E um mês depois, como resultado de uma campanha internacional de protesto de intelectuais - onde Anatole France tem posição de destaque, - ele é libertado. Quando o

poder se opõe à sua eleição para a Academia, numerosos académicos demitem-se e ninguém se inquietou. Mas representam-se peças de Gorki por toda a Rússia, apesar das recomendações da censura.

Outro tema importante é o das relações de Gorki com Lénine, e depois com Estaline, que esclarecem da persona-

gem do escritor e o conceito de cultura dos dois sucessivos mestres da URSS.

Desde o primeiro encontro com Lénine em 1905, Gorki, que até aí respeitava um certo pluralismo no seu jornal, «A vida nova», aceita, sem hesitar, a visão totalitária de Lénine e impõe-a à sua publicação. O par Lénine-Gorki, não obstante os seus momentos difíceis

(entre 1918 e 1921, Gorki tenta arrancar ao seu amigo uma certa indulgência em consideração aos intelectuais), é feito desse ascendente de Lénine sobre Gorki. Este último, tratando frequentemente Lénine de «canalha» nesses anos terríveis, reconhece em última instância que não há outra via que a de o seguir completamente. E Lénine, pragmático, aceita as faltas de Gorki, porque tem necessidade dele para traçar a via de uma cultura monolítica, submissa ao poder político.

O par Gorki-Estaline, procede naturalmente do precedente. Gorki regressa do exílio em 1928 no momento em que Estaline liquida a NEP e impõe o terrorismo como modo de exercício do poder. Desse terrorismo, Gorki nada ignorou. Nem a sorte dos camponeses e dos trabalhadores, nem a destruição das elites, nem os campos de trabalho (ele chegou a visitar o inferno de Solovki).

Ele obstina-se em afirmar que os prisioneiros são felizes porque reconhecem as suas faltas e reabilitam-se (a «alegria no trabalho» não está longe), que o destino dos homens que constroem o socialismo é feliz, e tudo isto não por obcecado mas, ele di-lo claramente, porque não é necessário «desanimar as massas». Este optimismo assumido, num vocabulário e numa forma repetitivos, pedagógicos e demonstrativos, que Tchekhov condenou em 1900 num juízo que descreve a «língua de pau», caracteriza plenamente o Gorki da época estalinista.

Esse Gorki dogmático - os propósitos de Tchekhov demonstram-no - que se entrevê de longa data, sempre pensou - e é o fundo da sua amizade com Lénine - que a literatura tem uma função social e moral, quer dizer, que ela deve obrigatoriamente estar empenhada. Contra Tolstoi, mas também contra Tchekhov e outros escritores do seu tempo, Gorki predicou que a literatura deve contribuir para dar forma «ao homem novo», conforme a um projecto ideal e quaisquer que sejam as aspirações dos indivíduos.

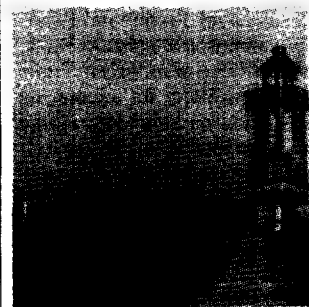
Concede-se desde o início, e Henry Troyat pôs harmoniosamente toda a sua sensibilidade e talento ao serviço dessa explicação de um destino apaixonante, que não havia para Pechkov outra via que aquela que o conduziria a ser o pontífice Gorki.

H. Carrère D'encausse

GORKI, de Henry Troyat, Flammarion, 262 p.



Outubro

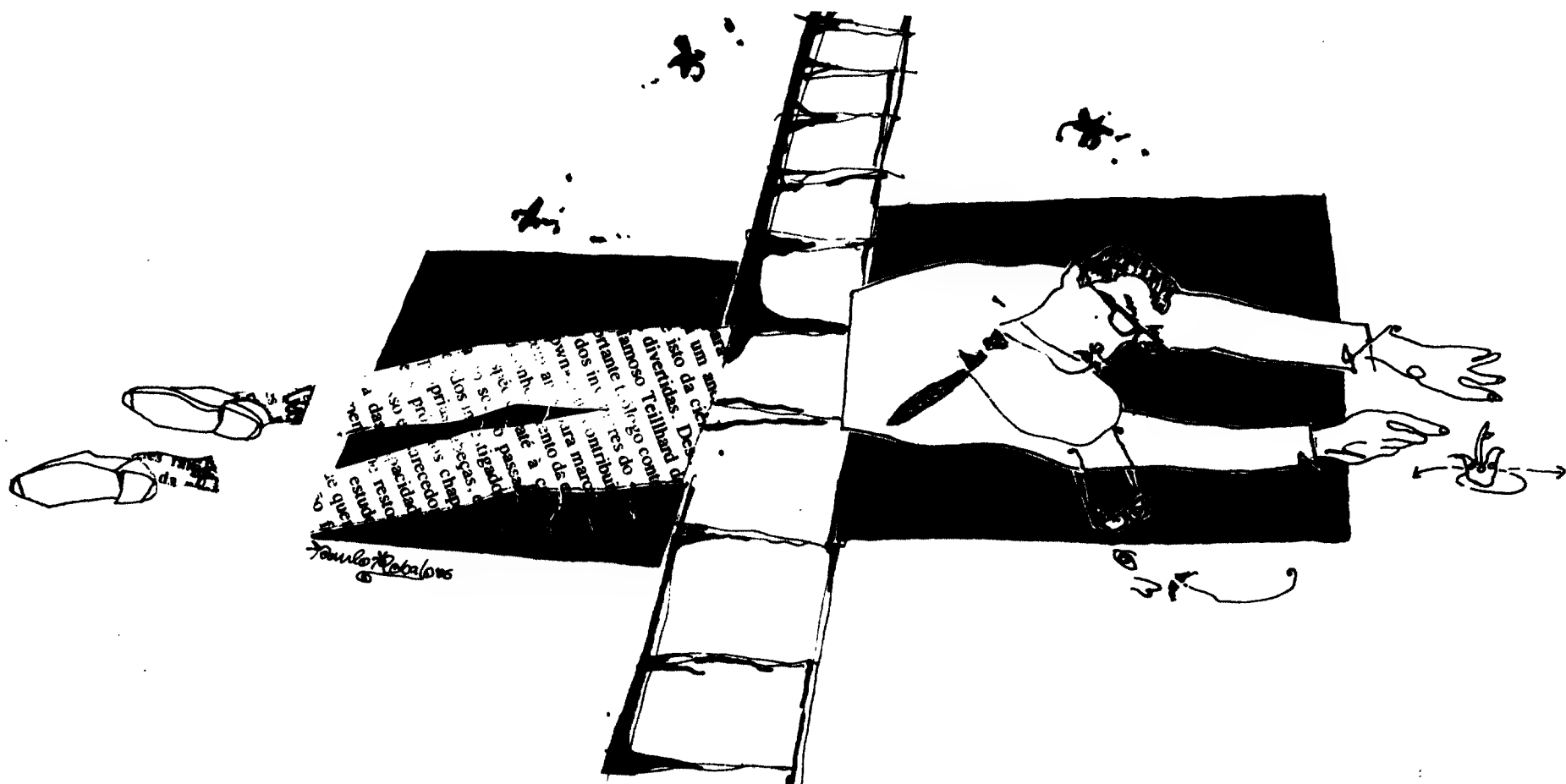


Outubro desfalece mais como impressão e preconceito do que por necessidade real. Mas a noite cresce e sente-se no fino ar que algo deveria acontecer para que a natureza continue a ser o receptáculo maior da ilusão. Vive-se um homem como se isso fosse possível, O doloroso corpo doendo pela cabeça enevoada, o vazio sem saber se é espírito se alma. O sol persiste, variável e teimoso, um monstro de segurança e de platidão, dando esta luz que paira sobre esta parte do globo, a sensação terrível de uma ineficácia.

Não há momentos perfeitos, nem o privilégio é apanágio deste tempo por de mais habitado. Vive-se quem se pode, e olhando as árvores quase ancestrais sente-se que se está a mais, um outro mundo no universo singular da terra. Outubro desdobra-se pelo fim do mês, a janela é outra, o país é outro, a família ausente significa apenas que há mais exílios do que aqueles que vêm nos dicionários. Nenhuma tristeza, senão, por vezes, a nostalgia como expressão de uma ausência, talvez do riso da criança que nunca se pôde ser na realidade.

Dispersos, os sentimentos, as ideias nulas, circunvagando deploráveis através do corpo, como se a aurora pessoal não necessitasse de luz, nem da escuridão que antecede o brilho. Vive-se quanto se repete de gestos rebuscados, nenhum movimento da alma, nenhuma sacudidela mais tenebrosa que o desejo fictício e tácito quando o sexo se levanta pleno de sangue. E no entanto Outubro perde-se irremediavelmente, a estação avança, imperdoável mecanismo onde nenhum homem comanda o destino ou a sorte.

Silva Carvalho



Um cemitério de poetas

«UM barco sem velas / E sem rumo / Singrando num mar de fumo, / Mas descobrindo estrelas... / Nisto me resumo.»

Numa terra em que só, ou quas só, se consagram os mortos, os que passaram a fronteira da vida com passaportes falsos, que ultrapassaram a última barreira das amarguras, esta poderia ser a epígrafe mais bonita, ou pelo menos das mais fundamentalmente poéticas, jamais escritas nesta velha e gasta língua tão estupidamente adulterada. Neste Portugal de poetas póstumos (o culto obsessivo da morte, a fonte inesgotável de uma saudade que serve para encher os vazios de um nada se querer fazer: deixar correr o tempo, vagarosamente, que um dia todos seremos lembrados...) ficaria mal, muito mal até, que se valo-

rizassem as coisas, as pessoas, as obras, enquanto estão quentes, do sangue que lhes corre nas veias. É sempre difícil para todos, aceitar a qualidade do trabalho dos outros. Porque representa um imaginário perigo à integridade (!) própria, e porque é muito mais fácil e cómodo, louvar quem já não existe, não só porque já não se pode espantar com as «asneiras» que sobre ele se escrevem ou dizem, como é uma forma usual de se ganhar pontos e louros com méritos alheios.

Enfim, é o caminho menos cansativo, e todos nós, portugueses, sempre tivemos — e parece que não haverá ninguém nem nada que possa modificar isto —, a triste mania de aproveitar as boleias fáceis de um eléctrico que nos transporte sem ter que pagar bilhete. E

entenda-se que esse bilhete representa um esforço, desnecessário, de que não queremos abrir mão. Para quê se podemos aproveitar o que os outros já fizeram?

Disto se constata que, o folhear de jornais e suplementos da especialidade — literária neste caso —, é um correr de notícias necrológicas. Só se fala dos mortos, dos que agoniam, ou dos que sempre foram cadáveres, mesmo em vida, e que por conseguinte são deficientes, coitadinhos.

Por tudo isto, e não queremos fugir ao que é hábito — porque também sou português, e não serei eu que vou tentar modificar o que é imoral, porque tão pouco me seria permitido pelas instân-

cias superiores, que são sempre supremas e estão em todos os lados, prestarei uma homenagem que é devida, a um morto, Cristovam Pavia —, poeta, «mastigador do mundo», que se suicidou num dia cinzento de um Outubro de 1968, porque talvez já não pudesse aguentar toda esta farsa.

Dele só se pode dizer o que disseram aqueles que prefaciaram o seu livro de poemas, publicado pela Moraes Editores em 1982:

«Adolescente ou adulto (mais adolescente do que adulto, mais dolorosamente adulto nos momentos mais agudos da adolescência) corre essa voz, em surdina, de uma fonte de frescura antiquíssima. É na verdade, feita de água. De uma água que, para matar a sede,

para beber-se bem, deve saborear-se devagar, numa concha de mãos repetitivas. E em silêncio. Com o recolhimento inerente a um acto de purificação.»

Numa linha de comboio ao pé de um imponente monumento aos descobrimentos, seria possível ter-se encontrado num bolso vazio de um corpo também vazio, que deixou a vida, um poema que dizia isto:

«Que cada palavra trema dizendo / O que não pode ser dito. / E seja a poesia um violino de silêncio / Infinito. / E tu, Poeta: vagabundo e despido / Desprende-te do resto e deixa-os declamar / As vãs frases humanas. Não as ouças. / Vagabundo que passas cantando.»

Luís Guilherme Robalo

Van Halen



de imediato o movimento cessou. As faixas de Van Halen tinham um brilho entre o azul e o vermelho. Rapidamente foram absorvidas pela cauda do pensamento e de novo os sentidos obscureceram. Contudo, disso não tinha a menor dúvida, a viagem prosseguia. O sono, agora que as funções automáticas do cérebro estavam periodicamente desligadas, era um objecto inútil. A massa onírica provinha de um remoto cristal; observada daquela maneira crua tinha

um aspecto insignificante. Algumas imagens ainda actuavam como peixes agonizantes nas areias brilhantes que separam a energia do infinito. Associada à representação mate um outro corpúsculo movia-se no movimento reacção. O negrume começou a ser poalhado por brilhantes focos. Entrelaçada ao aparecimento de novas estrelas a massa entrópica ocupava uma posição de destaque. A energia eterna rodava furiosa em círculos nos corredores que abria. Colateralmente o pensamento superatômico ia sendo asfixiado à medida que mergulhava nos seus limites. O corpo do viandante começava a alterar os pólos da sua estrutura. Uma fina camada escamosa protegia-o contra os embates dos recifes; uma forma geométrica coberta por uma densa liga metálica protegia da erosão todos os sinais vitais. A enérgia impelia o espírito para sentidos antagónicos. No fim do salto os pés entraram de novo em contacto com o elemento. A água fria libertou o metal e o corpo emergiu à superfície aquática daquele mar perfeitamente dourado. A memória em contacto com o ambiente descodificava os primeiros sinais de modo a edificar uma identidade consistente. Os pés e as asas articulavam-se na leve fuselagem que lembrava o corpo de

um ser híbrido imaginado pela criatividade antiga. O espírito incólume agia directamente sobre o curso da lua. Se éramos viandantes do tempo havia que registar os movimentos que cruzavam o conhecimento. A memória continuava a transmitir dados básicos para a salvaguarda biológica. As ondas da maré atiraram-no para a lama que confinava com o mar. A locomoção era agora metafísica. Cruzou o ar atraído por fortes ondas magnéticas. O pensamento — pensou em voz alta — possivelmente não passa de uma alucinação, ainda que sinérgica. Uma cidade coberta por um espectro roxo desdobrava-se trópica segundo o movimento da luz. A sombra disparada pelo seu corpo deixava um rasto estranho, à qual ainda não se habituara. A faixa visível do céu estava multiplicada por imensas e enormes luas. Por momentos teve a impressão que aquele local fazia parte da terceira da Cisne. Mergulhou na atmosfera roxa e atravessou a turbulência até pousar numa sala. As linhas que uniam os pontos dispersos convergiam no sistema total que brilhava esférico. Deitado em cima de um divã o seu corpo respirava suavemente.

L. Miranda

La Naval, revista atlântica, e a móvida galega

A Galiza mexe? E mexe independentemente das «móvidas» de Madrid e de Barcelona? Tudo indica que sim, como prova, entre outros objectos, a revista «La Naval», de que a seguir publicamos dois textos, evidentemente na língua original.

Estragos do século que ven

INFORMACIONES que chugan de outros mundos salvaxes, modernos e mesmo posmodernos, perturban o sistema comunicacional paraneolítico que aínda dura nas aldeas de Galicia. Nas capitais da nación atlántica os microsistemas comunicativos formados polas tabernas, fogares, cafés, sacristías e demais reductos dos microlíderes, están a ser cambiados polos novos reductos nos que se fai imposible a comunicación clásica: a música non deixa oír nada agás ela mesma; os cafés e tabernas son só unha barra para chegar e irse sen acougar alma nin corpo. Agoiros da Grande Estoupida fan rexurdir un inconcreto bucolismo que se concreta na leituga que medra no mirador onde onte houbo uns ramalhões de chuchamel.

Os líderes de opinión da aldea andan tolos por poñer orde e concerto nas infinitas novidades que veñen polo televisor e pola radio. Non é posible. O desorde perceptivo impónse ó hipotético orde receptivo dunha sana modernidade: o transistor-casete e o minitevisor son máis símbolos de posta ó día individual ca de status familiar, e rachan coa súa impertinencia de niquel a paz do lugar. O moderno e o ruído. O silencio impónse, non embargantes, nas bisbaras residenciais dos empresarios do ruído.

Os líderes de opinión da aldea miran tremar o seu poder pola culpa dos locutores e líderes nacionais e estatais. A des-fragmentación tribal podería ser (pero non é) un sinal de modernidade, e se denantes os líderes de opinión converxían na vila e na cidade para corroborar as súas percepcións e actitudes e, se

cadra, recibir novas instrucións do Grande Xefe Urbano, agora o Grandísimo Xefe fala na mesma lareira (?) pola pantalla máxica.

Pero este papanatismo xeral pode só ser o sinal dunha pésima modernidade: a «formica»-ción do mobiliario rural, o televisor no restaurante, os peatóns mortais nas estreitas estradas polas que circula Xanciffo co seu caharro á velocidade que di o anuncio, etc.

O estrago xeral é perceptible aquí e alá nos eidos atlánticos. A creba do sistema fragmentario de comunicación tería que terse completado cunha re-fragmentación que posibilitase o rexurdimento do novo líder de opinión, máis axeitado ó novo mundo. ¿Pero qué líder aldeano pode competir hoxe co culto sistema comunicativo central? A incultura imposibilita o liderazgo, e sen liderazgo (enténdase: sen comunicación interpersonal alternativa con respecto ós grandes temas) non hai defensa contra da uniformización forzosa. A dinamización dos microgrupos rurais e urbanos polos elementos máis activos que posibiliten a rebelión permanente da sensibilidade autóctona é case imposible. A pregunta, pois, é: ¿qué caste de modernidade agarda a un país sen case resposta?, ¿qué forzas poden resucitar as microcolectividades dinámicas?, ¿quén pode, enfin, refacer-lo estrago?

Hai algo premonitorio nesta eventual sensibilidade urbana que procura unha saída a traveso desas novas industrias do corpo e da alma. Pode ser o aviso para un rexurdimento por abaixo, popular, das forzas que o país agacha máis que

amosa na súa frustrante historia. O pulo vital do atlante medio non trascendeu historicamente ós seus nobles e persoeiros, incapaces de orientar dende arriba as posibilidades creadoras do seu pobo.

Houbo algún intelectual galego con preocupacións sociais que se apresurou a declarar á prenda central do Estado que os novos fenómenos industriais e culturais que se estaban a producir en Galicia eran un invento da prensa, e, o que era máis grave, non tiñan ren que ver coa clase traballadora. Este derrotismo depresivo e autopunitivo é un xeito de ocupación coma calquera outro. Producto da depresión histórica, reaparece mascarinado de calquera cousa cada vegada que algo rexurde.

Pero os problemas que os novos fenómenos xeneran non poden invadir ó conxunto do fenómeno. Nin é de recibo subirse a un púlpito a predicar o fin do mundo só polo feito de que o Espírito, que diría Hegel, apareza hoxe en Galicia coa forma de modisto ou de rokeiro, cando se lle agardaba de gaiteiro.

Fermin Bouza



PECULIARIDADES PULMONARES

SOMENTES os pouco sutiles caletres infectados polo sangue árabe tan abondoso no sur da península descoñecen a estas alturas a estreita relación simbólica existente entre o aire—o *pneuma*—e a inspiración superior que algúns confunden co xenio e outros co Espírito Santo. Non escribo isto pra íles nen pra españois en xeral, como resulta obvio, porque o que trato de demostrar é que a bronquitis/branquitis debe ser elevada á categoría de doenza nacional galega, previa declaración do Goberno autónomo.

¿Unha doenza de aire nun país de auga? ¿Contradicción? Non tal.

Calquera médico de regular pericia na súa arte mortuoria está en condicións de testificar que os galegos (a partires da terceira xeneración de

residencia) poseen branquias no sitio reservado aos bronquios, por máis que ás veces ambas as dúas coexistan. A falla de documentación histórica sobre o período baixo-medieval impide localizar con algunha precisión o momento exacto en que se produciu esta mutación xenética. Abonde saber que Smithsonian relaciona a cunha excepcional tempada de chuvias de cento e quince anos de duración, sen esquecer que Wesson prefire inclinarse pola tesis da galerna que asulagou o 83,34 por cento do territorio do país no 1356 d. de C.

Esta inadaptación branquial é a que provoca a bronquitis—ou pra sermos exactos, a branquitis—cando o nivel de humidade baixa do 90 por cento, ou, por calquera extraña

razón, deixa de chover durante máis de cinco días seguidos. Os síntomas, que poden describir por experiencia propia, consisten nunha extrema sequedade de gorxa, acompañada de esputos gaseosos de composición moi semellante á do polvo (ou «pó», que din os cantantes) do deserto sahariano. Na súa «Pola dourada» (*The Golden Bough*), Sir George Frazer esbozaba xa algunhas asinas das consideracións sobre os notorios efectos psicotrónicos e afrodisíacos de este produto corporal galego, o que fai aínda máis incomprendible a falla de interés da Xunta pola súa eventual comercialización. Pero esa é área de outra camioneta.

O que compre facer notar é que os poblos superiores, espritoalmente

nórdicos, reproducen na estrutura somática e na patoloxía enxebre dos seus individuos, o eterno conflito Norte-Sur. Mentres os habitantes da chaira i o Mogreb sureñostenden a padecer enfermidades do tracto dixestivo (derivadas da súa lexendaria molície), os do norde, verbi gratia os galegos, tenden a aloxar a súas doenzas na parte superior—en tódolos sentidos da palabra—do corpo. Velahí unha das claves da introducción do tabaco en Occidente, venganza histórica dos descamisados de abaixo dirixida precisamente contra o núcleo pulmonar (o noso *pneuma*, sinónimo de espírito) do adversario nordista.

No caso particular de Galicia, a conxunción de bronquios—aire—e branquias—auga—dános unha moi suxerente síntese dos elementos

que resumen a nosa nacionalidade atlántica. Quede claro, pois, por si algún túzaro non o entedera aínda, que somo-los milleros, i o que non patee de branquitis/bronquitis ou calquera das súas derivacións patolóxicas, apenas merece ser inscrito no rexistro Civil de Galicia. E, desde logo, que non pense siquera en reservar praza no Panteón de Galegos Ilustres.

Anxel Vence
Branquítico/Bronquítico

Acabados de Chegar



■ As Nações da Europa 1769-2001, de Richonnier, Publicações Domus, Col. Interrogar o Futuro

A Europa de um bloco europeu enquanto alternativa aos dois grandes blocos de decisão não é uma ideia nova. Mas o que preocupa Michel Richonnier não é tanto o conflito Leste/Oeste como a rivalidade Oeste/Oeste. Segundo ele, a Europa Comunitária subestimou o «poder dos Estados Unidos, a coesão do Japão, o vigor dos novos países industrializados». Para reconquistar a «grandiosidade» perdida, a Europa terá de constituir uma unidade política. Este é para Richonnier o «desafio mais difícil» deste fim de século, que marca também o fim dos Estados-nações em prol dos Estados-continentes, enfim, uma tese demasiado ambiciosa para se esgotar num só livro.



ALICE VIEIRA



A DIMENSÃO OCULTA



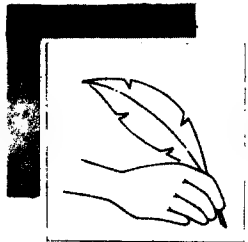
■ Miguel Strogoff, Júlio Verne, Bertrand Ed., Col. Grandes Obras

«— Sire, um novo despacho.
— De que ponto?
— De Tomsk.
— O telégrafo já não trabalha para além dessa cidade?
— Desde ontem que está cortado, Sire.»

Aí está Miguel Strogoff, belamente reeditado pela Bertrand, em tradução de Pedro Vidoeira. Cartonado, ilustrado pelos desenhos de J. Férat, gravados por Charles Barbant, o livro tem um sabor duplamente «retro», acentuado por um cuidado aspecto gráfico do texto e por uma capa e contracapa «art nouveau». Trata-se de uma simpática iniciativa editorial, que não se limitará a dar prazer aos colecionadores.

■ História da Antropologia, Paul Mercier, Teorema

Sem dúvida que um livro que interessa a universitários. Até porque fazer uma História da Antropologia não é, ainda hoje, fácil tarefa. Primeiro porque, à partida, há que esclarecer a delimitação entre termos — aparentemente tão diversos — como «Etnologia» e «Antropologia». E, depois, como afirma a editora numa síntese da obra, «há todo um trabalho de síntese a realizar, em que se torna indispensável analisar não só a obra deixada por grandes antropólogos, mas também inúmeros relatos de viajantes, missionários e exploradores de zonas recônditas da Terra». Ora «Paul Mercier teve o indiscutível mérito de conseguir realizar uma tal síntese. Mais: conseguiu fazê-lo de modo que ela se tornasse compreensível para todos os estudantes da matéria». Para os interessados, acentuamos, um livro a comprar.



■ A Dimensão Oculta, Edward T. Hall, Relógio D'Água. Coleção Antropos

Professor de Antropologia, Edward T. Hall aborda em «A Dimensão Oculta» esse aspecto vital da vida em comunidade que é a organização do espaço. Como ele próprio afirma no prefácio deste estudo, a sua formação levou-o a procurar nas «infra-estruturas biológicas a origem deste ou daquele comportamento humano». É assim natural que uma das dimensões da organização do espaço aí abordada esteja integrada na categoria global do comportamento animal

através das categorias de território, distância crítica e stress. Mas Hall não é um «biologista» e por isso está atento ao papel da cultura na construção e utilização dos espaços. E é esta dimensão que, no seu entender, subjaz à busca de estruturas de referências necessárias quando se avoluma esse «sentimento crescente de perda do contacto global com o mundo». Autor de «A Linguagem Silenciosa», Edward T. Hall pretende contribuir com este seu novo livro para «desenvolver o sentido da identidade pessoal contra a alienação».

■ O Prado dos Duendes-1, Paul Cook, Ed. Livros do Brasil. Col. Argonauta

Mais um livro de ficção científica que se desenrola num cenário pós-guerra nuclear. Abaixo da superfície da Terra, um grupo de cientistas e militares aguarda o dia em que o planeta se recomponha da catástrofe. Têm como missão «ressuscitar» a vida na Terra, mas os computadores indicam que tal só será possível milhares de anos após o conflito. Passados seis séculos, um deles descobre que o Inverno nuclear já terminara e que a URSS tinha ganho a guerra.

No que fôra em tempos o Kânsas, existem agora tractores com a sigla CCCP. Está tudo dito.

■ Marco Polo, Espião de Veneza, Jean Lartéguy, Ed. Livros do Brasil, Col. Vida e Aventura

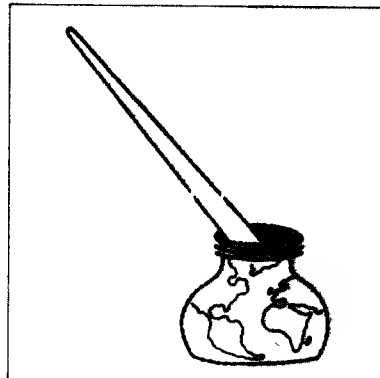
Existem romances baseados em factos verdadeiros. Ninguém defende que a escrita do género se tenha de limitar à ficção. Só que às vezes este apelo ao real mais não é do que uma tentativa de mascarar a pobreza da narrativa. «Marco Polo, Espião de Veneza» é disso exemplo. Diz-se que Lartéguy se baseou em «todas as fontes histórico-científicas ao alcance de um investigador íntegro». Se assim aconteceu, o resultado de tal busca foi pouco compensador.

■ Para Cá das Aves IV, José Bebião, Ed. Lua Vaga

«Historietas» de reis «desde o tempo das primeiras pedras na mais antiga ponte de Coimbra até ao tempo das últimas pedras na muralha fernandina de Lisboa». Diz o autor que existe «uma História com muitos homens e poucos reis e que, como vos é ensinada, se torna cansativa». Para a animar, José Bebião não modificou os reis, mas pô-los a voar pelo ar.

■ Flor de Mel, Alice Vieira, Ed. Caminho

Alice Vieira é, como se sabe, uma das mais produtivas autoras de literatura infantil. Missão «íngata» num tempo em que a televisão e outras imagens tendem a substituir o consumo infantil de livros. Seja como for, às vezes vale a pena insistir. Porque não com «Flor de Mel», que relata a história de Melinda, cuja recordação mais antiga era «a de um vulto esguio de mulher, que lhe passava a mão pelos cabelos e repetia como se cantasse: flor de mel...»



O eu nos outros

— Sérgio — dizia (quantas vezes!) o avô —, amanhã vamos até ao campo. Vamos ver as impressões digitais na água do rio.

Saíam manhã cedo, de mão dada, o sabor da manteiga na boca. Pisavam os caminhos estreitos, nuvenzinhas de pó diante dos sapatos, calcavam a erva, tocavam a urze, sentavam-se na berma da água corrente.

Era no tapete macio da margem, numa curva em meditação, sombreada, sem vento que tremulasse a superfície. Os olhos apanhavam o fundo branco dos seixos, o musgo das pedras, a limpidez silenciosa. E o tempo corria isento de círculos, sempre e sempre, até que subitamente o avô dizia já as ver flutuar...

— Onde...? — perguntava o neto.

— Ali — apontava o avô.

— Sérgio, debruçado na curva, maravilhava-se: ora

O cão da infância

muito raras, ora às dezenas, as impressões digitais dançavam tenuemente no seio das águas, aglomerando-se, dispersando-se, longas, nítidas e breves. Apetecia meter a mão no rio, colhê-las na palma, vê-las mais de perto. Mas o avô («Isso não!») travava o gesto ansioso — e Sérgio ficava-se com os olhos nos dedos enxutos.

— Mas porque não...? — perguntava.

— Desapareciam logo — dizia o avô.

— Uma a uma, o avô identificava as impressões digitais:

— Aquelas são do teu pai...

— Aquelas da tua mãe...

— Aquelas minhas...

— As pequeninas tuas...

A manhã crescia sobre a superfície da água — e, lentamente, as impressões eram substituídas pelo reflexo dos

arbustos, das nuvens, de asas voando de árvore para árvore. E todas as impressões se sumiam rápidas quando o sol descaía alto por sobre as nuvens atentas.

— Embora...? — convidava o avô.

Sérgio obedecia. Ambos, de mão dada, ganhavam a casa ao longo dos mesmos caminhos — e no tapete macio da margem, na curva sombreada do rio, ficava a lembrança a preto e branco das fotografias do álbum. Uma: o avô, sentado na erva, com os pés na corrente. Outra: o pai com água pelos joelhos, o filho encavalitado nos ombros, a mãe soerguida nos braços. E outras e mais outras. Até uma em que unicamente ficara um arbusto pendendo para o rio...

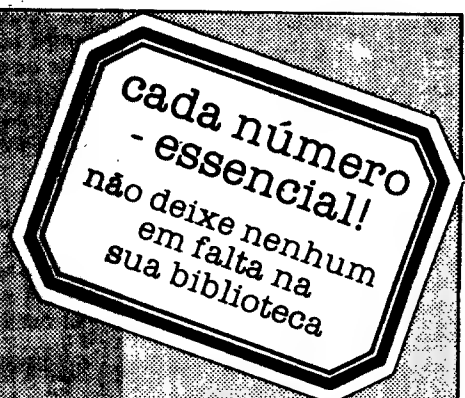
Anos passados, já o avô morto, Sérgio foi-se ao rio e salvou ainda a impressão digital do seu cão «Pardal».

Pedro Alvim

O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura. Cada volume 100\$00!

Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.



VIDEO

Diário de Lisboa

86

multimedia



O QUE ESCOLHER?
COMO ESCOLHER?



Um imenso olhar

Ao imaginarmos a organização de um catálogo geral das videocassetes pré-gravadas legais existentes no mercado português tínhamos em vista três objectivos: em primeiro lugar prestar um serviço aos leitores videómanos do «Diário de Lisboa», propondo-lhes uma informação crítica exaustiva que ajudasse as suas escolhas; pretendíamos ainda apoiar a indústria nascente da edição videográfica, associando-nos no tempo à «1ª Expovídeo» em curso na FIL; procurávamos, por último, ajudar os videoclubes, através de um roteiro onde melhor avaliassem a oferta disponível no mercado, um instrumento de inegável utilidade na sua difícil tarefa de intermediários entre os editores e o público. Organizou-se a informação por editores porque assim pareceu mais aconselhável: dado o carácter inédito deste trabalho em Portugal, temos consciência de que será manuseado durante meses por quem gravita no comércio videográfico e necessita saber onde e quem tem o quê. Mas não se trata de um catálogo promocional. Por isso se não abdicou da opinião crítica, até porque são os leitores os destinatários preferenciais deste trabalho.

Todos os filmes comentados e classificados foram visionados para o efeito. Não foi possível a exaustividade, daí a existência de muitos títulos apenas repertoriados. E já que falamos de títulos, uma explicação é devida: há os que surjem em português, há os que surjem em inglês, vejamos a razão. No mercado videográfico a confusão de títulos é enorme — e aqui cabem responsabilidades à DGEDA que não assume uma posição de controlo como lhe competia. Sempre

que descortinámos o título em português (correspondente ao que teve nas salas) esse é o indicado; no caso de filmes que não tiveram exibição em Portugal mas arvoram um título português nas capas, foi esse o referido; em todos os outros casos o título à cabeça é o original.

De cada filme se indica o título original, o realizador, a origem e data de produção e o nome de três intérpretes. Também aqui nem sempre se conseguiram cumprir os objectivos integralmente, em particular no que se refere às datas.

Cabe por último constatar que a exaustividade não foi obtida a cem por cento. Apesar dos esforços, dos repetidos contactos (telefónicos e pessoais) há lacunas que permanecem. Não conseguimos que, do Porto, as duas pequenas empresas ligadas a Décio de Carvalho nos fornecessem qualquer informação, o mesmo tendo acontecido com a «ITAD Vídeo», de Alverca. Da ausência não nos cabe qualquer responsabilidade, embora o facto seja lamentável, diminuindo o princípio da igualdade que nos impusemos, só atingível na actualização de Dezembro deste trabalho.

Esperamos, com esta publicação, estar a abrir uma porta, a dar os primeiros passos para um desejável Anuário das edições videográficas em Portugal. Não temos a pretensão de tudo iluminar. O que aqui se deixa é apenas um olhar sobre o terreno, ora agreste ora acolhedor — como tudo na vida.

Jorge Leitão Ramos

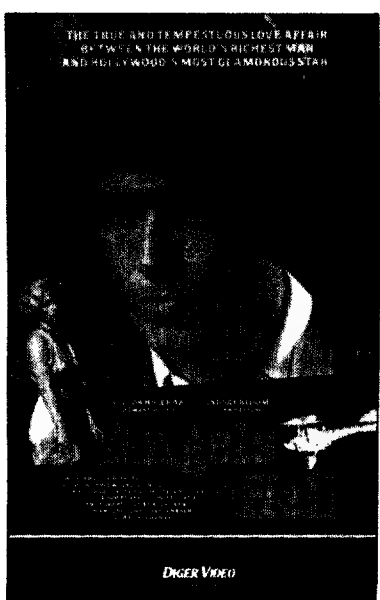
**O "DL" OFERECE-LHE MAIS: EM DEZEMBRO,
NOVA EDIÇÃO ACTUALIZADA DO SEU ANUÁRIO-VÍDEO, 86.**

Responsável de edição:
EDUARDO REBELO
Coordenação:
JORGE LEITÃO RAMOS
Grafismo:
RIBEIRO DA SILVA

DIGER VIDEO

A Diger Video é uma das mais recentes editoras videográficas portuguesas. Daí que o seu catálogo seja ainda curto. Até agora tem lançado filmes independentes, maioritariamente americanos, pertencentes ao que poderíamos chamar a selecção da «2.ª divisão». Qualidade técnica notável, surpreendentemente a melhor do mercado.

DIGER VIDEO,
Rua Almirante Barroso
9, 2.º Esq.
1100 LISBOA



ANJOS NO INFERNO

Angels in Hell. Realização: Larry Buchanan (EUA). Interpretação: Victor Holchak, Lindsay Bloom, David McLean.

(OS) BEBÉS DA ÁGUA

Uma história infantil onde James Mason quase não tem tempo de nos dar

um ar da sua graça, porque o filme mergulha, às tantas, no reino do desenho animado (polaco), o que, diga-se, constitui o seu interesse maior.

Os putos devem gostar.
The Water Babies. Realização: Lionel Jeffries (GB/Polónia-1978). Interpretação: James Mason, Billie Whitelaw, Bernard Cribbins.

★★

CORRIDA ATRIBULADA

Shaker Run. Realização: Bruce Morrison (EUA). Interpretação: Cliff Robertson, Leif Garret, Lisa Harrow.

DETROIT 9000

Uma ficção político-policíaca situada na comunidade negra de Detroit. Relativamente banal, mas feita com um certo sentido do espectáculo.

Detroit 9000. Realização: Arthur Marks (EUA-1973). Interpretação: Alex Rocco, Hari Rhodes, Voneta McGee.

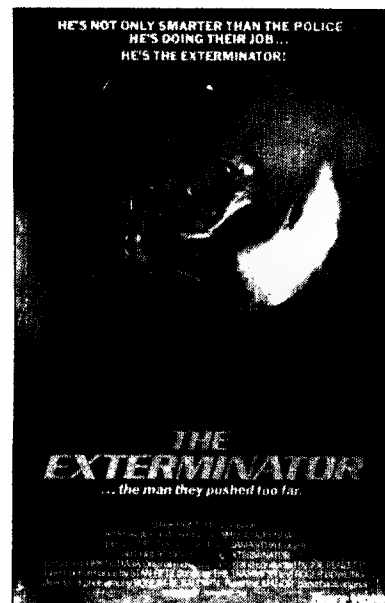
★★

ESTRANHOS BELJOS

O cinema e a vida — ou a alma desalmada do reino das ilusões. A história decorre em Hollywood, anos 50, e o realizador não desacerta por inteiro e, de vez em quando, chega a surpreender-nos. Nada mau, embora pouco.

Strangers Kiss. Realização: Mathew Chapman (EUA-1983). Interpretação: Peter Coyote, Victoria Tennant, Blaine Novak.

★



(O) EXTERMINADOR

De regresso do Vietname, um pacífico cidadão de Nova Iorque confronta-se com a criminalidade impune e resolve fazer justiça individual e directa. Narra-

tiva eficaz, muita violência e amargura. O típico filme da nova direita americana.

The Exterminator. Realização: James Glickenhaus (EUA-1980). Interpretação: Robert Ginty, Christopher George, Samantha Eggar.

★★

INTRIGA MORTAL

Deadly Intrigue. Realização: Arthur Marks (EUA). Interpretação: Alex Rocco, Andy Robinson, Keenan Wynn.

(A) JORNADA LONGA

Realizado por Gabor, na Hungria, em co-produção com os Estados Unidos. «The Long Ride» é um filme situado durante a Segunda Guerra Mundial, abordando a história de um piloto americano abatido em combate sobre território magiar e os seus esforços, com a cooperação da população, para escapar ao ocupante nazi.

De uma solidez indesmentível, fazendo argamassa a partir de situações de aventura, solidariedade, companheirismo, amor, resistência (sem perder a elegância nem cair em facilidades) e insistindo no prazer pelos largos espaços, pelos cenários naturais, «The Long Ride» é um filme bem travado apesar de nunca voar muito alto e de ser mais seguro que arriscado. De Gabor talvez se



PRODUTOS PARA VÍDEO AMADOR E PROFISSIONAL

- Canetas de limpeza Vídeo em pele genuína.
- Espátulas de limpeza de cabeça Vídeo em pele genuína.
- Coladeiras Vídeo.
- Rebobinadores Vídeo (VHS e BETA) garantia 1 Ano.
- Cassetes alarme (VHS e BETA).
- Bloqueador de fita Vídeo (VHS e BETA).
- Máquina para limpeza de fitas Vídeo gravadas (VHS).
- Arquivadores de filmes Vídeo para clubes e particulares.

SERVIÇO VÍDEO

- Conversão de 16, 8, Super 8, Slides, Fotos em Vídeo VHS e BETA, com sonorização.
- Reportagens.

Comércio de materiais para Fotografia - Audiovisuais - Vídeo
IMPORTADOR - EXPORTADOR - ARMAZENISTA

Praceta de S. Luís, 12 c/v Dt.º - Laranjeiro - 2800 ALMADA - Tel. 229 92 67

Av. Almirante Reis, 235-B - 1000 LISBOA - Tel. 89 17 91

Agora comprar é fácil!

**Videos, camaras de video, Tv stéreo
antenas parabólicas, alta fidelidade.**

com representação oficial

- Sem entrada e sem juros em consórcio (planos de 12 a 60 meses)
- Com entrada e sem juros (entrega imediata)
- Grandes descontos a pronto pagamento.

*Compre o que quiser
e pague como puder!*

Antenas parabólicas direccionais
com dupla polarização automática
para captação até 16 satélites
e recepção em stéreo

- videogravadores
- videocameras, camcorders
- televisões a cores e stéreo
- antenas parabólicas
- aparelhagens de alta fidelidade

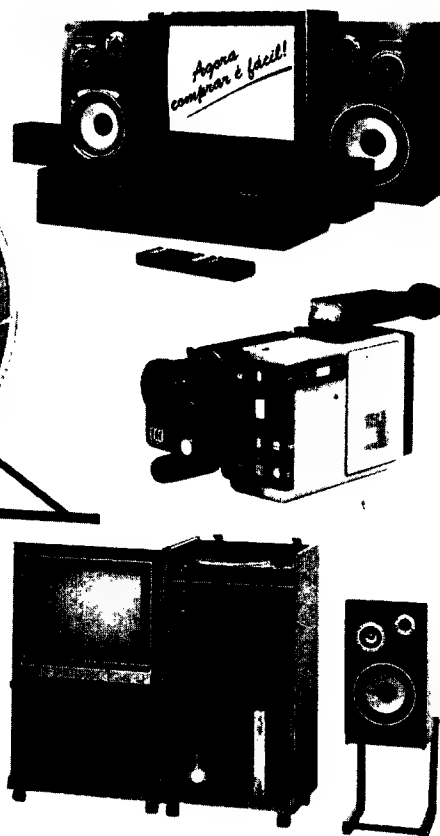
As marcas de maior prestígio
em todo o mundo,
agora ao seu dispor.



CONVIAL

Demonstrações e vendas
- Rua Damasceno Monteiro, 49-1.º Dt.º - 1100 LISBOA - Tel. 822727/824507
(Aberto também ao Sábado das 10 às 13 horas)

Informações
- Oficínica - Centro Comercial Campo Alegre, Lj. 40 - 4100 PORTO - Tel. 681841
- Foto Barata - Rua das Orlas, 16 - CASTELO BRANCO - Tel. 25487

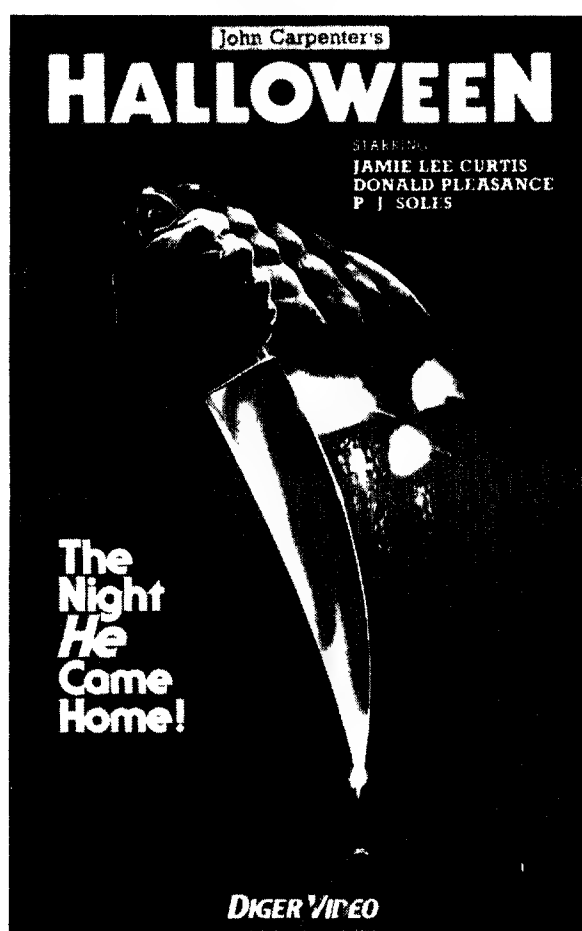


A CONVIAL - Administração, Lda.
Rua Damasceno Monteiro, n.º 49-1.º Fl. e Dt.º
1200 LISBOA - Tel. 822727

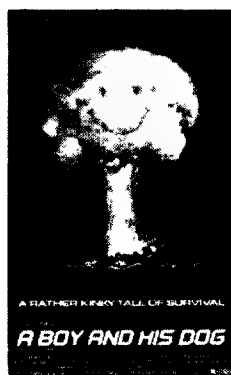
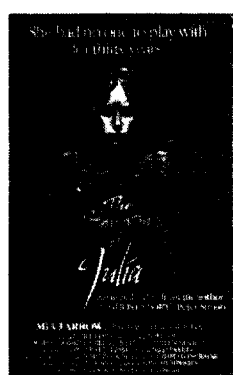
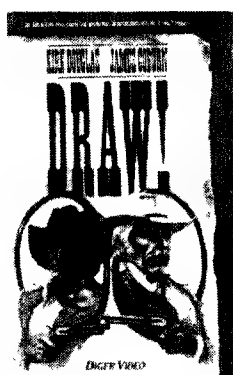
Nome
Morada
Localidade Tel.
Estou interessado em

PRESENTE NA LARTECNICA PAVILHAO G/STAND 46/GALER. G2

DIGER VIDEO



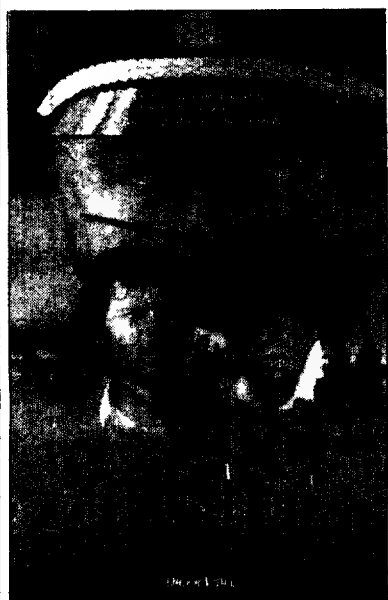
**EXIJA
A NOSSA
QUALIDADE**



CONTINUAMOS NA VANGUARDA DA QUALIDADE

DIGERVIDEO — Rua Almirante Barroso, 9-2.º Esq.º 1000 LISBOA

Telefones 527039-549190 Telex 60225 DIGER



esperasse outra coisa, mas nenhuma de-
silusão grada chega a ocorrer.

The Long Ride. Realização: Pal Ga-
bor (Hungria/EUA-1983). Interpreta-
ção: John Savage, Kelly Reno, Ildiko
Bansagi.

★ ★

LOUGOS AO VOLANTE

Numa pequena cidade do Arkansas,
as peripécias de um grupo de jovens que
resolvem arrelhar o xerife local. Muitos
carros em movimento desenfreado, pou-
co tino na gestão de tudo aquilo.

Smokey Bites the Dust. Realização:
Charles B. Griffith (EUA-1981). Inter-
pretação: Jimmy McNicol, Janet Julian,
Walter Barnes.

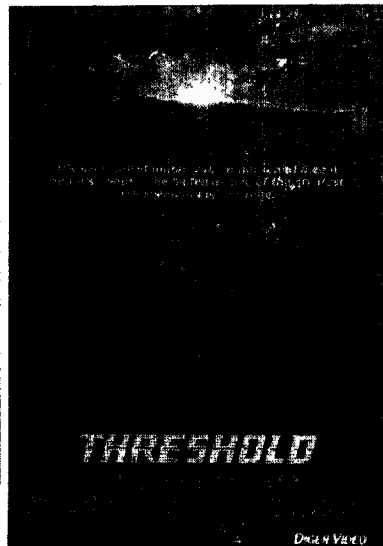
(A) MISSÃO

The Assignment. Realização: Mats
Arehn (Suécia-1977). Interpretação:
Christopher Plummer, Thomas Hell-
berg, Carolyn Seymour.

NO LIMAR DA ESPERANÇA

Um eminente cirurgião arrisca a im-
plantação de um coração artificial numa
doente irremediável! Um filme «hospita-
lar», por acaso relativamente enxuto
mas nunca saindo das baías de um regis-
tro convencional e televisivo. E de Pearce
era lícito esperar mais.

Threshold. Realização: Richard
Pearce (Canadá-1981). Interpretação:



Donald Sutherland, Jeff Goldblum,
Sharon Acker.

★ ★

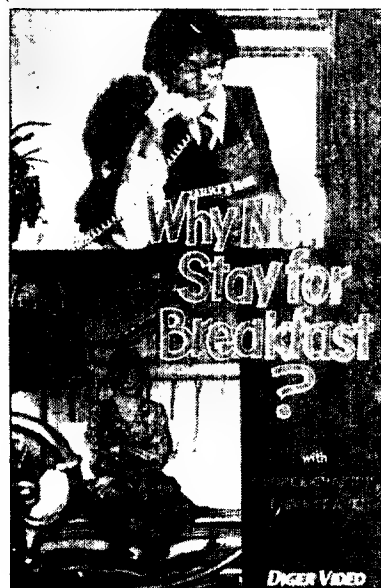
PEQUENO-ALMOÇO EM PARIS

Breakfast in Paris. Realização: John
D. Lammond (EUA). Interpretação:

Barbara Perkins, Rod Mullinar, Jack
Lenoir.

PORQUE NÃO FICA PARA O PEQUENO-ALMOÇO?

Comédia de boulevard convencional
(ele é um divorciado com a vida arruma-
da, que se habituou à solidão, ela uma



azougada inconformista que lhe entra,
grávida, pela porta dentro...), filmada
sem chispa e com actores apenas cum-
pridores dos seus deveres.

Why not Stay for Breakfast? Realiza-
ção: Terence Marcell (EUA-1979). Inter-
pretação: George Chakiris, Gemma
Craven, Yvonne Wilder.

(O) REGRESSO

The Return. Realização: Greydon
Clark (EUA-1980). Interpretação: Jan-
Michael Vincent, Cybill Shepherd, Mar-
tin Landau.

VONTADE DE VENCER

Uma dona de casa que se torna cam-
peã do mundo de *dragsters*, esses carros
infernais que só existem na América. A
princípio parece um filme estimulante,
depois o fogo extingue-se na vulganda-
de insensata. É pena.

Heart Like a Wheel. Realização: Jo-
nathan Kaplan (EUA-1983). Interpreta-
ção: Bonnie Bedelia, Beau Bridges, Leo
Rossi.

★

ECOVÍDEO

Sediada em S. João da
Madeira, a Ecovideo tem revelado
certas dificuldades na definição de
uma linha de rumo: desde
italianadas inomináveis a filmes
alemães de segunda ordem,
passando por independentes
americanos, há um pouco de
tudo... incluindo um Altman
inédito em Portugal! No horizonte
próximo, o catálogo Cannon
poderá insuflar-lhe outro vigor.
Em regra a qualidade técnica das
suas edições é boa.

ECOVÍDEO

Avenida da Liberdade, 563
3700 S. JOÃO DA MADEIRA

(THE) ANNIHILATORS

A sempiterna história de um grupo de
ex-combatentes americanos no Vietna-
me que vem impor a lei e a ordem na sua
cidade natal.

The Annihilators. Realização: Char-
les E. Sellier Jr. (EUA).

★

ASSASSINO NEGRO

Western-spaghetti é género que já deu
o que tinha a dar — e nunca foi muito...

Black Killer. Realização: Luchy
Moore (Itália-1971). Interpretação:
Klaus Kinski, Fred Robsham, António
Cantafora.



(AS) AVENTURAS DO PEDRO

Curiosíssima colectânea de desenhos
animados de origem húngra.

★ ★

(OS) BARBEIROS DA SICÍLIA

A dupla Franco Franchi/Ciccio In-
grassia em tempos de Segunda Guerra
Mundial. Mais uma comédia popular
das que, nos anos 60, tiveram algum
sucesso em salas dos Restauradores e
arrabalres.

I Barbieri di Sicilia. Realização:

Marcello Cioriolini (Itália-1967). Inter-
pretação: Franco Franchi, Ciccio Ingrassia.

●

BATE-LHE

Racquet. Realização: David Winters
(EUA). Interpretação: Bert Convy, Edie
Adams, Lynda Day George.

CHAMAVAM-LHE MARSHALL

Paperback Hero. Realização: Peter
Pearson (EUA-1972). Interpretação:
Keir Dullea, Elizabeth Ashley, Dayle
Haddon.

COISAS DE DUPLOS

Na RFA, parece que Dieter Haller-
vorden é um cómico com muito êxito na
televisão. Mas não é isso que o faz
deixar de ser uma mediocridade total.

Didi der Doppelgänger. Realização:
Reinhard Schwabenitzky (RFA-1984).
Interpretação: Dieter Hallervorden,
Tilo Pruckner, Ruth Maria Kubitschek.

●

COMO PAI E FILHO

Like Father and Son. Realização:
Eric Weston (EUA). Interpretação:
John Cassavetes, Gibran Brown, Deni-
se Nicholas-Hill.

CORRENTES

Streamers. Realização: Robert Alt-
man (EUA-1983). Interpretação: Matt-
hew Modine, Michael Wright, Mitchell
Lichtenstein.

CRISTAL MÁGICO

Roller Blade. Realização: Donald G.
Jackson (EUA). Interpretação: Suzanne
Solari, Jeff Hutchinson, Shaun Michel-
le.

(A) CULPA FOI DO NERO

Sátira vulgar aos filmes históricos.
Franchi/Ingrassia no tempo de Nero,
pois...

Satiricosissimo. Realização: Maria-

no Laurenti (Itália-1970). Interpreta-
ção: Franco Franchi, Ciccio Ingrassia,
Giancarlo Badessi.

●

DESTINOS CRUZADOS

Separate Ways. Realização: Howard
Avedis (EUA). Interpretação: Karen
Black, Tony Lo Bianco, David Naugh-
ton.



(OS) 2 FILHOS DE RINGO

I Due Figli di Ringo. Realização:
Giorgio Simonelli (Itália-1967). Inter-
pretação: Franco Franchi, Ciccio In-
grassia, George Hilton.

(OS) DOIS MAGOS DA BOLA

Ciccio Ingrassia e Franco Franchi no
reino do futebol. Grotesco.

I Due Maghi del Pallone. Realização:
Mariano Laurenti (Itália-1970). Inter-
pretação: Franco Franchi, Ciccio In-
grassia e Karin Schubert.

●

DONATELLA

Donatella. Realização: Mario Moni-
celli (Itália-1956). Interpretação: Elsa
Martinelli, Gabriele Ferzetti, Walter
Chiari.

ELAS SÓ QUEREM FARRA

Na onda dos filmes com jovens e para
jovens, um pouco de amor, um pouco de
humor, um pouco de música, um pouco
de dança, as fitas parecem-se todas umas
com as outras. Fraquinha e indistinta
assim é esta, também.

Girls Just Want Have Fun. Realiza-
ção: Alan Metter (EUA-1985). Interpre-
tação: Sarah Jessica Parker, Lee Mont-
gomery, Helen Hunt.

★



FUGA DE TAIGA

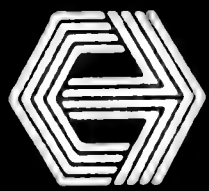
Escape from Taiga. Realização: Ha-
rald Philipp (RFA-1967). Interpreta-
ção: Thomas Hunter, Marie Versini,
Rolf Boysem.

JOGOS PROIBIDOS

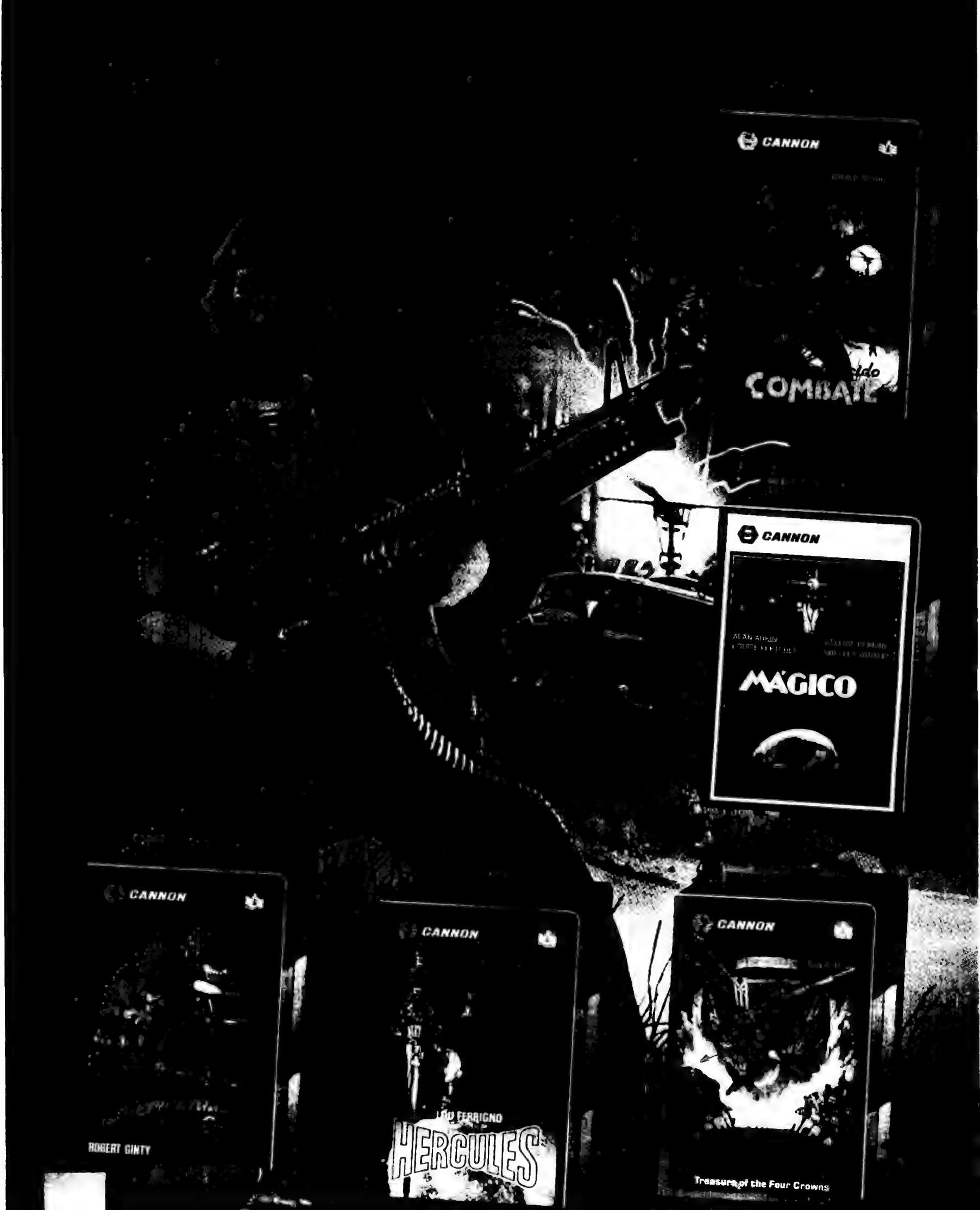
Beginner's Luck. Realização: Frank
Mouris (EUA). Interpretação: Sam
Rush, Riley Steiner, Charles Homet.

JOVENS ACORRENTADAS

Kurt Raab é um nome que nos habi-
tuamos a ver nos genéricos dos filmes de
Fassbinder, como seu assistente e, so-
bretudo, cenografista. Que, ao passar a
realizador, Raab tenha escolhido empa-
cotar sado-masquismos de quinta or-



CANNON



CANNON

COMBATE

CANNON

MÁGICO

CANNON

ROBERT GINTY

CANNON

HERCULES

CANNON

Treasure of the Four Crowns



ecovideo

EDIÇÕES COMERCIAIS VIDEO, LDA. - AV. LIBERDADE, 563 - 3700 S. JOÃO DA MADEIRA - TELS. 28545/6 - TELEX 26650 ECOVID P - PORTUGAL.

dem, é de deixar qualquer um confuso. *Die Insel der Blutigen Plantage*. Realização: Kurt Raab (RFA-1982). Interpretação: Barbara Valentin, Udo Kier, Karl O. Alberty.



JOVENS REBELDES

Mais um filme da «2.ª divisão» americana em torno da juventude «transviada». Violência, música e relações amorosas: a vulgaridade militante. E, contudo, se olharmos para o nome do realizador, até se auguraria outra coisa...

Tuff Turf. Realização: Fritz Kiersch (EUA-1984). Interpretação: James Spader, Kim Richard, Paul Mones.

LOUCAS ENTREGAS

Delivery Boys. Realização: Ken Handler (EUA). Interpretação: Joss Marcano, Tom Sierchio, Jim Soriero.

MELANIE

Melanie. Realização: Rex Bromfield (EUA). Interpretação: Glynnis O'Connor, Paul Sorvino, Burton Cummings.

(AS) MIÚDAS

The Vals. Realização: James Polakof (EUA). Interpretação: Jill Carroll, Elena Stratheros, Michelle Laurita.

(A) MORTE SORRIU AO ASSASSINO

«Terror à italiana» realizado por um homem que, uns anos depois — sob o nome de Joe D'Amato — havia de se distinguir no *soft core* transalpino...

La Morte a Sorriso all'Assassino. Realização: Aristide Massaccesi (Itália-1973). Interpretação: Klaus Kinski, Ewa Aulin, Angela Bo.

MULHER FATAL

Covergirl. Realização: Jean-Claude Lord (Canadá). Interpretação: Jeff Conaway, Cathie Shirriff, Roberta Leighton.

NÃO ESTÁ BEM ROUBAR O TESOURO

Non Sta Bene Rubare il Tesoro. Realização: Mario Di Nardo (Itália-1967). Interpretação: Ingeborg Schoner, Marie France Pisier, Ian Hendriks.

NÍVEL ZERO

Def-Con 4. Realização: Paul Dono-

van (EUA). Interpretação: Lenore Zann, Maury Chaykin, Kate Lynch.

NOVA IORQUE CHAMA SUPERDRAGÃO

Filme de acção, espionagem à italiana, como havia, às dúzias, nos anos 60. *New York Chiama Superdrago*. Realização: Calvin Jackson Padget (Itália-1966). Interpretação: Ray Danton, Margaret Lee, Carlo D'Angelo.

PONTE INTERMINÁVEL

The Longest Bridge. Realização: Tung

Shan-Si. Interpretação: Kuo Chuan-Hsiung, Lin Chün-Hsia.

«PURO» COMO UM ANJO

Puro Siccome un Angelo Papà me Fece Monaco... di Monza. Realização: Gianni Grimaldi (Itália-1969). Interpretação: Lando Buzzanca, Igli Villani, Paolo Carlini.

(O) RAPAZ DA GUERRA

The Warboy. Realização: Allan Eastman (EUA). Interpretação: Helen Shaver, Kenneth Welch, Jason Hopley.

TORMENTO

Torment. Realização: Samson Aslanian e John Hopkins (EUA). Interpretação: Taylor Gilbert, William Witt, Eve Brenner.

13 PASSOS PARA O TERROR

The Attic. Realização: George Edwards (EUA-1980). Interpretação: Carrie Snodgrass, Ray Milland.

TUDO POR AMOR

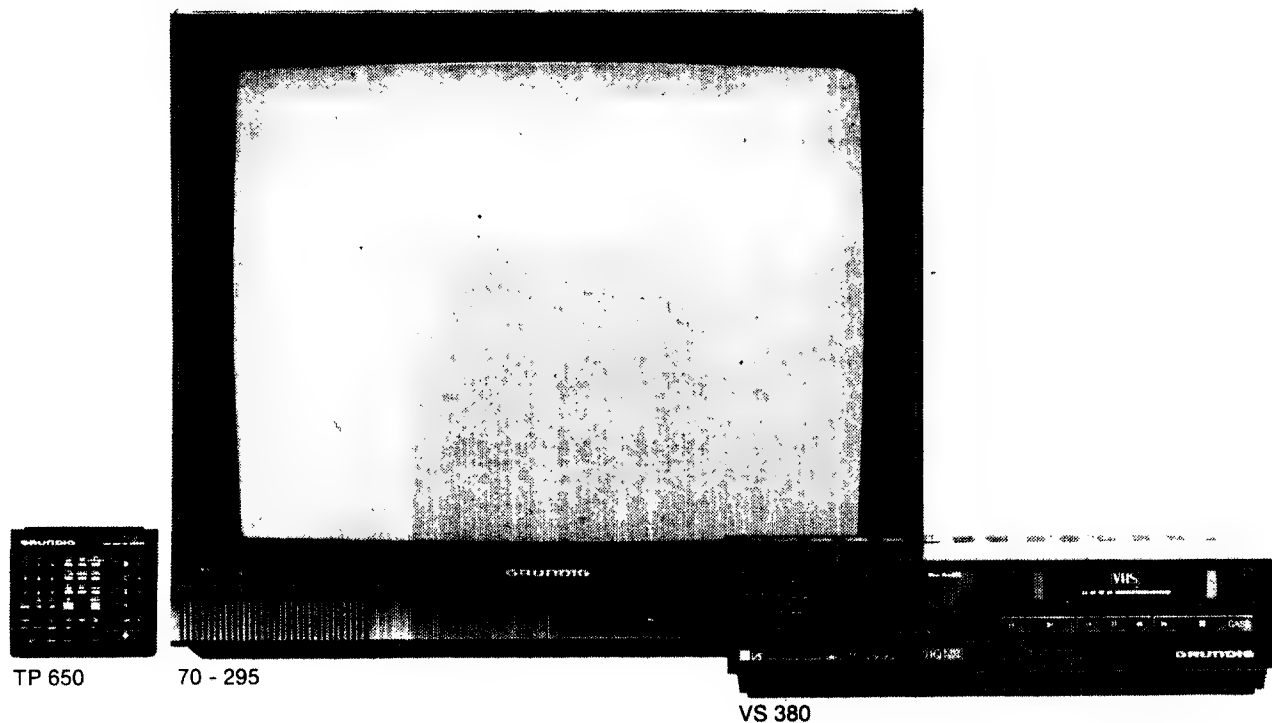
Esta história romântico-criminal com Nastassja Kinski é um mistério filmográfico. A fita tem como data incluída no

genérico da versão inglesa «para exportação» o ano de 1982, o que não pode ser a data de produção, uma vez que basta olhar para Nastassja Kinski para se constatar que ela não passava então de uma ninfeta. Ou seja, o filme é com certeza dos anos 70. Mais curioso: não figura nem nas filmografias conhecidas da actriz nem nas de Wolfgang Petersen, o realizador!

Mas o filme existe, garanto. É frágil, mas existe.

Reifezeugnis. Realização: Wolfgang Peterson (RFA). Interpretação: Nastassja Kinski, Christian Quadflieg, Judy Winter.

★



TP 650

70 - 295

VS 380

Para a Grundig o desafio chama-se perfeição.

É possível aperfeiçoar os televisores a cores? É possível introduzir no video-gravador novos avanços técnicos que se traduzam numa melhor imagem e numa utilização mais prática e adequada? A Grundig responde sim.

Os novos televisores e video-gravadores Grundig provam que a Grundig venceu o desafio da inovação tecnológica e o resultado é a perfeição.

NOS TELEVISORES:

Perfeição da imagem: o sistema exclusivo Grundig C.T.I. impede a mistura das cores e consegue uma perfeita definição da imagem.

Recepção de todos os Sistemas de TV:

o Multi-System

permite ver, de agora em diante todos os sistemas do mundo

Visão total: o ecrã dos novos televisores Grundig é plano permitindo uma visão total da imagem, sem perda de ângulos

Recepção de TV por cabo: um sintonizador

que permite a recepção de televisão por cabo

Ligação telecomandada a sistemas de Hi-Fi: o

telecomando de infravermelhos

possui uma tecla Hi-Fi para ligar o som do

televisor a um sistema de alta fidelidade

Facilidade de utilização: controlo simultâneo do video e do televisor por meio do telecomando

NOS VIDEO-GRAVADORES:

Facilidade de utilização: os novos video-gravadores Grundig estão equipados com um microcomputador que, dialogando consigo através do "display" torna extraordinariamente fácil o seu manejo

Medição exacta do tempo: com um sistema exclusivo, o ATTS que mede as gravações com extrema exactidão e no tempo real, à vista do operador.

Chave de segurança electrónica: que permite um código pessoal que evita a utilização por estranhos.

Melhorou ainda mais a qualidade de imagem através do novo sistema electrónico

HQ Supervision que permite a máxima definição dos controlos de imagem melhorando a relação sinal/ruído.

Quando uma marca aceita os desafios da técnica e lhes responde totalmente, o resultado é a perfeição. A Grundig aceita esse desafio.

GRUNDIG
O NOVO FAZ A GRUNDIG

Salão de Exposição
Praça da Figueira n. 18 - 1. Esq.
1100 LISBOA

EDIVIDEO

A Edivideo é uma das mais importantes editoras videográficas portuguesas. Para além de produções independentes, representa alguns relevantes catálogos americanos: os da CIC, Vestron, Embassy, Thorn Emi e BBC Video. A qualidade técnica das suas edições é, em geral, boa. EDIVIDEO — Rua Manuel Ferreira Andrade, 6-A, 1500 LISBOA

AEROPORTO 80

Filme-catástrofe na era do Concorde. Indistinto.
Airport '80. Realização: David Lowell Rich (EUA-1979). Interpretação: Alain Delon, Susan Blakely, Robert Wagner.

AEROPORTO 77

Um avião que se afunda no oceano. O pânico e o salvamento, polvilhados de pequenas histórias particulares de cada

um dos passageiros. A eterna fórmula dos filmes-catástrofe: muitos actores, escasso engenho, interesse mínimo.
Airport '77. Realização: Jerry Jameson (EUA-1977). Interpretação: Jack Lemmon, Lee Grant, Joseph Cotten.

AMERICAN GIGOLO

O mais bressoniano filme de Schrader ou uma história de pecado e redenção de um distinto gigolo californiano.
American Gigolo. Realização: Paul Schrader (EUA-1980). Interpretação:

Richard Gere, Lauren Hutton, Hector Elizondo.

AMIGOS E AMANTES

Sátira às aventuras sexuais e à periclitância dos sentimentos, dirigida por um sólido realizador da «2.ª linha» e com alguns actores (Shirley MacLaine, em particular) não negligenciáveis. *Entertainment* sem remorsos.

Loving Couples. Realização: Jack Smight (EUA-1980). Interpretação:

Shirley MacLaine, James Coburn, Susan Sarandon.

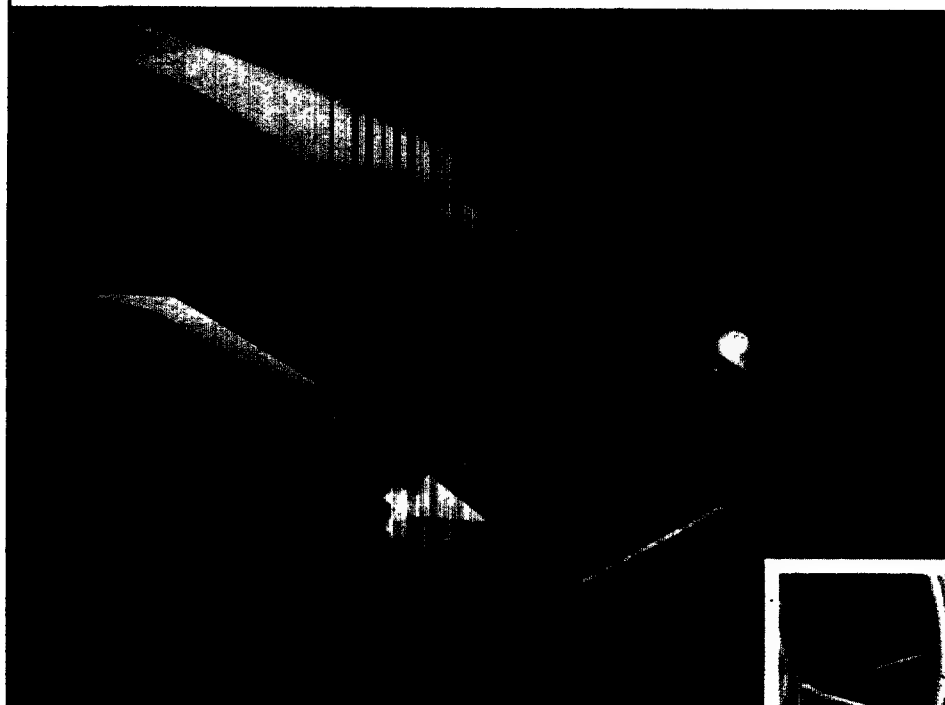
APOCALYPSE NOW

No interior do cinema americano, «*Apocalypse Now*» é o filme que encerra os anos 70 e, de algum modo, totaliza o que foi essa década, toda feita de horror, fascínio, espanto, ilusões perdidas. É, evidentemente e antes de tudo, o filme de extrema lucidez, da despedida carnal da juventude, do ocaso: o rio subiu-se, o cálice bebeu-se, *The end...* Mas é também o filme-rio, o ponto extremo de um experimentalismo ousado (filme sem argumento, cerzindo histórias, organizando-se em visões), a travessia formal do cinema dos anos 70 e o seu encontro com o espectáculo absoluto, os grandes meios de produção, a *féerie*. A conjugação desses pólos, até então disjuntos, originou um gigante obsessivo, genial, para amar até ao último fotograma.

Apocalypse Now. Realização: Francis Ford Coppola (EUA-1979). Interpretação: Martin Sheen, Robert Duvall, Marlon Brando.

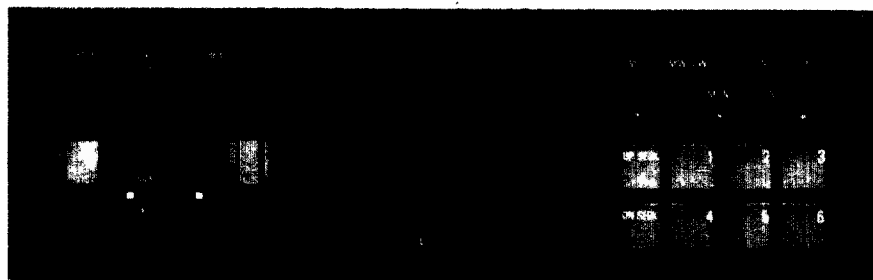
★★★★★

ALPINE



Um toque de excelência, um estilo único, a alta fidelidade dentro do seu automóvel.

Car Audio Systems



ALPINE Touch
a inextinguível performance

GALSOM

Sociedade Comercial de Equipamentos Electronicos, Lda.

R. António Saúde, n.º 7-A · 1500 LISBOA Telef. 74 04 05/74 12 81 · Telex: 64375 GALSOM P



AQUELE INVERNO EM VENEZA

História de mistério e amor no cenário doentio de Veneza, este filme de Nicholas Roeg — que permanece como o seu melhor trabalho de sempre — despertou reacções polémicas aquando da estreia nas salas. Pretensioso e malabarístico para uns, brilhante e enigmático para outros, «*Aquele Inverno em Veneza*» é o tipo de cinema que, pessoalmente, me não convence mas a que concedo o benefício de ser um entretenimento bem acabado.

Don't Look Now. Realização: Nicholas Roeg (GB-1973). Interpretação: Donald Sutherland, Julie Christie, Massimo Serato.

★★

ASSALTO EM TELAVIVE

Um roubo a um importante entreposto diamantífero israelita, perpetrado por divertimento... Algum humor, alguma acção, algumas cenas de roteiro turístico: foi assim, com fitas destas, mazinhas mas comerciais, que Golan e Golan foram edificando o seu império.

Diamonds. Realização: Menahem Golan (Israel-1975). Interpretação: Robert Shaw, Richard Roundtree, Shelley Winters.

★

INTERFACE adapt.

(A) BATALHA DE MIDWAY

Superprodução que, na sala do Tivoli nos fazia estremecer ao som do *sensurround*. O espectáculo da guerra naval não é tosco mas os personagens não têm esqueleto. Muitos actores, muito movimento, pouco sumo...

Midway. Realização: Jack Smight (EUA-1976). Interpretação: Charlton Heston, Henry Fonda, Robert Mitchum.

★

(A) BATALHA DO RIO DA PRATA

Um dos filmes de guerra da dupla Powell/Pressburger, responsável por alguns dos mais belos momentos do cinema britânico dos anos 40 e 50. Sólido elenco, grandes meios, argumento não isento de sagacidade, cômputo geral distante, porém, dos filmes memoráveis que Powell/Pressburger nos deixaram.

The Battle of the River Plate. Realização: Michael Powell e Emeric Pressburger (GB-1956). Interpretação: John Gregson, Anthony Quayle, Peter Finch.

★

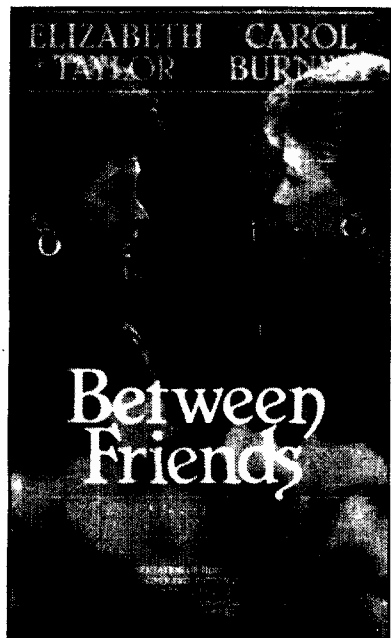
BENJI

Um cãozinho enternecedor e vagabundo consegue resolver um caso de rapto de crianças para gáudio dos espectadores bem formados.

Mau grado as boas intenções, é impossível não ver o arquiconvencionalismo do argumento e a pouca agilidade narrativa (que se ocorre de tudo quanto é rodriguinho). Os putos merecem melhor.

Benji. Realização: Joe Camp

(EUA-1983). Interpretação: Peter Breck, Christopher Connelly, Patsy Garrett.

**BETWEEN FRIENDS**

Ainda um telefilme centrado na amizade de duas mulheres na casa dos quarenta e as suas angústias em tempos pós-divórcio.

Banal, apesar das actrizes. Mas Elizabeth Taylor está tão longe do que era...

Between Friends. Realização: Lou António (Canadá-1983). Interpretação: Elizabeth Taylor, Carol Burnett, Henry Ramer.

★

BORN AGAIN

Um dos conselheiros de Nixon, apalhado na voragem do Watergate, vai para a cadeia de onde renasce para uma nova vida.

Uma história carunchosa num filme sem história...

Born Again. Realização: Irving Rapper (EUA-1978). Interpretação: Dean Jones, Anne Francis, Jay Robinson.

●

(O) CAÇADOR

A violenta polémica gerada à data da sua estreia nas salas respondeu a sedimentação do tempo: «O Caçador» é o filme que marca, com intensidade, a ressaca do Vietname, a América a lamber as feridas, os anos da dor e do ensimesmamento. A fita não deixou de ser directista, ergue-se, porém, hoje, com uma amplitude que como que esbate a ideologia e reacende a mágoa. Trata-se — sempre se tratou — de um grande filme.

The Deer Hunter. Realização: Michael Cimino (EUA-1978). Interpretação: Robert de Niro, John Savage, Meryl Streep.

★★★★

(O) CAÇA-POLÍCIAS

Bom êxito cinematográfico, retumbante lançamento em vídeo (figurando como campeão de vendas em vários importantes mercados), esta comédia elevou Eddie Murphy para o estatuto de vedeta.

Não sendo um grande filme, garante um punhado de cenas divertidas, consti-

tuindo um entretenimento prometedo.

Beverly Hills Cop. Realização: Martin Brest (EUA-1984). Interpretação: Eddie Murphy, Lisa Eilbacher, Yvonne Reinhold.

★★

(O) CÃO

Uma história político-fantástica, al-gures na América do Sul: um cão que persegue, infatigável, um prisioneiro político que lhe matou o dono, um guarda da prisão. Sanguinolência e estereótipos estão no programa desta produção espanhola.

El Perro. Realização: Antonio Isasi (Espanha-1978). Interpretação: Jason Miller, Lea Massari, Juan-António Bardem.

●

CARTAS DE AMOR

Melodrama sentimental, «Cartas de Amor» é a história de uma mulher que descobre, após a morte da mãe, cartas contendo a revelação de uma paixão ignorada. A par disso decorre a sua própria vida afectiva...

Um filme menor mas curioso.

Love Letters. Realização: Amy Jones (EUA-1983). Interpretação: Jamie Lee Curtis, James Keach, Amy Madigan.

★

(O) CASO IPCRESS

Na senda de James Bond, uma vaga de filmes de espionagem ocorreu nos anos 60 — de que «O Caso Ipcress» é um dos melhores exemplos. O herói é Harry Palmer (interpretado por Michael

Caine) e haveria de sobreviver para mais dois filmes.

The Ipcress File. Realização: Sidney J. Furie (GB-1965). Interpretação: Michael Caine, Nigel Green, Sue Lloyd.

★★

(O) CÉLEBRE ROUBO DE GLASGOW

No princípio dos anos 60 o assalto ao comboio-correio Glasgow-Londres foi considerado o crime do século pelo seu engenho e precisão. Esta é a cinematização desse acontecimento onde o que mais há a ressaltar é a cena de perseguição automóvel logo no início. O resto é industriosa rotina.

Robbery. Realização: Peter Yates (GB-1967). Interpretação: Stanley Baker, Frank Finlay, Joanna Pettet.

★

CHACAL

Um atentado contra De Gaulle, planeado pela OAS nos conturbados anos 60, é tema deste filme. Intriga policiária construída com método, profissionalismo de processos, mas nenhuma ideia de cinema particularmente notável.

The Day of the Jackal. Realização: Fred Zinnemann (GB-1973). Interpretação: Edward Fox, Michel Londeale, Eric Porter.

★★

CHINATOWN

Polanski no reino do «filme negro»: um dos melhores trabalhos da sua carreira.

20 ANOS
AO SERVIÇO
DA ELECTRONICA



SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES... a melhor assistência ao seu televisor e vídeo

**GARANTIMOS:
RAPIDEZ e EFICIÊNCIA**

SONORIZAÇÕES EM:

HOTÉIS • CLUBES • DISCOTECAS • CAMPOS DE FUTEBOL • CONGRESSOS • GRANDES RECINTOS • PAVILHÕES • SISTEMAS P.A. DE GRANDE POTÊNCIA

SENHORES EMPRESÁRIOS:

Para uma boa manutenção do vídeo dos seus estimados clientes contacte-nos.

Somos a organização mais habilitada e prestigiada do País em serviço de assistência técnica ao vídeo e televisão a cores.



88 27 86
89 98 26

Av. S. João de Deus, 13-B
R. de Macau, 8 - 1.º
LISBOA

Chinatown. Realização: Roman Polanski (EUA-1974). Interpretação: Jack Nicholson, Faye Dunaway, John Huston.

★★★★★

COM JEITO VAL... DE BACAMARTE À SOLTA

A série «Carry On...» (em Portugal, «Com Jeito Vai...» durou perto de vinte anos e é um caso curioso de longevidade de um estilo de comédia britânica... mais escancarada que verdadeiramente divertida.

Esta fita é das últimas que foram produzidas e talvez sirva para matar saudades aos velhos habitués do S. Jorge...

Carry on Dick. Realização: Gerald

Thomas (GB-1974). Interpretação: Sydney James, Barbara Windsor, Kenneth Williams.

★

(O) COMANDO DOS TIGRES NEGROS

Uma fita de acção, com espionagem e intrigas políticas por fundo. Os adeptos de Chuck Norris, perito em artes marciais e actor inteiriçado, têm aqui uma oportunidade de o encontrarem.

Good Guys Wear Black. Realização: Ted Post (EUA-1977). Interpretação: Chuck Norris, Anne Archer, Lloyd Haynes.

●

(O) COMBOIO DOS DUROS

Em vez de cavalos, camiões, mas o espírito continua a ser o do western. Um filme onde o espectáculo da violência é amaciado pelo bom humor do conjunto.

Convoy. Realização: Sam Peckinpah (EUA-1978). Interpretação: Kris Kristofferson, Ali MacGraw, Ernest Borgnine.

★★★

CONAN E OS BÁRBAROS

A chegada de Conan, herói mítico da literatura de sword and sorcery, ao cinema: grandes meios cenográficos e humanos e um autor (Milius) mais interessado nas cambiantes malélicas do vi-

lão que nas virtudes hercúleas do Bem.

Conan, the Barbarian. Realização: John Milius (EUA-1982). Interpretação: Arnold Schwarzenegger, James Earl Jones, Sandahl Bergman.

★★

CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE

Para um dos mais brilhantes romances policiais de Agatha Christie escolheu Lumet uma adaptação académica mas luxuosa, onde só pelo prazer de ver trabalhar os actores (Finney em impagável cabotino, Ingrid Bergman em sublime ensimesmamento, Bacall divina, como sempre...) a gente dá o tempo por bem empregue.

Murder on the Orient Express. Realização: Sidney Lumet (GB-1974). Interpretação: Albert Finney, Lauren Bacall, Ingrid Bergman.

★★

DESVENDAR DE UM MISTÉRIO

Uma casa assombrada pelo fantasma de um garoto, uma história tenebrosa desenterrada das décadas do tempo, um filme canadiano em que o pavoré, sobretudo, ver a câmara de Medak, artilhada de grande angular, a varrer o espaço, possessa de pouca imaginação...

The Changeling. Realização: Peter Medak (Canadá-1979). Interpretação: George C. Scott, Trish Van Devere, Melvyn Douglas.

★

(O) DUELO DAS ÁGUIAS

O medo e o heroísmo em tempo de combates aéreos na Primeira Guerra Mundial. Um filme industrioso.

Aces High. Realização: Jack Gold (França/GB-1976). Interpretação: Malcolm McDowell, Christopher Plummer, Peter Finch.

★★

EL CID

Quando Bronston, nos anos 60, se instalou em Espanha para produzir algumas das mais espectaculares — e desastrosas — superproduções da década, «El Cid» foi um dos seus primeiros resultados. Grande e caro, longo e pesado, este filme teve algum sucesso na época mas o tempo fez a sua usura. Dizem as más línguas que o melhor da carreira de Heston está aqui: morto, em cima do cavalo, nas cenas finais...

El Cid. Realização: Anthony Mann (EUA/Espanha-1961). Interpretação: Charlton Heston, Sophia Loren, Raf Vallone.

★

(A) EPOPEIA DO IMPÉRIO

Amores e combates na Índia, então jóia da Coroa britânica. Luxuoso e ruminado.

The Far Pavillions. Realização: Peter Duffell (GB-1983). Interpretação: Ben Cross, Amy Irving, Omar Sharif.

★

HUMONGOUS

Um daqueles filmes de terror onde a falta de jeito se socorre de sanguinolência e muitos cadáveres. Mete mais tédio que medo mas acaba por fazer jus aos géneros de terror. É de fugir dele a sete pés...

Humongous. Realização: Paul Lynch (EUA). Interpretação: Janet Julian, David Wallace.

●

(THE) JAZZ SINGER

O título retoma o do primeiro talkie, o argumento é-lhe semelhante (a história de um homem que triunfa no show business) mas não há nada de jazz por aqui. Há sim, as canções de Neil Diamond que vale sempre a pena ouvir.

The Jazz Singer. Realização: Richard Fleischer (EUA). Interpretação: Neil Diamond, Laurence Olivier, Lucie Arnaz.

★

KLONDIKE FEVER

O jovem Jack London em plena corrida ao ouro do Klondike num filme canadiano médio, visível mas sem nenhuma chama particular. Pretexto para ver alguns actores notáveis, Angie Dickinson em especial (mas que longe estamos de «Rio Bravo»...)

AO SEU ALCANCE, O SOM E A IMAGEM DA QUALIDADE E agora uma programação exclusiva

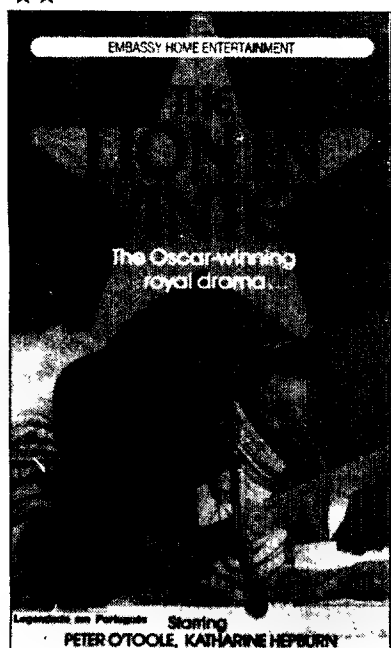
Em sua casa, o Video e a Alta Fidelidade dos seus sonhos podem tornar-se realidade. Nas lojas SINGER assinaladas "Hifi & Video Clube Singer", conheça a qualidade e as vantagens deste sistema. E conheça a nova iniciativa, exclusiva para sócios: uma excelente selecção de filmes, que pode alugar por apenas 200\$00 por dia.

VIDEO & HIFI SINGER
Venda exclusiva na SINGER.
Com total assistência técnica



• Uma marca de qualidade SINGER

Klondike Fever. Realização: Peter Carter (Canadá-1979). Interpretação: Barry Morse, Rod Steiger, Angie Dickinson. ★★



(O) LEÃO NO INVERNO

Henrique II e Eleanor da Aquitânia, reis de Inglaterra, celebram o Natal entre intrigas pela sucessão... Uma peça teatral transportada para o ecrã com escasso fôlego. Mas, para ver Katharine Hepburn representar, todas as adjacentes insuficiências se quedam...

The Lion in Winter. Realização: Anthony Harvey (G.B.-1968). Interpretação: Peter O'Toole, Katharine Hepburn, Jane Merrow. ★★

LOCAL HERO

Uma deliciosa pérola britânica na arte de narrar com um sorriso nos lábios.

Local Hero. Realização: Bill Forsyth (G.B.-1983). Interpretação: Burt Lancaster, Peter Riegert, Denis Lawson. ★★

MAKING MICHAEL JACKSON'S THRILLER

O célebre video clip realizado por John Landis comercializado com breve documentário em torno da sua rodagem. Se «Thriller» é um caso ímpar no reino do video clip, esta edição videográfica não pode deixar de ser considerada relevante. ★★

MARILYN, THE UNTOLD STORY

«Biotic» para televisão, sobre a biografia de Marilyn Monroe segundo o controverso livro de Norman Mailer. Catherine Hicks, na protagonista, ajuda a provar que Marilyn não tem herdeiras. **Marilyn, the Untold Story.** Realização: John Flynn e Jack Arnold (EUA-1983). Interpretação: Catherine Hicks, Richard Basehart, Frank Converse. ★

MANITÚ

Um poderoso feiticeiro índio, velho de 400 anos, reencarna, através de um tumor fetal, no pescoço de uma mulher... Um filme de horror simplório e algo risível.

The Manitou. Realização: William Girdler (EUA-1977). Interpretação: Tony Curtis, Susan Strasberg, Stella Stevens. ●

(THE) MILLION DOLLAR FACE

Telefilme sumário, onde o nome das vedetas serve para fazer passar uma his-

tória esquemática, em meio de alta finança. Poder, dinheiro e amor é o triunvirato convocado, mas o filme nunca consegue ser mais que um lugar inóspito e banal.

The Million Dollar Face. Realização: Michael O'Herlihy (EUA-1979). Interpretação: Tony Curtis, Sylvia Kristel, Herschel Bernardi. ●

MURDER BY NATURAL CAUSES

Um argumento policial bem arquitetado (se bem que aparentado a coisas já vistas — com outro fôlego), realizado para televisão com simples escoreiteza profissional.

Murder by Natural Causes. Realização: Robert Day (EUA-1979). Interpretação: Hall Holbrook, Katherine Ross, Barry Bostwick. ★



(O) NEVOEIRO

O soberbo filme de John Carpenter, imagicamente retrabalhado para edição vídeo. Perde-se o espantoso sentido plástico de Carpenter, fica a história terrífica. Não é muito mas é o bastante para que os que gostam de filmes que metem medo lhe dêem uma olhadela.

The Fog. Realização: John Carpenter (EUA-1979). Interpretação: Adrienne Barbeau, Jamie Lee Curtis, John Houseman. ★★

NOITE SEM FIM

Um policial britânico que vive sobretudo de uma história relativamente engenhosa, narrada com correcção e algumas manhas de veterano. Actores pouco convincentes, música «à maneira» (assinada por Hermann), um conjunto visível mas, repita-se, graças mais a Agatha Christie que a qualquer outra coisa.

Endless Night. Realização: Sidney Gilliat (GB-1971). Interpretação: Hayley Mills, Hywel Bennett, Britt Ekland. ★★

NOVA IORQUE 1997

Em Nova Iorque, transformada em gigantesca prisão, Carpenter filma acção futurista com bastante eficácia visual, mas estreita consistência dramática. Pena que o esplendor plástico de Carpenter esteja amesquinçado por uma versão pan and scan.

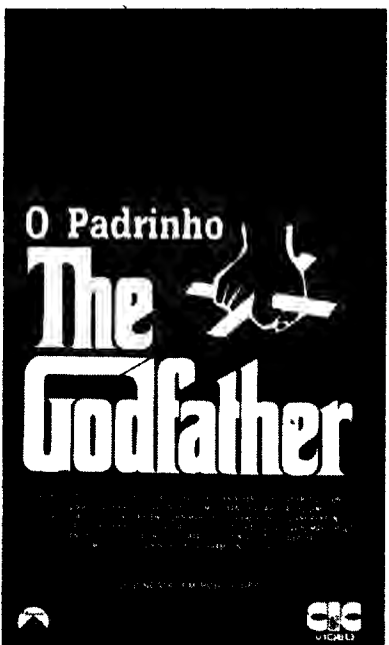
Escape from New York. Realização: John Carpenter (EUA-1980). Interpretação: Kurt Russell, Lee Van Cleef, Ernest Borgnine. ★★

OPERAÇÃO GOLFINHO

Um biólogo consegue ensinar um golfinho a falar. Mas há quem queira fazer dele uma arma

Curioso filme, entre a aventura científica e a história de espionagem, que, porém, acaba por se tornar uma aventura da Lassie em meio aquático... As crianças devem gostar.

The Day of the Dolphin. Realização: Mike Nichols (EUA-1973). Interpretação: George C. Scott, Trish Van Devere, Paul Sorving. ★★



(O) PADRINHO

«O Padrinho» é um monumento cinematográfico, não há que economizar palavras. Quanto mais os anos passam mais se torna evidente esse facto. Actores, clima, argumento, cenografia, negrume... Trata-se, claro, de uma parábola do capitalismo («negócios» é a palavra que mais se ouve), não distante nem fria, mas com a envolverência familiar, o toque étnico, o cansaço de uma condenação, o peso de uma inelutabilidade.

The Godfather. Realização: Francis Ford Coppola (EUA-1972). Interpretação: Marlon Brando, Al Pacino, Diane Keaton. ★★★★★

PELA MIRA DA ESPINGARDA

Um filme em forma de parábola do assassinato do presidente Kennedy. Pelos corredores do poder e do crime, o irmão do presidente morto descobre que o sistema está podre. Com um argumento inaceitável e uma realização confusa, eis uma fita que nem o notável elenco consegue redimir.

Winter Kills. Realização: William Richert (EUA-1979). Interpretação: Jeff Bridges, John Huston, Anthony Perkins. ●

(O) PEQUENO PRÍNCIPE

O personagem de Saint-Exupéry, adaptado a cinema de animação. Tecnicamente não particularmente brilhante — o traço — «Marco» é limitado — esta videocassete contém três episódios de uma série televisiva, desiguais, mas que os seus filhos vão gostar de ver.

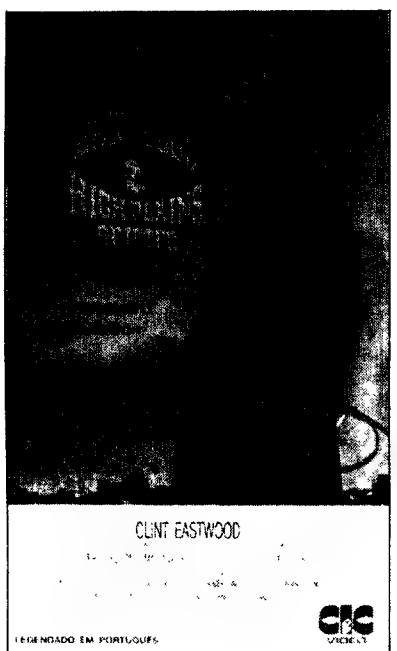
O Pequeno Príncipe (The Adventures of the Little Prince). 3 episódios: «Alguém no Espaço», «Mais Alto do que as Águias Voam» e «O Limpa-chaminés». Realização: Franklin Cojod (EUA-1983). Vozes de Julie Dees, Hall Smith, Bob Ridgely, Janet Wald. ★★

(OS) PERVERSOS

A aprendizagem do assassinio e da crueldade, assim se poderia resumir este estranho filme de Michael Winner, segundo Henry James. Em 1971 relançou

a carreira de Brando. Em 1986 é uma curiosidade sem interesse de maior.

The Nightcomers. Realização: Michael Winner (GB-1971). Interpretação: Marlon Brando, Stephanie Beacham, Thora Hird. ★



(O) PISTOLEIRO DO DIABO

Um dos primeiros filmes de Eastwood — realizador, entrando pelo western ainda com a sombra de Leone a planar. Misógino, violento, algo irónico, «O Pistoleiro do Diabo» oscila entre a surpresa e a presunção: merece ser visto como antecâmara de um cineasta que havia de subir bem mais alto.

High Plains Drifter. Realização: Clint Eastwood (EUA-1972). Interpretação: Clint Eastwood, Verna Bloom, Mariana Hill. ★★

PLUTONIUM INCIDENT

Plutonium Incident. Realização: Richard Michaels (EUA-1980). Interpretação: Jordan Charney, J. A. Preston, Nicholas Pryor. ●

(THE) PRESIDENT'S MISTRESS

Nos bastidores da política americana, uma história policial-sentimental realizada para televisão com a habitual platITUDE.

The President's Mistress. Realização: John Lewellyn Moxey (EUA-1978). Interpretação: Larry Hagman, Beau Bridges, Karen Grassle. ●

PUNHOS DE VINGANÇA

Um filme de kung-fu. Com isso ficarão talvez satisfeitos os consumidores que não vêem mais que «fitas de porrada».

The First of Vengeance. Realização: Cheng Hung Man (China — Hong Kong — EUA-1973). Interpretação: Kung Bun, Shji Karada. ●

48 HORAS

Um policial trepidante e divertido com Eddie Murphy, desconcertante. Walter Hill dirige com nervo, eficácia e bom humor.

48 HRS. Realização: Walter Hill (EUA-1982). Interpretação: Nick Nolte, Eddie Murphy, Annette O'Toole. ★★

(A) QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

Superprodução de Bronston em Espanha: cenários monumentais e vedetas. Mas o filme é um óbvio pastelão.

The Fall of the Roman Empire. Realização: Anthony Mann (EUA-Espa-

nha-1964). Interpretação: Sophia Loren, Stephen Boyd, Alec Guinness. ★

(O) RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS

A célebre operação israelita em Entebbe, fabricada em estilo de propaganda sionista e ongregando grandes meios e muitos actores.

Raid on Entebbe. Realização: Irving Kershner (EUA-1976). Interpretação: Peter Finch, Charles Bronson, Martin Balsam. ★

(AS) RAPARIGAS DA PENTHOUSE

Seis sketches eróticos, fabricados com a marca da famosa revista americana «só para homens», preenchem o programa desta videocassete, completado por uma sessão de fotografia de Bob Guccione com a Pet of Year 84. Lascívia soft, bem embalada, em 58 minutos onde alternam a vulgaridade e o requinte.

The Girls of Penthouse. Realização: Edward Holzman (EUA-1984). ★★

(OS) RICOS E OS POBRES

Uma comédia assaz divertida juntando os dois nomes de proa do género na actualidade (Aykroyd e Murphy) sob as ordens de Landis, com um argumento bem arquitetado. Não é nenhum «tiro» mas é uma razoável garantia para uma noite bem passada.

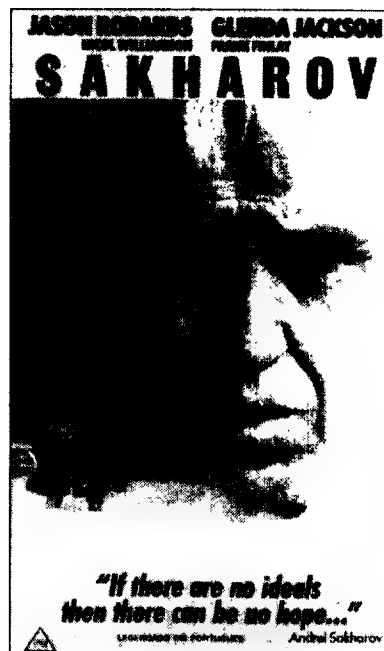
Trading Places. Realização: John Landis (EUA-1983). Interpretação: Dan Aykroyd, Eddie Murphy, Jamie Lee Curtis. ★★

ROMANCE EM NOVA IORQUE

A felicidade é uma coisa boa e rara e este filme irradia-a.

Explicar, como? Olhando estas histórias de amor, este humor que faz parêntesis da lógica e das convenções, este tormigar da Big Apple, estes actores a tazer de gente que é e não é como a gente, este filme que não gosta de horários, polícias, rotina, mandos chatos, esta ficção em que a cada madrinha viaja ao volante de um táxi, esta espécie de fim-de-semana entre as coisas sérias em que, por uma vez, essa única coisa séria que é o amor está ali a cruzar-se nos lugares mais insensatos, imprevisíveis, felizes...

They All Laughed. Realização: Peter Bogdanovich (EUA-1981). Interpretação: Audrey Hepburn, Ben Gazzara, John Kitter. ★★★★★



SAKHAROV

Um telefilme sobre a vida de Sakharov e o seu combate em prol dos direitos



A violência tem sido um dos filões explorados pelo mercado videográfico com repelente constância. Evidentemente que não é a violência, em si, que é preocupante mas a sua gratuidade: não há filme mais violento que «O Caçador», com Robert de Niro, não é isso que o apouca

numanos. Mesmo descontando a propaganda, é uma fita inquietante. Realização corrida, impecáveis actores.

Sakharov. Realização: Jack Gold (G.B.-1984). Interpretação: Jason Robards, Glenda Jackson, Nicol Williamson.

★ ★

(A) SEXTA-FEIRA MAIS LONGA

The Long Good Friday. Realização: John Mackenzie (G.B.-1979). Interpretação: Bob Hoskins, Helen Mirren, Eddie Constantine.

SHÔGUN

A versão reduzida para cinema da conhecida série televisiva.

Shôgun. Realização: Jerry London (EUA-1981). Interpretação: Richard Chamberlain, Toshiro Mifune, Yoko Shimada.

★

SOS TITANIC

A tragédia do Titanic, tratada em estilo «filme-catástrofe»: grandes meios, muitos actores, a receita é conhecida e funcional. Entretenimento...

SOS Titanic. Realização: Billy Hale (EUA-1979). Interpretação: David

Janssen, Cloris Leachman, David Warner.

★

SPARTACUS

«Spartacus» é uma superprodução «de romanos» assaz singular. A tónica da fita, com efeito, não está na exibição dos conflitos. Talvez por isso aqui posamos assistir a alguns curiosos trabalhos de actor (como o confronto entre os dois gordos mais brilhantes de Hollywood, Laughton e Ustinov...), a realidade política seja atentamente escalpelizada, a tensão aconteça ao nível das pessoas e menos em jeito de massas amortas em movimento.

Kubrick fez melhores filmes do que este mas é injusto lançar «Spartacus» em sumário olvido.

Spartacus. Realização: Stanley Kubrick (EUA-1960). Interpretação: Kirk Douglas, Laurence Olivier, Charles Laughton.

★ ★ ★

STILETO

Um «playboy» que é um assassino da Mafia, uma história extraída de um livro de Harold Robbins, o mais bem sucedido romancista de gare dos States.

Realização amaneirada, interesse escasso.

Stiletto. Realização: Bernard Kowalski (EUA-1969). Interpretação: Alex Cord, Britt Ekland, Joseph Wiseman.

★

SUBURBIA

Suburbia. Realização: Penelope Spheeris (EUA-1984). Interpretação: Chris Pedersen, Bill Coyne, Jennifer Clay.

(O) TEMERÁRIO

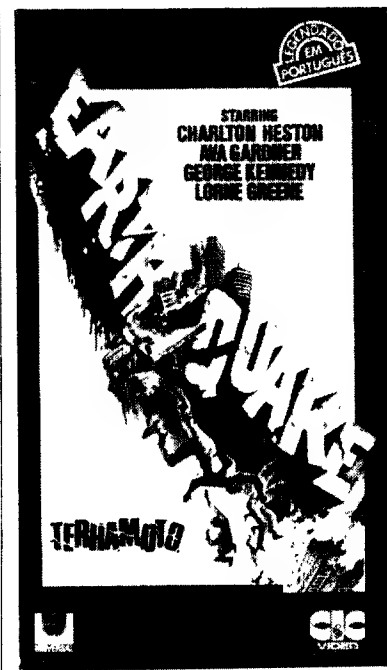
Um ex-lutador volta para a sua cidade na intenção de assentar vida longe dos combates. Mas a cidade está nas mãos de um bando de negociantes do vício e o herói faz-se xerife e parte para o combate. História batida para um filme banal, mas realizado com uma certa eficácia.

Walking Tall. Realização: Phil Karlson (EUA-1973). Interpretação: Joe Don Baker, Elizabeth Hartman, Rosemary Murphy.

★

TERRAMOTO

Filme-catástrofe. No Tivoli havia o sensurround e as tripas tremiam. No televisor, nem isso...



Earthquake. Realização: Mark Robson (EUA-1974). Interpretação: Charlton Heston, Ava Gardner, Lorne Greene.

★

TESS

«Tess» é a obra-mestra de Polanski e um filme basilar no mecanismo de regresso ao romanesco que o cinema conheceu no término dos anos 70. Aposta arrojada numa narrativa longa que tomasse o pulso ao fôlego do cinema para abordar, em plena era da trepidação e da rapidez, o sabor de uma grande história de decadência e perdição. «Tess» ganhou-a, conquistando público um pouco por todo o mundo, suscitando os aplausos da crítica, afirmando-se como um grande filme, arrebatando óscares...

Tess. Realização: Roman Polanski (França/GB-1979). Interpretação: Nastassja Kinski, Peter Firth, Leigh Lawson.

★ ★ ★ ★

TUBBY THE TUBA

De facto as tubas são, nas orquestras, quem menos hipóteses tem de brilhar a solo. E, se tivessem alma, decerto sentiriam alguma inveja dos violinos, do piano ou das flautas.

Com base nesta ideia se constrói um desenho animado muito imaginoso, onde a música e a feérie do desenho se aliam. Um excelente divertimento para os miúdos.

Tubby the Tuba. Realização: Alexander Schure (EUA-1977). Vozes de Dick van Dyke, Pearl Bailey, Jack Gifford, Jane Powell.

★ ★ ★

TUBARÃO

Talvez possa parecer bizarro mas cada novo filme de Spielberg confirma que «Tubarão» merece figurar no topo da sua filmografia. Porque de todos eles é aquele que menos aposta na feérie, no encantamento, é aquele que mais perto está da enorme lição dos clássicos: fazer de uma qualquer história um discurso onde se encontra a perícia do cinema, o reflexo social e as fundas coisas que habitam o coração dos homens.

Jaws. Realização: Steven Spielberg (EUA-1975). Interpretação: Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss.

★ ★ ★ ★

(O) UIVO DA FERA

Os apaniguados dos horror movies têm agora, em videocassete, um dos melhores filmes produzidos, no género, nos últimos anos: «O Uivo da Fera» de Joe Dante.

Tudo é nele inteligente, sagaz, inquietante. A besta que nos habita revela-se, ao longo dele como espasmo, ameaça, maldição, espanto e beleza (raras vezes a «beleza do horrível» foi tão nítida como aqui). Os efeitos especiais são portentosos. O apaziguamento nulo.

The Howling. Realização: Joe Dante (EUA-1980). Interpretação: Dee Wallace, Patrick MacNee, Dennis Dugan.

★ ★ ★ ★

(A) ÚLTIMA PERSEGUIÇÃO

Num mundo sem gasolina, sem automóveis privados, sem transportes a longa distância, governado por burocratas, um velho Porsche de competição torna-se um veículo de fuga e um símbolo de liberdade...

Uma fita de ficção científica pouco coerente e credível.

The Last Chase. Realização: Martyr Burke (Canadá-1980). Interpretação: Lee Majors, Chris Makepeace, Burgess Meredith.

★

(O) VENDEDOR DE SONHOS

Comédia situada nos alvares do cinema, fazendo-se em citação desses tempos pioneiros, «O Vendedor de Sonhos» não é a mais hábil das fitas de Bogdanovich, longe disso. A ternura e o reconhecimento funcionam, porém, há meia dúzia de sequências notáveis (por exemplo a da estreia de «Nascimento de uma Nação») e o cabotinismo dos actores encontra feliz excepção na vivificante Tatum O'Neal.

Nickelodeon. Realização: Peter Bogdanovich (EUA-1976). Interpretação: Ryan O'Neal, Burt Reynolds, Tatum O'Neal.

★ ★



SONY

Broadcast

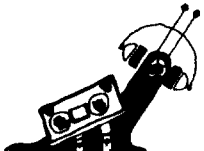
EQUIPAMENTO DE VÍDEO E TELEVISÃO PARA USOS TÉCNICOS E PROFISSIONAIS

SISTEMAS DE MONTAGEM E GRAVAÇÃO
CONJUNTOS CÂMARA/GRAVADOR BETACAM
CÂMARAS ENG E DE ESTÚDIO



REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL
EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & CA., LDA.
DIVISÃO DE MATERIAL ELECTRÓNICO

R. de Bolama N.º 117 - 4200 Porto - Telef. 489893 - Telex 22376 P
R. Ferreira da Silva, N.º 9-A/B - 1900 Lisboa - Telef. 573555 - Telex 12497 P



CLUBE VIDEOMANIA

QUALIDADE À SUA ESPERA!!

SEDE — CENTRO COMERCIAL STAR (Loja 11)
Estrada do Brejo, 16

COVA DA PIEDADE — 2800 ALMADA
(Por cima do BANCO TOTTA & AÇORES)

FILIAL — Largo 5 de Outubro, 54 — 2860 MOITA
(Junto ao cais)



Uma das vocações do vídeo é a possibilidade de servir de veículo a filmes que, por uma ou outra razão, não chegaram a ter distribuição comercial em salas. É o caso de «Local Hero», um notável filme britânico de Bill Forsyth, cuja edição videográfica é um acontecimento

(A) VIDA DE BRIAN

Os Monty Python numa sátira à vida de Cristo feita no seu estilo habitual: mau gosto e irreverência, ideias loucas e demolição total. Um humor pesado que tem escandalizado muito britânico e conquistado bastante público. Há quem goste muito. Eu não, nada.

Life of Brian. Realização: Terry Jones (GB-1979). Interpretação: Graham Chapman, John Cleese, Terry Gilliam.

VIDEO REWIND

Uma hora com os mais célebres video clips dos Rolling Stones, doze canções em imagens: «She was hot», «Neighbours», «Undercover of the night», «Emotional Rescue», «She's so cold», «Brown sugar», «Miss you», «It's only rock'n roll», «Waiting on a friend», «Angie».

Compilação de 1984.

(THE) WARRIOR AND THE SORCERESS

Sword and sorcery de segunda escola.

The Warrior and the Sorceress. Rea-

lização: John Broderick (EUA-1984). Interpretação: David Carradine, Luke Askew, Maria Socas.

WHEN HELL WAS IN SESSION

Um telefilme com algum renome graças ao escaldante tema: a tortura de oficiais americanos pelos vietnamitas durante a guerra da Indochina. Pouco convincente mas muito convicto, parcelar mas quase orgulhoso de o ser. Revanchismo, não?

When Hell Was in Session. Realização: Paul Keasny (Canadá/EUA-1979). Interpretação: Hal Holbrook, Eva Maria Saint, Mako.

★

ZÁS! TUDO AO LÉU

Um jovem dotado de poderes telequímicos é pretexto para uma série de gags fundados no inexplicável movimento de objectos que ele conduz só com o olhar... entre os quais as roupas de algumas meninas... Uma comédia para a idade mental de 5 anos.

Zapped! Realização: Robert J. Rosenthal (EUA-1982). Interpretação: Scott Baio, Willie Aames, Heather Thomas.

●

FILMITALUS VIDEO

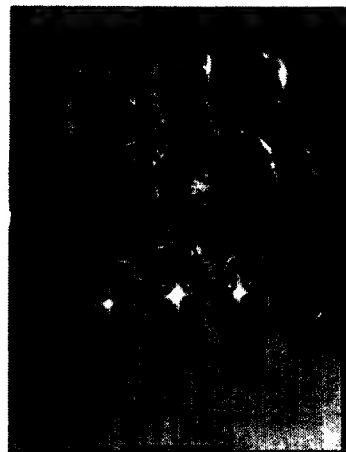
A Filmitalus Video é um departamento da distribuidora de filmes homónima e que edita exclusivamente fitas de que também detém direitos para cinema.

Com forte predominância de filmes italianos de acção, a Filmitalus Video tem utilizado «Telecinema» na produção de *masters*, o que não garante a desejável qualidade técnica. FILMITALUS VIDEO Rua Alexandre Herculano 2, 4.º Dto. 1100 LISBOA

(O) CHANFRADO DA BOLA

L'Allenatore nel Pallone. Realização: Sergio Martino (Itália-1984). Interpretação: Lino Banfi, Licia Lenti, Camillo Milli.

CAB CIDADE SELVAGEM



CIDADE SELVAGEM

Num futuro quase sem adultos, os jovens controlam a cidade montados em motos. Até que uma grande empresa vem restabelecer a «ordem».

Um daqueles filmes incríveis, supostamente para a juventude, mas que, na realidade, não andam longe do simples disparate.

City Limits. Realização: Aaron Lipstadt (EUA-1984). Interpretação: John Stockwell, Rae Dawn Chong, Robby Benson.

(OS) COMANDOS DA FORÇA Z

Attack Force Z. Realização: Tim Burstall (Austrália/Formosa-1981). Interpretação: John Phillip Law, Mel Gibson, Sam Neill.

O GRANDE ATAQUE



HENRY FONDA HELMUT BERGER GIULIANO GEMMA STACY KEACH SAMANTHA EGGAR JOHN HUSTON

(O) GRANDE ATAQUE

A Segunda Grande Guerra Mundial é o palco deste filme, uma superprodução italiana onde os meios, o nome dos actores e as cenas de acção relevam sobre a trama psicológica, a espessura dos personagens. De qualquer modo, um espectáculo razoável.

Il Grande Attacco. Realização: Umberto Lenzi (Itália-1978). Interpretação: Helmut Berger, Samantha Eggar, Henry Fonda.

★★

IMPACTO MORTAL

Impatto Mortale. Realização: Larry Ludman (Itália-1984). Interpretação: Bob Svenson, Fred Williamson, Marcia Clingan.

MÁQUINA DE MATAR

Goma 2. Realização: José António de La Loma (Espanha/México-1984). Interpretação: Lee Van Cleef, Margaux Hemingway, George Rivero.



"PICANTE... MAS NÃO MUITO!"



«PICANTE»... MAS NÃO MUITO

Comédia maliciosa em sketches, italiana como mandam os usos e costumes do cinema. Não pertence ao pelotão dianteiro dos melhores filmes do género mas serve para o espectador se rir um pouco, sem se sentir demasiado estúpido.

Spogliamoci Così Senza Pudore. Rea-

lização: Sergio Martino (Itália-1978). Interpretação: Ursula Andress, Barbara Bouchet, Johnny Dorelli.

★

RUAS SELVAGENS

Depois de lhe violarem a irmã surda-muda e assassinares a melhor amiga, ela resolve vingar-se e liquida, um a um, os membros do gang juvenil que infesta a cidade. Violência e simplismo num filme malfetinho e cuja edição em videocassete é tecnicamente deficiente.

Savage Streets. Realização: Daniel Steinmann (EUA-1984). Interpretação: Linda Blair, John Vernon, Robert Dryer.

★

(OS) SALTEADORES DA COBRA DE OURO

I Cacciatori del Cobra d'Oro. Realização: Anthony M. Dawson (Itália-1982). Interpretação: David Warbeck, Almantia Suska, John Steiner.

(O) SENHOR DO FERRO

La Guerra del Ferro. Realização: Umberto Lenzi (Itália-1982). Interpretação: Sam Pasco, Pamela Field, Elvira Audray.

SLOANE — A REVOLTA DO HERÓI

Sloane. Realização: Dan Rosenthal (EUA-1984). Interpretação: Robert Resnik, Debra Blee, Ann Milhench.

TORNADO

No Vietname, um combatente americano é açoitado pelos vietcongs e pelos marines do seu país. É claro que vence ambos...

Ainda um filme italiano de guerra realizado por Antonio Margheriti, rebaptizado Dawson para fazer de americano...

Tornado. Realização: Anthony M. Dawson (Itália-1983). Interpretação: Timothy Brent, Tony Marsina, Alan Collins.

★

KODAK

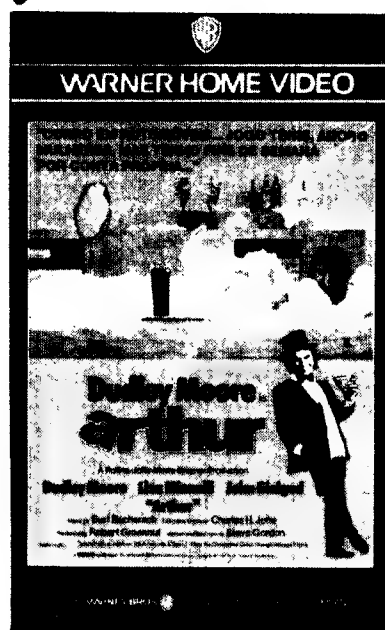
A Kodak Portuguesa entra, como editora de vídeo, no reino do *entertainment*, área até agora alheia às actividades daquela multinacional. Detém um dos mais fortes catálogos do mercado (o da Warner Home Video) e, tecnicamente, a impecável qualidade tem pautado os seus lançamentos.

KODAK — Edifício Kodak
2795 LINDA-A-VELHA

ACADEMIA DE POLÍCIA

A tontice absoluta não dá vontade de rir mas de chorar... de raiva.

Police Academy. Realização: Hugh Wilson (EUA-1984). Interpretação: Steve Guttenberg, Kim Cattrall, Bubba Smith.



ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR

Uma comédia fundada em Dudley Moore que, como se sabe, não é o melhor actor do mundo. Mas John Gielgud é capaz de o ser: o mordomo que compõe neste filme vale, por si só, o tempo de a ele assistir.

Arthur. Realização: Steve Gordon (EUA-1981). Interpretação: Dudley Moore, John Gielgud, Liza Minnelli.



BULLITT

Um policial bem urdido e filmado com ritmo e garra. Há, em particular, uma perseguição automóvel que é uma sequência de antologia.

Bullitt. Realização: Peter Yates (EUA-1968). Interpretação: Steve McQueen, Jacqueline Bisset, Robert Vaughn.

★★★

CHISUM, O SENHOR DO OESTE

Chisum. Realização: Andrew V. McLaglen (EUA-1970). Interpretação: John Wayne, Forrest Tucker, Christopher George.

10 — UMA MULHER DE SONHO

Fabricado, lançado, conhecido como o filme feito para glorificação de Bo Derek como objecto sensual do cinema dos anos 80, «10 — Uma Mulher de Sonho» é um dos mais notáveis exemplos de subversão por dentro que o cinema nos pode oferecer.

Mercê de uma extrema subtileza, de um argumento cheio de sagacidade, de uma câmara que consegue transformar o olhar *standard* tipo *Playboy* num acto de ironia, Blake Edwards obtém a desmontagem do estereótipo da mulher desejável sem, no entanto, economizar no catálogo dos lugares-comuns da promoção desse estereótipo (dos cenários e situações — praias, *suites*, jantares íntimos, Bo Derek virginalmente vestida, em tato

de banho, nua, ao Sol, à noite e em contraluz, etc., etc. — aos esquemas narrativos — aparecimento fugaz inicial, ausência longa, encontro pleno já com mais de uma hora de filme).

Chamar a este filme um exercício de inteligência cinematográfica é pleonasmo.

10. Realização: Blake Edwards (EUA-1979). Interpretação: Dudley Moore, Julie Andrews, Bo Derek.

★★★★

(O) DRAGÃO ATACA

Último filme de Lee Yeum Kam, mais conhecido por Bruce Lee que, seja por méritos próprios, seja porque a morte prematura ajudou ao mito, se tornou um arquétipo dos heróis das fitas de artes marciais. Confesso que nunca percebi esses méritos mas, entim...



O terror é género que campeia nas edições videográficas em todas as suas gradações da pacotilha imbecil ao talento inteligente. Uma das grandes ficções do medo que está no mercado é «*Shining*» de Kubrick, com Shelley Duvall na protagonista.

**Video Cassettes Kodak
para gravar e recordar**

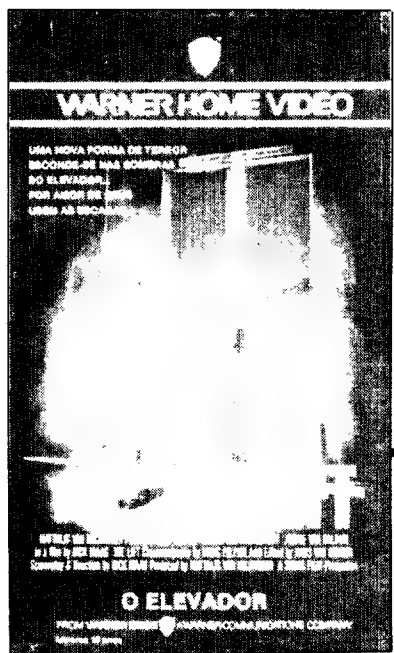
Kodak
Video





No pequeno ecrã do televisor começamos a habituar-nos a ver um pouco de tudo: dados armazenados num computador, jogos vídeo e filmes que manipulam esse universo de simulacros. Como «War Games» de John Badham em que toda a vida e toda a morte se decidem no ecrã

Enter the Dragon. Realização: Robert Clouse (EUA-1973). Interpretação: Bruce Lee, Bob Wall, Shih Kien.



(O) ELEVADOR

The lift. Realização: Dick Maas (Holanda-1983). Interpretação: Huub Sta-

pe Willek Van Ammelrooy, Josine Van Dalsum.



EXCALIBUR

A Távola Redonda, encenada com inegável fôlego, alguma grandeza, resvalando às vezes para o decorativismo mas nunca caindo no precipício da banalidade.

Excalibur. Realização: John Boorman (EUA-1980). Interpretação: Nigel Terry, Helen Mirren, Nicholas Clay. ★★★

(O) EXORCISTA

Foi um êxito estrondoso, trouxe atrás de si uma vaga de filmes demonológicos e, no interior do género terror, é, sem dúvida, um marco. Mas, mesmo com a cabeça de Linda Blair a rodar 180°, nunca fui muito na jogada. Problema meu, é bem possível.

The Exorcist. Realização: William Friedkin (EUA-1973). Interpretação: Linda Blair, Ellen Burstyn, Max von Sydow. ★★

FIREFOX

Um super-avião soviético roubado por um agente americano... Não é neste registo de guerra fria e efeitos especiais que Clint Eastwood merece a atenção que merece: «Firefox» é o mais caro e o menos interessante dos filmes que realizou.

Firefox. Realização: Clint Eastwood (EUA-1982). Interpretação: Clint Eastwood, Freddie Jones, David Hoffman. ★

FÚRIA DA RAZÃO

O célebre «Dirty Harry», que lançou plenamente Clint Eastwood na senda do polícia duro em meio viscoso e corruptor. Diretista e muito eficaz.

Dirty Harry. Realização: Don Siegel (EUA-1971). Interpretação: Clint Eastwood, Harry Guardino, Reni Santori. ★★★★★

JOGOS DE GUERRA

A diferença entre um grande filme e um filme apenas eficaz tem em «War Games» o seu paradigma. Com efeito, uma vez terminado, não há ninguém que não ache que esta fita soa um tanto a fãncaria. Mas quem despega os olhos do ecrã, enquanto dura?

Se se vir bem, a única coisa interessante deste filme é a ideia-base do argumento e a conclusão. O princípio e o fim. O «durante» é preenchido com viragens imprevisíveis mas de solidez escassa. Pois é. Mas a montagem é impressionante, o som é trabalhado cuidadosamente, os actores nunca são brilhantes mas funcionam num território de empatia garantida, o filme junta a moda dos computadores ao pânico nuclear e o resultado é de uma eficácia a toda a prova.

War games. Realização: John Badham (EUA-1983). Interpretação: Matt-

hew Broderick, Dabney Coleman, Ally Sheedy. ★★★

MAD MAX 2

A continuação de «Mad Max»: muito mais meios, menos necessidade de engenho, a eficácia reduz-se, o espectáculo cresce...

Mad Max 2. Realização: George Miller (Austrália-1981). Interpretação: Mel Gibson, Bruce Spence, Vernon Wells. ★★

(A) MALDIÇÃO DA PANTERA COR-DE-ROSA

Depois da morte de Sellers, Blake Edwards tentou aguentar a série das «panteras» com um filme em que o tema era exactamente o desaparecimento de Clouseau.

O resultado foi esta fita. A mais traca da série e da carreira do seu realizador.

Curse of the Pink Panther. Realização: Blake Edwards (GB-1983). Interpretação: Ted Wass, David Niven, Robert Wagner.

(AS) MOTOS DA MORTE

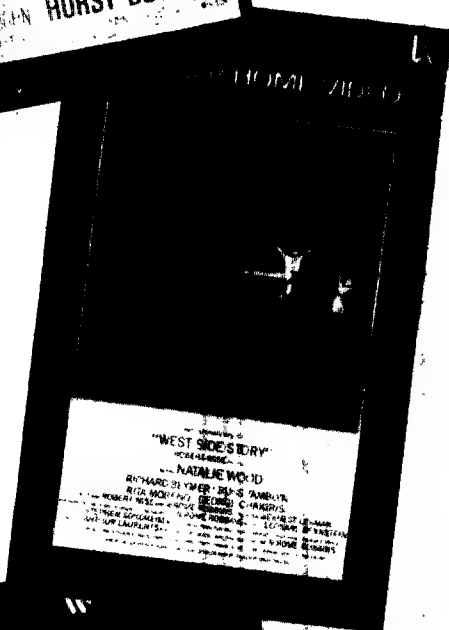
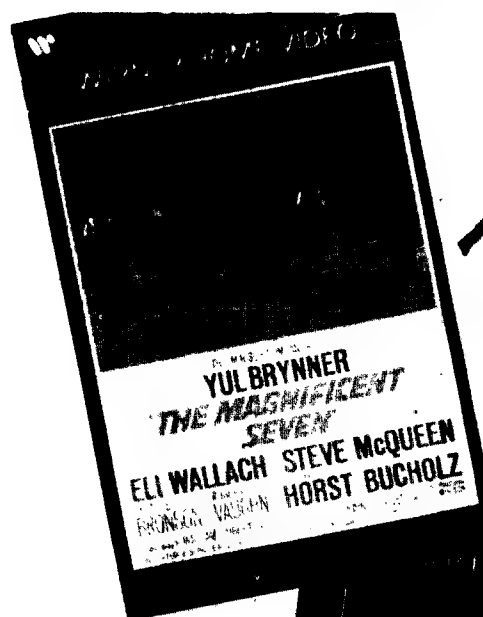
George Miller era um australiano desconhecido quando, em 1981, espantou

Video Cassettes Kodak
para gravar e recordar

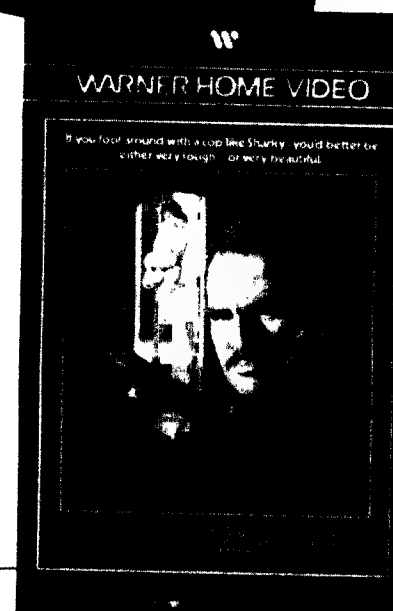
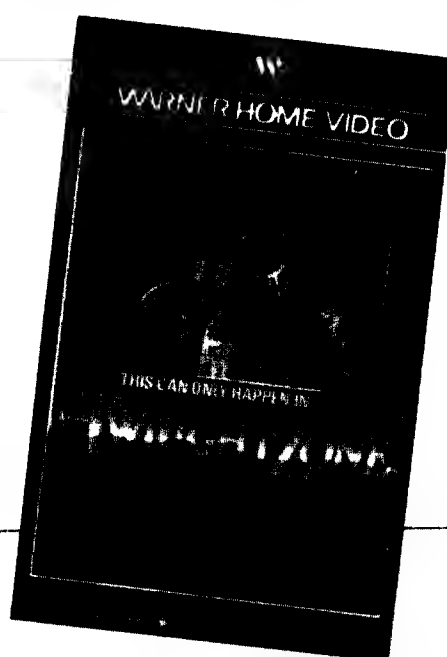
Kodak
Video



AGORA em Video Cassetes!



ROCKY



TÍTULO

Rocky I
Os Sete Magníficos
West Side Story
Verão de 42
Outland-Atmosfera Zero
No Limiar da Realidade
Brigada Anti-Crime
Negócio Arriscado
Na Pista da Pantera

REALIZADOR

John G. Avildsen
John Sturges
Robert Wise
Robert Mulligan
Peter Hyams
Spielberg, Landis, Dante e Miller
Burt Reynolds
Paul Brick Man
Blake Edwards

ACTORES PRINCIPAIS

Sylvester Stallone
Yul Brynner, Steve McQueen, Charles Bronson
Natalie Wood, Rita Moreno, George Chakiris
Jennifer O'Neill, Gary Grimes
Sean Connery
Vic Morrow, Kathleen Quinlan, Scatman Crothers
Burt Reynolds, Vittorio Gassman
Tom Cruise, Rebecca de Mornay
Peter Sellers, David Niven, Capucine

OUTROS TÍTULOS JÁ EXISTENTES

Jogos de Guerra • O Dragão Ataca • Excalibur • "10" Uma Mulher de Sonho • Firefox • Na Calada Noite • O Exorcista • Fúria da Razão • A Maldição da Pantera Cor-de-Rosa
Arthur o Alegre Conquistador • O Elevador • Bullitt • Blade Runner Perigo Eminente • Os Passageiros do Tempo • Shining
O Senhor do Oeste • Mad Max I e II • A Torre do Inferno



WARNER HOME VIDEO

DISTRIBUIDA EM PORTUGAL POR:



WARNER HOME VIDEO



PERIGO EMINENTE

toda a gente com o violento e desencantado futurismo de «Mad Max» onde, com um mínimo de elementos e muito saber cinematográfico, conseguia construir um credível universo para depois de amanhã.

Mad Max. Realização: George Miller (Austrália-1981). Interpretação: Mel Gibson, Joanne Samuel, Hugh Keays-Byrne. ★★★

NA CALADA DA NOITE

Uma história policiária bem contada, sem voos largos, com uma solidez de

betão. Roy Scheider e a sempre fulminante Meryl Streep no centro.

Still of Night. Realização: Robert Benton (EUA-1982). Interpretação: Roy Scheider, Meryl Streep, Jessica Tandy. ★★★

(OS) PASSAGEIROS DO TEMPO

H. G. Wells e Jack, o Estripador transportados na «máquina do tempo» para os dias de hoje. Curiosos.

Time After Time. Realização: Nicholas Meyer (EUA-1980). Interpretação: Malcolm McDowell, David Warner, Mary Steenburgen. ★★

PERIGO EMINENTE

Um «filme negro» projectado no sombrio futuro de Los Angeles do século XXI. Visualmente fascinante e com um argumento que é um achado.

Blade Runner. Realização: Ridley Scott (EUA-1982). Interpretação: Harrison Ford, Rutger Haner, Sean Young. ★★★★★

SHINING

Um apaixonante filme por onde passam todas as ficções do medo e todo o engenho de Kubrick.

Shining. Realização: Stanley Kubrick (GB-1980). Interpretação: Jack Nicholson, Shelley Duvall, Danny Lloyd. ★★★★★

(A) TORRE DO INFERNO

Talvez o melhor filme-catástrofe jamais feito. O que não quer dizer que se trate de um grande filme. É claro. Mas os efeitos especiais, os actores, o ritmo merecem uma olhadela.

The Towering Inferno. Realização: John Guillermin (EUA-1974). Interpretação: Paul Newman, Steve McQueen, Faye Dunaway. ★★

Todos os Filmes do Mercado no:

CLUBE DE VIDEO

DISCOEUROPA

Em três Lojas ao seu serviço:

LISBOA

CENTRO COMERCIAL TERMINAL
Estação do Rossio, Lojas 544 e 545 — Tel. 367519

ALMADA

CENTRO COMERCIAL RENOVACÃO
Av. D. Nuno Álvares Pereira, 6-A e 6-B — Tel. 2761062

COSTA DE CAPARICA

CENTRO COMERCIAL COSTA PRAIA
Av. Movimento das Forças Armadas, 8-Loja 13
Tel. 2904695 | (a 50 metros do Mercado)

SALORA

TUDO O QUE
PRECISA
PARA UMA
REPRODUÇÃO
DE IMAGEM
DE ALTA
QUALIDADE

28 K 70

A MARCA DE FAMA MUNDIAL



EXPÕE NO SALÃO EXPOVÍDEO NA LARTÉCNICA (FIL)

Os modelos de 1987 e a fantástica camcorder C-7, 1,4 kg de prazer em VHS, o formato com mais de 100 milhões de vídeos a funcionar no mundo

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

ORIELA, LDA.

160-A, CAMPO DE SANTA CLARA
TELEFONES 87 00 68 - 87 47 31. — LISBOA



SV 6500

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: **LEBLAN** - SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DOMÉSTICOS, LDA.
Av. Duques de Vila, 4-12 1000 LISBOA
Telefones: 55 87 32 - 54 72 74 Telex: 63104 ERSTAR P

Distribuidores Exclusivos no Norte: **NOBEL** - Comércio de Vídeo e Electrodomésticos, Lda.
Rua Dr. Alfredo Magalhães, 85 4000 PORTO
Telefones: 227 14 - 32 20 13

A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE

Visite-nos na Lartécnica — Stand 108

LEGAL VIDEO

A Legal Vídeo foi a primeira editora a garantir para Portugal a representação de um catálogo maior: o da MGM/UA Home Video. A este juntou a Lorimar e a PSO e, em breve, lançará produções independentes.

Excelente qualidade técnica no material MGM, apenas boa nos restantes.

LEGAL VIDEO — Rua Rodrigues Sampaio, 146, 1.º Dto 1100 LISBOA



(A) ALUNA E O PROFESSOR

Na casa dos quarenta, um professor universitário apaixonado-se pela «melhor» aluna da classe, Bo Derek, por acaso.

Um pouco tonta, um pouco terna, um pouco triste, uma comédia menor, afinal.

A Change of Seasons. Realização: Richard Lang (EUA-1980). Interpretação: Shirley MacLaine, Anthony Hopkins, Bo Derek.

★

AVENTURA EM LAS VEGAS

Dois amigos em apuros no mundo dos casinos de Las Vegas. Uma comédia

movimentada que Hal Ashby realizou alimentadamente. Inédita em Portugal, se calhar por isso mesmo.

Looking to Get Out. Realização: Hal Ashby (EUA-1982). Interpretação: John Voight, Burt Young, Ann Margret.

★

BEM-VINDO A TERRA PROMETIDA

Num universo carceral, a história de um guarda preso de uma utopia de fuga ou a de um prisioneiro que estende a sua teia de poder e corrupção, dentro e fora dos muros da penitenciária.

Uma fita forte e labiríntica — obscura — assinada por um cineasta raro e com interpretações notáveis.

Fast Walking. Realização: James B. Harris (EUA-1982). Interpretação: James Woods, Tim McIntire, Kay Lenz.

★★★★

(UMA) CAMA PARA TRÊS

Uma mulher com dois maridos, um em Nova Iorque, outro na Califórnia. Entre os dois viaja até que a sua vida dupla se descobre.

Comédia, portanto, sem grande imaginação, com alguma ternura, interesse diminuto...

Having it All. Realização: Edward Zwick (EUA-1982). Interpretação: Dyan Cannon, Barry Newman.

★

(O) CAMPEÃO DE BALTIMORE

As aventuras de dois mestres do bilhar profissional tratadas em tom de comédia

e apostando no nome dos actores. Nenhuma relevância particular nesta fita irremediavelmente menor e pouco interessante.

The Baltimore Bullet. Realização: Robert Ellis Miller (EUA-1980). Interpretação: James Coburn, Omar Sharif, Bruce Boxleitner.

★

(O) CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES

O desejo, a transgressão, a vertigem do crime a confundir-se com a volúpia da paixão: «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes» é um filme que nos envolve, nos propõe cumplicidade, nos confunde, arrebatada, desgosta. Excepcional interpretação de Jessica Lange, divina como só as stars o foram no tempo em que o cinema era o céu onde habitavam.

The Postman Always Rings Twice. Realização: Bob Rafelson (EUA-1981). Interpretação: Jack Nicholson, Jessica Lange, John Colicos.

★★★★

CHOQUE DE TITÃS

A mitologia grega é pretexto para um filme que vive sobretudo dos engenhosos efeitos especiais de Ray Harryhausen.

Clash of the Titans. Realização: Desmond Davis (GB-1981). Interpretação: Lawrence Olivier, Claire Bloom, Maggie Smith.

★★

CIDADE EM CHAMAS

Um incêndio gigantesco assola uma cidade inteira. Filme-catástrofe, nem sequer dos mais bem nutridos de orçamento, com uma série de celebridades no elenco, em papéis que duram minutos. Pouco interessante.

City on Fire. Realização: Alvin Rakoff (Canadá/EUA-1979). Interpretação: Barry Newman, Susan Clark, Henry Fonda, Ava Gardner.

★

(OS) CINCO BANDOZEIROS

The Five Man Army. Realização: Don Taylor (EUA-1969). Interpretação: Peter Graves, James Daly, Bud Spencer.

(O) CÍRCULO DE FERRO

The Silent Flute. Realização: Richard Moore (EUA-1978). Interpretação: David Carradine, Jeff Cooper, Roddy McDowall.

(A) CLASSE DE 1984

A violência numa escola secundária americana onde um pequeno gang de alunos semeia o terror. Um novo professor de música resolve enfrentá-los...

Uma fita algo primária no modo como encena a realidade mas nem por isso menos inquietante...

Class of 1984. Realização: Mark Lester (EUA-1981). Interpretação: Perry King, Merrie Lynn Ross, Timothy van Patten.

★

DEPOIS DO AMOR

Desencontros e angústias num casal que se separa dolorosamente. Dois

grandes actores — que não deixam créditos por mãos alheias — não chegam para ultrapassar a rotina de Parker. Mas há solidez narrativa e o filme deixa-se ver — aqui e ali, com emoção.

Shoot the Moon. Realização: Alan Parker (EUA-1981). Interpretação: Albert Finney, Diane Keaton, Karen Allen.

★★

DOUTOR JIVAGO

A imponente saga de Pasternak, em tempo de Revolução Bolchevique, passada ao cinema com esplendor, competência e sucesso de bilheteira, mas é óbvio que David Lean fez, mesmo no género superprodução, bem melhor que isto.

Doctor Zhivago. Realização: David Lean (EUA-1965). Interpretação: Omar Sharif, Julie Christie, Rod Steiger.

★★

DOZE INDOMÁVEIS

PATIFES

Notável filme de guerra, realizado por Robert Aldrich em 1967. Trata-se da história de doze condenados a longas penas de prisão que são convidados para uma missão de comandos, virtualmente suicida, em território alemão. Elenco impressionante para um dos melhores filmes do seu autor.

The Dirty Dozen. Realização: Robert Aldrich (EUA/Espanha-1967). Interpretação: Lee Marvin, Ernest Borgnine, Robert Ryan.

★★★★

DUELO NO DESERTO

Um western enigmático, mais belo que inteligível, revisitando a aventura com a alma seca de histórias cheias de hipóteses.

The Shooting. Realização: Monte Hellman (EUA-1966). Interpretação: Warren Oates, Jack Nicholson, Milla Perkins.

★★

E TUDO O VENTO LEVOU

Se há filmes míticos cuja aura perdurou sem se extinguir, alimentando o apetite ficcional de sucessivas gerações, o seu protótipo é, certamente, «E Tudo o Vento Levou». Pela aposta desmesurada de David O. Selznick, pela intensidade do vendaval dos sentimentos, pelo vigor da derrocada de toda uma sociedade, pelas poderosas interpretações do quadrunvirato protagonista (a beleza exaltante de Vivien Leigh, a sedução dura de Clark Gable, o desamparo de Leslie Howard, a luminosa força interior de Olivia de Havilland), até pela bandeira de liberdade que a sua exibição na Europa traduziu (produzido em 1939, só depois da guerra chegou ao Velho Continente), este filme tornou-se, com toda a probabilidade, o mais visto de todos os que os anos do cinema registam e um ponto de referência insubstituível.

Gone With the Wind. Realização: Victor Fleming (EUA-1939). Interpretação: Vivien Leigh, Clark Gable, Olivia de Havilland.

★★★★

(UM) ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO

Os anos passaram por este filme de Kazan que pôs a América aos pés de



Ao editar, a abrir o seu catálogo, o esplendoroso «E Tudo o Vento Levou», com Clark Gable e Vivien Leigh, a Legal Vídeo pôs a tónica no grande cinema clássico, infelizmente assaz arredado das preocupações das empresas videográficas. Depois ainda traria outros filmes imorredoiros do fabuloso «fundo» de MGM que todos os que gostam de cinema anseiam ver explorado com argúcia e persistência no próximo futuro

Brando. Passaram e deixaram moça. Mas, apesar disso, «Um Eléctrico Chamado Desejo» continua um filme arrebatador, doente de angústia como o grito de Brando no final, um animal ferido (agonizante?) ou as flores para los muertos que o assombram.

A Streetcar Named Desire. Realização: Elia Kazan (EUA-1951). Interpretação: Marlon Brando, Vivien Leigh, Kim Hunter.

★★★★

FAMA

O tema é conhecido (um grupo de estudantes de canto, dança, arte de representar, numa escola nova-iorquina). O sucesso espantou-o no cinema e na televisão. Música, coreografia e sobretudo a montagem são o que há para relevar nesta fita para adolescentes, realizada por um homem com mais êxitos que méritos.

Fame. Realização: Alan Parker (EUA-1980). Interpretação: Irene Cara, Gene Anthony Ray, Laura Dean.



(O) FEITICEIRO DE OZ

O célebre e feliz «musical» de Victor Fleming em que Judy Garland lançou a canção que seria o ex-libris de toda a sua carreira (Over the Rainbow). Um clássico sempre bem vindo, e a feérica deste filme não acontece todos os dias.

The Wizard of Oz. Realização: Victor Fleming (EUA-1939). Interpretação: Judy Garland, Frank Morgan, Ray Bolger.

★★★★

FUGA PARA A VITÓRIA

Um grupo de prisioneiros de guerra é obrigado a defrontar a selecção alemã, em Paris, durante a ocupação — e ganha. Muitos actores — e futebolistas — para um filme que está na zona mais débil da filmografia de Huston.

Escape to Victory. Realização: John Huston (EUA-1981). Interpretação: Sylvester Stallone, Michael Caine, Pelé.

★★★★

HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA

Um grupo de comandos americanos descobre a localização de uma fortuna em ouro, durante as operações da II Grande Guerra e, claro, tenta apoderar-se dela... por conta própria. Tonalidade de comédia e muitos tiros e bombas num filme francamente menor.

Kelly's Heroes. Realização: Brian G. Hutton (EUA/Jugoslávia-1970). Interpretação: Clint Eastwood, Telly Savalas, Donald Sutherland.

★



(O) HOMEM QUE FAZIA MILAGRES

Brimstone & Treacle. Realização: Richard Loncraine (GB-1982). Interpretação: Sting, Denholm Elliot, Joan Plowright.

ISTO É ESPECTÁCULO

Compilação de alguns dos melhores momentos dos filmes musicais da Metro. «Isto é Espectáculo» é uma colectânea de preciosidades por onde passam «todas» as glórias da MGM.

Os cinéfilos não se cansarão de ver esta fita, uma e outra e outra vez...

That's Entertainment. Realização: Jack Halley Jr. (EUA-1974). Interpretação: Fred Astaire, Gene Kelly, Judy Garland, Bing Crosby, etc., etc., etc...

★★★★

IVANHOE

Em 1986 sabemos que a dimensão das superproduções deixou a perder de vista o tausto de «Ivanhoe». Como o filme vivia sobretudo disso, é certo que empobreceu e se vê hoje como uma fita de cavalaria coberta de patine, peça histórica. Mas em «Ivanhoe» está Elizabeth Taylor, no apogeu da sua beleza e num personagem de dilacerante irradiação estelar.

Ivanhoe. Realização: Richard Thorpe (EUA/GB-1952). Interpretação: Robert Taylor, Elizabeth Taylor, Joan Fontaine.

★★

(O) MAIOR ATLETA DO MUNDO

Jim, the World's Greatest. Realização: Don Coscarelli (EUA-1976). Interpretação: Gregory Harrison, Robbie Walcott, Rory Guy.

(A) MARCA DE SHAFT

Shaft's Big Score. Realização: Gordon Parks (EUA-1972). Interpretação: Richard Roundtree, Moses Gunn, Drew Bundini Brown.

(O) NOSSO FUTEBOL

Uma não muito ágil história do futebol português. António Vitorino d'Almeida é o narrador mas nem isso é motivo de particular entusiasmo.

O Nosso Futebol. Realização: Ricardo Costa (Portugal-1983/84).

2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO

Sem querer ser exaltado direi que estamos em presença do topo do catálogo da Legal Video. De facto o «2001» é

uma daquelas vinte ou trinta fitas jamais feitas que, sendo absolutamente fascinantes são também absolutamente inteligentes. Cada vez que a volto a ver, cada vez que constato que o mais sublime formalismo imagético se pode aliar a um espírito analítico exigente e rigoroso, cada vez que reconfirmo que «2001» é um ensaio especulativo sobre o conhecimento (que é o monolito negro senão a materialização de tudo o que não sabemos e nos interpela?) envolto em roupagens sumptuosas, maravilho-me com a beleza da inteligência do cinema e a inteligência da beleza cinematográfica que ali estão.

Mesmo sem o esplendor do ecrã gigante, eis um filme esmagador.

2001 — A Space Odyssey. Realização: Stanley Kubrick (GB-1968). Interpretação: Gary Lockwood, Keir Dullea, William Sylvester.

★★★★★



(O) PEQUENO LORD

Um romance novecentista de sucesso (a história de um órfão que, vivendo na América, viaja até Inglaterra para habitar com o avô aristocrata, a quem amacia a rudeza) que já conheceu pelo menos duas adaptações ao cinema e surge aqui num filme de televisão.

Alec Guinness (um grande senhor...) e Ricky Schroeder (um miúdo contagiante) fazem as honras da casa.

Little Lord Fauntleroy. Realização: Jack Gold (GB-1980). Interpretação: Alec Guinness, Rick Schroeder, Eric Porter.

★★

POLTERGEIST

Dirigido por Hooper mas concebido por Spielberg, um filme de terror com magníficos efeitos especiais, uma ideabase estimulante mas argumento não

muito bem resolvido.

Poltergeist. Realização: Tobe Hooper (EUA-1982). Interpretação: Jobeth Williams, Craig T. Nelson, Beatrice Straight.

★★★

SARAH

International Velvet. Realização: Bryan Forbes (GB-1978). Interpretação: Nanette Newman, Tatum O'Neal, Anthony Hopkins.

(A) SEMENTE DO DEMÓNIO

Um supercomputador sequestra uma jovem mulher e tá-la conceber um filho seu...

Ficção científica engenhosa que o realizador esticou até aos limites de uma longa-metragem. Bastante visível.

Demon Seed. Realização: Donald Cammel (EUA-1977). Interpretação: Julie Christie, Fritz Weaver, Gertrude Graham.

★★

SERENATA À CHUVA

Uma das glórias do cinema musical é, indubitavelmente, «Serenata à Chuva», jóia que levou o género ao seu ponto culminante e, ao mesmo tempo, ao seu canto do cisne.

Produzido em 1952, com Gene Kelly no centro de todas as atenções, esta fita celebrou-se sobretudo pela «liberdade» dos números musicais que, deitando fora o espartilho do palco e mesmo o realismo do espaço cénico, conseguiu que o «musical» se estendesse a toda a largura do imaginário, tendo como únicos limites a capacidade material da feérica.

É indescritível o longo bailado em que Gene Kelly encontra Cyd Charisse para o que é um momento perfeito de cinema; é insuperável o humor, o engenho técnico e a alegria que se desprendem do solo de Kelly a cantar/dançar Singin' in the Rain... à chuva; é inesquecível Donald O'Connor, em ritmo burlesco, no Make'em Laugh...

Singin' in the Rain. Realização: Gene Kelly, Stanley Donen (EUA-1952). Interpretação: Gene Kelly, Debbie Reynolds, Donald O'Connor.

★★★★★

SERPENTES

As serpentes atacam algures no deserto. E lá vai um especialista em répteis investigar o mistério. E descobre. O espectador, entretanto, desobrirá, por sua conta, que se tratava de um filme medíocre, mal feitote, rasteiro.

Rattlers. Realização: John McCauley (EUA-1985). Interpretação: Sam Chew, Elizabeth Chauvet, Dan Priest.

SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS

Um mítico «musical» de Donen com alguns momentos espantosos de coreografia, um sólido conjunto de canções. Mas dos «musicais» da MGM do início dos anos 50 foi um dos que envelheceu, essa é que é essa.

Seven Brides for Seven Brothers. Realização: Stanley Donen (EUA-1954). Interpretação: Howard Keel, Jane Powell, Jeff Richards.

★★

(O) SILÊNCIO DO AMOR

Uma história de amor entre um jovem cantor de cabaret e uma lindíssima rapariga surda-muda que dança maravilhosamente. Entre a lágrima e o róseo caminha este filme que decerto agradará a senhoras de meia-idade que não têm mais nada que tazer.

Voices. Realização: Robert Marko-



witz (EUA-1979). Interpretação: Michael Ontkean, Amy Irving, Alex Rocco.

★

(O) SINAL DOS QUATRO

Sherlock Holmes desvenda um mistério que inclui um tesouro roubado na Índia, um assassino manco, um pigmeu selvagem de dentes aguçados e zarabatana certa e o que mais se verá.

Realização funcional para um produto de consumo menor.

The Sign of Four. Realização: Desmond Davis (GB-1983). Interpretação: Ian Richardson, David Healy, Terence Rigby.

★

(OS) SUPER POLÍCIAS

Super Cops. Realização: Gordon Parks Jr. (EUA-1974). Interpretação: Ron Leibman, David Selby, Sheila Frazier.

TOM E JERRY

Oito clássicos da curta-metragem de animação, com Tom e Jerry, em perto de uma hora de preciosidade e divertimento. O típico lançamento para um público infantil a que os pais não resistem a dar uma olhadela.

★★★★

TUDO BOA GENTE

Sátira amarga ao meio cinematográfico de Hollywood, esta fita de Blake Edwards é um daqueles filmes onde o mau gosto é usado até que doa. Insensato e de uma lucidez alucinante.

SOB. Realização: Blake Edwards (EUA-1981). Interpretação: Julie Andrews, Richard Mulligan, Robert Preston.

★★★★

TYGRA — O FOGO E O GELO

Sword and Sorcery no peculiar tipo de animação de Bakshi.

Fire and Ice. Realização: Ralph Bakshi (EUA-1982). Interpretação: Randy Norton, Cynthia Leake, Steve Sandor.

★★

(A) VIDA É BELA!?

Mais um filme português em edição vídeo. Uma comédia situada nos anos 20 a que o público dispensou os seus favores mas que não melhorou por isso. Medíocre era, medíocre ficou.

A Vida é Bela!? Realização: Luís Galvão Teles (Portugal-1981). Interpretação: Nicolau Breyner, Margarida Carpinheiro, Henrique Viana.

VINGANÇA FORÇADA

Forced Vengeance. Realização: James Fargo (EUA-1982). Interpretação: Chuck Norris, Mary Louise Weller, Camila Griggs.

L. M. ANDRADE

A LM. Andrade é «herdeira» da representação da 3-M e, como tal, detém um grande número de títulos, embora o seu ritmo actual de lançamentos seja muito débil. As suas edições pertencem essencialmente ao catálogo internacional da VCL e um pequeno número são fitas pornográficas de origem francesa. Qualidade técnica precária e aleatória, do razoável ao francamente deficiente.

LM ANDRADE
R. Rosa Damasceno, 3, 1.º F
1900 LISBOA

ANIMAL KINGDOM

Desenhos animados sobre a vida animal.
Animal Kingdom. Realização: Amaro Carretero (Espanha-GB)

AVERAGE WHITE BAND

Um espectáculo musical do conjunto Average White Band em Londres.
Average White Band. Realização: Mike Mansfield (GB)

(THE) BARCELONA KILL

The Barcelona Kill. Realização: José António de La Loma (Espanha-GB). Interpretação: Linda Hayden, John Justin, Maximo Valverde.

(THE) BEAUTY AND THE BEAST

The Beauty and the Beast. Realização: Fielder Coox (GB-1976). George C. Scott, Trish Van Devere, Bernard Lee.

(THE) BLACK ARROW

Desenhos animados baseados no livro de Stevenson.
The Black Arrow. Realização: Leif Gram (GB).

BROTHERS AND SISTERS

Trata-se de uma reportagem feita em Chicago de um espectáculo de música pop com os seguintes artistas: Albertina Walker, Rev. James Cleveland, Marvin Gaye, The Jackson Five com Michael Jackson, The O'Jays, The Temptations, Bill Withers, The Chi-Lites, Curtis Mayfield, Isaac Hayes, Gladys Knight and the Pips, Jerry Butler, Main Ingredient.

Brothers and Sisters. EUA. Realização: não creditada.

BURY ME AN ANGEL

Bury me and Angel. Realização: Barbara Peeters (GB). Interpretação: Dixie Peabody, Clyde Ventura, Terry Mace.

CALIFORNIA GIRLS

Um concurso de rádio procura eleger a mais excitante rapariga da Califórnia. Pretexto para muita música sobre imagens de californianas dançando, patinando, lutando, deambulando e outras coisas terminadas em ando. As eleitas são três amigas que descem nuas de pára-quedas. É difícil conceber fita mais insana...

California Girls. Realização: William

Webb (EUA-1982). Interpretação: Al Music, Mary McKinley, Alicia Allen.

(A) CHRISTMAS CAROL

Adaptação, em desenhos animados, do clássico conto de Charles Dickens.
A Christmas Carol. Realização: Zoan Janjic (GB).

(THE) CLUTCH OF POWER

The Clutch of Power. Realização: Chang Peng (Hong-Kong). Interpretação: Chen Hsing, Meng Fei, Lung Chum Erh.

COMMUNION

Communion. Realização: Alfred Sole (GB) Interpretação: Linda Miller, Mildred Clinton, Paula Sheppard.

COMPUTER WIZARD

Computer Wizard. Realização: John Florea (Austrália). Interpretação: Henry Darrow, Kate Woodville, Guy Madison.

CRY OF THE INNOCENT

Cry of the Innocent. Realização: Michael O'Herlihy (GB). Interpretação: Rod Taylor, Joanna Pettet, Cyril Cusack.

CRUCIBLE OF TERROR

Crucible of Terror. Realização: Ted Hooker (GB). Interpretação: James Bolam, Ronald Lacey, Mike Ravin.

(THE) DEADLY HUNT

The Deadly Hunt. Realização: John Newland (EUA). Interpretação: Tony Franciosa, Peter Lawford, Jim Hutton.

(LE) DIABLE ENTRE LES CUISSSES

Hard core francês, apressada feita para o mercado video do porno. Comercializado sem legendas. Qualidade técnica penosa.

Le Diable entre les Cuisses. Realização: Michel Ricard (França).

DR. JEKYLL AND MR. HYDE

Versão musical televisiva do clássico de Stevenson.

Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Realização: David Winters (GB). Interpretação: Kirk Douglas, Susan Hampshire, Susan George.

DOLL SQUAD

Doll Squad. Realização: Ted V. Mi-



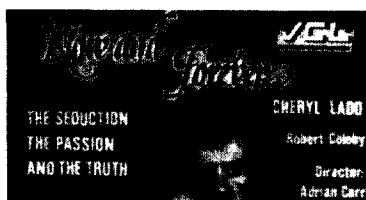
FORMATOS VHS E BETA

A PIONEIRA DAS CASSETES

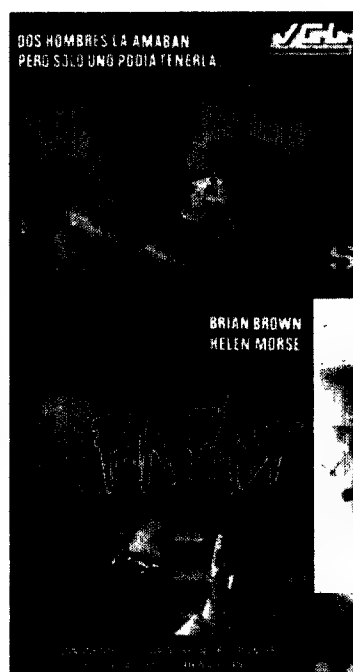
LEGAIS EM PORTUGAL

COM MAIS 100 TÍTULOS, QUE INCLUEM:

Novidades



Novidades



Próximo lançamento



Próximo lançamento

POLICIAIS
WESTERNS
ARTES MARCIAIS
COMÉDIAS
MUSICAIS
ACÇÃO, ETC.

PROCURE NO SEU VIDEOCLUBE

Presentes na **LARTÉCNICA — EXPOVIDEO/86**
Pavilhão T — Stand 204

Distribuição:
Rua Rosa Damasceno, 3-1.º F
1900 LISBOA — Telefone 535707

kels (EUA). Interpretação: Francine York, Michael Ansara, Jean London.

DON'T CALL US

Uma série de gags tirados de um concurso, motivado por um anúncio no jornal, em que se pediam «Actos ou números visuais incomuns ou bizarros, precisam-se...»

Don't Call Us. Realização: Mike Adams (GB).

(THE) DRAGON LIVES AGAIN

The Dragon Lives Again. Realização: Lo Ke (Hong-Kong). Interpretação: Bruce Leong, Shin Li Tung, Tong Ching.

EDDY GRANT

Um concerto de Eddy Grant. *Eddy Grant*. Realização: Joe Massot (GB).

(THE) 18 BRONZEMEN

The 18 Bronzemen. Realização: Joseph Kuo (Hong-Kong). Interpretação: Polly Shang Kuan, Tien Peng, Carter Wang.

ELO LIVE IN CONCERT

Um espectáculo, em Inglaterra, do grupo rock «Elo».

Elo live in concert. Realização: Mike Mansfield (G.B.).

ELTON JOHN (IN CENTRAL PARK)

Um concerto de Elton John, no Central Park de Nova Iorque, em 13 de Setembro de 1980.

Elton John (In Central Park). Realização: Mike Mansfield (G.B.-1980).

ENGLAND MADE ME

England made me. Realização: Peter Duffell (G.B.-1972). Interpretação: Peter Finch, Michael York, Hildegard Neil.

ESCAPE FROM GALAXY 3

Escape from Galaxy 3. Realização: Ben Norman (G.B.). Interpretação: Cheryl Buchanon, James Milton, Don Powell.

FEMALE MUD WRESTLING

Uma reportagem em vídeo do 1.º Campeonato Internacional Anual de Luta Feminina na Lama, realizado em Las Vegas, Nevada, em 1981.

Female mud Wrestling. Realização: Jerry Schaefer (EUA-1981).

(THE) FOX AND THE HARE

Colectânea de curtas-metragens de animação.

The Fox and the Hare. Realização: Amaro Corretero (Espanha - G.B.).

GARY GLITTER

Um concerto rock de Gary Glitter no Rainbow Theatre de Londres.

Gary Glitter. Realização: Terry Braun (G.B.).

GET MEAN

Get Mean. Realização: Ferdinando Baldi (Itália?). Interpretação: Tony Anthony, Lloyd Battista, Raf Baldassarre.

(THE) GOLDEN LADY

The Golden Lady. Realização: José Larraz (GB).

GONE WITH THE WEST

Gone with the West. Realização: Bernard Girard (EUA-1975). Interpretação: James Caan, Stephanie Powers, Sammy Davis Jr.

(THE) GREAT GUNDOWN

The Great Gundown. Realização: Paul Hunt (EUA). Interpretação: Robert Padilla, Milia St. Duval, Richard Rust.

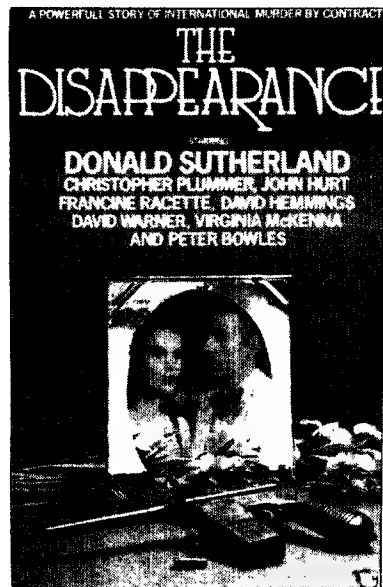
GULLIVER'S TRAVELS

Filme de animação segundo romance de Swift.

Gulliver's Travels. Realização: Dave Fleischer (EUA).

HOLD-UP

Hold-Up. Realização: German Lorente (Itália-1975). Interpretação: Frederick Stafford, Nathalie Delon, Marcel Bozzuffi.



(O) HOMEM QUE MATOU O PASSADO

Esteticista história de mistério, mais preocupada com os dourados da fotografia que com a solidez dramática. Um punhado de bons actores não salvam o empreendimento.

The Disappearance. Realização: Stuart Cooper (GB/Canadá-1977). Interpretação: Donald Sutherland, Christopher Plummer, Francine Racette.

★

(A) INGLESA ROMÂNTICA

«A Inglesa Romântica» é um filme retinado e magistral que, como um mau-soléu, nada diz mas o diz de modo magnífico. Perfeito domínio dos materiais dramáticos, do tempo, da pulsação fílmica, da dolência, do ocaso: há nele um esteticismo superlativo, uma fluência silenciosa, um vazio grandioso. Dá ideia que Losey se sabia no plano inclinado e resolveu assumi-lo. Sem amabilidade, sem esperança, espargindo beleza e colhendo amargura. É uma fita de declínio mas que mestria do cinema a percorre!...

The Romantic Englishwoman. Realização: Joseph Losey (GB/França-1975). Interpretação: Glenda Jackson, Michael Caine, Helmut Berger.

★★★

IRMÃOS DE SANGUE

Chabrol sempre filmou os interiores burgueses. Em «Irmãos de sangue» ele vai um pouco mais longe ao abordar, nas entrelinhas de uma ficção policiária, o incesto e a (perversa) sexualidade adolescente.

Pena que este importante filme esteja editado em vídeo com assaz deficiente qualidade.

Blood Relatives. Realização: Claude Chabrol (Canadá/França-1977). Interpretação: Donald Sutherland, Andre Landry, Lisa Langlois.

★★★

IVANHOE

Filme de animação, segundo romance de Walter Scott.

Ivanhoe. Realização: Leif Gram (GB).

(THE) JACKSONS

Um concerto dos Jackson 5, com Michael Jackson em início de carreira.

The Jacksons. Realização: Luís de Llano (Espanha/GB).

JAZZ FESTIVL

Um concerto de jazz, no Philharmonic Hall do Lincoln Center de Nova Iorque. Alguns dos nomes presentes: Count Basie, Ella Fitzgerald, Dave Brubeck, Benny Goodman, Lionel Hampton...

Jazz Festival. Realização: Grey Lockwood (EUA-1980).

JOURNEY TO THE CENTRE OF THE EARTH

Desenhos animados baseados no romance de Júlio Verne.

Journey to the Centre of the Earth. Realização: Leif Gram (GB).

JUBILEE

Jubilee. Realização: Derek Jarman (GB-1978). Interpretação: Toyat Willcox, Jenny Runacree, Little Nell.

KENT STATE

Kent State. Realização: James Goldstone (EUA). Interpretação: Talia Balsam, Ellen Barkin, Steve Beauchamp.

(THE) KGB CONNECTIONS

Uma sequência de reportagens com várias entrevistas com ex-agentes da KGB na América do Norte.

The KGB Connections. Realização: Martyn Burke (EUA-Canadá).

KIDNAPPED

Desenhos animados, segundo o livro de Stevenson.

Kidnapped. Realização: Leif Gram (GB).

KLANSMAN

Klansman. Realização: Terence Young (EUA-1974). Interpretação: Lee Marvin, Richard Burton, Cameron Mitchell.

LASSIE'S GREAT ADVENTURE

Lassie's Great Adventure. Realização: William Beaudine (EUA). Interpretação: June Lockhart, Hugh Reilly, Jon Provost.

MADRON

Madron. Realização: Jerry Hopper (GB?-1970). Interpretação: Leslie Caron, Richard Boone, Gabi Amrani.

MEETING THE SPIRITS

Um concerto pelos guitarristas Paco de Lucia, John McLaughlin Larry Coryell no Royal Albert Hall de Londres, em 1979.

Meeting the Spirits. Realização: Brian Wiseman (GB-1979).

MILITARY MUSIC PAGEANT

Espectáculo de bandas militares do Reino Unido e do Canadá.

Military Music Pageant. Realização: Keith Becket (GB).

MOBY DICK

Desenhos animados baseados no romance de Melville.

Moby Dick. Realização: Richard Slapczynski (GB).

(THE) MYSTERIOUS HEROES

The Mysterious Heroes. Realização: Chan Sin Pang (Hon Kong). Interpretação: Sang Kwan, Lin Fung, Huang Chia Ta.

NAZARETH

Concerto do grupo rock «Nazareth».

Nazareth. Realização: Stuart Orme (GB).

NEVER SAY DIE — BLACK SABBATH

Um espectáculo ao vivo do grupo rock «Black Sabbath».

Never Say Die — Black Sabbath. Realização: Brian Wiseman (GB).

NOW AND FOREVER

Now and Forever. Realização: Adrian Carr (Austrália). Interpretação: Charyl Ladd, Robert Coleby, Carmen Duncan.

OPERATION BLACK SEPTEMBER

Operation Black September. Realização: Jack Morisson (Israel?). Interpretação: Oshir Levy, Tamar Spivac, Esther Katz.

OFF ON A COMET

Desenhos animados baseados no romance de Julio Verne.

Off on a Comet. Realização: Richard Slapczynski (GB).

ORGIE EN MER

Filme pornográfico *hard core* de origem francesa. Editado sem legendas. Mesmo no seu género não se pode dizer que saia da mais baixa rotina.

Orgie en Mer. Realização: Carolyn Joyve (França). Interpretação: Cathy Stewart, Orson Rosebud, France Lomal.

ORGIE SADO-MASO

Hard core francês de baixa extracção e factura para o mercado vídeo do porno. Comercializado sem legendas. Precária qualidade técnica.

Orgie Sado-Maso. Realização: Michel Ricaud (França-1985). Interpretação: Virginia Yasm, André Kay, Nathalie Sloane.

OURO

Numa mina de ouro sul-africana trama-se uma catástrofe que a torne inoperacional em permanência, beneficiando a concorrência. Mas o herói vai resolver tudo.

Ainda um filme britânico cuja correcção profissional não esconde a falta de ideias.

Gold. Realização: Peter Hunt (GB-1974). Interpretação: Roger Moore, Susannah York, Ray Milland.

★

PATRICK

Patrick. Realização: Richard Franklin (Austrália). Interpretação: Susan Penhaligon, Robert Helpman, Rod Mulinar.

RACHEL'S MAN

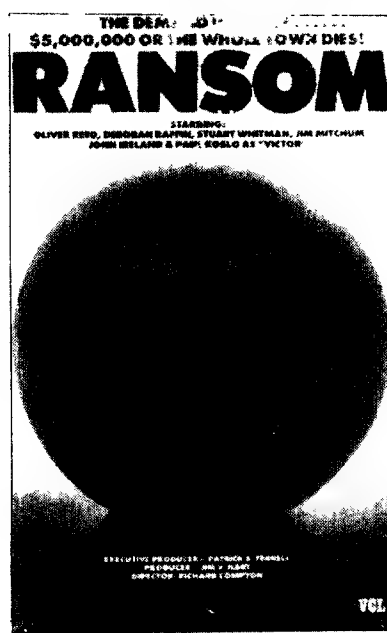
Rachel's Man. Realização: Moshe Mizrahi (GB-1975). Interpretação: Leonard Whiting, Mickey Rooney, Rita Tushingham.

RANSOM

Um assassino, «mascarado» de índio, exige uma fortuna para não matar, com precisas flechas, os mais ricos homens da cidade.

Uma daquelas fitas de acção, sumárias e mediocres, com as quais não se deve perder tempo.

Ransom. Realização: Richard Comp-



ton (EUA-1976). Interpretação: Oliver Reed, Deborah Raffin, Stuart Whitman.

REGGAE 1 e 2

Em duas videocassetes, o célebre concerto *The Best of Reggae Sunsplash*, realizado na Jamaica.

Reggae. Realização: Annie Rowe (EUA/GB).

(LES) REINES DU PEEP-SHOW

Strip tease gaulês, sem comentários, nem legendas...

Les Reines du Peep-Show. Realização: Michel Ricaud (França).

RIDING HIGH

Riding High. Realização: Ross Cramer (GB). Interpretação: Eddie Kidd, Irene Handl, Murray Salem.

RIGHT OF WAY

Right of Way. Realização: George Schaefer (EUA). Interpretação: James Stewart, Bette Davis, Melinda Dillon.

ROBIN HOOD

Desenhos animados.

Robin Hood. Realização: Zoran Janjic (GB).

ROBINSON CRUSOE

Filme de animação, segundo o livro de Defoe.

Robinson Crusoe. Realização: Leif Gram (GB).

ROGER DALTREY — RIDE A ROCKHORSE

Concerto de Roger Daltrey.

Roger Daltrey — Ride a Rockhorse. Realização: Gavrick Losey (GB).

SANTANA AND TAJ MAHAL

Um concerto, no Royal Albert Hall de Londres, com Carlos Santana, Edgar Winter e o conjunto Taj Mahal.

Santana and Taj Mahal. Realização: Richard W. Jackman (GB).

SEA QUEST

Sea Quest. Realização: Carl Schultz (Austrália). Interpretação: Hardy Kruger, Greg Rowe, Liddy Clark.

SESSIONS

Sessions. Realização: Richard Pearce (EUA). Interpretação: Veronica Hamel, Jeffrey De Munn, Jill Eikenberry.

(THE) SHAOLIN KIDS

The Shaolin Kids. Realização: Joseph Kuo (Hong-Kong). Interpretação: Polly Shang Kuan, Tieng Peng, Carter Wang.

SOMETHING TO HIDE

Something to Hide. Realização: Alastair Reid (GB-1971). Interpretação: Peter Finch, Shelley Winters, Colin Blakely.

SPACE BANDIT

Desenhos animados. Space Bandit. Realização: Amaro Carretero (Espanha/GB).


(THE) STEPFORD WIVES

Uma curiosíssima história de suspense, baseada num livro de Ira Levin, que Bryan Fort não consegue amolecer por conta (embora se estorce...). Pela ideia, vale a pena ver.

The Stepford Wives. Realização: Bryan Fort (EUA-1974). Interpretação: Katherine Ross, Paula Prentiss, Patrick O'Neal.

★★

SUPERSTARS

Um concerto com Kenny Rogers, Eddie Rabbit, The Osmonds, Sha-Na-Na e outras vedetas pop.

Superstars. Realização: Walter C. Miller (EUA/GB).

(THE) SURABAYA CONSPIRACY

The Surabaya Conspiracy. Realização: Wray Davis (GB).

SWISS FAMILY ROBINSON

Desenhos animados. Swiss Family Robinson. Realização: Leif Gram (GB).

TALES OF WASHINGTON IRVING

Desenhos animados. Tales of Washington Irving. Realização: Leif Gram (GB).

10 CC LIVE IN CONCERT

Um concerto do grupo rock «10 CC» no Hammersmith Odeon de Londres. 10 CC Live in Concert. Realização: Bruce Gowers (GB).

THIN LIZZY

Um concerto do grupo rock «Thin Lizzy» no Rainbow Theatre de Londres. Thin Lizzy. Realização: Ken O'Neill (GB).

THIRST

Thirst. Realização: Rod Hardy (GB-1979). Interpretação: Christopher Gartin, David Hemmings, Henry Cavill.

TINA TURNER

Um concerto de Tina Turner no Teatro Apollo de Londres. Tina Turner. Realização: Steve Turner (GB).

(A) TONIC FOR THE TROOPS — BOOMTOWN RATS

Um espectáculo ao vivo do grupo rock «Boomtown Rats». A Tonic for the Troops — Boomtown Rats. Realização: Barry Stevens (GB).

TREASURE ISLAND

Desenhos animados segundo o romance de Stevenson. Treasure Island. Realização: Leif Gram (GB).

TRIP TO KILL

Trip to Kill. Realização: Tom Stern e Lane Slate (EUA). Interpretação: Telly Savalas, Robert Vaughn, John Marley.

(A) TULIPA NEGRA

Um filme de espada do tempo em que Alain Delon era um jovem vedeta mas-



culino. Particularmente datado, este filme é aqui editado em versão inglesa, o que agrava o seu já débil estado original. La Tulipe Noire. Realização: Christian-Jacques (França-1963). Interpre-

tação: Alain Delon, Virna Lisi, Dawn Addams.

TWO IN BLACK BELT

Two in Black Belt. Realização: Cheung Sum (Hong-Kong). Interpretação: Ponson Yuk, George Rudy, Yayuk Suseno.

(A) ÚLTIMA JOGADA

Um homem sequestra a sua ex-noiva, exigindo que o homem que a corrompeu seja trazido pela Polícia. E o tenente que comanda as forças policiais acredita pouco que a violência resolva seja lá o que for.

Entre o drama psicológico e o filme de acção, esta jogada funciona mal.

Tomorrow Never Comes. Realização: Peter Collinson (GB/Canadá-1977). Interpretação: Oliver Reed, Susan George, Raymond Burr.

(THE) WEREWOLF OF WASHINGTON

The Werewolf of Washington. Realização: Milton Moses Ginsberg (EUA). Interpretação: Dean Stockwell, Biff Maguire, Clifton James.



Rodado no Canadá, em língua inglesa, «Irmãos de Sangue», com Donald Sutherland e Stephane Audran, é um filme de Chabrol de uma inquietante perversidade, lá onde o inominável é familiar



Mesmo no ocaso, os grandes mestres do cinema conhecem-se pela elegância: «A Inglesa Romântica», com Michael Caine e Helmut Berger, não está na primeira fila da obra de Losey mas faz figura de obra-prima se a compararmos à maior parte dos filmes que por aí estão

MUNDIAL FILMES

O departamento de edições vídeo da Mundial Filmes (um dos maiores grupos de distribuição/exibição de cinema em Portugal) arrancou há poucas semanas e ainda tem muito poucos títulos no mercado. Editando filmes que também distribui para cinema, a Mundial Filmes tem utilizado o «telecinema» na produção de masters, o que não garante uma boa qualidade videográfica. MUNDIAL FILMES, SARL. — Rua de S. José, 203-1.º eq. — 1198 LISBOA CODEX


GENTE GIRA N.º 2

Construir um filme inteiro com base no esquema dos «apanhados Tal & Qual» é coisa que devia parecer suficientemente insana para nem sequer se pensar nisso. Mas não, os sul-africanos fazem-no... especialmente para débeis mentais?

You're in the Movies. Realização: Emil Nofal (República Sul Africana-1985).

(O) REI DE ALPHABET CITY

Um «filme negro» — série B — realizado por um dos jovens prometedores da nova geração nova-iorquina, aqui em dia, francamente, não. Acresce que a qualidade técnica da edição videográfica não é famosa...

Alphabet City. Realização: Amos Poe (EUA-1984). Interpretação: Vincent Spano, Michael Winslow, Jani Gertz.

★

(OS) SELVAGENS DA ESTRADA 66

Roadhouse 66. Realização: John Mark Robinson (EUA-1984). Interpretação: Willem Dafoe, Judge Reinhold, Karen Lee.

SKY PIRATES — A GRANDE AVENTURA

Sky Pirates. Realização: Collin Eggleson (Austrália-1985). Interpretação: John Hargreaves, Meredith Phillips, Max Phipps.

(O) ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE

Manhattan Gigolo. Realização: Aaron Humberstone (Itália-1984). Interpretação: Gianni Dei, Andrea Rebbecka Thompson, Aris Iliopoulos.

PUBLIVÍDEO

A Publívídeo tem trabalhado, até agora, a câmara lenta: apenas dezoito filmes em vários meses de existência, todos representados, para cinema, por Filmes Castello Lopes, uma das associadas da empresa. Poucos, mas já com um punhado de grandes fitas, essa é a verdade. Entretanto a Publívídeo vai lançar em breve os catálogos americanos Orion, RCA/Columbia e CBS/Fox, o que lhe augura uma fortíssima posição no mercado português. Utilizando o «Telecinema» na produção dos *masters*, não se pode dizer que a qualidade técnica seja a melhor, mas tal prática está a ser erradicada.

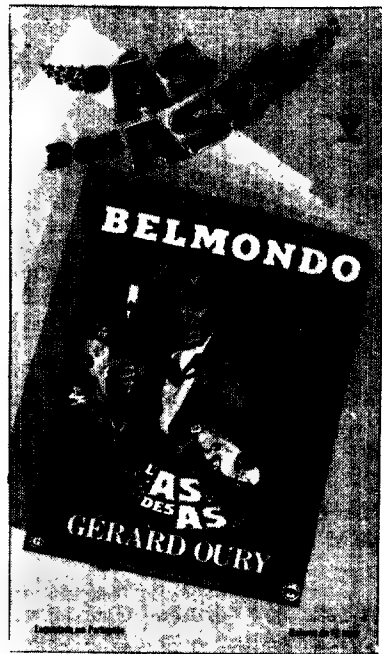
PUBLIVÍDEO — Av. Duque de Loulé, 77-6.º esq. — 1000 LISBOA

AGARRA QUE É POLÍCIA

Enorme sucesso em França, em 1985, este filme é uma comédia cujo humor negro vagueia entre o divertimento e a incomodidade. Bem filmado, bem interpretado, com ideias na cabeça, eis uma boa surpresa no panorama do cinema comercial gaulês.

Les Ripoux. Realização: Claude Zidi (França-1984). Interpretação: Philippe Noiret, Thierry Lhermitte, Graça de Capitani.

★ ★ ★



(O) ÀS DOS ASES

L'as Des As. Realização: Gérard Oury (França-1982). Interpretação: Jean-Paul Belmondo, Marie-France Pisier, Rachid Ferrache.

(O) CASAMENTO DE MARIA BRAUN

Fassbinder chega ao mercado videográfico através de um dos seus êxitos maiores.

Die Ehe Der Maria Braun. Realização: Rainer Werner Fassbinder (RFA-1978). Interpretação: Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch, Ivan Desny.

★ ★ ★

COMANDO ESPECIAL: HOMEM A ABATER

Argumento policial débil, realizado com moleza e uma boa ideia de elenco (o rotundo e simpático Villeret a fazer de vilão) desaproveitada. Apenas um mau filme francês.

Effraction. Realização: Daniel Duval (França-1983). Interpretação: Marlène Jobert, Jacques Villeret, Bruno Cremer.

●

(OS) DESEJOS DE MELODY IN LOVE

Melody In Love. Realização: Hubert Frank (RFA-1978). Interpretação: Melody O'Bryan, Sascha Hehn, Claudine Bird.

ENCONTRO

Uma história de amor, intensa, exasperada, belíssima, um dos grandes filmes disponíveis no mercado videográfico.

Rendez-vous. Realização: André Téchiné (França-1985). Interpretação: Juliette Binoche, Lambert Wilson, Wadec Stanczak.

★ ★ ★ ★

FIM-DE-SEMANA EM CAMISA

O mais terrível que pode acontecer a uma comédia é fazer rir muito pouco. É o que se passa com «Fim-de-semana em Camisa», pequena pérola insana do pior cinema francês. E nem Deware se salva...

Psy. Realização: Philippe de Broca (França-1980). Interpretação: Patrick Deware, Anny Duperey, Michel Creton.

●



(A) FLAUTA MÁGICA

Assumindo a efabulação iniciática que está no cerne da ópera de Mozart, nunca perdendo de vista o artificialismo, o prazer do artificialismo que é o vector determinante na forma como hoje recebemos a ópera, como género particular do espectáculo, escolhendo conciliar o rigor formal com uma vontade de fazer um filme popular, Bergman marcou uma data nas relações entre o cinema e a ópera, aproveitando do primeiro os recursos que despertam a segunda da poeira; filmando teatro sem fazer teatro filmado, olhando a materialidade operática como um jogo fascinante e indissimulado.

«A Flauta Mágica» é uma pequena maravilha, apesar da discutível qualidade técnica da edição videográfica.

Trolflöjten. Realização: Ingmar Bergman (Suécia-1974). Interpretação: Josef Köstlinger, Irma Urrila, Hakan Hagegard.

★ ★ ★ ★ ★

(OS) GANSOS SELVAGENS CONTRA-ATACAM

Mercenários aos tiros no triângulo do ópio asiático.

Um filme de guerra à moda italiana, com alguns bons actores no elenco mas todos eles — a avaliar pelo que fazem — sem se esforçarem muito.

Codename: Wildgeese. Realização: Anthony M. Dawson (Itália/RFA-1984). Interpretação: Lewis Collins, Lee Vant Cleef, Ernest Borgnine.

●

(A) HONRA DOS PADRINHOS

Uma comédia, uma bela e ácida fita, olhar sereno de um velho leão do cinema sobre o mundo dos negócios, dos sentimentos e do negócio dos sentimentos, estreitando, numa família mafiosa, um abraço irónico sobre a vida.

Jack Nicholson e Kathleen Turner são o par central de actores que, em delicioso cabotinismo, nos conduzem para a dança, embora esteja no naipe de secundários (Anjelica Huston, oscarizada, mas sobretudo o velho e superlativo William Hickey) o ouro mais brilhante.

Já agora lembremos que se trata de uma das melhores fitas do ano.

Prizzi's Honor. Realização: John Huston (EUA-1985). Interpretação: Jack Nicholson, Kathleen Turner, Anjelica Huston.

★ ★ ★ ★

JOGOS DE AMOR

Alvares dos anos 50. histórias de iniciação sentimental, ilusões e dramas de juventude. Vadim, longe dos tempos em que se erguia, não ultrapassa a rotina embora se não tenha esquecido de um certo bom gosto.

Surprise Party. Realização: Roger Vadim (França-1983). Interpretação: Caroline Cellier, Christian Vadim, Mylène Demongeot.

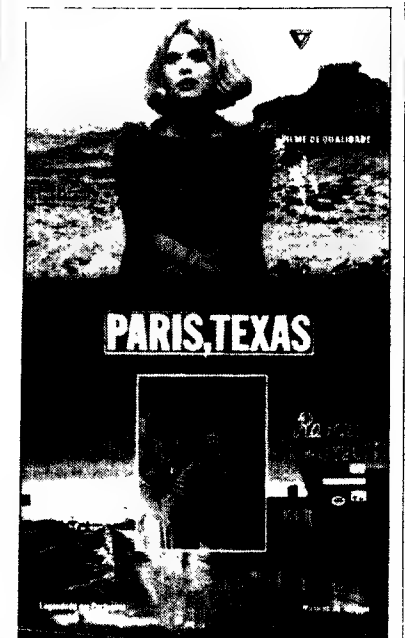
★

(A) PAIXÃO de SWANN

Luxo e bom gosto eis o que mais ostenta esta adaptação de Proust ao cinema. Mas a alma, onde ficou?

Un Amour de Swann. Realização: Volker Schlöndorff (França/RFA/Itália-1984). Interpretação: Jeremy Irons, Ornella Muti, Alain Delon.

★ ★



PARIS, TEXAS

A obra de Wim Wenders, encontra o seu primeiro ponto de cristalização perfeita com «Paris, Texas»: todos os seus temas, constantes, todo o sempiterno desejo premente de espaço americano, se conjugam e harmonizam com este filme.

Curiosamente é uma ficção que chega ao lugar do sonho quando este já está estilhaçado. O espaço americano não é povoado de heróis e o mítico equilíbrio moral (a família, os valores de conduta, a harmonia entre a acção e a ideia), que constituía acervo privilegiado do cinema clássico, não mais existe. «Paris, Texas» é, por isso um filme de dolorosa reconstrução de uma família, um filme que recusa acomodar-se e persegue ainda a miragem de uma terra prometida (um lugar vago, no



No panorama descoroçoante das edições videográficas — maioritariamente dominadas pelo cinema americano — é bonito ver que há quem arrisque lançar um filme europeu e exigente: é o caso de «Encontro» de André Téchiné, com Juliette Binoche

meio de coisa nenhuma, onde edificar um sítio para viver).

Paris, Texas. Realização: Wim Wenders (RFA/França-1984). Interpretação: Harry Dean Stanton, Dean Stockwell, Nastassja Kinski. ★ ★ ★ ★ ★

(A) PRIMEIRA FESTA

La Boum. Realização: Claude Pino-veau (França-1980). Interpretação: Claude Brasseur, Brigitte Fossey, Sophie Marceau.

(O) REI DA COMÉDIA

Considero «O Rei da Comédia» um dos melhores filmes de Scorsese, dos mais corajosos, arriscados, produtivos. Ele ousa medir-se com o império da imagem televisiva, com a mais envolvente máquina de entertainment do século e, lenta e poderosamente, mostrar a sua imbecilidade terrível e contagiante. Rupert (Robert de Niro, outra vez genial) é o resultado dessa máquina, Jerry a peça da engrenagem triste e triturante, o público esse está

pronto para o primeiro rei da comédia que lhe mostrem...

Uma comédia amarga, negra, fabulosa.

King Of Comedy. Realização: Martin Scorsese (EUA-1983). Interpretação: Robert de Niro, Jerry Lewis, Diahnne Abbott. ★ ★ ★ ★ ★

THOR O CONQUISTADOR

Italianada «pré-histórica» para mentecaptos.

Thor. Realização: Anthony Richmond (Itália). Interpretação: Maria Romano, Malisa Lang, Raf Falcone.

TRES HOMENS E UM BERÇO

Trois Hommes et Un Couffin. Realização: Coline Serreau (França-1985). Interpretação: Roland Giraud, André Dussolier, Michel Boujenah.

VINGANÇA JURADA

Um policial produzido e interpretado por Alain Delon o que, nos últimos anos, quer dizer que se trata da chapa zero para as evoluções violentas e românticas de um herói com imagem de marca. Sólida produção, argumento previsível, a rotina...

Parole de Flic. Realização: José Pinheiro (França-1985). Interpretação: Alain Delon, Jacques Perrin, Fionna Gelin. ★

S.M. VIDEO

Essencialmente virada para o filme pornográfico, embora lançamentos de outros géneros também ocorram, a SM Vídeo é uma pequena editora. Utilizando sobretudo o telecinema na obtenção de masters, a qualidade técnica dos seus produtos é desigual e, por vezes, francamente deficiente.

SM VÍDEO — R. Actor Taborda, 55, r/c Esq, 1000 LISBOA

(O) BORDEL

Benazerat, o licenciado em Ciências Políticas que se tornou realizador de pornografia, chega ao mercado vídeo português com um soft core satírico e não destituído de alguma sagacidade...

Le bordel. Realização: José Benazerat (França). Interpretação: Malvin Prune, Marion Saint Clair, Jacques Point. ★

CALCINHAS HÚMIDAS

«Hard core» de origem espanhola, mal filmado, pior interpretado e montado como se o espectador fosse cego ou bruto ou nem valesse a pena pensar nisso.

Bragas húmedas. Realização: Diego Figueroa (Espanha-1984). Interpretação: Francisco Catalá, Verónica Arenaveleta. ★

CARTAS DE AMOR DE UMA FREIRA PORTUGUESA

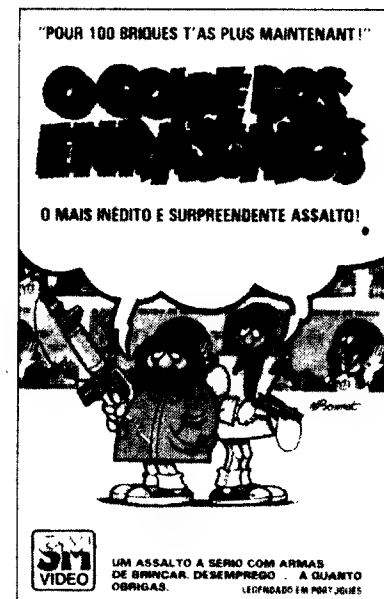
Porno soft, rodado em Portugal, este filme tem como único ponto de curiosidade ver alguns conhecidos rostos lusitanos metidos em andanças pouco comuns.

Cartas de amor de uma freira portuguesa. Realização: Jess Franco (Espanha-RFA-1976). Interpretação: Ana Zanatti, Susan Hemingway, William Berger. ★

(O) GOLPE DOS ENRASCADOS

Dois desempregados resolvem, em desespero de causa, assaltar um banco e pedir resgate dos reféns aí capturados. As armas são de brincar, o humor é o objectivo do filme. Digamos que o atinge sem notabilidade de maior. Entretenimento risonho, nada mais.

Pour 100 Briques t'as Plus Rien! Realização: Edouard Molinaro (França-1982). Interpretação: Daniel Auteuil, Gerard Jugnot, Anemone. ★ ★



ça-1982). Interpretação: Daniel Auteuil, Gerard Jugnot, Anemone. ★ ★

(A) ILHA DOS HOMENS SÓS

Um filme mexicano na dialecta linguagem dos Cardona (pai e filho): violência de pacotilha, um pouco de sexo e de melodrama, tudo envolto em intenções elevadas (denúncia, parábola & etc. e tal...) e com os resultados rasteiros a que nos habituaram.

La isla de los Hombres Solos. Realização: René Cardona SR. (México). Interpretação: Mário Almada, Eric Del Castillo, Mariana Lobo. ★

LOUCURAS SEXUAIS

Oito excertos de filmes pornográficos hard core com algumas das vedetas desse género de cinema (Sharon Mitchell, Serena, Annette Haven, Lisa Deleuw...).

Tecnicamente, uma edição muito deficiente.

Blue Ribbon Blue. Realização: Ted Ferrari (Itália?).

LOVE YOU

O «fabricante» de Ursula Andress e Bo Derek dirige um hard core com pretensões «artísticas» (fotografia cuidada, conversa «libertadora» & etc.). Gravação vídeo de precária qualidade.

Love You. Realização: John Derk (EUA-1978). Interpretação: Annette Haven, Wade Nichols, Leslie Bovee. ★

NÃO ENTRES SEM BATER À PORTA

Comédia francesa, realizada por um cineasta «da 2.ª divisão» (Gerard Pirès), «Não Entres sem Bater à Porta» é uma história sentimental com divórcio, ciúme e os ingredientes triangulares do género.

Rends-moi la Clé. Realização: Gerard Pirès (França-1981). Interpretação: Jacques Dutronc, Jane Birkin, Guy Marchand. ★

PRISIONEIRAS DO SEXO

Um hard core da «2.ª divisão», versão italiana, sumariíssimo genérico, enredo confuso, imaginação estreita. Pormenor revelador: as senhoras constantes das fotos da capa não têm nada a ver com o filme.

Super Erotica di Notte. Realização: Eddy Matalon. Interpretação: J.G. Nordman, L. Navarre. ★

TARADAS DO SEXO

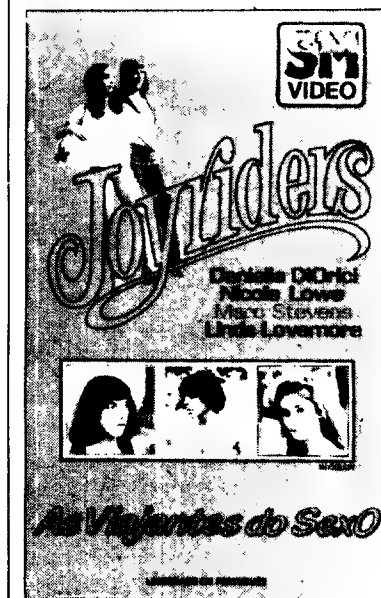
Mais um hard core a chegar ao mercado videográfico, origem americana, argumento mínimo, pouca conversa,

muita actividade. Não desilude os apreciadores do género, o que não é coisa que se possa dizer da generalidade das fitas.

Screwplees. Realização: Clair Dia (EUA). Interpretação: Kandi Barber, Serena, Jamie Gillis. ★

TENAZ DUELO DE KUNG FU

The Close Kung Fu Encounter. Realização: Raymond Chin (Hong Kong?). Interpretação: Jackie Chang, Roger Mao, Jwang In-Shik.



(AS) VIAJANTES DO SEXO

Hard core americano. Duas raparigas pedem boleia, entregam-se aos homens e roubam-nos por fim. As cenas do costume, a monotonia usual.

The Joyriders. Realização: Nicholas Berland (EUA). Interpretação: Daniella DiOrici, Nicole Lowe, Marc Stevens. ★



EDITAMOS A 12 VÍDEOCASSETTE LEGAL

...E AO FAZÊ-LO ASSUMINDO A RESPONSABILIDADE DE CONTINUARMOS PIONEIROS



COMERCIO E INDUSTRIA AUDIOVISUAL, LDA
R. Actor Taborda,
55-r/c Esq,
1000 LISBOA

ITAD VIDEO

Dois filmes portugueses, violência *made in Italy* e pornografia *made in* sabe Deus onde: o catálogo ITAD não é dos mais apetecíveis mas, de súbito, uma pérola: «Ginger e Fred» de Fellini. Qualidade técnica irregular, do razoável ao deficiente. *Nota importante:* Conforme se anuncia na abertura deste Anuário não foi possível a obtenção de informações que permitissem a apresentação redactorial exaustiva dos filmes editados pela ITAD Video, por ausência de resposta atempada da empresa. Publicam-se, portanto, elementos parcelares com a expectativa de que, na reedição actualizada que faremos em Dezembro, se possa dar a informação exacta e completa das edições desta firma.

ITAD VIDEO

R. Manuel Joaquim dos Reis, 38-B Sobralinho — 2615 ALVERCA

CRÓNICA DOS BONS MALANDROS

Edição videográfica da adaptação ao cinema do *best seller* de Mário Zambujal. O filme é frágil mas engenhoso. De Fernando Lopes era lícito esperar bastante mais, que o talento é coisa que dói ver malbaratado pela preguiça.

Crónica dos Bons Malandros. Realização: Fernando Lopes (Portugal-1981/84). Interpretação: Nicolau Breyner, Maria do Céu Guerra, João Perry.

★★



2020 GLADIADORES DO TEXAS

Depois da hecatombe nuclear a lei do mais forte comanda um mundo violento.

Produção italiana de aventuras ficção, «2020 Gladiadores do Texas» é um daqueles filmes que povoam o Politeama e a mais não são obrigados: muitos tiros, pouco tio, o cinema é outra coisa.

2020 Texas Gladiatori. Realização: Kevin Mancuso (Itália-1983). Interpretação: David Green, Sabrina Stani, Harrison Muller.

GINGER E FRED

Fellini abeira-se da televisão com asco e nostalgia dos tempos em que o espectáculo era um espaço de sedução e não um esgar de felicidade artificial e neonizada. Mastroianni e Masina são sublimes mas o filme não é isento de desequilíbrios.

Ginger e Fred. Realização: Federico Fellini (Itália/França/RFA-1985). Interpretação: Marcello Mastroianni, Giulietta Masina, Franco Fabrizi.

★★★

(O) GUERREIRO DO MUNDO PERDIDO

Ficção científica de origem italiana: ainda uma sociedade pós-nuclear, um déspota, libertadores, amas bizarras, estrondo, etc. Ainda uma fita da «2.ª divisão», a fingir americano — os italianos são peritos nisso, o que vale é que não enganam ninguém...

Il Guerriero del Mondo Perduto. Realização: David Worth (Itália-1983). Interpretação: Robert Gint, Fred Williamson, Persis Khambatta.

(O) INFERNO ATRÁS DAS GRADES

A decadência do cinema italiano também se mede pela proliferação de subprodutos sádico-eróticos que enlameiam o conceito de filme. É o caso deste «O Inferno Atrás das Grades», de facto inqualificável.

Hell Behind Bars. Realização: Willy S. Regan (Itália-1982). Interpretação: Ajita Wilson, Linda Jones, Rita Silva.

(O) LUGAR DO MORTO

O maior êxito da história do cinema português em edição vídeo. António Pedro Vasconcelos a provar que um filme luso pode ser desenvolvido, cáldico, ter uma técnica irrepreensível e actores que funcionam individualmente e em conjunto.

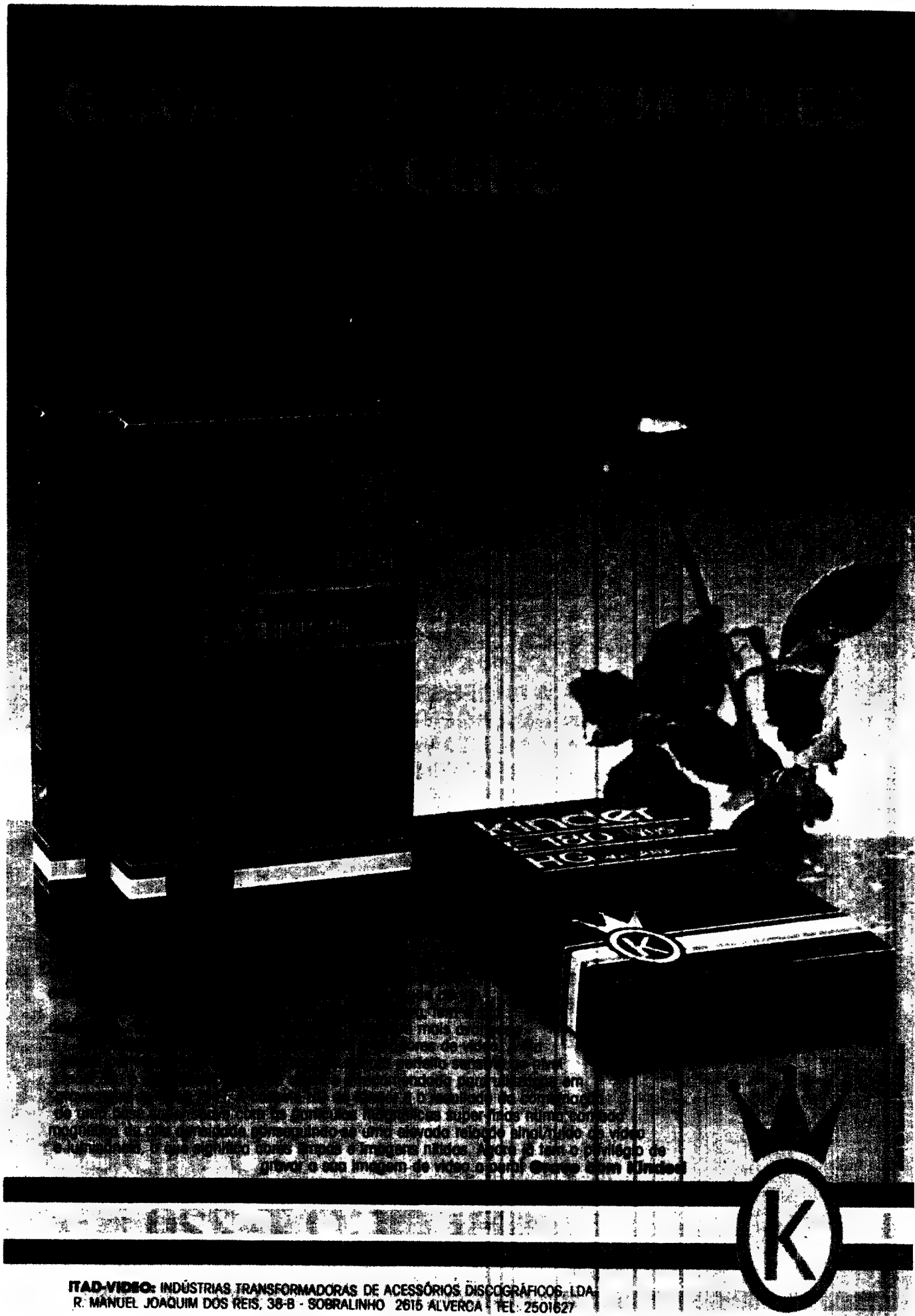
O Lugar do Morto. Realização: António Pedro Vasconcelos (Portugal-1982/84). Interpretação: Ana Zannati, Pedro Oliveira, Teresa Madruga.

★★★

SHE — A RAINHA DA GUERRA E DO AMOR

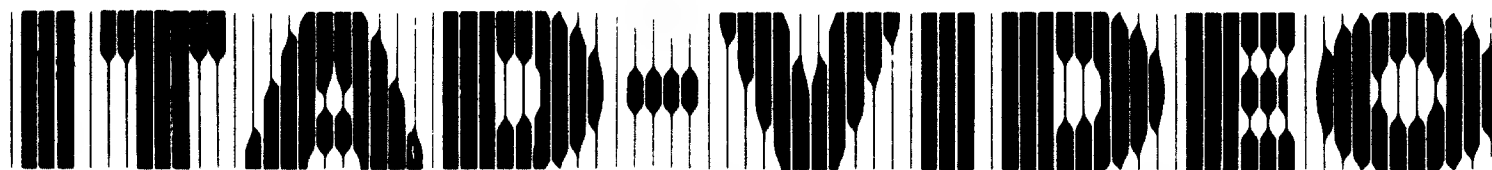
Haggard adaptado a um tuturo pós-apocalíptico feito de avulsas violências. Depois do *western*, a Itália especializa-se em *ficção-científica-spaghetti*? Dado o número de enormidades do género que por aí há em videocassete, tudo indica que sim.

She. Realização: Avi Nesher (Itália-1983). Interpretação: Sandahl Bergman, Quinn Kessler, David Goss.



ITAD-VIDEO: INDÚSTRIAS TRANSFORMADORAS DE ACESSÓRIOS DISCOGRÁFICOS LDA
R. MANUEL JOAQUIM DOS REIS, 38-B - SOBRALINHO 2615 ALVERCA TEL. 2501627

NOVIDADES



os melhores filmes a melhor qualidade

- A TORRE
- ABUSO DE CONFIANÇA
- NAS ASAS DO FALCÃO
- CÂMARA DE CHOQUE
- AMOR QUENTE
- O DESTINO MARCA A HORA
- OS GOSTOS DE LAURA
- CONSOLADORES DE VIÚVAS
- OS VISITANTES
- A BATALHA DO ÚLTIMO PANZER
- AS AMAZONAS CONTRA SUPERMAN
- A FESTA
- A CRÓNICA DE 1812
- TENTAÇÃO ERÓTICA
- GINGER & FRED
- SEASON FOR ASSASSINOS
- ERAH 200 IRMÃOS
- ILUSÕES DE ÉXTASE
- MALONBRA
- MALONBRA 2
- EXECUTOR FINAL
- CALCINHAS AO LÉU
- A NOVA INQUILINA É UM ESPANTO
- A PROFESSORA DE CIÊNCIAS NATURAIS
- UMA AGENTE MUITO ESPECIAL
- A MONTANHA DO DEUS CANIBAL
- A REPETENTE DOS 3 ASSOBIOS
- A CASA DO PRAZER
- O ÚLTIMO O
- O VIOLADOR
- KARZAN
- KARATE AMAZONAS
- ESCAPE FROM HELL
- HOFFMANN & FILHOS
- FEBRE NOCTURNA
- BANGKOK PORN

**VISITE-NOS NA LARTÉCNICA (17 a 26)
PAVILHÃO DO VIDEO
BLOCO T-220**

VISTA VIDEO

A Vista Video é uma das maiores editoras videográficas, se atendermos ao número de títulos que tem no mercado. Um catálogo muito diversificado mas que tende a pescar sobretudo no cinema americano da «2.ª divisão», qualidade técnica, em média, boa — com algumas «ovelhas negras» nos primeiros lançamentos que efectuou.

VISTA VIDEO

R. António Pedro, 68, 1.º Dto
1000 LISBOA

ALELUIA, GRETCHEN

A história de uma família de emigrantes alemães que, tendo fugido do nazismo para o Brasil, em 1937, vão ver as suas vidas invadidas por esse pesadelo da suástica, enquanto os anos passam e os hitlerianos aparecem...

Aleluia, Gretchen. Realização e argumento: Silvio Back (Brasil-1976). Interpretação: Carlos Vereza, Mirian Pires, Kate Hansen.

★

AO SUL DO MEU CORPO

História de amizade, amor e engano que, dos anos 30 faz chegar a sua sombra até à actualidade. «Ao Sul do Meu Corpo» é um filme onde o decadentismo brilhante se enovela em política e culpa num percurso desigual e finalmente descoroçoante.

Ao Sul do Meu Corpo. Realização: Paulo César Saraceni (Brasil-1982). Interpretação: Ana Maria Nascimento Silva, Paulo César Pereiro, Nuno Leal Maia.

★

AUSTERLITZ

Quem veja este filme talvez não suponha que Abel Gance é um dos maiores cineastas da história do cinema. Sobre tudo a primeira parte, desfile de vedetas que a isso se resume. Mas as cenas de batalha continuam impressionantes, malgrado a estreiteza do ecrã do televisor.

Austerlitz. Realização: Abel Gance (França/Itália/Liechtenstein/Jugoslávia-1959). Interpretação: Pierre Mondy, Jean Mercure, Martine Carol.

★★

(A) BALADA DE RAY CHARLES

Um miúdo é ajudado por um outro cego, célebre, Ray Charles *as himself*, como é uso dizer-se. Canções e boa vontade não fazem, por si, bom cinema.

Ballad in Blue. Realização: Paul Henreid (GB-1964). Interpretação: Ray Charles, Mary Peach, Dawn Adams.

★

(O) BARBA AZUL

Um aristocrata austríaco mata sucessivamente as mulheres que lhe caem nos braços. Dmytryk na realização e Burton no papel principal parecem dar algumas garantias... Desiluda-se, leitor, é um filme sem alma.

Blue Beard. Realização: Edward Dmytryk (França/Itália/RFA-1972). Interpretação: Richard Burton, Raquel Welch, Virna Lisi.

★

BITS & PIECES

Bits & Pieces. Realização: Leland Thomas (EUA-1985). Interpretação: Suzanna Smith, S.E. Zygmont, Brian Burt.

(THE) BOOGEY MAN

De actor fassbinderiano a realizador, o caminho de Ulli Lommel desembocou, em 1980, nos Estados Unidos, onde dirigiu este filme de terror. De fabricação assaz clássica (o espírito de um assassinado volta para vingança) mas medo garantido, «The Boogey Man» não desilude os apaniguados do género.

The Boogey Man. Realização: Ulli Lommel (EUA-1980). Interpretação:

Suzana Love, Ron James, John Carradine.

★★

BRAINWASH

Um telefilme-parábola sobre a ignomínia da competitividade no seio da sociedade capitalista. Um curso para «quadros» que é quase um exercício de subjugação. Não é uma grande fita mas, para lá das inverosimilhanças, consegue prender o espectador na rede do «e depois?».

Brainwash. Realização: Bobby Roth (EUA-1982). Interpretação: Yvette Mimieux, Christopher Allport, Cindy Pickett.

★★

BREEDERS

Breeders. Realização: Tim Kincaid (EUA-1986). Interpretação: Theresa Farley, Lance Lewman, Francis Raines.

CABARET MINEIRO

Pretensioso, confuso e pouco interessante.

Cabaret Mineiro. Realização: Carlos Alberto Prates C. (Brasil-1981). Interpretação: Nelson Dantas, Tamara Taxman, Tânia Alves.

★

CAÇA GROSSA

A estética publicitária em todos os seus refinamentos ao serviço de uma história de acção com fundo do remorso romântico. O protótipo do filme francês vazio e a «amar aos cuos».

Les Fauves. Realização: Jean-Louis Daniel (França-1984). Interpretação: Philippe Léotard, Daniel Auteuil, Gabrielle Lazure.

●

CHALLENGE

Challenge. Realização: Martin Beck (EUA). Interpretação: Earl Owensby, William T. Hicks, Kathryn Thompson.

CERVANTES

Uma daquelas co-produções internacionais onde as histórias da História não deixaram rasto na história do cinema. Desta feita são as aventuras amorosas e bélicas de Cervantes, que acaba paladino da liberdade em mourisco cativo. Absolutamente banal.

Cervantes. Realização: Vincent Sherman (Espanha/Itália/França-1968). Interpretação: Horst Buchholz, Gina Lollobrigida, Louis Jourdan.

★

CHUVAS DE VERÃO

Ao princípio é a reforma, o fim do trabalho, o início do lazer terminal da vida de «seu» Afonso. Depois, pouco e pouco e, logo, de choife, é a vida de subúrbio que começa a atravessar o ecrã, em desgosto e bonomia, violência e sorrisos, drama e angústia e um pouco de sol a despreitar. «Chuvras de Verão» é um rasgão fundo no corpo da realidade brasileira, filmado com exímia elegância e uma quase brutal evidência da vulgaridade desse real.

Infelizmente este filme espantoso tem uma edição videográfica de lamentável qualidade técnica.

Chuvras de Verão. Realização: Carlos Diegues (Brasil-1978). Interpretação: Jofre Soares, Miriam Pires, Cristina Aché.

★★★★

CORRIDA PARA A VITÓRIA

Um miúdo consegue que um cavalo, com um defeito numa perna, se torne um campeão de corridas.

Um daqueles filmes onde os bons sentimentos, o amor e a verdade sempre triunfam sobre a vilania, a mesquinhez e a intriga. Pois...

Rui For the Roses. Realização: Henry Levin (EUA-1980). Interpretação: Vera Miles, Stuart Whitman, Panchito Gomez.

●

CREATURE

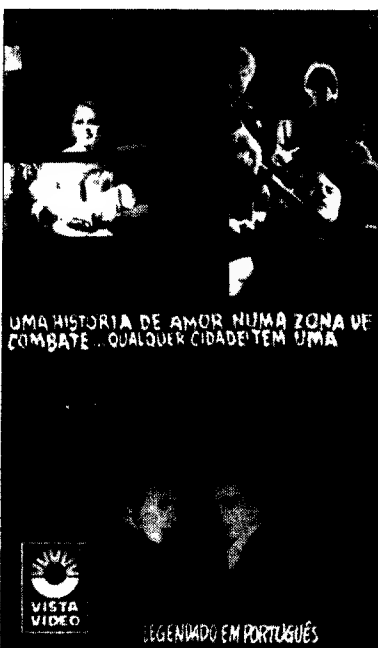
Creature. Realização: William Malone (EUA-1985). Interpretação: Sian Ivar, Wendy Schaal, Marie Laurin.

(A) DAMA DO LOTAÇÃO

A sensualidade e o corpo de Sónia Braga num filme que a eles se dedica e explora, sem visar qualquer outro objectivo. É horizonte curto, convenhamos.

A Dama do Lotação. Realização: Neville d Almeida (Brasil-1978). Interpretação: Sónia Braga, Nuno Leal Maia, Paulo César Pereiro.

●



DEAD EASY

No submundo da noite de uma grande metrópole trafica-se, mata-se, trai-se, faz-se pela vida. Um filme australiano com algum nervo e avulsas inabilidades, merece uma olhadela.

Dead Easy. Realização: Bert Deling (Austrália-1982). Interpretação: Scott Burgess, Rosemary Paul, Tim McKenzie.

★★

ENTRADA FORÇADA

Um psicopata sexual cria o terror numa pequena cidade, assassinando várias mulheres.

Ainda a mediania, mais ou menos pardacenta...

Forced Entry. Realização: Jim Sotos (EUA-1981). Interpretação: Tanya Roberts, Ron Max, Nancy Allen.

★

(A) ESPADA DO SAMURAI

Sword of heaven. Realização: Byron Meyers (EUA-1985). Interpretação: Tadashi Yamashita, Mel Novak, Gerry Gibson.

EU TE AMO

É o filme típico do intelectual manhosso que, à conta de uma intriga pretensiosa e de alguns malabarismos formais, mais não faz que vender Sónia Braga nua e um punhado de cenas «ousadas». Pois.

Eu te Amo. Realização: Arnaldo Jabbor (Brasil-1980). Interpretação: Sónia Braga, Paulo César Pereiro, Tarcísio Meira.

●

FLUSH

Flush. Realização: Andrew J. Kuehn (EUA). Interpretação: William Calloway, William Bronder, Jeannie Linero.

FÚRIA VERMELHA

Um miúdo índio, recolhido por um pequeno criador de gado, é rejeitado por toda uma comunidade. Mas consegue a cumplicidade de um togoso cavalo e, mercê do seu bom carácter, torna-se um herói.

Convencional, televisivo, melodramático, para bons corações que não gostam de cinema.

The Red Fury. Realização: Lyman D. Dayton (EUA-1981). Interpretação: William Jordan, Katherine Cannon, Calvin Bart, etc.

●

(O) HOMEM DO PAU-BRASIL

Oswald de Andrade é um dos escritores centrais do movimento modernista brasileiro. Romancista, dramaturgo, poeta (*Pau-Brasil* é o título-chave com que, em 1925, se ergue contra o linsmo), ensaísta, Oswald de Andrade é o centro desta fita de Joaquim Pedro de Andrade.

Biografia, análise literária, homenagem? Nada disso: fazendo da dissolvença o tom-base do filme, o realizador como que se deixou invadir pela loucura revoltada do modernismo e, num rasgo de ousadia, fez uma fita que é quase uma obra integrada numa nova revolta, a cinquenta anos de distância, feita de ironia e muito talento.

Divertidíssimo, tropical e sem amarras, «O Homem do Pau-Brasil» começa por figurar Oswald em dois personagens (um homem, uma mulher, inseparáveis) para depois partir em direcção à festa demolidora por onde passa Paris e Cendrars, a revolução e o sexo, a arte e a poesia, num caleidoscópio feliz de quem não acredita em nada mas urge a mudança — e disso se ri francamente.

O Homem do Pau-Brasil. Realização: Joaquim Pedro de Andrade (Brasil-1981). Interpretação: Itala Nandi, Flávio Galvão, Dina Sfat.

★★★

(O) HOMEM LEÃO

Um inenarrável filme «histórico» de origem turca e versão inglesa.

Lion Man. Realização: Natuck Bantan (Turquia). Interpretação: Steve Arkin, Barbara Lake.

●

(A) IDADE DO AMOR

Uma história de amores adolescentes, um filme de produção israelita com dobragem em inglês para distribuição nos States e, pelos vistos, em Portugal. Amores, gravidez, a guerra também por lá passa: tudo certinho, mediano e nada estimulante.

Seventeen. Realização: Assi Dayan (Israel-1984). Interpretação: Dan Torren, Irit Frank, Ariella Robinowitch.

★



A série de filmes brasileiros, muitos deles inéditos em Portugal, que a Vista Video tem no seu catálogo, constitui um serviço prestado à divulgação de uma cinematografia onde não faltam obras de grande mérito. Um dos filmes dessa série — mas não dos mais notáveis — é «Lúcio Flávio, o passageiro da agonia» com Reginaldo Farias

(A) ILHA DO INFERNO

Inferno in Paradise. Realização: Edward Forsyth (EUA). Interpretação: Jim Davis, Richard Young, Betty Ann Carr.

INVISIBLE STRANGLER

Tendo na capa o título «Invisible Strangler», esta fita tem, lá dentro, no genérico, o nome de «Silent Kill». Deve tratar-se de um daqueles casos de filmes rebaptizados para posterior reexploração e o editor português foi provavelmente apanhado com material promocional desfasado da versão cinematográfica. O título, porém, é o menos, que o filme — uma intriga policial com um assassino invisível graças aos poderes da sua própria mente — é tão fraquinho e previsível que ninguém vai querer saber como é que é o seu nome original.

Silent Kill. Realização: John Florea (EUA-1983). Interpretação: Robert Forworth, Stefanie Powers, Elke Sommer.

KILL — PARA QUEM NÃO PODE HAVER PIEDADE

Uma história policial nos circuitos internacionais da droga. Uma daquelas co-produções internacionais a que falta alma e entendimento.

Kill. Realização: Romain Gary (França/Espanha/Itália/RFA-1971). Interpretação: Jean Seberg, Stephen Boyd, James Mason.

KISS MY GRITS

Entre a comédia e o filme de acção, num Texas contemporâneo, eis mais um lançamento da «2.ª divisão» onde, contudo, é possível encontrar o rosto há muito ausente de Susan George, pelos vistos em maré baixa.

Kiss my Grits. Realização: Jack Starrett (EUA-1982). Interpretação: Bruce Davison, Susan George, Tony Franciosa.

LIES

Uma jovem actriz é convidada para representar um drama real — e vê-se envolvida num caso rebuscado de assassinio. História bem urdida mas menos bem desenvolvida e nem sempre com o correspondente tratamento cinematográfico. Um filme de mistério que se vê com algum agrado.

Lies. Realização: Ken e Jim Wheat (EUA-1983). Interpretação: Ann Dusenberry, Gall Stickland, Bruce Davison.

**LOUCURAS BURGUESAS**

A versão «internacional» (baptizada «Twist») de «Follies Bourgeoises», um dos menos amados filmes de Chabrol.

Um exercício de humor no retrato de uma burguesia histórica e culta. Há quem ache delicioso, há quem ache execrável.

Twist. Realização: Claude Chabrol (França/Itália/RFA-1976). Interpretação: Stephane Audran, Bruce Dern, Ann Margret.

LÚCIO FLÁVIO O PASSAGEIRO DA AGONIA

A história de um conhecido marginal brasileiro, eliminado pelo Esquadrão da Morte. «História de cafageste» com álibi político. «Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia» tem todas as condições de penetração comercial (violência, «denúncia» política q.b., uma pitada de sexo...) mas não creio que seja mais que um filme hábil a vender tiros, navalhas, prostituição e assaltos a bancos. O cinema brasileiro vale mais que isto.

Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia. Realização: Hector Babenco (Brasil-1978). Interpretação: Reginaldo Faria, Ana Maria Magalhães, Nilton Gonçalves.

LUCKY 13

Um jovem condenado à morte por parricídio, mas inocente, em fuga na companhia de uma prostituta que lhe escrevera, para a prisão, loucas cartas de amor.

Lucky 13. Realização: Mark Griffiths (EUA-1983). Interpretação: Eric Staltz, Monica Carriço, Stuart Margolin.

MACUNAÍMA

O «cinema novo» que, no Brasil, agitou os meios cinematográficos nos anos 60 teve em «Macunaíma» um dos seus pontos altos. É que se filme houve onde se procurou fundir e arriscar tudo esse é este filme.

Já o movimento tropicalista avançara para o primeiro plano musical, já Glauber Rocha começara a inventar as suas visões, já Roberto Carlos convocara outros sons para falar do quotidiano, «Macunaíma» não era facto isolado, mas tão-só uma consonância do cinema com o resto da realidade.

Feérico, violento, corrosivo, desesperado, história de um negro — feito — branco em matos de fome e cidades de vileza onde gigantes presidem a cerimónias de «comei-vos uns aos outros», «Macunaíma» é uma torrente que, em sátira, magoa e liberta o sentido para mil espaços, mil raízes.

Macunaíma. Realização: Joaquim Pedro de Andrade (Brasil-1969). Interpretação: Grande Otelo, Dina Sfat, Paulo José.

MANHÃ SUBMERSA

Adaptação do romance homónimo de Vergílio Ferreira, eis um bem ancorado filme português. A repressão social e religiosa de um miúdo rural destinado ao sacerdócio é o seu tema.

Manhã Submersa. Realização: Lauro António (Portugal-1980). Interpretação: Joaquim Manuel Dias, Eunice Muñoz, Vergílio Ferreira.

MAUSOLÉU

Mausoleum. Realização: Michael Dugan (EUA-1980?). Interpretação: Marjoe Gortner, Bobbie Bresee, Norman Burton.

MAYA

No interior de uma comunidade latino-americana em Nova Iorque, a história de uma professora. Alguns aspec-

tos curiosos não impedem que o filme caia num melodrama sem rédeas e mais chorão que denso.

Maya. Realização: Augusto Agustssen (EUA-1980). Interpretação: Berta Dominguez, Luís Manuel, Valeria Riccardo.

(O) MONSTRO DE LOCH NESS

The Loch Ness Horror. Realização: Larry Buchanan (EUA). Interpretação: Sandy Kenyon, Miki McKenzie, Barry Buchanan.

MORCEGOS HUMANOS

The Bat People. Realização: Jerry Jameson (EUA-1984). Interpretação: Stewart Moss, Mariane McAndrew, Michael Pataki.

NUNCA FOMOS TÃO FELIZES

Ainda um filme brasileiro, uma salutar surpresa: a história de um jovem há longos anos internado num colégio, a quem o pai vem buscar. Mas o pai leva uma vida clandestina, o filme conduz-se quase como uma investigação dolorosa. Poucas vezes a luta armada política, sob uma ditadura, foi olhada com tal angústia e secura. Simples e turbado, um filme a ver.

Nunca Fomos Tão Felizes. Realização: Murilo Salles (Brasil-1984). Interpretação: Cláudio Marzo, Roberto Battaglin, Suzana Vieira.

(O) OLHO MÁGICO DO AMOR

Softcore de origem brasileira, «O Olho Mágico do Amor» é um filme de onde não está ausente nem um certo humor nem alguma ironia. Há muito filme porno que poderia aprender aqui que o cinema também pode estar presente neste tipo de comércio.

O Olho Mágico do Amor. Realização: Ícaro Martins e Zé António Garcia (Brasil-1982). Interpretação: Tania Alves, Carla Camurati, Sérgio Mamberti.

OLHOS DE FOGO

Bonito, enigmático, dotado de uma magia toda feita de uma vontade interior de transfiguração, eis um filme-surpresa que a Vista Vídeo lança no seio de um conjunto pouco feliz em que fez figura de pequena pérola brilhante...

Eyes of Fire. Realização: Avery Crounse (EUA-1984). Interpretação: Dennis Lipscomb, Rebecca, Stanleu, Sally Klein.

OLHOS NA ESCURIDÃO

Dark Eyes. Realização: James Polakof (EUA-1980). Interpretação: Britt Ekland, Lana Wood, Kabir Bedi.

ONDE ESTÁ O PARSIFAL?

Uma comédia louca, tipo insano e cheio de esgares, onde se encontram e perdem uma quantidade apreciável de actores conhecidos, entre os quais Orson Welles!

O disparate conduz ao riso? Nem por isso, nem por isso...

Where is Parsifal? Realização: Henri Helman (GB-1984). Interpretação: Tony Curtis, Cassandra Domenica, Peter Lawford.

PAMPLINAS NA LUA

Depois dos gloriosos anos 20, o talento de Keaton começou a ser aproveitado em filmes progressivamente menores até chegar ao lamentável. Rodado no México, este é um desses filmes onde, porém, um ou dois gags nos dão ainda uma imagem (pálida) do génio do comediante.

Boom in the Moon. Realização: Jaime

Salvador (México-1946). Interpretação: Buster Keaton, Angel Garasa, Virginia Seret.

PARA VIVER UM GRANDE AMOR

Num futuro utópico, uma história de amor transpondo para o ecrã um espectáculo de teatro musical que foi êxito no Brasil. Uma face do cinema brasileiro nada conhecida em Portugal.

Para Viver um Grande Amor. Realização: Miguel Faria Jr. (Brasil-1984). Interpretação: Djavan, Glória Menezes, Patrícia Pilar.

PARAHYBA MULHER MACHO

No palco turbulento da política dos anos pré-Getúlio, «Parahyba Mulher Macho» introduz em cena uma mulher livre cuja história de amor louco, com um dos protagonistas desse palco, vai precipitar a repressão contra o seu amante, misturando o escândalo da paixão com o escândalo de um atentado político, numa vertigem de derrocada que é reflexo da convulsão que atravessa o Brasil dessa época.

Parahyba Mulher Macho. Realização: Tizuka Yamasaki (Brasil-1983). Interpretação: Tânia Alves, Claudio Marzo, Walmor Chagas.

PATRIAMADA

Curiosíssimo exemplo de um filme em cima dos acontecimentos, misturando a ficção com o documento, filmando os actores e o real em simultâneo. O acontecimento é a campanha para as eleições directas no Brasil e «Patriamada» é dele testemunho e gesto.

Patriamada. Realização: Tizuka Yamasaki (Brasil-1984). Interpretação: Débora Block, Walmor Chagas, Buza Ferraz.

(OS) PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO

Co-produção internacional, vedetas e Júlio Verne na origem: um faroleiro numa ilha isolada a contas com uma horda de piratas sanguinários que provocam naufrágios para saquear os desposos. Um filme que promete bastante e não cumpre quase nada.

The Light at the Edge of the World. Realização: Kevin Billington (EUA/Espanha/Liechtenstein-1971). Interpretação: Kirk Douglas, Yull Brynner, Samantha Eggar.

(O) PRÍNCIPE E O POBRE

Grande produção «histórica» baseada numa novela de Mark Twain (o jovem príncipe Eduardo VI troca acidentalmente de lugar com um mendigo sócia). Muito dinheiro, pouco engenho. Das muitas vedetas em cartaz salientam-se as saborosas pontas de Rex Harrison e George C. Scott.

The Prince and the Pauper. Realização: Richard Fleischer (Panamá-1977). Interpretação: Mark Lester, Oliver Reed, Charlton Heston.

(A) PRÓXIMA VÍTIMA

Uma história policial, centrada num repórter criminal da televisão, com ressonâncias políticas. O nosso bem conhecido (da telenovela) António Fagundes protagoniza.

A Próxima Vítima. Realização: João Batista de Andrade (Brasil-1983). Interpretação: António Fagundes, Louise Cardoso, Gianfrancesco Guarnieri.

★ ★

(OS) QUATRO MOSQUETEIROS

Continuação de «Os Três Mosqueteiros» mas num tom menos inventivo e vivo. Mas, apesar de algumas passagens algo mornas, é ainda uma fita que se vê com bonomia.

The Four Musketeers. Realização: Richard Lester (Panamá-1974). Interpretação: Michael York, Oliver Reed, Faye Dunaway.

(A) RAPARIGA DA CIDADE

«The City Girl», realizado pela canadiana Martha Coolidge, com produção executiva de Bogdanovich, é um pequeno filme jovem, caloroso, bem disposto e filmado com intencionalidade e talento. No centro das atenções uma jovem fotógrafa e o seu deambular pela cidade e pelos sentimentos, pretexto para descobrirmos uma actriz (Laura Harrington), um argumento onde o humor nunca deixa o melodrama instalar-se, um olhar vivo que merece bem a nossa atenção.

City Girl. Realização: Martha Coolidge (EUA/Canadá-1984). Interpretação: Laura Harrington, Joe Mastroianni, Carole McGill.

(O) RAPTO DAS SABINAS

Produção pseudo-histórica em que o lendário rapto das Sabinas, nos alvares do Império Romano é matéria para uma fita kitsch, à italiana. Curtos méritos, alguma espadeirada...

L'Enlèvement des Sabinas. Realização: Richard Pottier (França/Itália-1961). Interpretação: Roger Moore, Mylene Demongeot, Giorgia Moll.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS

Corrupção, desgosto, desencanto: o retrato da sociedade carioca que esta fita apresenta, com os crimes do Esquadrão da Morte como pano de fundo, não se pode dizer sequer moderado.

República dos Assassinos. Realização: Miguel Faria Jr. (Brasil-1979). Interpretação: Tarcísio Meira, Sandra Bréa, Sílvia Bandeira.

RITUAIS

Um grupo de médicos acampados em férias num local isolado vai defrontar-se com um misterioso inimigo que os abate um a um. Visível, televisivo mas *dejà vu*, a mediana não tem surpresas, mesmo quando é eficaz...

Rituais. Realização: Peter Carter (Canadá). Interpretação: Hal Holbrook, Lawrence Dane, Robin Gammel.

SABOTAGEM

Margarita Productions proudly presents o mais tosco dos agentes secretos, Tony Falcon, agente X-44 ao serviço do bom governo do presidente Marcos contra os supervilões que apareçam.

Única curiosidade desta fita indigente: ver, por uma vez, uma fita comercial filipina. Medonho...

Sabotage. Realização: Efren C. Piñon (Filipinas). Interpretação: Tony Ferrer, Azenith Briones, Olivia O'Hara.

(OS) SALTEADORES DA CANÇÃO

Good Time Outlaws. Realização: Alex Grasshoff (EUA-1985). Interpretação: Jesse Turner, Dennis Fimple, Slim Pickens.

120 TÍTULOS JÁ EDITADOS! EM APENAS UM ANO

GRAFIDEC/PEDRO PALMA



**VISTA
VÍDEO**

AO FAZER UM ANO
DE VIDA,
A VISTA VÍDEO
TEM MUITAS RAZÕES
PARA SE ORGULHAR
DO CAMINHO
JÁ PERCORRIDO.
120 TÍTULOS
LANÇADOS
TORNAM-A LÍDER
DO MERCADO DE
VÍDEOGRAMAS.

PONTO DE HONRA

A QUALIDADE DOS FILMES, DA IMAGEM
E DO SOM, SÃO PONTO DE HONRA
NA **VISTA VÍDEO**, TORNANDO CADA
CASSETTE NUM ELEMENTO
IMPRESINDÍVEL EM TODAS
AS VÍDEOTECAS... NA SUA VÍDEOTECA



GRAFIDEC/PEDRO PALMA

PARA SI

... QUE GOSTARIA DE ABRIR OU AMPLIAR O SEU VÍDEO-CLUBE MAS NÃO SABE EXACTAMENTE COMO FAZER, CRIAMOS UM DEPARTAMENTO DE "KNOW-HOW" QUE LHE DARÁ TODO O APOIO QUE VOCÊ NECESSITA PARA INICIAR O SEU NEGÓCIO.

CONDIÇÕES ESPECIAIS

... E COM AS CONDIÇÕES ESPECIAIS DE CRÉDITO "VISTA", PODE ADQUIRIR POR CONTRATO, SEM INVESTIMENTO OU EMPATE DE CAPITAL, AS DEZENAS E DEZENAS DE TÍTULOS JÁ EDITADOS.



Contacte-nos hoje mesmo

VISTA VÍDEO, Produções de Vídeo, SARL.

R. António Pedro, 68-1.º Dto. - 1000 LISBOA - Tels. 52 63 31/52 62 95
Telex: 64454 Videol P • R. Mártires da Liberdade, 37-2.º - 4000 PORTO
Tels. 31 91 19/31 91 60 Telex: 23000 Aroma P

SÃO BERNARDO

Argumento: Graciano Ramus
Cenário: Leon Hirszman
Direção: Graciano Ramus
Música: Cesarino Veloso
Elenco: Othon Bastos, Isabel Ribeiro, Vanda Lacerda, Nildo Parente
CINEMA BRASILEIRO



SÃO BERNARDO

Um dos mais notáveis filmes brasileiros da década de 70. É a história de um homem que «sobe na vida» e para quem a propriedade (da terra, dos bens, mas também da mulher) se torna a obsessão n.º 1. Seca e fria, precisa e sufocante. «São Bernardo» é uma fita a não deixar passar em claro.

São Bernardo. Realização: Leon Hirszman (Brasil-1971). Interpretação: Othon Bastos, Isabel Ribeiro, Vanda Lacerda.

★★★★



CINEMA BRASILEIRO

direcção:
Hermano Penna

SARGENTO GETÚLIO

Rodado em 1978 mas só estreado comercialmente em 1983 (vendo o filme percebe-se porquê), «Sargento Getúlio» é a história de um torcionário «largado» pelo poder político quando os ventos mudam. Getúlio, fiel executor de tarefas de repressão e arrebanhamento eleitoral, homem selvático e fiel, imutáveis ideias e métodos, vai um dia buscar um preso que traz à força de brutalidade. Acontece, porém, que — na cidade — as influências políticas fazem do criminoso (que o é, de facto) um homem a não tocar. Getúlio já tinha a missão a meio e, então, há que lhe cavar o destino, em pleno sertão. As coisas passam-se nos anos 40 mas a parábola sobre o presente é escancarada.

No protagonista está Lima Duarte (o nosso conhecido «Zeca Diabo» da telenovela «O Bem Amado»), fantástico actor que aqui ergue um personagem cheio de contradições, capaz de, ante nós, ser odioso e desamparado. Só por ele este filme valeria a pena.

Sargento Getúlio. Realização: Hermano Penna (Brasil-1978). Interpretação:

ção: Lima Duarte, Orlando Vieira, Inez Maciel.

★★★★



SCREEN TEST

Uma comédia relativamente divertida: quatro rapazes, com a intenção de conhecer raparigas «disponíveis», fingem que se preparam para rodar um filme pornográfico e começam a fazer audições de candidatas. O resultado, menos ousado do que parece, provoca algumas gargalhadas...

Screen Test. Realização: Sam Auster (EUA-1984). Interpretação: Michael Allan Bloom, Robert Bundy, Paul Leuken.

★★

7 DIAS DE AGONIA (O ENCALHE)

Por uma noite de chuva, atascado na lama, um grupo de automóveis fica imobilizado numa estrada. Diferentes personagens, dramas, violência & etc. percorrem então esse microcosmo brasileiro.

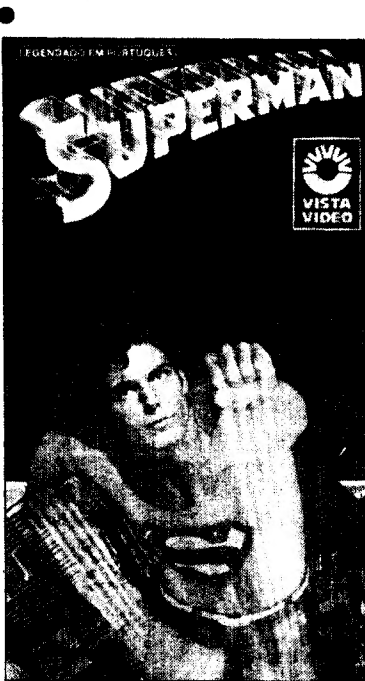
7 Dias de Agonia (O Encalhe). Realização: Denoy de Oliveira (Brasil-1983). Interpretação: Eduardo Abbas, Luiz Serra, Maracy Mello.

★

(A) SOMBRA DA ILUSÃO

Versão inglesa de uma fita italiana dos anos 60, «A Sombra da Ilusão» é a história de uma americana, modelo de publicidade, às voltas com uma seita de fanáticos do culto de Osíris. O ambiente é egípcio, o filme é nulo.

Shadow of Illusion. Realização: Mario Caiano (Itália-1967). Interpretação: William Berger, Daniela Giordano, Krista Nell.



SUPERMAN

O mais longo genérico da história do cinema (sete minutos e meio!) para as

aventuras do super-herói criado pela banda desenhada. Divertido e com algumas cenas antológicas de efeitos especiais.

Superman. Realização: Richard Donner (EUA/GB-1978). Interpretação: Christopher Reeve, Marlon Brando, Gene Hackman.

★★★★

SUPERMAN II

Na série dos filmes de Superman (três até à data), produzida por Alexander Salkind, é o ponto médio, este «Superman II» dirigido por Richard Lester, que me parece o cume. Produções com grandes voos técnicos (entre os quais os voos propriamente ditos de Superman em trajectória, oblíquas e sinuosas em relação aos eixos do ecrã) mas sem idêntica ousadia narrativa, estes três filmes oscilam entre o mito levado a sério, na primeira fita, e o registo quase burlesco do «Superman III». Entre um e outro, entre a rigidez do superamericano puro e wasp e a brincadeira com esse personagem, encontra-se «Superman II», ainda empolgante e já tenado (tintado) pelo humor, preferindo brincar ao cinema (a cena do furacão, por exemplo) que jogar-nos à cara com proezas de pasmarr, mas não esquecendo nem o sopro da saga nem a ternura romântica. Ele até manda a proverbial castidade às urtigas — mas os vilões espreitam e a troca é desigual...

Superman II. Realização: Richard Lester (EUA-1980). Interpretação: Christopher Reeve, Margot Kidder, Gene Hackman.

★★★★

TATI

Esta história de uma garota e de sua mãe, vivendo as agruras da vida e dos sentimentos, é na realidade, muito frágil. Nem Dina Sfat (aliás dobrada sem jeito) a salva da insipidez.

Tati. Realização: Bruno Barreto

(Brasil-1973). Interpretação: Dina Sfat, Daniela, Hugo Carvana, Zezé Macedo.

(O) TOCADOR DE FLAUTA

Fluteman. Realização: Brendon Lunney (EUA). Interpretação: John Jarrett, Emil Minty, Aileen Britton.

(A) TRAIÇÃO NÃO COMPENSA

Um policial francês, versão inglesa: um polícia simpático, um polícia facho, Marisa Berenson a fazer de prostituta drogada, heroína e bandos étnicos rivais...

Inconvincente, sem espessura, eis uma fita que mostra que a crise do cinema francês não é retórica, é fazer filmes como este.

L'Arbalète. Realização: Sérgio Gobbi (França-1984). Interpretação: Daniel Auteuil, Marisa Berenson, Marcel Bozzuffi.

(OS) TRÊS MOSQUETEIROS

A feliz adaptação ao cinema, que Lester realizou, dos personagens de Alexandre Dumas. Humor, movimento e um impressionante elenco estão no programa.

The Three Musketeers. Realização: Richard Lester (Panamá-1973). Interpretação: Michael York, Oliver Reed, Faye Dunaway.

★★★★

(O) TÚMULO

Uma velha/jovem rainha do Egipto regressa ao mundo dos vivos para vampirizar os mortais e obter a eterna juventude. Terror de pacotilha. Intragável.

The Tomb. Realização: Fred Olen

Ray (EUA-1985). Interpretação: Cameron Mitchell, Susan Stokey, John Caradine.



(A) ÚLTIMA TESTEMUNHA

Um homem, preso por deter um segredo escandaloso envolvendo as altas esferas da política, toge e é perseguido até que nenhum traço reste. Violência sem revelações, uma sequência terminal sanguinolenta, a indústria anónima do cinema...

The Last Witness. Realização: Bruce Weiss (EUA-1985). Interpretação: Jeff Henderson, Mike Schuster, Vicki Long.

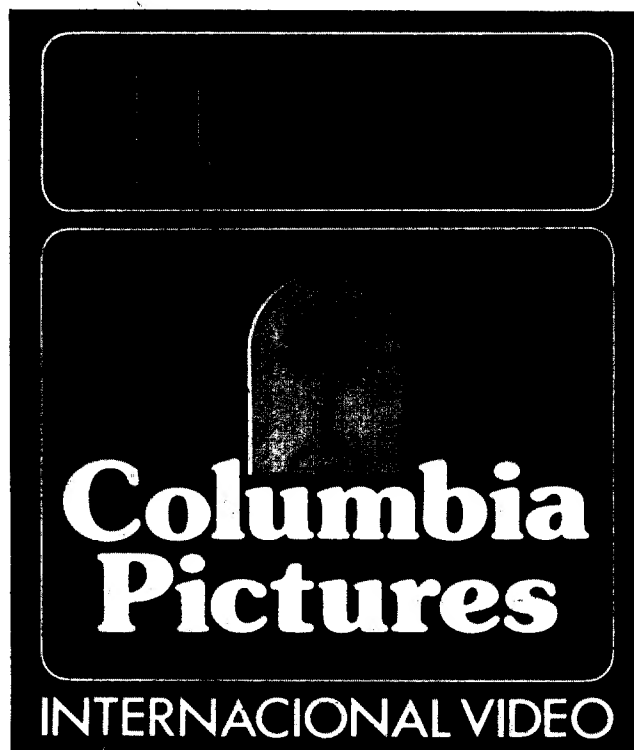
★

ZEBRA FORCE

Zebra Force. Realização: Joe Tornatore (EUA). Interpretação: Mike Lane, Richard Slattery, Glenn Wilder.



Faye Dunaway e Christopher Lee são dois dos intérpretes centrais dos filmes que Lester fez a partir dos romances de Alexandre Dumas: «Os Três Mosqueteiros» e «Os Quatro Mosqueteiros». A aventura movimenta-se com humor e desenvoltura, o cinema é, nestas fitas, irreverente



**ENCONTROS IMEDIATOS
DO 3º GRAU**

A GUERRA DAS ESTRELAS

AS GRADES DO INFERNO

OS CAÇA FANTASMAS

JESUS DE NAZARÉ

GHANDI

Títulos disponíveis

brevemente no seu

Video-Clube



a Mulher de Vermelho

CLASSE
"CLASS"

EDITADAS PELA

PUBLIVIDEO

